

**ARQUIVO HISTÓRICO DA PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA  
PORTUGUESA**

**JARTUR MAMEDE**



# DIÁRIO POPULAR

N.º 3993 (14.Novembro.1953) ao N.º 5539 (02.Janeiro.1960)

No sábado, 21 de Março de 1953, o «DIÁRIO POPULAR» numa das suas páginas, com a designação **FIM DE SEMANA**, iniciou a publicação de uma série de pequenas rubricas - ao estilo de «ocupação de tempos livres», com passatempos e recreio, sob os títulos: “PEQUENA ANTOLOGIA”; “O PASSEIO DA SEMANA”; “PERGUNTAS E RESPOSTAS”; “PROBLEMAS E CHARADAS”; “AS MELHORES DA SEMANA”; “JOGO DE DAMAS”; e “RECEITAS DE BOM COZINHEIRO”. Preenchendo os eventuais espaços entre elas, inseriam-se pequenos e interessantes textos, de actualidades e curiosidades.

E o esquema dessa página, aos sábados, manteve-se e continuou imutável, até que, em 7 de Novembro desse mesmo ano, um pequeno mas destacado anúncio ali incluído, nos prevenia:

**É já no próximo sábado que o «DIÁRIO POPULAR» começa a publicar em «FIM-DE-SEMANA» os célebres PROBLEMAS POLICIAIS DO INSPECTOR FORDNEY**

E realmente, em 14 de Novembro de 1953, no «DIÁRIO POPULAR» N.º 3993, na tal página designada **FIM DE SEMANA**, surgia essa pequena gravura rectangular que abaixo apresentamos, com o texto que a ladeia.



*Como temos anunciado, principiamos hoje a publicar – e fá-lo-emos todos os sábados – os célebres problemas policiais do Professor Fordney, em rigoroso exclusivo para Portugal, por acordo com a «Opera Mundi», de Paris. Os nossos leitores já certamente ouviram falar deles. A sua fama é*

*tal que, neste momento, todos os grandes jornais do Mundo, os estão a inserir. No nosso país, algumas publicações e postos emissores têm feito episodicamente adaptações desses testes de raciocínio, sem, para isso, estarem devidamente autorizados. A partir deste momento, porém, os seus direitos de publicação entre nós pertencem exclusivamente ao «Diário Popular».*

*Inserimos, a seguir o primeiro problema:*

E a coluna, que ocupava 1/5 da largura da página, prolongava-se, com os mesmos caracteres, divulgando o seu primeiro problema, sem todavia esclarecer que o seu autor era o escritor: Austin Ripley.

Provavelmente, a «*Opera Mundi*», de Paris, nomeada naquela nota introdutória, seria a distribuidora, para a Europa, do referido material.

Porém, o segundo problema, publicado em 21 de Novembro de 1953, trazia já a seguinte chancela:

*(Copyright by Press Alliance INC – Nova York – Todos os direitos reservados.)*

A rubrica em questão, não era propriamente uma secção policial, para a interacção com os leitores, mas unicamente uma coluna em que se divulgavam «PROBLEMAS POLICIAIS» de Austin Ripley, com o protagonismo do “Professor FORDNEY”, do “Inspector Fauvel”, ou, uma vez por outra, de um eventual convidado.

Tratava-se de problemas pequenos, sem grande desenvolvimento, com duas ou três dezenas de linhas, alguns até muito “pobrezinhos” na sua concepção, e talvez prejudicados, ainda, pela inépcia do tradutor, pouco familiarizado com a composição especificamente policiária.

No final de cada problema, localizava-se sempre a seguinte nota:

*(Ler a solução exacta numa das páginas de anúncios deste número de «Diário Popular».)*

Os problemas não tinham título, nem número, nem qualquer outra referência que permitisse uma identificação inconfundível.

Assim, para suprir essa falta, utilizaremos, em jeito de título, algumas frases iniciais do enredo. Estabeleceremos, dessa forma, um quadro cronológico, onde constem: o número do jornal e data de publicação, assim como esse título “virtual”, que nos permitirá detectar possíveis repetições, ou publicações anteriores em outras secções ou rubricas similares. Dar-lhes-emos, também, um número de ordem, que facilitará - ou não - o seu tratamento sequencial e uma identificação mais específica.

Aliás, nesses 274 enigmas, uma meia dúzia deles foram repetidos, com ligeiras alterações no seu fraseado. Essas duplicações, quando detectadas, por curiosidade serão devidamente assinaladas, nos Quadros Cronológicos e no início da reprodução dos problemas.

Quando no n.º 5.016, em 22 de Setembro de 1956, comemorando o seu 14.º aniversário, o «DIÁRIO POPULAR» foi publicado com 32 páginas, incluía pela primeira vez uma série de páginas com a designação e com este logótipo aqui reproduzido de forma reduzida.



Esse conjunto de páginas, foi no sábado seguinte organizado em caderno suplemento, onde se tratavam múltiplos assuntos de índole artística, técnica, cultural e recreativa, e nesse variado grupo mantinham-se, nos moldes das anteriores edições, a indispensável página, **FIM DE SEMANA** que incluía os desejados e a solução destes passou a figurar, invariavelmente, no “bloco” que exibia as soluções de todos os passatempos do dia.



Para dar corpo a este ficheiro informatizado, integral, com todos os problemas e soluções publicados nessa interessante e avultada secção da especialidade, recorreremos à pequena colecção de recortes que possuímos, aos que nos foram oferecidos por alguns amigos. Mas a grande parte dos enigmas, foi recuperada, “manuscritamente”, das encadernações do «DIÁRIO POPULAR» preservadas, para consulta, na BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO.

Por inviabilidade da obtenção de fotocópias ou fotografias digitais de qualidade, dado o formato e peso das encadernações, e ainda pela localização de vários desses textos, no limite da dobragem, foi necessário recolher em manuscrito os textos indispensáveis, depois vertidos cuidadosamente para esta edição digital, destinada ao nosso ARQUIVO HISTÓRICO DA



PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA PORTUGUESA, que inclui, também - como é o caso - toda a produção estrangeira publicada no nosso país.

Neste primeiro caderno destinado aos publicados no «Diário Popular», apresentaremos, em «Quadros Cronológicos Anuais», uma listagem referencial de todos os problemas.

Deles farão parte, apenas, todos os elementos de identificação e localização dos problemas, tal como atrás referimos.

Todavia, vamos produzir um arquivo material, para leitura e consulta, onde preservaremos os recortes do jornal que fazem parte da nossa colecção, e onde recolheremos também as páginas que nos possam ser oferecidas.

Organizaremos, também, em papel, um processo com a totalidade das páginas deste trabalho.

Ao encerrar esta tarefa, que me custou muitas dezenas de horas de trabalho prazenteiro, no teclado do computador e nas mesas da Biblioteca Pública Municipal do Porto, quero formular, ao pessoal desses serviços, designadamente da Sala Geral, as senhoras Cristina Vieira e Júlia Moreno, e do Depósito, o senhor António Neves. Os meus agradecimentos pela forma simpática, rápida e eficiente, como sempre me têm apresentado os volumes solicitados, e orientado nas buscas indispensáveis, alicerçadas em eficiente catálogo informático em cuja consulta sempre fomos auxiliado, pelas senhoras de apoio aos computadores.

Agradeço igualmente ao amigo Leonardo Sá, que na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, fez o favor de recolher os elementos de jornais que não existem na «BPMP», designadamente os números 5352, de 31 de Agosto de 1957; e 5529 de 1 de Março de 1958.

E ao amigo Manuel Barata Diniz, pelos velinhos recortes ofertados.

... E a todos quantos me têm incentivado a prosseguir nesta missão.

*João Artur Mamede*

Janeiro - 2015

## **Problemas Policiais #1**

### **Diário Popular 3993 – 14.11.1953**

A pequena sala do Juízo de Investigação do Arizona estava à cunha e o professor Fordney seguia com interesse tudo o que se passava.

Rupert Durand contava a sua história.

«Hank Brody, Klint Kevin e eu andávamos há uma semana a pesquisar minério no deserto – disse ele – quando se levantou uma terrível tempestade de areia. Estávamos a oito milhas do nosso acampamento. Não tardámos em ficar perdidos. Hank e Klint começaram a questionar um ao outro. Não conseguimos abrigar-nos durante as 48 horas que durou a tempestade e o vento soprava com extraordinária violência. Na manhã do segundo dia, quando o tempo acalmou, Hank afastou-se sem dizer palavra. Cinco minutos depois, Clint seguiu na mesma direcção, que era oposta à do acampamento. Devem ter caminhado em círculo, porque eu tomei o sentido oposto e avistei-os meia hora mais tarde. A cerca de 200 metros de distância, com boa visibilidade, observei que Clint agarrava Hank por um ombro, fazia-o dar uma volta e abatia-o com um tiro de revólver. Corri para o local, mas Clint afastou-se sem nada me dizer. Hank estava morto».

Fordney fez uma pergunta e a testemunha respondeu:

«Sim, trazia estes mesmos óculos durante a tempestade. Uso-os tanto para ler como para ver ao longe. Com eles a minha visão é perfeitamente normal».

«Pode mostrar-mos, pediu o professor.

Durand entregou-lhe os óculos e Fordney limpou-os cuidadosamente. Em seguida colocou-os sobre o nariz e olhando através deles para o juiz de investigação, disse:

- Durand está manifestamente a querer comprometer Kevin, levantando contra ele uma falsa acusação. Não pode ter visto a cena que contou... pelo menos com estes óculos.

*É capaz de deduzir em que se baseou o professor Fordney para fazer esta afirmação?*

### Solução do problema:

Fordney sabia que se Durand tivesse andado de óculos durante as 48 horas que durou a tempestade de areia (conforme ele dizia) as lentes teriam ficado tão riscadas que se tornaria impossível a visão clara através delas. Ora os óculos com que ele se apresentou perante os investigadores estavam límpidos. Portanto, não tinham sido usados durante a tempestade de areia.

## Problemas Policiais #2

**Diário Popular 4000 – 21.11.1953**

Quando o professor ia a entrar na casa de Ole Tenbro, meio destruída pelo fogo, o seu olhar foi atraído pelo rótulo vermelho vivo da lata de tabaco «Viking» que jazia na lama, junto à parede da casa, a menos de um metro das cinzas do que tinham sido os degraus. O professor tirou o rótulo litografado da lata a que estava colado e guardou cada uma das coisas em bolsos diferentes. Tenbro caminhava na frente dele e não notou esse gesto.

- Deve ter sido por causa daquilo. – observou Tenbro, apontando para uma chaminé torcida que se via no chão, junto de um calorífero a óleo. – Parece que a chaminé estava cheia de fuligem.

«Ontem subi o lago e demorei-me algumas horas a ver se apanhava algum peixe por um buraco no gelo. – continuou o fazendeiro, que era solteirão. – Quando voltei, a casa estava transformada numa fogueira. Não tenho telefone. Não me pude aproximar da casa e, como as estradas estavam bloqueadas pelo gelo, não tive outro remédio senão deixar arder tudo. Deitei-me no celeiro e ainda estaria a dormir se o senhor e o «sherif» me não tivessem acordado.

- A casa ainda ardia quando se deitou?

- Sim, ardia furiosamente, mas eu bem sabia que o fogo não poderia atingir o celeiro.

- Durante quanto tempo nevou por aqui? – perguntou o professor, que tinha chegado à localidade apenas na noite anterior.

- Durante dois dias... Parou ontem de manhã...

- E ontem conseguiu apanhar algum peixe?

- Olá! E que belos exemplares! Tenho-os no celeiro.

- Não sei quais são os seus planos...Por enquanto – disse Fordney – mas o senhor mente, Tenbro.

***Como soube o professor que Tenbro lhe havia mentido?***

*(Copyright by Press Aliance INC – Nova York – Todos os direitos reservados)*

**Solução do problema:**

Quando Fordney descobriu a lata de tabaco caída junto da casa, com o seu rótulo intacto, compreendeu logo que Tenbro a tinha atirado para ali quando o incêndio já se achava extinto, isto a despeito de Tenbro ter declarado que não se havia aproximado do local depois do fogo e antes da chegada do professor. Se a lata já lá estivesse quando o fogo irrompera, o rótulo de papel teria ardido; por outro lado, Tenbro não poderia ter-se aproximado muito da casa durante o incêndio. Aquela lata de tabaco foi a prova decisiva que levou à condenação de Tenbro por haver cometido o crime de fogo posto.

## Problemas Policiais #3

**Diário Popular 4007 – 28.11.1953**

- Como sabe que isto pertence à senhora Brentwood? – perguntou Fordney pegando num revólver de calibre 32 que se encontrava em cima do toucador.

- Por causa dessa mancha, aí na coronha – respondeu a criada da jovem e rica viúva, uma mulata de olhos astuciosos chamada Mitzi Zaruba.

- Viu muitas vezes esta arma?

- Claro que sim. Vivíamos sòzinhas.

- Esteve alguém de visita a esta casa, a noite passada?

- Sim, mas não sei quem foi. Quando me preparava para subir ao meu quarto – sei que eram dez e meia porque olhei para o relógio da escada – ouvi tocar a campainha. A senhora disse-me que iria abrir a porta. Antes de chegar ao meu quarto, ouvi uma voz de homem que sussurrava um cumprimento muito terno. Depois ele e a senhora foram para a sala de estar e nada mais ouvi. Só soube que a senhora se tinha suicidado quando esta manhã, às 9 horas, me preparava para a acordar.

- Ouviu o tiro?

- Não, não ouvi tiro algum.

- Tocou em alguma coisa das que se encontram neste quarto? – inquiriu o professor ao mesmo tempo que lançava novo olhar ao toucador e, dirigindo-se para a cama, voltava a olhar a ferida existente na têmpora esquerda da senhora Brentwood, evidentemente causada por uma bala de revólver.

- Não toquei em coisa alguma – respondeu a criada.

- A senhora Brentwood era canhota?

- Era, sim senhor.

Fordney olhou para o seu relógio de pulso. Eram 9 horas e 10 minutos da manhã. A senhora Brentwood devia estar morta há cerca de dez horas.

Ao descer a escada de acesso ao andar inferior, o criminologista olhou para o relógio suspenso da parede e voltou a consultar o seu relógio. Mitzi olhou para Fordney.

- Há alguma coisa de extraordinário? – perguntou a criada.
- Sim... A sua patroa não se suicidou: Foi assassinada!

***Que facto levou o professor a tal conclusão?***

## Solução do problema:

Se a senhora Brentwood se tivesse suicidado, o revólver não poderia estar em cima do toucador.

## Problemas Policiais #4

**Diário Popular 4013 – 05.12.1953**

Meia-noite – Com a gola do sobretudo, repuxada para cima, o professor Fordney enfrenta a noite chuvosa e ventosa, gozando antecipadamente o prazer de voltar ao conforto da sua casa, agora que acabava de desvendar o mistério do caso Holman.

*Uma hora da manhã* – Fordney chega a casa.

*Uma e meia da manhã* – Fordney, de roupão e pantufas, encontra-se instalado em frente de um bom fogo, lendo um bom romance.

*Duas horas da manhã* – O livro desliza das mãos de Fordney. O professor adormeceu. O vento açoita as janelas e a chuva cai em catadupas.

*Quatro horas da manhã* – A campainha do telefone retine insistentemente. Fordney pega no auscultador, sonolento e mal humorado, escuta por alguns momentos e por fim murmura, irritado: «Está bem, já vou. Que diabo de vida a minha!»

*Quatro e meia da manhã* – Fordney volta à rua, tremendo de frio. Maldito tempo! Até o charuto sabe

O chapéu alto, enterrado na cabeça da vítima, põe uma nota grotesca nas feições contorcidas do autor.

Personagens: o Inspector Kelley, o dr. Winslow, agentes da Polícia.

*Winslow* – Hendrick foi morto entre a meia noite e a uma hora da manhã. Assassinarão-no com dois tiros.

*Kelley* – Que diacho estaria ele fazendo, sentado num banco de jardim, a uma hora dessas, ao vento e à chuva?

*Winslow* – Deve ter sido morto por alguém que ele conhecia, e com quem havia combinado um encontro aqui. Mas porque o teriam morto?

*Seis e meia da manhã* – Fordney encontra-se de novo em sua casa, entregue aos cuidados da sua solícita governanta.

*Fordney* - «Deliciosos folhados, estes! Este café é muitíssimo bom, Mary!»... Mesmo que algum sangue tivesse sido vertido sobre o banco, a chuva tê-lo-ia feito desaparecer. Tem piada, esta bengala do pobre Hendrick. Talvez nos dê uma pista... «Dê-me outra chávena de café, Mary!... Obrigado». O trabalho de Kelley consiste agora em descobrir onde é que Hendrick foi morto. Eu avisei-o de que Hendrick não foi assassinado naquele banco de jardim. Ah, que delicioso charuto!

***Como soube o professor que Hendrick não tinha sido assassinado no sítio onde encontraram o seu cadáver?***

### **Solução do problema:**

Hendrick foi morto entre a meia-noite e a uma hora da manhã. A essa hora, o vento açoitava o jardim e a chuva varria tudo. Porém, o chapéu alto da vítima estava ainda na sua cabeça, no momento que encontraram o cadáver sobre um banco do jardim. Se Hendrick tivesse sido assassinado naquele sítio, o vento teria levado o chapéu ou este teria caído quando a vítima tombou sobre o banco.

## Problemas Policiais #5

Diário Popular 4020 – 12.12.1953

- Deparo por vezes com conspirações curiosas, no decurso das minhas investigações – observou o professor Fordney, enquanto saboreava o seu café. – Aqui tem o que me levou à descoberta do criminoso naquele Carobus que todos acharam tam interessante. – prossegui o professor, mostrando aos seus convidados um recorte de jornal com um anúncio concebido nos seguintes termos:

***SECRETÁRIO «Particular, para assuntos confidenciais. Ótimo ordenado e boa situação, para homem novo que conheça perfeitamente a língua francesa. Indispensável boa cultura e apresentação. Resposta a este jornal a KR. 165»***

- Este anúncio nada tem de especial – comentou um dos convidados.

- Não percebo que indicação poderia este anúncio ter-lhe fornecido – disse outro.

- Não obstante – afirmou Fordney – foi ele que me forneceu o elo mais forte da minha cadeia de provas. Fora já informado de que Jack Hemwell tinha relações com a mulher de Carobus. E fora por sugestão da senhora Carobus que o marido respondera a este anúncio, tendo, dias depois, recebido uma carta a convocá-lo para uma entrevista afim de tratar do assunto. No decurso dessa entrevista, Carobus foi assassinado!

«Ao ser interrogada a senhora Carobus declarou que as suas relações com o marido não eram muito amistosas, de algum tempo a esta parte, e que a última vez que o vira fora por ocasião da sua partida para Swampscott, localidade onde se efectuara a entrevista, fatal para Carobus.

«Nos escritórios do jornal onde foi publicado o anúncio, informaram-me de que o mesmo havia sido posto por um homem que dera o nome de Gerald Kesl e declarara achar-se hospedado no Hotel Du Barry. Lembravam-se do anúncio porque o senhor

Kesl telefonara a saber se havia respostas, fora informado de que havia e, não obstante, não aparecera a receber a cartas.

«Por outro lado, o tal senhor Kesl era completamente desconhecido no Hotel Du Barry.

«Fui também informado pela senhora Carobus de que seu marido respondera ao anúncio numa carta escrita à mão, que o senhor Carobus era canhoto e vivia com grandes dificuldades financeiras. Conjugando todos estes dados, consegui finalmente descobrir quem matara o pobre Carobus.

- Não consigo perceber como! – exclamou um dos convidados, verdadeiramente perplexo.

***É claro que o leitor já percebeu. Mas se tiver qualquer dúvida, procure a solução exacta numa das páginas de anúncios deste número do «Diário Popular».***

## Solução do problema:

Apesar de ninguém ter aparecido nos escritórios do jornal para receber as respostas ao anúncio, a Carabus fora enviada uma carta que, respondendo à sua, o convidava para uma entrevista. Como Gerald Kesl, o homem que deitara o anúncio, se desconhecia na morada indicada, era óbvio tratar-se de um nome suposto. Carobus respondera ao anúncio a conselho da sua mulher. Por conseguinte, a única conclusão possível, era que a senhora Carobus informara o amante, Jack Henwell, de que o marido respondera ao anúncio, tendo o Hemwell convidado Carobus para a entrevista, no decurso da qual o matou. E porque o anúncio fora posto com o único objectivo de atrair Carobus a uma emboscada, Hemwell nem sequer se deu ao trabalho de ir buscar as respostas ao anúncio. Essa circunstância foi, aliás, o que pôs Fordney na boa pista.

## Problemas Policiais #6

Diário Popular 4027 – 19.12.1953

Enquanto a tempestade bramia e grandes vagalhões batiam o pequeno vapor «Dauntlesse», um tiro soou no convés **A**.

O professor Fordney pôs de parte o romance policial que tentara inutilmente ler, e saiu apressadamente da sala de estar.

Quando chegou ao topo do convés **A**, viu o criado Mierston inclinado sobre o cadáver de um homem que fora morto instantaneamente, a tiro.

Nesse momento, o céu abriu-se em catadupas, os relâmpagos faiscaram e a tempestade atingiu o seu auge.

A cabeça do homem morto apresentava queimaduras de pólvora.

O capitão Larson e o professor Fordney começaram as investigações pelo interrogatório dos tripulantes e passageiros, a princípio por aqueles que se encontravam mais perto do local onde fora encontrada a vítima.

A primeira testemunha a ser inquirida foi Nathan Cohen que declarou estar a acabar de escrever uma carta no seu camarote quando ouvira o tiro.

- Posso ver a carta? – Perguntou o capitão Larson.

Espreitando por cima do ombro do capitão, Fordney viu a carta, escrita em papel timbrado do navio, com letra pequena e afectada mas nítida. A missiva parecia dirigida a uma mulher.

O camarote seguinte era ocupado por «Miss» Margareth Millswort. Ao ser interrogada acerca do que fizera durante a hora precedente, «Miss» Millswort mostrou-se nervosa e excitada, tendo declarado que ficara tão assustada com a tempestade que, cerca de meia hora antes de ter sido disparado o tiro, fora para o camarote de seu noivo, James Montgomery, mesmo em frente do seu.

James Montgomery confirmou o depoimento da noiva, tendo acrescentado que não tinham corrido logo para o convés, porque seria comprometedor que os vissem sair juntos do mesmo camarote.

Fordney reparou, entretanto, que havia uma mancha vermelha na gola do roupão de Montgomery.

Os depoimentos dos restantes passageiros e da tripulação foram corroborados e satisfizeram plenamente.

***Quem foi que o capitão mandou prender por suspeitas de haver cometido o crime? E porquê?***

## Solução do problema:

Nathan Cohen foi preso por suspeitas de haver cometido o crime, pois, no decurso de um violento temporal, não poderia ter escrito uma carta com letra nítida e afectada.

## Problemas Policiais #7

**Diário Popular 4033 – 26.12.1953**

Quando se encontrava numa caçada em Adirondacks, o professor Fordney foi informado da tragédia que ocorrera na noite precedente.

Pensando que pudesse ser de alguma utilidade, Fordney foi até ao acampamento, apresentou-se e ouviu o relato do acidente dos próprios lábios de Wylie, o companheiro da vítima.

Disse Wylie:

«Quando vi que Moore ainda não tinha regressado ao acampamento, às nove horas da noite passada, comecei a sentir-me algo preocupado, visto que ele não conhecia estas montanhas. Como, além disso, a noite estava escura e não havia lua nem estrêlas, resolvi ir procurá-lo. Estamos a cinco milhas da localidade mais próxima, como sabe.

«Deitei mais lenha na fogueira e parti. Depois de ter percorrido a montanha durante mais de uma hora, comecei a subir a encosta de uma ravina, quando, de súbito, vi um par de olhos brilhantes pousados em mim.

«Gritei duas vezes e como não tivesse obtido resposta, meti a espingarda à cara e fiz fogo, supondo que se tratasse de uma fera. Imagine como me senti horrorizado quando, depois de ter avançado mais alguns metros, acendi um fósforo e verifiquei haver morto Moore com um tiro na cabeça. Que coisa horrível!

«Trouxe o cadáver para o acampamento e corri a participar o acidente.

- A que distância do acampamento deparou com o seu companheiro? – inquiriu Fordney.

- A cerca de um quarto de milha.

- Como conseguiu fazer fogo com a mão direita ligada?

- Sou anidextro, felizmente.

- Dá licença que examine a sua espingarda?

- Às suas ordens, disse Wylie, passando a arma ao professor.
  - Hum... É de marca europeia. Tem-na há muito tempo?
  - Não. É quase nova.
  - Porque matou Moore propositadamente? – perguntou Fordney precipitadamente.
- Sim, porque não tenho dúvidas de que o fez!

***Como é que o professor Fordney descobriu que Wylie tinha assassinado Moore?***

### **Solução do problema:**

No próprio dizer de Wylie, a noite estava escura e não havia lua nem estrelas. Não há animal algum cujos olhos brilhem se não houver uma luz que eles reflectam. Os olhos humanos NUNCA brilham, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Por conseguinte, Wylie nunca poderia ter visto um par de olhos brilhantes pousados nele. Tratava-se, evidentemente, de um assassínio.

## Problemas Policiais #8

**Diário Popular 4039 – 02.01.1954**

A atenção do professor Fordney foi atraída para um volume suspeito, na algibeira direita de um estupendo sobretudo de pelo de camelo, atirado descuidadamente para cima do casaco cinzento de Skamp, nas costas de uma cadeira.

- Aquilo é seu? – Perguntou o professor a John London.

- É sim, senhor. Eu...

- Um momento – interrompeu o professor. Quando verificou que o tal volume suspeito era afinal uma inofensiva caixa de chocolates, não pôde esconder um sorriso. Ao examinar o casaco cinzento, uma ideia lhe ocorreu. Talvez que os chocolates tivessem algum significado...

Fordney examinara já o cadáver de Henry Skamp que jazia no soalho do quarto. Skamp fora apunhalado.

- Muito bem – disse Fordney, voltando-se para John London. – Continue.

- A noite passada, Henry voltou para casa um pouco embriagado, acordou-me e, como eu me tivesse recusado a ouvir a história de namoro que ele queria impingir-me, despiu o casaco, atirou-o para cima da cadeira e deitou-se em cima da cama, vestido. Como estava muito fatigado, voltei-me para o outro lado e adormeci. Quando acordei esta manhã, por volta das nove horas, vi-o morto, ali no chão, e apressei-me a chamar a polícia.

- Depois de ter adormecido pela segunda vez, não voltou a acordar, despertado por algum ruído insólito? – Inquiriu o professor.

- Não, senhor. Estava muito fatigado e, além disso, tenho o sono pesado.

- E não mexeu em nada, neste quarto, antes de telefonar à polícia?

- Não, senhor.

- Há quanto tempo compartilhava este quarto com Henry Skamp?

- Há quase dois anos.

- Onde trabalhava Skamp?

- Ah! Esqueci-me de lhe dizer. O Henry desempregou-se há dois meses, e desde então, passou a andar sempre tristonho. De vez em quando, embriagava-se...talvez para esquecer.

- Hum... - Fordney ficou pensativo por alguns momentos. De súbito, voltou-se para London:

- Você mentiu. Fica detido para averiguações.

### ***Porque motivo Fordney deteve London?***

## **Solução do problema:**

London afirmara que estava a dormir quando Skamp chegara ao quarto; que este tentara impingir-lhe uma história mas que, como ele lhe não desse ouvidos, despira o casaco, atirara-o para cima da cadeira e deitara-se vestido. London afirmara ainda que não tocara em coisa alguma. Ora, como o Professor Fordney encontrou o sobretudo de London em cima do casaco cinzento de Skamp, percebeu imediatamente que London mentira.

## Problemas Policiais #9

**Diário Popular 4046 – 09.01.1954**

O Professor Fordney examinou os degraus da escada que conduzia ao topo da torre de observação abandonada e apenas viu pó e folhas secas.

Abriu a porta que dava acesso à varanda da torre e olhou para baixo. Junto da base da torre de cento e cinquenta pés de altura, o «sheriff» Hamilton estava ajoelhado ao lado do cadáver despedaçado de um homem.

Fordney percorreu a varanda em volta da torre e desceu a escada, aspirando o ar bafiento.

- Se não temos vindo cá, por acaso, este desgraçado só seria encontrado daqui a bastante tempo – observou Hamilton. – Poucas pessoas visitam este local nesta época do ano.

Examinou o chão, debaixo do corpo, e acrescentou:

- Não está cá há muito tempo... O terreno debaixo dele está encharcado.

O homem devia ter percorrido grande distância a pé, a julgar pelo aspecto das suas botas completamente enlameadas. Tinha os bolsos vazios e não havia quaisquer etiquetas nas peças de vestuário.

- A primeira coisa que tem a fazer é procurar identificar o homem – observou Fordney, dando por findas as suas observações. – Como pode verificar, o sobretudo dele não está muito molhado nas costas.

- Já reparei nisso – disse o «sheriff». – Gostaria de saber como é que ele teria descoberto a existência desta velha torre abandonada, neste descampado. O homem é desconhecido no sítio. Seja como fôr, a verdade é que escolheu muito bem. Quem se atirar lá de cima pode ter a certeza de que morre instantaneamente.

- Lamento desiludi-lo, «sheriff» - disse Fordney – mas a verdade é que este homem não se suicidou.

Não se suicidou? – fez o «sheriff» com estranheza. – Porque diz isso?

*Em que baseava Fordney a sua afirmação?*

**Solução do problema:**

Ao examinar os degraus da escada da torre, Fordney apenas viu pó e folhas secas. Se o homem tivesse subido, pelo seu pé, tais escadas, deixaria pegadas lamacentas, visto que tinha as botas cobertas de lama.

## Problemas Policiais #10

Diário Popular 4053 – 16.01.1954

Depois de um fotógrafo da Policia ter obtido uma última fotografia do cadáver da jovem que jazia estrangulada, entre os arbustos, Fordney tirou-lhe os óculos escuros e o lenço garrido que lhe cobria os cabelos. Tratava-se de uma morena de rara beleza. Depois de um exame demorado, Fordney chegou à conclusão de que a rapariga fora apanhada de surpresa, pelas costas. Os seus bolsos continham apenas um maço de cigarros, uma carteira de fósforos, um anzol e uma nota de dólar, pelo que foi impossível identificá-la imediatamente. Só depois de o cadáver ter sido transportado para o Necrotério, se pôde saber que a vítima era a professora de dança Shirley Vie.

- Olha! – Exclamou Harry Talmadge, apontando, excitado, para o jornal da noite. – É a rapariga que vi esta tarde na praia, a discutir com um «tipo», enquanto eu andava à pesca.

O companheiro de Talmadge, Joe Morrissey, contemplou o retrato da sorridente Sherley, que vestia apenas um sumário fato de dançarina.

- É melhor ires dizer isso à Polícia – aconselhou ele.

- ...São estes os sinais do homem que vi a discutir com a rapariga, na praia. Pelo que os senhores dizem, ela deve ter sido assassinada pouco depois –concluiu Harry Talmadge.

- Assim foi – concordou Fordney. – Ouviu o que eles diziam?

- Não, mas ele falava alto e com modos ameaçadores.

- Nunca tinha visto «Miss» Vie?

- Não, senhor.

- E estava a pescar muito longe da praia?

- Estava numa pequena enseada, a umas duzentas milhas.

- Quando cortou o dedo?

- Há cerca de uma hora, quando me barbeava.

- Basta! – Ordenou Fordney. – Fica detido para averiguações.

### **Porque foi que Fordney prendeu Talmadge?**

#### **Solução do problema:**

Talmadge afirmara que vira Shirley Vie pela primeira vez quando a encontrara na praia, no dia em que ela fora assassinada. Nessa ocasião a rapariga tinha óculos escuros e um lenço a cobrir-lhe os cabelos. Não obstante, Talmadge «reconhecera» Shirley Vie numa fotografia de jornal que a representava vestida de dançarina... Sabendo que era impossível reconhecer-se uma pessoa em tais condições, Fordney deteve Talmadge para averiguações. Depois de um julgamento sensacional, Talmadge foi condenado pelo assassinio da rapariga. O criminoso apressara-se a comunicar à Polícia que encontrara Shirley na praia, porque receava ter sido visto nas imediações pouco depois de haver cometido o crime.

## Problemas Policiais #11

Diário Popular 4067 – 30.01.1954

Desde a janela aberta (da parte de fora da qual estava encostada uma grande escada de mão) até ao outro extremo do vestíbulo, onde se via um banquinho, por baixo de um retrato a óleo representando um escocês do século XVIII, de saiote, era fácil seguir uma série de pegadas lamacentas. As pegadas, porém, terminavam ali.

- Talvez aquele tipo as tenha escondido debaixo do saiote. – observou, por brincadeira, o Inspector Kelley, apontando para o escocês do quadro.

Voltando a percorrer os seis metros de corredor que o separavam do quarto onde Donald McLennan jazia na cama, morto à paulada, o Professor entrou no quarto. Fez sinal a Kelley para que acendesse a luz e ajoelhou no chão. A sua meticulosidade foi recompensada, finalmente.

Desde a porta até à cama, e vice-versa, pôde observar, ampliadas pela sua lente, algumas pegadas incompletas e pouco nítidas, deixadas ali por um pé direito. Compreendeu que as pegadas haviam sido feitas por uma pessoa sem sapatos que caminhava na ponta dos pés. Não descobriu quaisquer marcas do pé esquerdo. O mais estranho, porém, é que as marcas tinham uma cor azul pálida, um pouco mais viva no centro. O Professor voltou-se para Kelley.

- Parece que entrou aqui um gnomo só com um pé, matou o pobre Donald com o seu cacete mágico, executou uma dança na ponta do pé e saiu voando.

Fordney riu-se, contemplando o céu de onde caíam catadupas de água sobre a terra já ensopada.

- Isso mesmo! – murmurou.

- Isso quê? – perguntou Kelley.

- Percebo agora como surgiram as pegadas no quarto da vítima. – respondeu Fordney. – Algumas deduções simples dão-nos um indício negativo e dois positivos a respeito do calçado e do sexo do assassino.

- Compreende, Jim? Ele devia usar...

***Em que se baseou Fordney para, após ter observado as pegadas, chegar a conclusões acerca do calçado e do sexo do criminoso?***

### Solução do problema:

Após haver examinado as pegadas incompletas, Freitas por um pé direito, não calçado de sapato, o professor concluiu que tais pegadas haviam sido deixadas por um homem que calçava peúgas baratas, azuis. Como o pé direito estava molhado, a tinta da peúga desbotara. E, porque as marcas das peúgas tinham uma cor azul pálida, um pouco mais viva no centro, Fordney concluiu que a peúga dope direito tinha um buraco na base do pé. Como não descobriu pegada do pé esquerdo, Fordney foi levado à conclusão de que a peúga esquerda se não molhara, pois, caso contrário, teria deixado manchas também. Embora não lhe fosse possível determinar pelas pegadas o sexo do criminoso, que caminhara nas pontas dos pés, não deixando por isso pegadas completas, era razoável supor que se tratava de um homem, dada a forma como fora assassinada a vítima e o facto de, em regra, as mulheres não usarem meias azuis.

## Problemas Policiais #12

Diário Popular 4074 – 06.02.1954

O professor Fordney entrou na casa de campo e encontrou o inspector Kelley reclinado numa cadeira de lona.

- Estou fatigadíssimo. – Suspirou o inspector. – Não houve um sopro de brisa durante todo o dia e esta humidade é terrível. Onde tem estado?

- Foi cometido um crime! - Explicou Fordney.

- Onde? Quando? – Inquiriu Kelley, sem entusiasmo.

- Há cerca de duas horas. O cadáver de Peter foi encontrado junto do cais de Britton por um homem chamado Hart. O rio tem cerca de meia milha de largura naquelas paragens. Hart diz que ia a subir a corrente no seu barco à vela, contemplando as margens através de um binóculo, quando deu com Peter. Ancorou o barco e dirigiu-se para a praia num escaler. Eu estava com o xerife Cass, quando ele veio participar a descoberta do cadáver.

«Cass ficou muito excitado: é o seu primeiro caso de homicídio. Peter foi atingido com um tiro na cabeça mas, depois de o examinar, parece-me provável que tenha sido afogado primeiramente.

Kelley não respondeu. O professor continuou:

- Hart mostrou-se ansioso por nos ajudar. Indicou a posição do cadáver, as pegadas ao longo da margem e sinais de luta no local do crime. No entanto não fez comentários acerca da ausência de sangue. Quando lhe pedi que me mostrasse o binóculo, declarou, com ar nervoso, que lhe caíra pela borda fora, com a pressa. A princípio, Cass não compreendeu o absurdo da história contada por Harth, mas quando compreendeu...preendeu-o.

***Por que razão Cass prendeu Hart?***

## Solução do problema:

Hart mentira quando afirmara que ia a subir o rio, no seu barco à vela, contemplando as margens através de um binóculo, quando vira o cadáver de Peter. Com efeito, era impossível subir o rio num barco à vela num dia em que não havia um sopro de brisa.

## Problemas Policiais #13

Diário Popular 4081 – 13.02.1954

- Ora bem! – murmurou Ed Burke, batendo a areia com a pá. – Aqui temos um trabalhinho bem feito. Aquele patife do Dyer estava mesmo a pedir isto, não achas querida?

- Sim, foi bem feito, Ed. – concordou Clara Miller. – Mas não te esqueças de que eu te vi matá-lo.

\*

O sargento Reynolds retirou cautelosamente a arma da sua cova, sacudiu a areia que a cobria e correu ao Comando da Polícia, onde depôs a arma sobre a secretária do capitão Wiley.

Wiley voltou-se para o professor, que acendia um charuto.

- Burke vai parar à cadeira eléctrica se se provar que a bala que matou Dyer foi disparada por esta arma – comentou o capitão.

- Há-de provar-se, sim. – asseverou Clara.

- Você também não fica em bons lençóis, se estava com ele quando foi cometido o crime.

Não estava. Ele contou-me o que tinha feito e disse-me que havia escondido a arma na Praia de Braxler.

- E porque vem denunciá-lo agora, quatro meses após o crime?

- Porque aquele canalha há meses que me anda a atraiçoar. – gritou ela. – Acabo de o descobrir. Foi por isso que lhes disse onde estava escondida a arma. Ninguém se ri de Clara Miller!

Fordney estendeu a mão, sacudiu alguns grãos de areia que ainda aderiam ao cano reluzente da pistola de calibre 38 e examinou o tambor (\*). A câmara continha quatro balas. Dyer tinha sido alvejado apenas uma vez.

- Tem álibi para o momento do crime? – perguntou o professor a Clara.

- Decerto. Estava com Jimmy O'Leary.
- Burke mostrou-lhe um mapa ou limitou-se a dizer-lhe onde enterrara a arma?
- Disse-mo, apenas.
- É melhor metê-la na cadeia, capitão. – sugeriu Fordney. – Não sei o que ela pretende com tudo isto, mas é óbvio que está a mentir.

### ***Como soube o professor que Clara mentia?***

(\*) Nota do Jartur, reportada ao problema.  
Nas pistolas, não existe tambor, mas sim carregador.  
Tambor é peça de revólver.

## **Solução do problema:**

Se a arma tivesse estado enterrada na areia durante quatro meses, o cano não poderia estar reluzente. Para ter um ascendente sobre Burke, Clara desenterrara a pistola no dia seguinte àquele em que Burke a escondera na areia. Mais tarde, farta dele mas receosa de que o amante a matasse, Clara voltara a esconder a arma no mesmo sítio e apressara-se a comunicar à Polícia o local onde poderiam encontrar a pistola.

## Problemas Policiais #14

Diário Popular 4088 – 20.02.1954

*Eis um novo problema do professor Fordney cujo exclusivo de publicação em Portugal pertence ao «Diário Popular»:*

O quarto estava desarrumado pela luta. Com uma bala na cabeça, o famoso indiano Haroun Bey jazia estendido no chão. Ao pé dele, tinha caído um vulgar casacão de «sport», o do assassino. Na mão direita do cadáver, estava um botão que Bey lhe arrancara enquanto lutava pela posse da arma. Ao arrancar o botão na luta, ficara um rasgão no lado esquerdo do casaco. Depois de matar o indiano, o assassino começara a passar busca ao quarto mas fora interrompido, talvez surpreendido, e fugira apressadamente. Tais foram pelo menos as deduções do professor Fordney.

Teria o assassino encontrado, aquilo que procurava? Se assim fora, o que seria?

Três pessoas nessa tarde tinham ido ao hotel em que Bey estava.

Às 19 e 30 horas, visitara-o uma senhora, Ida Petrinelli. Fordney soube que o indiano tinha revelado ao marido dela, em troca de grande quantia, um segredo que ela lhe pedira que guardasse cuidadosamente.

Às 20 e 45, fora ao hotel o advogado James Ross, que estava indicado para ser eleito governador. Dias antes, o indiano ameaçara-o de tornar público um incidente que lhe arruinaria a carreira.

Às 21 e 10, John Hogan visitara o hotel. Por conselho de Bey, tinha empregado todo o seu dinheiro num negócio duvidoso que derrocara, e perdera tudo. Pobre, doente e abatido, Hogan jurara vingança.

O professor Fordney estabeleceu definitivamente que Bey ainda estava vivo às 19 e 30. Só havia portanto três suspeitos. Todos eles se recusaram a falar; todos negaram qualquer conhecimento do crime.

Fordney pensou no caso e deteve um dos suspeitos para averiguações.

*Qual dos três foi preso? E porquê?*

**Solução do problema:**

O Professor deteve Ida Petrinelli. O botão encontrado na mão do indiano, deixara um rasgão no lado esquerdo do casacão de «sport». Só os casacos de senhora, é que têm botões do lado esquerdo.

## **Problemas Policiais #15**

**Diário Popular 4095 – 27.02.1954**

Rudolph Mayer entrou no posto de polícia da aldeia de Monroe, sacudiu a água que lhe escorria do fato e desmaiou. Foi chamado o médico da aldeia que tratou de o reanimar. Mayer contou então a seguinte história:

- Minha mulher e eu apreciamos imenso os desportos. Já aqui temos passado as férias por várias vezes. Tínhamo-nos instalado esta tarde na Pousada da raposa e, pouco antes de anoitecer, decidimos ir patinar para o Lago Howard. Devia haver uns vinte minutos que patinávamos quando minha mulher, que seguia um pouco à minha frente, caiu à água por um grande buraco que havia no gelo. Alguém deve ter andado a quebrar gelo. Tirei os patins e mergulhei atrás dela. A despeito de ter empregado os maiores, não consegui encontrá-la. Tive dificuldade em sair da água. Chamei por socorro mas ninguém me ouviu. Dirigi-me então para aqui. Creio que é cerca de meia milha de caminho e julguei que não teria forças para chegar ao fim. Por amor de Deus, mandem alguém procurá-la!

Tornou a desmaiar, mas recuperou os sentidos dentro de poucos minutos, murmurando frases incoerentes a respeito de patins.

Dois agentes foram enviados à cena da tragédia, sob uma temperatura de dez graus negativos, e regressaram com os patins de Mayer, encontrados à beira de um grande buraco aberto no gelo. À vista dos patins, Mayer tornou a desmaiar.

O professor Fordney interrompeu a leitura do jornal.

- Mayer mentiu. – murmurou ele.

***Como soube o professor que Mayer mentira?***

## Solução do problema:

Se a reportagem do jornal correspondia à narração de Mayer, este mentira. Não era possível ter mergulhado na água, percorrido em seguida, uma distância de meia milha sob uma temperatura de dez graus abaixo de zero e, finalmente, sacudir a água do fato. Se a tragédia tivesse ocorrido como ele dizia, a água que lhe molhava as roupas ter-se-ia transformado em gelo.

## Problemas Policiais #16

Diário Popular 4101 – 06.03.1954

No segundo dia das suas férias o professor Fordney, que estava instalado na Estalagem da Vaca Azul, soube, pelo proprietário da estalagem, que uma pessoa sua conhecida vivia muito perto dali. Depois de se informar sobre a direcção a seguir, o professor pôs-se a caminho a fim de lhe fazer uma visita matutina.

Bateu à porta principal e à das traseiras, sem obter resposta. Ia já para se afastar, quando a senhora Halstead, a governanta, se aproximou da casa. Fordney teve dificuldade em se apresentar, pois a governanta parecia surda, mas, finalmente, conseguiu fazê-la compreender que devia ter acontecido alguma coisa. Depois de abrir a porta com uma chave que tirou de um bolso volumoso, a mulher subiu a escada e encaminhou-se para o quarto do patrão, enquanto Fordney abria uma porta do rés-do-chão e deparava com o cadáver de George Docker. Tornando a fechar a porta sem ruído, o professor pôs-se a percorrer o resto da casa à procura de quaisquer indícios.

\*

- Quando encontrou o senhor Docker morto, mexeu nalguma coisa? – perguntou, em tom constrangido, o juiz Hittingdon, que conhecia a reputação de Fordney.

- Limitei-me a fechar à chave a porta da biblioteca. A chave estava na porta e eu fiz isso como medida de segurança.

- Não é verdade, Excelência. – interrompeu a senhora Halstead. – Quando descí as escadas este homem andava de um lado para o outro, na biblioteca; depois saiu e fechou a porta à chave, não me deixando entrar. Disse que ia chamar a polícia. Tretas! Foi ele quem matou o meu patrão!

O juiz fez-lhe diversas perguntas e ficou irritado com os constantes «Quê?» e «Como disse?» da mulherzinha.

- Posso ser surda, mas não sou parva! – exclamou a governanta. – Ele matou o patrão. E diz o malandro que é detective!

Fordney sorriu.

- O melhor é insistir com ela para que diga a verdade, senhor doutor juiz – aconselhou o professor.

***Que queria o professor Fordney insinuar? Leitor: ponha à prova o seu raciocínio.***

## Solução do problema:

A senhora Halstead confessou que era surda. No entanto, declarou que o professor Fordney andava pela sala, cuja porta estava fechada, quando ela descera as escadas. Se fosse surda, não poderia ter ouvido Fordney andar pela biblioteca, como afirmava.

... Mais tarde, foi condenada pelo assassinio do patrão.

## Problemas Policiais #17

Diário Popular 4108 – 13.03.1954

- Fica junto da porta e se ele não estiver de acordo... Compreendes Suzette?

- Oui, Madame. – replicou a elegante criadita.

- Voltemos para a cidade, por favor, Anthony! – suplicou Ethel Warfield. – Já não posso suportar esta soturna casa de campo. Faz-me calafrios!

- Não, minha querida. – recusou Anthony Warfield, que estava convalescente de uma grave doença. – Antes de nos casarmos, adoravas esta velha casa. Mas eu sei que achas intolerável agora permanecer por algum tempo separada dos teus «amigos» mundanos, mesmo sabendo o que esta estadia no campo representa para mim. Eu...

Ouviu-se uma discreta pancada na porta e Suzette entrou.

- Perdão, Madame. Não consigo encontrar o fato de amazona de Madame. - Está no sótão. – esclareceu Ethel. – Vá buscá-lo, por favor.

Que tragédia - pensava Fordney – ver aquela bela casa de campo transformada num montão de tismadas ruínas!

- Que deseja, senhor? – inquiriu a criada, que entrara, sem ruído, na estufa onde o professor se encontrava.

- Conte-me tudo o que se passou com o incêndio – ordenou Fordney, cruzando as pernas.

- Não há muito a contar. A senhora queria que lhe trouxesse o traje de amazona que estava no sótão. Ali só há coisas velhas e bolorentas. A minha lanterna estava sempre a apagar-se. Servi-me do isqueiro para poder ver alguma coisa. De repente, o isqueiro pegou fogo a uma daquelas enormes teias de aranha. As chamas comunicaram-se a uns papéis velhos e, num instante – pf! – todo o sótão estava em fogo.

- Você teve sorte em escapar ilesa – disse Fordney, observando o cabelo da rapariga.

- Tenho sempre sorte – retorquiu a criadita, sorrindo.

Fordney abanou a cabeça:

- Desta vez, a sorte abandonou-a, Suzette. Será acusada de haver cometido o crime de fogo posto.

***Por que disse Fordney que ela cometera o crime de fogo posto?***

**Solução do problema:**

Porque ela mentira. As teias de aranha não ardem.

## Problemas Policiais #18

**Diário Popular 4108 – 13.03.1954**

O professor Fordney terminara o exame do quarto. Nada tendo encontrado de anormal, excepto o cadáver e o sangue derramado no chão e no parapeito da janela, voltou-se para o homem que estava sentado numa cadeira, com ar acabrunhado.

Em resposta às perguntas do professor, o homem narrou a tragédia:

- Por diversas vezes durante a noite passada minha mulher acordou em sobressalto ao ouvir ruído lá fora e pediu-me para ir ver o que era. Foi o que fiz, mas não vi coisa alguma e pensei que se tratasse de um «engraçado» a querer assustar-nos.

«Deitámo-nos era uma hora e, um pouco mais tarde, fui acordado pelo som de qualquer coisa a raspar e uma voz falando baixinho. Logo que os meus olhos se acostumaram à escuridão, divisei um vulto de pé, em frente da janela. Tirei a pistola que guardava debaixo do travesseiro e disparei por duas vezes; depois, saltei da cama e acendi a luz. Fiquei horrorizado ao ver minha mulher estendida no chão... morta. Telefonei ao doutor Willard e depois...

- Um momento! – interrompeu Fordney. – Qual foi o resultado do exame do cadáver, doutor?

- Uma das balas atravessou o ombro da vítima e a outra penetrou-lhe pelas costas, atravessou o coração e saiu pelo seio esquerdo. A morte foi praticamente instantânea.

– respondeu o médico.

- Tocou em alguma coisa além do cadáver?

- Não, senhor.

- E o senhor, Dandley?

- Eu?... Apenas no telefone. Depois, como estava muito frio... fui... fui à cave e avivei o fogo na fornalha.

- E arranhou lenha para se queimar. – comentou Fordney, abrindo a única janela do quarto para deixar entrar o ar. Foi um crime muito estúpido Dandley. Prenda-o, sargento.

***Por que foi que o professor Fordney mandou prender Dandley?***

### Solução do problema:

Se a tragédia tivesse ocorrido como o Dandley contara, pelo menos uma das balas que atravessaram o corpo da vítima, teria partido os vidros da janela, que estava fechada.

## Problemas Policiais #19

Diário Popular 4122 – 27.03.1954

O professor pegou cuidadosamente numa carta que estava ao lado do revólver, junto do cadáver, e examinou-a à transparência. A marca de água era bem visível no fino papel, de excelente qualidade, de 7,5 por 11 polegadas, liso e sem vinco. Pela marca via-se que o papel, conquanto semelhante na aparência ao que estava sobre a secretária de Leopold, não era idêntico àquele.

Fordney murmurou qualquer coisa de si para si e tocou a campainha para chamar o secretário do morto.

- Vamos, Willard. Conte-me tudo.

- Em primeiro lugar quero que saiba que não faço a mínima ideia do motivo por que o senhor Leopold se suicidou. Andava muito bem disposto nos últimos tempos e entusiasmado com a ideia de uma viagem ao estrangeiro que ia iniciar na próxima semana.

Continuando, o secretário disse que, depois de abrir o correio da tarde no qual vinha a carta que Fordney examinara com tanta atenção, o levava ao patrão que estava no escritório. Cerca de uma hora mais tarde, precisando de lhe pedir umas informações, voltara à sala e encontrara Leopold sentado defronte de uma janela aberta, contemplando o jardim com a testa franzida, numa expressão taciturna. Como o homem não respondesse às suas perguntas, aproximara-se mais e verificara que estava morto... Sim, estavam apenas os dois em casa.

Fordney voltou a examinar a carta, escrita em grandes caracteres, indubitavelmente femininos, e que terminava definitivamente um romance de amor com Leopold. Estava assinada L. B.

- Quem é L. B.? – inquiriu bruscamente o professor.

- É Miss Beredict. – replicou o secretário, após uma ligeira hesitação.

- Vamos... Diga-me a verdade sobre este caso! – ordenou Fordney.

*Como soube o professor que o secretário mentia?*

**Solução do problema:**

Fordney encontrara sem um só vinco a carta que o secretário dizia ter aberto e levado ao patrão. Ora, como o papel era de 7,5 por 11 polegadas, Fordney compreendeu que, se tivesse chegado pelo correio, viria fatalmente dobrada.

## Problemas Policiais #20

Diário Popular 4129 – 03.04.1954

- Compreendo agora, Professor, que fiz mal em pagar o dinheiro pedido nas duas primeiras cartas que o chantagista me enviou. Mas a verdade é que se o não tivesse pago...

Anthony Lane encolheu os ombros, num gesto de abatimento.

- É verdade que pratiquei o roubo de que o chantagista me acusa – mas isso foi há já vinte e cinco anos. Depois disso, não só paguei todo o dinheiro roubado, como me regeneriei. Vim para este estado e comecei vida nova. À custa de muito trabalho, consegui juntar uns milhares de dólares e alcançar posição de destaque no meu grémio. Gostaria de conseguir um lugar no Senado mas se o meu pecado velho for revelado, está arruinada a minha carreira política. O chantagista sabe-o bem e por isso não cessa de me perseguir. Quer fazer o favor de me ajudar, Professor Fordney?

- Pode mostrar-me as cartas que recebeu do chantagista? – perguntou o Professor.

- Com certeza. – respondeu Lane.

Foi buscar as cartas e entregou-as ao Professor que as examinou atentamente, notando que haviam sido escritas por um homem quase analfabeto. A escrita era tortuosa, letras de mau traço e a ortografia deplorável. A última carta do chantagista era assim concebida:

*Lane:*

*Trata de arranjar mais vinte mile dólares, inté quarta-feira que vem.*

*Senão...*

*E, se tems o discaramento de te apreçentares às ileissões pró Çenado, toda a gente ficará a çaber o gatuno que tu és!*

*Atenciosamente,*

*SABICHÃO»*

Três dias depois, o «Sabichão», aliás o cadastrado Ed Morrel, caía nas mãos de Fordney.

O criminologista recostou-se na sua cadeira e disse:

- Depois de compararmos a letra que está na tua ficha com a destas cartas de chantagem, ficou provado que foste tu quem as escreveu. Que dizes a isto? – O outro tomou um ar de desafio.

- Fui eu que escrevi essas cartas, sim! E depois? Que mal há nisso? Estamos num país livre, não estamos? Não quero que um velho gatuno me represente no Senado e acho que tenho o direito de lhe dizer. Há alguma lei que me proíba? Quanto ao pedido da «massa» também não é crime dizer a um «tipo» que «escorra» com vinte mil dólares. Eu nas cartas não faço ameaça nenhuma. Se ele me quiser dar as «coroas», ninguém tem nada com isso. É comigo e com ele. Não é assim?

Fordney não respondeu. Limitou-se a perguntar:

- Quem é o teu cúmplice, Morrel?
- Eu cá não tenho cúmplices! Este negócio é só meu.
- Estás a mentir! – afirmou o Professor – Foste tu quem escreveu estas cartas, mas copiaste-as. Quem é que te deu o rascunho?

***Porque razão afirmava Fordney que Morrel tinha um cúmplice?***

## Solução do problema:

Embora a caligrafia e a ortografia das cartas fossem péssimas, a pontuação era impecável. Fordney concluiu, portanto, que não fora Morrel quem as redigira. Limitara-se a copiá-las de uma minuta feita por uma pessoa mais culta que, embora tivesse, propositadamente, cometido erros ortográficos, não conseguira eximir-se ao hábito de pontuar correctamente.

## Problemas Policiais #21

Diário Popular 4136 – 10.04.1954

- Já sabia que o cadáver tinha permanecido dentro de água por alguns dias – disse o detective Ronson, enquanto seguia com o Professor Fordney para a Morgue, onde ia ser feita a identificação formal do morto.

- Encontrámo-lo no ponto que o senhor designou como provável – proseguiu ele. – Que espectáculo desagradável! Estava deitado de bruços na lama da margem do rio, com uma ferida na nuca, coberta de sangue. O fato estava encharcado e desbotado como acontece depois de um longo período de imersão. E o rosto! Há-de vê-lo com os seus próprios olhos! Permaneceu dentro de água durante quatro dias, pelo menos. Suponho que seja Butterworth pela descrição que obtive, mas nada apurei pelos documentos encontrados com o cadáver.

Fordney lançou um olhar inquiridor ao detective, mas nada disse. O táxi parou à porta da Morgue. Na sala de entrada, encontraram uma lacrimosa senhora Butterworth acompanhada pelo irmão. Depois de trocarem algumas palavras com eles, o médico-legista, o Professor e o detective encaminharam-se para a câmara frigorífica onde fora colocado o cadáver, com a cabeça coberta de sangue.

A senhora Butterworth deitou um olhar relutante ao corpo e gritou:

- Esse homem não é o Charles!

E desmaiou. O irmão confirmou a declaração dela. O cadáver não era, de facto, o Charles Butterworth.

\*

- Embora, neste caso, seja compreensível um erro de identificação, surpreendeu-me no entanto a sua falta de observação, Ronson – disse o Professor, mais tarde. – Aquele cadáver não podia ter estado quatro dias dentro de água.

***Por que fez Fordney tal afirmação?***

## Solução do problema:

O detective Ronson dissera a Fordney que o cadáver tinha estado dentro de água pelo menos durante quatro dias. Contudo, o corpo que haviam examinado no Necrotério, tinha a cabeça coberta de sangue. É evidente que, se tivesse estado dentro de água durante alguns dias, a água teria removido o sangue.

## Problemas Policiais #22

**Diário Popular 4143 – 17.04.1954**

Ao entrar no camarim de Hilary Mantell, o famoso actor inglês, o professor Fordney lançou um olhar observador ao espelho estilhaçado do toucador, fronteiro à porta do camarim, e passou a examinar o cadáver de Gerald Hooper, findo o que resolveu dedicar a sua atenção à arma que se encontrava sobre o tapete e a um pesado boião de creme que estava a um canto do camarim, também partido.

Dois guardas permaneciam à porta do camarim que se fechou, logo que entraram o Professor, o Inspector Kelley e o Doutor Lyman.

Enquanto o médico procedia ao exame do cadáver, Kelley interrogava Mantell que passeava nervosamente pelo camarim.

- Que azar o meu! – dizia o actor. – Não consigo compreender por que razão, aquele desgraçado me queria matar. É certo que ele era um bom actor e que o papel para que fui escolhido podia muito bem ser desempenhado por ele.

Mas que culpa tenho eu de que os empresários me tenham chamado a mim e não a ele? Eu não podia recusar-me a desempenhar o papel só para lhe não ferir as susceptibilidades, não lhe parece?

- Claro, claro. - secundou Kalley – Continue. Como se passaram as coisas?

- Bem, a porta do camarim estava fechada e eu estava sentado em frente do espelho a caracterizar-me, para entrar em cena. De súbito, senti uma bala zunir-me aos ouvidos. Dei um salto e foi então que vi o Hooper atrás de mim. Atirei-me a ele antes que tivesse tempo de disparar outro tiro e, durante a luta, a arma caiu para o chão. Corri a apoderar-me dela, claro. Entretanto, Hooper levantara-se e, pegando naquele pesado boião de creme, fez menção de mo atirar à cabeça. Num movimento instintivo, aterrado, premi o gatilho da arma e matei-o. Fi-lo em legítima defesa, como vêem! Era uma questão de matar ou morrer! Se ele conseguisse acertar-me com o

boião, eu perdia os sentidos e ele depois liquidava-me. Matei em legítima defesa, não lhes parece?

Fordney, que ouvira a história sem dizer palavra, comentou:

- Se as coisas se tivessem passado como você diz, é possível que conseguisse convencer o tribunal de que agiu em legítima defesa. Mas assim, não há a mínima esperança!

***Por que razão não acreditou Fordney em Mantell?***

### Solução do problema:

Fordney não acreditou em Mantell porque este dissera que a porta do camarim estava fechada (enquanto ele, Mantell, se caracterizava ao espelho do toucador, fronteiro à porta do camarim) e que não vira entrar Hooper, só dando pela sua presença quando fora disparado o tiro. Ora, se Mantell estava em frente do espelho, fronteiro à porta do camarim, não poderia ter deixado de ver entrar Hooper.

## Problemas Policiais #23

Diário Popular 4150 – 24.04.1954

Prasilov, famoso astrólogo polaco, jazia morto no soalho do seu gabinete de observação, na antiga torre de mármore de Cornwall, na Inglaterra.

O astrólogo fora atingido com um tiro na têmpora direita, e a sua cabeça repousava sobre um velho livro de astrologia que se encontrava aberto na página que continha o horóscopo do próprio Prasilov. A morte fora instantânea. A pouca distância via-se, também no chão, um revólver de fabrico estrangeiro.

Fordney e o Inspector-Chefe Tarwill chegaram, por fim, ao topo da interminável escadaria de pedra.

- A porta estava fechada, Chefe. – informou o agente Stibble. – Tivemos de a arrombar.

O inspector pegou numa chave que se encontrava junto do cadáver e olhou, inquisitivamente, para Stibile.

- Mexeram nalguma coisa?

Em nada, Chefe. Está tudo como o encontrámos.

Teria Prasilov fechado a porta por dentro e atirado a chave para o chão para confundir ou ludibriar a polícia? Teria a chave saltado da fechadura quando a polícia arrombou a porta ou haveria qualquer outra explicação para o facto? O Professor dava tratos à imaginação.

Removido o corpo, Fordney pegou no velho e pesado livro de astrologia e leu, atentamente, o horóscopo do sábio. No ponto onde repousava a cabeça do morto, havia uma pequena mancha de sangue.

Espreitando por cima do ombro do Professor, Tarwill leu, também, o horóscopo que predizia a morte do astrólogo por suicídio!

- Esta coincidência parece-me estranha – observou o Inspector-Chefe. – Mas... que poderia ter sido isto senão um suicídio?

- Talvez tenha sido homicídio – respondeu Fordney.

Dez minutos depois, Tarwill dizia, um tanto impaciente:

- Quando se resolve a vir-se embora, Professor? Já não há coisa alguma que valha a pena examinar.

Fordney meteu o livro de astrologia debaixo do braço e circunvagou um último olhar pela sala. No sítio onde estivera o livro havia uma mancha de sangue a atestar a tragédia.

- Vamos embora. – disse Fordney. Está provado que Prasilov não se suicidou.

***Qual foi o indício que levou Fordney à conclusão de que o astrólogo havia sido assassinado?***

## **Solução do problema:**

A existência de sangue debaixo do livro de astrologia, prova que Prasilov fora assassinado. Se fosse ele que tivesse disparado o tiro que lhe provocou morte instantânea, não poderia ter havido sangue sob o livro.

O assassino, (um criado do astrólogo) possuía uma chave do gabinete de Prasilov. Depois de matar o patrão, tirou-lhe do bolso a chave e atirou-a para o chão para despistar a polícia.

## Problemas Policiais #24

Diário Popular 4163 – 08.05.1954

O carro da Polícia atravessou velozmente as ruas de Chicago, desertas àquela hora da noite.

- Chegaram demasiado tarde. – disse o homem quando a Polícia apareceu.
- Que se passou? – inquiriu Fordney sem mais delongas.

Everett Moore, caixa da «Imperial Ice Cream Company», prosseguiu:

- Vim fazer serão, esta noite, porque havia muito dinheiro em caixa e precisava de o conferir e fazer a folha de receita. Por volta da uma hora, ouvi um ruído de passos, alguém subia a escada. Como só eu estava a fazer serão, no escritório, pensei logo que se tratava de um gatuno. Apaguei as luzes, apressadamente, e corri, em bicos de pés, a esconder-me no gabinete anexo à Tesouraria. O escritório ficou imerso na escuridão. Os passos aproximaram-se e alguém entrou na Tesouraria. Com uma lanterna de bolso. Aproveitando o ruído feito por um «eléctrico» que nesse momento passava na rua, liguei para a Polícia e sussurrei: «Fala da «Imperial Ice Cream Company» South Birc, 13. Está aqui um gatuno. Socorro, depressa!». Desliguei e aproximei-me da porta de comunicação com a Tesouraria, que deixara entreaberta. A lanterna estava sobre a minha secretária e um homem mascarado, com uma pistola ao alcance da mão, metia o dinheiro num saco, apressadamente. Era um «tipo» fracote, mas não podia atirar-me a ele, pois estava desarmado. O gatuno acabou de meter o dinheiro no saco e fugiu por onde viera. Esperei que ele saísse e depois acendi as luzes para aguardar os senhores.

- Que número marcou ao telefone? – perguntou Fordney.
- O número da Polícia – 1 8 5 2 9 0.

O professor examinou um saco de papel que retirara do cesto dos papéis e perguntou:

- Saiu do escritório depois de começar o serão?

- Sai às onze horas, para ir tomar um café. Mas pouco me demorei. Tinha imenso que fazer.

- A que horas, começou o serão?

- Às 8 e 30, logo depois do jantar.

- E onde jantou?

- Num restaurante, aqui mesmo na rua.

- Vá buscar o chapéu e o sobretudo! – ordenou Fordney. Precisamos de descobrir quem é o seu cúmplice. Você mentiu!

***Por que afirmou Fordney que Moore mentira? Que facto o levou à conclusão de que o caixa era cúmplice do roubo?***

## **Solução do problema:**

Fordney soube que Moore mentira porque este declarara que marcara o número da Polícia ( 1 8 5 2 9 0 ) às escuras. (Experimente o leitor marcar, às escuras e à pressa, tal número...). Não era natural que Moore tivesse conseguido, sem ver o marcador, marcar tal número, com o qual não estava familiarizado, enquanto o «eléctrico» passava em frente do edifício do escritório.

## Problemas Policiais #25

Diário Popular 4170 – 15.05.1954

- Que noite! – suspirou o professor Fordney, ao desligar o telefone.

Meia hora depois, ainda resmungando, patinhava na lama em direcção à porta do n.º 13 de Nelson Road. Tirando as galochas no vestíbulo muito limpo, penetrou numa grande sala de estar, bem mobilada, que se estendia a toda a largura da casa. Apresentou-se e, depois de declarar que interrogaria toda a gente dentro de momentos, pediu que o deixassem só.

A um canto, ao fundo da sala, via-se o cadáver de um homem, estendido no chão, degolado. Ao inclinar-se sobre ele, o professor reparou numa moeda de dez cêntimos que se encontrava a cerca de um metro de distância da cabeça do morto. Apanhou-a, contemplou-a com curiosidade e, com ar pensativo, meteu-a no bolso.

Começou o interrogatório pelo mordomo.

- Foi o senhor quem descobriu o cadáver?

- Sim, senhor. Regressava a casa, depois de deitar uma carta no correio, há cerca de vinte minutos e, ao chegar à porta de entrada, ouvi um grito. Entrei a correr e deparou-se-me o senhor Green, que soltava o seu último suspiro.

- Perdeu uma moeda de dez cêntimos? – inquiriu Fordney, com voz suave.

- Creio que não. – replicou o criado, apalpando nervosamente os bolsos.

- Eu também ouvi o grito. – confirmou Stewart, o dono da casa. – Corri da biblioteca para aqui e cheguei logo depois de Moxom.

- Nenhum de vós saiu desta sala antes de eu chegar?

- Não. – disse Stewart. – Ficámos aqui à sua espera.

- O senhor perdeu uma moeda de dez cêntimos, senhor Sterwart? Não? Muito bem. Parece-me que há aqui conspiração e posso desde já garantir-lhes que o inspector Kelley não engolirá a vossa patranha.

***Que tinha a história de extraordinário?  
Por que não acreditou Fordney nas declarações dos dois?***

### **Solução do problema:**

Se o mordomo tivesse entrado em casa a correr, como afirmara, haveria pegadas no vestíbulo, pois o caminho de acesso à casa estava todo enlameado. Ora, o professor encontrara o vestíbulo imaculado. Portanto, o mordomo Moxom mentia e, como o senhor Stewart confirmara as suas declarações, era de crer que estivesse também implicado no caso.

## Problemas Policiais #26

Diário Popular 4177 – 22.05.1954

- Finalmente apanhámos Newman, inspector! – disse Fordney ao entrar no gabinete de Kelley. Foi uma caçada emocionante. Que criminoso frio e desumano! Estava a jantar placidamente, enquanto planeava o crime.

E, após uma pausa, continuou:

- O gerente do restaurante não teve tempo para coisa alguma. Foi morto brutalmente a tiro, a sangue frio... e tudo isto por causa de seiscentos dólares! É verdade, Jim; os assassinos da casta deste não precisam de grande incentivo. Depois de matar o homem, fugiu a toda a brida num carro que tinha à porta.

Estava a jantar no restaurante um detective que deu logo ordem para que ninguém tocasse em coisa alguma que estivesse sobre a mesa à qual Newman se sentara. Infelizmente, o detective foi apanhado de surpresa e não conseguiu agarrar o criminoso.

«Eu, examinei a mesa atentamente. Temos algumas testemunhas prontas a identificar o homem, incluindo a criada que o serviu. Mas não creio que júri algum fosse capaz de o condenar baseando-se apenas nisso.

- Sobre a mesa não encontrei impressões digitais, nem objectos pessoais do assassino. E, no entanto, essa mesa vai permitir-lhe provar que estamos perante um criminoso sem escrúpulos e que ele planeou o crime friamente, enquanto jantava.

- Oxalá não te enganes, Joe – respondeu Kelley. – Tanto Newman como o seu advogado estão convencidos de que não temos provas contra ele.

- Sim? E eu afirmo que a acusação vai ter muito pouco trabalho em provar que Newman cometeu o crime de homicídio voluntário, com premeditação.

***Como sabia o professor que Newman tinha premeditado o crime?***

### Solução do problema:

Não haviam sido encontradas impressões digitais em nenhum dos objectos que estavam sobre a mesa. Fordney compreendeu imediatamente que Newman, o assassino, planeara o crime. De contrário não teria feito desaparecer as impressões digitais de tudo aquilo de que se servira para jantar. Uma vez provada a identidade do homem, era de presumir que a sentença fosse condenatória. E assim foi...

## Problemas Policiais #27

Diário Popular 4184 – 29.05.1954

Embora tivesse caído de um segundo andar, o velho cofre de ferro encontrava-se quase em posição vertical. O incêndio da noite anterior destruíra grande parte da velha casa. E o seu proprietário, o avarento Jonathan Aiken, encontrara também a morte no meio daquele inferno de chamas alterosas. O neto de Jonathan, Tom Drewery, chegara a casa, vindo de Filadélfia, às onze e meia da noite do incêndio e fora detido pela Polícia, para averiguações.

O professor ficou surpreendido ao notar que os selos acamados em pequenas pilhas ordenadas cuidadosamente alinhadas no interior do cofre, tinham apenas o valor de oito mil dólares, pois era convicção geral que a famosa colecção do velho Jonathan valia pelo menos duzentos mil dólares. Era também do conhecimento geral que Jonathan Aiken conservava os seus selos soltos, empilhados em maços e não dispostos em álbum, como usam fazer os bons filatelistas. Quando alguém mostrava estranheza pelo facto. Aiken costumava dizer: «Se aquelas pequenas maravilhas estivessem num álbum, não conseguiria tê-las bem nas minhas mãos. Teria de me limitar a contemplá-las, sem lhes tocar».

Drewery, o neto do velho, evidenciou esse facto no decurso do interrogatório a que Fordney o submeteu. Respondia calmamente às perguntas do professor, certo de que ninguém descobriria que fora ele quem largara fogo à casa. A verdade é que conseguira apoderar-se dos selos e, simultaneamente, ver-se livre do velho. E não havia uma única prova contra ele! Disso estava absolutamente certo!

- O cofre foi aberto antes da chegada da Polícia? – perguntou o professor.

- Não. – respondeu Drewery. – Ninguém lhe tocou. Esteve sob a minha vigilância durante toda a noite.

Os olhos de Fordney pousaram atentamente sobre o rapaz.

- Você está a mentir, Drewery. – afirmou o professor. – Por agora, acuso-o de ter furtado os selos. Mais tarde, espero conseguir provar que largou fogo à casa para matar seu avô!

*Em que se baseou Fordney para acusar Drewery de ter roubado os selos?*

### Solução do problema:

É claro que se o cofre caiu de um segundo andar, os selos deviam encontrar-se espalhados pelo interior e não «acamados em pequenas pilhas ordenadas», tal como os encontrara. Impensadamente, Drewery alinhara-os depois de se ter apoderado dos mais valiosos. Foi esse gesto maquinal que o deitou a perder.

## Problemas Policiais #28

Diário Popular 4191 – 05.06.1954

O inspector Kelley coçou a cabeça desesperado.

- Confesso que não percebo. Perguntei-lhe se estaremos perante um assassinio e o professor respondeu-me que é possível. Perguntei-lhe se pode tratar-se de suicídio e o professor afirma também que sim. Diz que a vítima podia ter metido uma bala na cabeça, no temporal direito, com este revolver de calibre 45 e não deixar quaisquer vestígios de queimadura de pólvora, mas que o tiro não foi disparado a mais de vinte e oito centímetros. Afinal em que ficamos? Homicídio ou suicídio?

Fordney soltou uma risadinha e murmurou apenas: «Claro, claro».

E continuou a examinar atentamente o cadáver de Andrew Crane.

A cabeça da vítima estava apoiada sobre a secretária. Andrew Crane tinha na mão direita um revolver de calibre 45; o dedo indicador estava apoiado no gatilho, a mão direita na algibeira do casaco. Na têmpora direita do morto, via-se o orifício causado pela bala mas não se divisavam quaisquer vestígios de pólvora.

- Claro! Claro o quê? – gritou Kelley. – Você afirma que ele podia ter metido uma bala na cabeça, em ângulo recto, sem deixar vestígios de queimadura de pólvora, embora isso fosse estranho, mas, não sei porquê, continua a mexer na mão esquerda do homem! Pergunto-lhe mais uma vez: afinal em que ficamos? Homicídio ou suicídio?

A resposta, Jim – replicou Fordney, com um sorriso – está diante dos seus olhos!

***De que se tratava, afinal? Homicídio ou suicídio?***

## Solução do problema:

Embora com certa dificuldade, é possível meter uma bala na cabeça, em ângulo recto, a uma distância de 28 centímetros – ou até mesmo mais – mas, para isso, é necessário premir o gatilho com o polegar. Como Crane tinha o dedo indicador apoiado no gatilho, Fordney chegou à conclusão de que ele fora assassinado e que fora o assassino quem lhe metera a pistola na mão para aparentar suicídio.

Nota:

Ressalve-se a incongruência de, no problema, sempre se ter mencionado «um revólver de calibre 45», e na solução, talvez porque o tradutor não tinha conhecimentos “policíarios”, ser referida uma «pistola».

Jartur

## Problemas Policiais #29

Diário Popular 4197 – 12.06.1954

O cadáver está sob a pilha de lenha. Mas não se esqueçam de que não quero verme envolvido nisto – resmungou o Stig Carona, deitando um olhar inquieto ao professor Fordney e ao inspector Kelley. As suas feições alteradas pelo medo pareciam ainda mais feias. Virava e revirava o boné sebento entre os dedos nervosos.

Uma hora depois, os três homens apeavam-se do carro da Polícia e penetravam no bosque de Wilson.

- Bill e Jake envolveram-se em luta diante daquela cabana – explicou Stig, apontando para uma clareira. – Jake conseguiu atirar Bill ao chão. Depois, pegou no machado e, quando Bill se levantou, deu-lhe duas machadadas na cabeça. Depois, arrastou o cadáver para junto da cabana. Deve ter ouvido, então, qualquer coisa porque encostou Bill à parede da casa e veio até aqui. Eu sabia que, se ele me descobrisse, me faria o mesmo que fizera ao outro. Por isso, dei uma corrida até à estrada, meti-me no meu carro e vim chamar a Polícia.

Fordney notou as manchas de sangue na parede da cabana a cerca de noventa centímetros do solo e que pareciam confirmar a história de Stig. Perto, via-se uma pilha de lenha recentemente cortada.

O professor abriu a porta da cabana e ia a entrar quando Kelley gritou:

- O cadáver está de facto sob a lenha. Que espectáculo!

Mas o interesse de Fordney estava nesse momento concentrado num machado limpo e brilhante, encostado a um canto da divisão única da cabana. Pegando-lhe pelo cabo sebento, levou-o para fora. Ao ouvir as suas palavras proferidas com calma, Stig voltou-se com um olhar assustado.

- Se não quer ser preso imediatamente por assassínio, será melhor contar-nos a verdade acerca deste crime.

### *Como descobriu Fordney que a história de Stig era falsa?*

#### Solução do problema:

Se a história fosse verdadeira, Stig não poderia saber onde estava o cadáver. Ele próprio dissera que o vira pela última vez encostado à parede da cabana.

## Problemas Policiais #30

Diário Popular 4204 – 19.06.1954

O professor Fordney pegou numa folha de papel dactilografada que se encontrava sobre a sua mesa, na sala de aula de criminologia, e leu para os seus alunos:

«Nunca esperei voltar vivo. O dia estava claro mas fazia um frio horrível, quando eu e o Franh Hayes partimos para o nosso acampamento no Circulo Polar Ártico, naquela manhã de 8 de Setembro de 1932. Três dias depois, no dia onze, um vento gelado, devastador, desabou sobre nós... Nunca sofri tanto como nessa ocasião. Ainda não tínhamos percorrido duas milhas quando Hayes deu uma queda tremenda e ficou estiraçado, imóvel, no meio da planície gelada. A muito custo, consegui armar uma tenda e levá-lo para lá. Mas Hayes bem sabia que estava ferido de morte e que pouco tempo lhe restava de vida. E sabendo também quanto eu era entusiasta pelos seus trabalhos científicos, disse-me querer fazer testamento a meu favor, para que com a sua fortuna me fosse possível prosseguir no estudo das suas teorias. Tentei dissuadi-lo dessa ideia mas, como ele insistisse, pequei numa folha de papel e, com uma caneta de tinta permanente, escrevi o testamento que ele me ditou. Findo este, Hayes assinou-o e, cerca de uma hora depois, morria nos meus braços.

*«Tive de abater a tiro dois cães que se encontravam também mortalmente feridos. Os outros, à excepção de um, tinham fugido durante a tempestade de neve. Portanto, foi-me impossível trazer o cadáver comigo. O pobre cão que me trouxe mal podia comigo e com o trenó. Felizmente que a tempestade amainou, pouco depois de Hayes ter morrido.*

*(Assinado) Joseph Dennis*

Fordney pôs a carta de parte e disse:

*- Agora, meus senhores, vão dizer-me se o que se contém nesta carta é verdadeiro ou falso... e porquê, evidentemente! Vamos, depressa!*

### Solução do problema:

A história era, evidentemente, mentirosa. Em tais condições, a tinta contida na caneta de tinta permanente teria congelado. Logo, o testamento não podia ter sido escrito com ela.

## Problemas Policiais #31

Diário Popular 4211 – 26.06.1954

O sargento Cargo apanhou a garrafa do chão, no estúdio de Homer Hudera, tirou a rolha, cheirou o conteúdo e entregou-a a Fordney.

O professor pegou-lhe distraidamente, continuando a observar a posição do cadáver de Eve Yardley, a linda modelo, que jazia no chão. Os lábios da rapariga estavam ligeiramente entreabertos. Eve parecia vestida como se acabasse de chegar da rua e ficara deitada de lado, com o joelho direito dobrado quase até ao queixo e a mão direita fechada, apenas com o indicador estendido. Junto dela, estava a malinha de mão, contendo a habitual miscelânea... Faltava, contudo, o «baton», apesar dos lábios da rapariga estarem pintados.

Fordney cheirou a garrafa e reconheceu o cheiro característico de um dos mais poderosos venenos conhecidos, de acção rapidíssima.

- Teve morte instantânea. – declarou ele, continuando a fazer o inventário da malinha de mão. – Como foi isto, Hudera?

O jovem artista, de belo perfil, mas com um arzinho cínico, tirou o cigarro da boca:

- Dei uma festa, esta tarde, no estúdio. Eve não tinha sido convidada, mas isso não a impediu de vir. Ela costumava posar para mim, mas eu já estava farto dos seus ataques histéricos. Os outros convidados saíram às oito horas. Eve recusou-se a partir. Fez-me a pergunta habitual e eu respondi-lhe, sem rodeios, que não casaria com ela. De súbito, tirou essa garrafa da malinha, e bebeu o conteúdo antes que eu pudesse detê-la. Caiu no chão, como que fulminada. Eu...

O senhor mexeu na malinha de mão?

- Não, não mexi em coisa alguma...

Era evidente que ela estava morta.

O professor fechou a malinha com um estalido e fez um gesto rápido na direcção de Cargo, ordenando-lhe:

- Meta este assassino descarado no lugar que lhe compete: na cadeia.

***Qual foi o indício que levou o professor a tomar esta decisão?***

### **Solução do problema:**

Hudera declarou não ter mexido em coisa alguma. A morte da rapariga fora instantânea e, no entanto, a garrafa tinha a rolha posta! Quando lhe apontaram este erro, o artista confessou que envenenara a bebida servida a Eve e pusera depois a garrafa com o veneno junto dela. Engendrara depois a sua história e chamara a Polícia. Admitiu que não pensara na rolha e que a pusera na garrafa num gesto maquinal. Esse gesto maquinal levou-o à forca.

## Problemas Policiais #32

Diário Popular 4218 – 03.07.1954

O professor Fordney contemplou a sua presa, que se aproximava, e não pôde deixar de admirar a perfeição do disfarce. O indivíduo que caminhava coxeando, com a bengala na mão direita, teria passado, aos olhos de uma pessoa menos observadora, pelo dr. Bellen. O vestuário impecável, a pêra branca, até os mínimos tiques do famoso e excêntrico cirurgião eram admiravelmente simulados. Contudo, Fordney reconheceu sob esse disfarce, William Barstow, um dos maiores actores do nosso tempo. Se bem que ainda na flor da vida, o apogeu da carreira artística de Barstow passara já e ele tinha, recentemente, cedido o seu lugar a actores mais novos, mas muito menos talentosos. Ao olhá-lo, o criminologista entregou-se, por um momento, a considerações filosóficas, antes de o seguir.

A curiosidade do professor fora despertada. Estava resolvido a apurar qual a relação entre o falso dr. Bellen e o verdadeiro, que fora alvejado a tiro e ferido na perna esquerda, poucos dias antes. A própria Polícia ainda não estava ao corrente do caso. Por qualquer motivo, o cirurgião pretendia, a todo o custo, ocultar a gravidade do seu ferimento. Se alguém perguntava por ele, de sua casa diziam invariavelmente que tinha saído. Daí, pensava o professor, o facto de Bellen ter contratado Barstow para o substituir em público e nos lugares que habitualmente frequentava.

Quando o «dr. Bellen» ia a entrar no seu clube, Fordney tocou-lhe no ombro. O homem voltou-se, com aquele olhar penetrante, tão conhecido dos doentes e amigos do médico.

- Que deseja? – inquiriu.

Fordney sorriu.

- Até mesmo os génios cometem erros – observou o professor. – Se não fosse por causa de um pequeno erro que cometeu, não teria percebido que o senhor não é o dr. Bellen.

### *Que erro cometera Barstow?*

#### Solução do problema:

O verdadeiro dr. Bellen tinha sido gravemente ferido na perna esquerda, poucos dias antes. Portanto, ainda que estivesse em estado de sair à rua, teria (mesmo contra os seus hábitos) usado a bengala na mão esquerda, a fim de evitar apoiar o peso do corpo sobre a perna ferida. Ora, Barstow trazia a bengala na mão direita. Fora esse o seu erro.

## Problemas Policiais #33

Diário Popular 4225 – 10.07.1954

- Que diabo está a fazer?

As palavras, como projecteis, cortavam o ar frio dos bosques meridionais.

Ajoelhado no chão, Fordney retirou cuidadosamente do coração de Fred Thompson a faca de caça que pertencia ao morto. Abriu as espingardas caçadeiras dos dois homens que estavam de pé, junto dele, e verificou que se encontravam ambas carregadas.

O professor pousou a sua lente.

- As únicas impressões digitais que se encontram no cabo da faca de caça de Fred, apesar de tal cabo ser liso, são as suas, Hodge.

- Mas, Fordney, já lhe expliquei, como elas foram aí parar! – protestou Orville Hodge. – Tem que me acreditar. Eu...

- Ouçamos novamente a sua versão, Almy – interrompeu o professor.

- Por volta das quatro horas tomei o caminho de regresso à cabana. Tínhamo-nos separado para caçarmos sozinhos. Ao aproximar-me, vi Orville inclinado sobre Fred, como se lhe estivesse a enterrar essa faca no coração. Gritei e ele pôs-se em pé de um salto.

- Encontrei Fred com a faca cravada no corpo – insistiu Hodge. – Pensei que talvez ainda estivesse vivo e melhorasse se eu retirasse a faca. Logo, porém, verifiquei que estava morto e, no próprio momento em que Jim gritou, recordei-me de que não devia tocar em coisa alguma.

- Ninguém, além de vós três, se encontrava nesta zona?... - interrompeu Fordney, novamente. – O senhor acabava de matar um veado, Hodge, e vinha em busca de alguém que o ajudasse a transportá-lo... e, no entanto, a sua espingarda está completamente carregada.

- Eu... tinha gasto todos os cartuchos a atirar sobre o veado e, ignorando se ele estaria já morto, tornei a carregar a arma, antes de me aproximar do animal.

- Muito bem. Não se mexa! – ordenou o professor, apontando a sua pistola ao assassino de Thompson.

### ***Quem foi que Fordney prendeu como assassino de Thompson?***

## **Solução do problema:**

Como as únicas impressões digitais encontradas na faca de caça de Thompson, eram as de Orville Hodge, a inocência deste estava provada. Era evidente que o assassino limpou o cabo da faca, após tê-la enterrado no coração de Thompson, e antes que Hodge lhe tivesse mexido. Se Thompson se tivesse suicidado, teria deixado as suas impressões digitais no cabo da faca. Não era de crer que fosse Hodge o assassino, pois não fazia sentido que tivesse limpo o cabo da arma e depois se comprometesse, deixando nele as suas impressões digitais. Fordney compreendeu, portanto, que, como os três homens se encontravam isolados naquela zona, fora Jim Alnay que assassinara Thompson, limpando, em seguida, o cabo da faca. Ao ver Hodge mexer nela, não pudera esconder uma exclamação de prematura alegria.

## Problemas Policiais #34

Diário Popular 4232 – 17.07.1954

Duas detonações ecoaram pela sala. Os oito convidados abandonaram as mesas de «bridge» e correram para a biblioteca.

A senhora Sybil Morton soltou um grito e desmaiou ao ver a filha, Alyne, estendida no chão. O sangue que escorria da fronte da jovem manchava-lhe o vestido branco. Ajoelhando junto de Alyne, o dr. Karl Orman contemplou a ferida fatal e apertou contra si o corpo inerte da rapariga. O seu corpo forte era sacudido pelos soluços.

Pendente da janela, com a cabeça e os braços do lado de fora, via-se o corpo inanimado de um homem mal vestido.

- Quando entrávamos na biblioteca – explicou o dr. Orman ao professor Fordney - Alyne gritou. Antes que eu tivesse compreendido o que se passava, o gatuno tinha-me atirado ao chão, alvejado Alyne a tiro e procurava fugir pela janela. Ainda estonteado, consegui voltar-me de lado, puxar da pistola e atirar sobre ele.

- E não errou o alvo – comentou Fordney. – A bala penetrou nas costas do gatuno, algumas polegadas acima do coração, e foi alojar-se nesse órgão. A morte foi praticamente instantânea. Esteve no Exército, doutor?

- Estive. O meu noivado com Alyne começou em Londres. Ela pertencia ao Corpo Auxiliar Feminino do Exército.

- Mas parece-me que o motivo determinante da vossa vinda à biblioteca foi o facto de Alyne lhe querer devolver o anel de noivado que guardava no cofre – observou o professor.

- Oh, isso foi um impulso momentâneo. Era já a terceira vez que ela o fazia. Pergunte aos nossos amigos. Todos sabem disso.

- Costuma andar armado?

- Sim, frequentemente. O meu trabalho nos bairros pobres leva-me, por vezes, a lugares bem sinistros.

- Pois bem: em breve estará a dar consulta aos presos de Sing-Sing. Por algum tempo, apenas, está claro. É só enquanto não chega o dia de se sentar na cadeira eléctrica.

***Por que suspeitou Fordney do dr. Orman?***

**Solução do problema:**

Se Orman tivesse atirado sobre «o gatuno», enquanto jazia no chão, a bala teria tomado uma direcção ascendente. Ora, o exame ao cadáver revelara que a bala penetrara nas costas do homem, algumas polegadas acima do coração, e fora alojarse nesse órgão. Logo, fora disparada de cima para baixo, de onde se concluía que o dr. Orman mentira. O médico assassinou primeiro a noiva, por ciúmes, e depois o desgraçado que se prestou a servir-lhe de cúmplice.

## Problemas Policiais #35

Diário Popular 4239 – 24.07.1954

- Cheguei à nossa cabana menos de dez minutos depois da Alice – gemeu Harol Sherrod – mas era demasiado tarde. Ela já estava morta.

- Coragem, meu rapaz! Compreendo que a situação é penosa, mas tem de reagir – disse Fordney. – Então, conte lá...

- Andávamos os dois à caça do lado deste lago – prosseguiu Sherrod. – De repente, a minha mulher pareceu fatigada e disse que ia voltar para casa. Sabendo que ela encontraria o caminho sem dificuldade, não hesitei em a deixar partir sozinha. Estava resolvido a demorar-me ainda uma ou duas horas, mas pouco depois de ela se ter afastado, comecei a recordar-me das suas ameaças de suicídio. Tentei afastar estes pensamentos. Ela andava tão alegre durante este último mês! Contudo, eu não conseguia abafar a minha ansiedade. Chame-lhe pressentimento, se quiser; a verdade é que tinha a sensação de que qualquer coisa desagradável estava para acontecer.

Tendo perdido o entusiasmo, abandonei a caçada e encaminhei-me para a cabana, onde a encontrei morta, com a fronte atravessada por uma bala e a minha pistola ao lado. Afinal sempre se tinha suicidado – soluçou ele.

- Não encontrou pessoa alguma desde que tomou o caminho de regresso à cabana, até ao momento em que chamou a Polícia?

- Nem viva alma. Este sítio é muito solitário.

- A que distância se encontrava da cabana?

- Entre duas a três milhas, mais ou menos.

- É estranho que não tenha alcançado sua mulher no caminho. Não se importa de ser submetido a uma prova pelo detector de mentiras?

- Não – replicou Sherrod. – Por que havia de me importar?

- Por quê? Porque, conquanto eu já saiba que o senhor mente, devo avisá-lo de que o detector o confirmará.

*Porque supunha Fordney que Sherrod estivesse implicado na morte da esposa?*

### Solução do problema:

Se Sherrod estivesse completamente inocente, não haveria motivo para ter declarado que chegara à cabana dez minutos depois da esposa, pois ele não podia saber a que horas ela chegara. Esse pequeno deslize foi o primeiro passo na estrada que o conduziu à forca.

## **Problemas Policiais #36**

**Diário Popular 4246 – 31.07.1954**

- Pete Monahan – começou o Professor Fordney – tinha sido avisado de que seu irmão ia ser trazido sob prisão de um dos Estados do Sul para Filadélfia, acusado de desfalque. Pete sabia o número da carruagem e que seu irmão e os guardas viajariam no salão.

«Correu a Wilmington, a última paragem antes de Filadélfia e, depois de comprar bilhete para lá, pôs-se a passear, impaciente, sob a chuva forte e gelada daquele dia de Novembro.

«Quando o comboio se aproximava, a chuva adensou-se ainda mais. Porém, Pete não se incomodou com isso; pretendia salvar o irmão. Tendo-se informado de qual seria o local exacto onde devia parar a carruagem 62-B, encostou-se à porta da estação quando o comboio abrandou o andamento.

«Através de uma janela do salão da carruagem 62-B viu o rosto sombrio do guarda do irmão. Ao seu lado sentava-se o preso, com grandes olheiras negras e uma expressão de desespero estampada na fisionomia. Satisfeito por não ter sido visto por nenhum deles, Pete correu sob a chuva para a carruagem «Pullman» que seguia atrás da outra, empurrou para o lado o assustado porteiro e subiu os degraus. Disponha de cerca de quarenta minutos antes da chegada do comboio a Filadélfia. Precisava de raciocinar e agir com rapidez. Foi o que fez. Mal o comboio se tinha posto novamente em marcha...»

- Tínhamos-lhe pedido que nos contasse um caso verdadeiro – repontou um dos amigos e companheiros de clube de Fordney – e vem com as suas costumadas armadilhas!... Até um distraído como eu repara na inverosimilhança dessa história.

***Onde estava o erro da história?***

### Solução do problema:

Sob uma chuva torrencial, Pete não poderia ter visto, do seu esconderijo, à porta da estação, a expressão do rosto do irmão e as olheiras sob os olhos dele.

## Problemas Policiais #37

Diário Popular 4288 – 11.09.1954

- Eu tinha ido lavar as mãos, por detrás daquele biombo que vê junto à porta, quando um homem, empunhando uma pistola, penetrou no gabinete e ficou imóvel por alguns segundos – disse Ryder.

- Aparentemente convencido de que não havia ali ninguém, ele aproximou-se da secretária, junto da janela. Enquanto o homem remexia nos papéis que encontrara na gaveta, liguei rapidamente para a Polícia, deixando o auscultador sobre a mesa, na esperança de que descobrissem de onde fora feita a chamada. Receava falar, pois não estava armado e o ladrão parecia desesperado.

- Diz que ele não roubou coisa alguma além de uma fórmula importante? – inquiriu Fordney, céptico.

- Exactamente.

- Foi uma grande falta de cuidado da sua parte deixar um papel dessa importância na gaveta, não acha?

- Sim, acho que sim, conquanto fosse apenas uma cópia. Tinha vendido o original a Fuller, ontem, por vinte mil dólares, e tencionava destruir a cópia esta noite.

- A fórmula tinha interesse para mais alguém?

- Sim. A Companhia Mason pagaria o dobro do preço por ela.

- Então por que não a vendeu a essa firma?

- Porque Fuller me forneceu fundos para poder aperfeiçoá-la. Tinha que lha vender... ainda que Mason me oferecesse muito mais dinheiro por ela.

- Como o gabinete é pequeno e bem iluminado e o senhor pôde observar tão bem o assaltante, pela frincha do biombo, deve ser capaz de o descrever muito bem.

- Decerto – replicou Ryder, com segurança. – Era um homem bastante baixo, loiro, de pele clara, com um nariz grande e uma boca cruel. Quando ele saiu, sem ter dado pela minha presença, notei que tinha um grande rasgão nas costas do seu casaco azul.

- Bem, Ryder... Como parte da sua história é falsa, não espera, com certeza, que eu acredite no resto.

***Por que foi que o professor desconfiou de Ryder?***

NOTA:

Em Agosto de 1954, os jornais dos sábados; 7, 14, 21 e 28, não inseriram a página designada FIM DE SEMANA. O mesmo aconteceu no primeiro sábado de Setembro, dia 4. A série reapareceu, portanto, em 11 de Setembro de 1954.

## Solução do problema:

Num gabinete pequeno, o assaltante não poderia deixar de ouvir Ryder marcar o número da Polícia, ao telefone. Portanto, era impossível não ter dado pela presença dele. Como era evidente que Ryder mentia sobre este ponto, Fordney convenceu-se de que ele inventara a história toda a fim de vender a fórmula duas vezes.

## **Problemas Policiais #38**

**Diário Popular 4295 – 18.09.1954**

O barco da Guarda Costeira «Reliance» tinha recebido três tripulantes do hidroavião avariado que flutuava sobre o oceano. Dois dias antes os aviadores tinham lançado pela rádio o seu pedido de socorro, dizendo que haviam sido forçados a amarrar, mas é evidente que desconheciam a posição em que se encontravam, pelo que as tentativas de salvamento foram infrutíferas até que o capitão Cowan, comandante do «Reliance», descobriu o hidroavião ao largo da costa da Virgínia.

Dois dos homens estavam sem sentidos e o terceiro delirava. Apesar de terem sido levados para terra o mais depressa possível, os dois homens que estavam sem sentidos morreram pouco depois. O terceiro continuava incapaz de falar com coerência, quando o professor Fordney foi convidado a ajudar a identificá-los. Disseram-lhe que os três homens se chamavam Charles Diamond, Harold Sellstrom e Christian Volimer. Mas como saber quem era cada um deles?

Entre os documentos encontrados no avião havia um contrato de venda, por assinar, pelo qual o proprietário do hidroavião o vendia a Harold Sellstrom.

Após investigar o caso, o professor descobriu que os três homens eram aventureiros que tinham tentado um voo secreto da América para Dacar. Apurou também o seguinte:

Diamond divorciara-se recentemente.

Antes da partida, o proprietário do avião tinha manifestado ciúmes pelo interesse que o sobrevivente mostrava ter pela noiva dele (proprietário).

O sobrevivente ameaçara então não seguir viagem, mas, como era o único piloto experiente, Diamond conseguira convencê-lo a partir.

Diamond dissera também ao proprietário que, se continuasse a discutir, o piloto seria capaz de o atirar do avião quando sobrevoassem o oceano.

Apenas com os dados acima referidos, Fordney identificou rapidamente o sobrevivente.

### *Como se chamava ele?*

### Solução do problema:

O professor compreendeu, como provavelmente o leitor, que Sellstrom não era o proprietário do hidroavião; que Diamond não era nem proprietário nem piloto e que, portanto, Volimer era o proprietário. Deduziu, igualmente, que os mortos eram Volimer e Diamond e que Sellstrom era o sobrevivente.

## Problemas Policiais #39

Diário Popular 4309 – 02.10.1954

- Que terrível nevoeiro! – murmurou Hale Spence, enquanto o seu criado Dodge o ajudava a despir o sobretudo molhado.

- Tive de vir a pé do clube... não consegui encontrar um motorista de táxi que me quisesse trazer por preço algum. Perdi-me por duas vezes... Não se via Telefona para Billings, Bradwell...

- Desculpe interrompê-lo senhor Spence. – Tem uma visita à sua espera. Um tal professor Fordney...

- Olá, Spence – cumprimentou o criminologista – Ouvi o que estava a dizer e admiro-me de que um natural de Londres se deixe impressionar pelo tempo.

No rosto de Spence, transpareceu o seu aborrecimento perante a visita inesperada. Contudo, foi cordialmente que perguntou:

- Quer tomar alguma coisa?

- Um quarto de hora depois, estava ao facto da finalidade da visita de Fordney. A Scotland Yard, desconfiando de que Spence estivesse ligado a uma quadrilha de falsificadores, pedira ao professor Fordney que o interrogasse. Por meio de algumas perguntas subtis, Fordney conseguiu saber mais do que o outro queria revelar-lhe.

- A Yard ia prender Bradwell como chefe da quadrilha – observou o professor, descuidado. – Mas ele foi assassinado esta tarde.

Spence fitou-o de olhos semicerrados.

- É verdade. Soube isso quando vinha para casa. Vi os cabeçalhos de um jornal da tarde ao passar junto de um vendedor. Mas deixe-me dizer-lhe, professor, que a Yard, está enganada. Bradwell dedicava-se a um negócio absolutamente legal. Tinha uma casa de antiguidades em Tottenham Court Road. Comprei-lhe diversos objectos.

- Esta cadeira é um deles? – inquiriu Fordney.

- É, sim. Porquê?

- Se o senhor não está implicado no assassinio de Bradwell, não deve ter dúvidas em me explicar, sinceramente, como soube que ele foi assassinado! – disse Fordney, com severidade.

***Por que suspeitava o professor Fordney, de Spence?***

### Solução do problema:

Spencer não podia ter lido os títulos do jornal no meio daquele nevoeiro. Mais tarde, foi condenado como um dos membros da quadrilha de falsificadores.

## Problemas Policiais #40

Diário Popular 4315 – 09.10.1954

Num bosque a cem metros de uma estrada isolada, o professor Fordney examinava os cadáveres de duas raparigas. Deviam ter vinte e tal anos, estavam ambas bem vestidas e eram muito bonitas. Tinham a roupa rasgada e via-se que houvera luta. Ambas tinham sido alvejadas de perto na cabeça por um tiro de revólver.

A cerca de um quilómetro de distância foi encontrada a vaguear uma rapariga sem destino, abalada e com um ataque de amnésia. Falava histericamente com pronúncia inglesa.

Na valeta da estrada, encontrou-se um carro abandonado. Pelo exame da bagagem, Fordney descobriu que as três raparigas tinham vindo nele.

A busca passada aos haveres das raparigas pouco revelou:

Chamavam-se Luísa Holden, Sandra Worth e Maria Rochelle. Todas eram professoras em Londres, e uma delas, que passara dois anos em Calcutá, dedicara-se às danças indianas. Estavam na América em férias, embora com a intenção de ficar, se possível. Da bagagem e das malas de mão das raparigas só foi possível extrair os seguintes dados:

1 – Sandra Worth e a dançarina indiana tinham resolvido que só ficariam na América se conseguissem emprego na mesma escola.

2 – Luísa Holden e a rapariga amnésica, tinham sido professoras em Londres durante cinco anos, em quanto que a dançarina indiana só agora completara o seu primeiro ano de ensino na Inglaterra.

Com estas informações, Fordney determinou rapidamente a identidade da rapariga viva.

*Quem é ela?*

### Solução do problema:

Como a dançarina indiana não é Sandra Worth (1), nem Luísa Holden (2) é Maria Rochelle. Luísa Holden não é a rapariga viva (2); a dançarina Maria Rochelle, também não (2). Portanto, a rapariga viva e amnésica é Sandra Worth.

## Problemas Policiais #41

**Diário Popular 4322 – 16.10.1954**

- Um ténue raio de luz filtrava-se através da porta semicerrada do quarto de Nora, desenhando arabescos grotescos no corredor escuro, quando eu passei, a correr – explicava Carlisle Damon, que outrora fora um actor famoso.

- Deixemo-nos de poesia! – retorquiu o inspector Kelley. – Vamos aos factos. – O professor Fordney sorriu da impaciência do seu amigo.

Os três estavam discutindo a tragédia ocorrida numa pensão barata, a poucos passos do aposento que o actor ocupava.

- Não se tocou em coisa alguma – esclareceu Damon – antes da chegada de Kelley e Fordney. Este, viu, à claridade mortiça de uma lâmpada colocada sobre a mesinha de cabeceira, o corpo de Nora Mason, que jazia atravessado na cama, com uma faca enterrada no coração.

Só pela porta se podia sair do aposento. A mão da rapariga, segurando ainda o punho da faca, sugeria imediatamente a ideia de suicídio.

- Ia eu a passar em frente da porta, quando ouvi um gemido, tétrico e sepulcral – continuou Damon. – Voltei-me. As sombras flutuantes pareciam fantasmas de morte! Espectáculo horrível! Um suor frio percorria-me a espinha, mas, enchi-me de coragem e entrei. Nora estava morta! Pobre rapariga! Acho que achou dura de mais a batalha da vida e, então...

- Deixemo-nos de dramatizar! O senhor agora não está no palco! – interrompeu Kelley. – Tem a certeza de que ninguém saiu do quarto?

- Seria capaz de o jurar...

- Bem – sentenciou Kelley – a avaliar pelo que diz, ou alguém saiu deste quarto, ou o senhor está envolvido num caso de assassinio!

***Como foi que ele chegou a esta conclusão?***

### Solução do problema:

Como o quarto da vítima estava iluminado por uma pequena lâmpada eléctrica, Damon não podia ter visto sombras a flutuar no corredor, como dissera por duas vezes.

## Problemas Policiais #42

Diário Popular 4343 – 06.11.1954

- Voltei para a nossa barraca dez minutos depois de Alice – murmurou Harold Sherrod, em tom de lamentação. – Mas era já tarde! Estava já morta!

- Vamos, coragem, meu rapaz! – disse Fordney – Sei o que deve sentir, mas é preciso reagir... Conte-me como as coisas se passaram.

- Tínhamos estado a caçar a este do lago. – disse Sherrod. – De súbito, minha mulher disse-me que se sentia cansada e que ia voltar para trás. Sabendo que ela não teria dificuldade em encontrar o caminho de regresso, deixei-a ir sozinha. Disse-me que voltaria daí a duas horas mas, pouco depois de ela partir, recordei-me das suas ameaças de se suicidar e fiquei preocupado. Tentei furtar-me a essa inquietação com a ideia de que vivíamos há já um mês em perfeita paz, mas, como não conseguisse sossegar, resolvi voltar para a cabana, também. Tinha um palpite de que algo de terrível estava para acontecer. Até perdi o engodo pela caça!

«Quando cheguei à nossa barraca, encontrei a Alice morta. Tinha um ferimento de bala na têmpora e o meu revólver a seu lado. Matara-se, como prometera! – acrescentou o homem num soluço.

- Viu alguém, no período que decorreu entre o seu regresso à barraca e o momento em que chamou a Polícia?

- Não vi ninguém. Esta região é deserta.

- A que distância estava você da barraca, quando se separou de sua mulher?

- Duas ou três milhas.

- É extraordinário como não conseguiu ultrapassar sua mulher. Importa-se de se submeter à prova do detector de mentiras, Sherrod?

- Eu? Mas... não vejo porquê...

- Pela razão simples de que tenho a certeza de que você mente. E o detector confirmá-lo-á.

*Que facto levou Fordney à convicção de que Sherrod lhe mentira?*

**Solução do problema:**

Se Sherrod estivesse inocente no caso da morte da mulher, certamente não se apressaria a declarar que chegara à cabana dez minutos depois dela... Na verdade, se ele não estivesse implicado na sua morte, não poderia saber quando é que Alice lá chegara!

## Problemas Policiais #43

Diário Popular 4350 – 13.11.1954

Uma série de incidentes atrasara Ruth Mundy. A bateria do carro fora-se abaixo e ela vira-se forçada a chamar pelo telefone um táxi; além disso, perdera a chave do cofre. Mal o táxi aparecera ao longe, ela vira-o, da janela. Tirara apressadamente da gaveta do toucador duas notas de vinte dólares, uma delas, velha e amarrotada e a outra nova em folha, e atirara-as para dentro da malinha de mão. Com a pressa, entornara um frasco de perfume e manchara a sua linda malinha de «moiré». Se aquilo continuasse assim chegaria atrasada à festa do seu aniversário! E onde teria metido aquele livro que tinha para devolver? Tinha a certeza de o ter posto sobre o toucador. Finalmente descobriu-o sobre a cama, oculto pelo casaco; agarrou nele e correu para a porta.

Mal se instalou no táxi, abriu a malinha e começou a procurar a caixa de pó de arroz. Ao fazê-lo, sujou os dedos no «baton» que se destapara. Outra contrariedade! Bem; se chegasse com vida ainda poderia dar-se por feliz!... Limpou os dedos com o lenço e atirou-o fora.

Ao chegar ao Mayflower Hotel, estendeu uma nota ao motorista. Enquanto esperava pelo troco, o Professor Fordney desceu do seu carro e cumprimentou-a com um «Olá Ruth!» cheio de simpatia.

Depois de corresponder ao cumprimento, a jovem voltou-se de novo para o motorista.

- O senhor enganou-se. Deu-me troco de cinco dólares e eu tinha-lhe entregado uma nota de vinte.

- Não, minha senhora. A senhora deu-me cinco dólares, tenho a certeza.

Fordney ficou a escutar, divertido, enquanto Ruth provava, sem qualquer dúvida, ao homem, que lhe entregara uma nota de vinte.

Finalmente, a rapariga voltou-se para Fordney, muito vaidosa:

- Consegui provar o que dizia. Que diz a isto, professor?
- Nada mau. Dedução perfeita.

***Como provou Ruth que entregara, de facto, uma nota de vinte dólares ao motorista?***

### **Solução do problema:**

É muito simples: A nota estava impregnada do mesmo perfume que ela entornara sobre a malinha. Era fácil demonstrar que era o mesmo perfume.

## Problemas Policiais #44

Diário Popular 4357 – 20.11.1954

O sargento Reynolds estava perplexo. Tinha a certeza de que a detida, Nellie Franklin, estava mais bem informada acerca do assassinio do namorado do que queria confessar.

Ela dissera que não ouvira cair o cadáver de Berney Eyster, apesar de estarem ambos na mesma sala, por ser totalmente surda do ouvido esquerdo. Segundo «Miss» Franklin, ela estava a escrever uma carta, enquanto Barney se encontrava a uns quatro metros e meio de distância, olhando através da janela. Quando ela se voltara para lhe fazer uma pergunta, vira-o estendido no chão, com um fio de sangue a escorrer-lhe da cabeça. A rapariga atribuía o facto de não ter ouvido o mínimo ruído, à probabilidade de o tiro que vitimara Barney ter sido disparado através da janela com uma arma provida de um amortecedor de som.

- Sim – acrescentou ela a uma pergunta de Reynolds – ouço tão bem do ouvido direito como qualquer pessoa normal.

Mas o palpite de Reynolds em relação àquele caso era tão forte que se resolveu a ir pedir a opinião do Prof. Fordney. Este recebeu-o cordialmente.

- Que o traz por cá a esta hora?

- Um simples palpite, Professor.

E Reynolds explicou o caso a Fordney.

O Professor escutou-o atentamente. Depois disse:

- Bem; um palpite é uma coisa que tanto pode estar certa como errada. No entanto, é muito simples de verificar qual destas hipóteses corresponde à verdade.

Após uma pausa, continuou:

- Para saber se Nellie diz a verdade a respeito da sua surdez, vamos murmurar-lhe, um de cada ouvido e simultaneamente, duas frases diferentes, mas do mesmo

tamanho. Se ela for capaz de repetir qualquer das frases, é porque não é surda do ouvido esquerdo.

Reynolds ficou espantado.

### *Que queria dizer o Professor Fordney?*

### Solução do problema:

Para verificar se uma pessoa é ou não surda de um ouvido, basta que duas pessoas lhe segredem a cada um dos ouvidos, ao mesmo tempo, palavras diferentes. Se a pessoa for totalmente surda de um dos ouvidos, perceberá nitidamente o que lhe segredam no outro. Mas se a pessoa ouve bem de ambos, não será capaz de repetir nenhuma das frases. Experimente o leitor!

## Problemas Policiais #45

Diário Popular 4364 – 27.11.1954

- O assassino trepou pela parede até à janela do quarto de «Lord» Melford, que estava aberta – insistiu o Sargento Boland, dirigindo-se ao Professor Fordney. – Não sei se sabe que apurámos que todas as portas estavam fechadas à chave, com a chave do lado de dentro, e todas as janelas igualmente fechadas, excepto aquela. Vê estas pegadas no canteiro de flores?

Os dois homens estavam de pé, precisamente por baixo da janela do quarto de Sua Excelência. Nisto, o homem da Scotland Yard, muito excitado, agarrou no braço de Fordney e apontou para a hera que cobria toda a parede da casa. A três metros de altura do chão, sob a janela do terceiro andar que correspondia ao quarto de Melford, via-se uma porção de folhas partidas e amachucadas.

- Vê como eu tinha razão, professor? Foi por ali que ele entrou. Vamos examinar a janela novamente, do lado de dentro.

«Lord» Melford jazia na cama, morto. As almofadas e lençóis com sangue. Um dos braços pendia, inerte. O candeeiro da mesa-de-cabeceira ainda estava aceso. Aproximando-se da janela aberta, Boland descobriu no parapeito riscos e esfoladuras praticados recentemente.

- Isto confirma a minha ideia. Ainda bem que o apanho em erro, professor, ao menos uma vez! A sua teoria de que se trata de um caso de família e de que o criminoso não entrou pela janela cai pela base. A única pessoa a lucrar com a morte de Melford é o sobrinho... E, com franqueza, não acredito que ele tivesse coragem para fazer isto.

- As aparências iludem, meu velho; já o devia saber. Surpreende-me deveras que tenha deixado escapar um facto tão significativo.

Fordney observou cuidadosamente o parapeito da janela e perguntou:

- Percebe ao que quero referir-me?

*Qual foi o facto significativo que Boland deixou escapar?*

**Solução do problema:**

Como a hera só estava partida a três metros de distância do solo, era óbvio que o assassino saíra pela janela e não entrara por ela. Se ele se tivesse servido daquele meio de acesso, à casa, a hera estaria partida muito mais perto do chão, pois seria ali que ele teria posto o pé pela primeira vez, fazendo força ao amparar-se.

## **Problemas Policiais #46**

**Diário Popular 4370 – 04.12.1954**

O professor Fordney, ao percorrer uma comprida rua de muito movimento, travou, de repente, o seu carro e saltou para o chão. Acabava de passar por um vulto estendido no pavimento. Correndo para o local onde fizera a estranha descoberta, inclinou-se sobre o vulto, uma mulher de cerca de 50 anos – envergando um vestido caseiro e uma camisola masculina – que apresentava, na testa, uma contusão de mau aspecto. Verificou imediatamente que já não a poderia salvar; o cadáver estava já frio; a morte fora causada por um carro que lhe deixara a marca de dois pneus impressas no peito.

Fordney deu ordem, a um dos agentes empenhados em conter a multidão dos curiosos, para telefonar para o Comando da polícia. Uma hora depois, o inspector estava ainda a tentar descobrir alguém que pudesse lançar um pouco de luz sobre a tragédia.

Após um longo e minucioso inquérito, conseguiu apurar que a morta era uma tal senhora Belamy e que habitava nos arrabaldes da cidade. A Polícia entrou em contacto com Nick Chester que era hóspede da falecida e este confessou prontamente tê-la conduzido para o centro da cidade no seu carro. Declarou, em seguida, que a tinha deixado a dois quarteirões de distância do local onde Fordney vira o cadáver. Ao saber que a senhora Belamy estava sem óculos, Chester sugeriu que talvez ela se tivesse metido à frente de um carro e o condutor tivesse fugido após o desastre.

O professor suspirou. Não poderia escapar ao calor da cidade durante aquele fim-de-semana! Bem... O trabalho estava em primeiro lugar. E Fordney pensava: Por que usaria a senhora Belamy uma camisola de homem? E por que fora o cadáver abandonado naquele sítio?

Mas o que era certo é que ela não fora morta nem atropelada ali.

***Como sabia o professor todas aquelas coisas?***

### Solução do problema:

Fazia muito calor – E, contudo, Fordney encontrara o cadáver já frio. Ora, como a rua era movimentada e um cadáver leva pelo menos, algumas horas a arrefecer após a morte, era evidente que a mulher fora morta noutra lugar.

## Problemas Policiais #47

**Diário Popular 4377 – 11.12.1954**

Era uma e meia da madrugada quando um Fordney mal-humorado se sentou numa das cadeiras da biblioteca de Gregory Markham. Nada havia sido mexido, após a descoberta dessa noite.

Silenciosamente, examinou a sala e viu, com alguma surpresa, ao centro, um vaso de papoilas orientais colocado em cima de uma mesa de mogno, a um dos pés da qual estava amarrada uma fortíssima corda de fibra. A corda atravessava a biblioteca e saía por uma janela aberta. O professor precisava de falar com Markham acerca daquelas papoilas. As dele não estavam a desenvolver-se muito bem.

O silêncio foi quebrado por um grito de Markham:

- Conte-lhe! Conte-lhe tudo, de uma vez! Não fique aí especado.

Paul Bishop, o famoso secretário de Markham, voltou-se para o professor e explicou:

- Eu estava a ler no meu quarto. O senhor Markham estava a dormir na outra ala da casa. A certa altura, ouvi ruído na biblioteca. Daí a pouco, o ruído repetiu-se. Corri para cá, vi a corda amarrada à mesa e corri para a janela a tempo de ver um homem largar a corda, a pouca distância do chão, e desaparecer entre os arbustos. Eu...

- Eu também o vi. – declarou o motorista Rolf. – Vinha pela estrada quando vi o homem saltar e começar a correr. Fui atrás dele mas o homem escapou-se.

- E que roubou esse homem? – inquiriu Fordney.

- Roubou apenas dois «in-folios princeps» de Shakespeare. Valem setenta e cinco mil dólares cada um! É preciso recuperá-los!

Claro, claro. – disse o professor claramente, olhando para Bishop e Rolf. – Querem devolvê-los já, ou preferem ser presos primeiro?

*Que indício revelou a Fordney que os dois homens tinham mentido e que eram os gatunos?*

### Solução do problema:

Se alguém tivesse, de facto, descido pela corda, como Bishop e Rolf afirmavam, a mesa teria, evidentemente, sido arrastada para junto da janela, em consequência do peso do gatuno.

## Problemas Policiais #48

Diário Popular 4384 – 18.12.1954

- Como ia dizendo – prosseguiu Jerrold Mauson – saí do meu apartamento ontem de manhã, pelas 11 horas. Como sabe, não tenho criados. Cheguei à 1 hora ao «chalet» onde passo o fim-de-semana: Levei a tarde a pintar e cerca das sete horas fui dar um passeio, regressando por volta das nove. Entrei, peguei no jornal da tarde, que se encontrava em cima da mesa, e comecei a ler o noticiário desportivo. E foi precisamente quando acabei de ler o relato do desafio Brooklin-Giants que me apercebi que alguém entrara naquela casa, durante a minha ausência.

«Aparentemente, não faltava nada, mas quando, mais tarde, examinei a secretária, notei que os meus manuscritos estavam remexidos.

- E roubaram alguma coisa? – inquiriu Fordney.

Não, deve ter sido apenas bisbilhotice de algum vizinho. Mas o que eu gostaria que você me dissesse é como – sem sair da minha poltrona – descobri que alguém estivera no «chalet», durante a minha ausência.

- Você assegura-me que passou a tarde a pintar e a passear pelo campo? Não fez mais nada? Não falou com ninguém?

- Exactamente, asseguro-lhe.

- Não tem dificuldade alguma. – disse Fordney, rindo. – É claro como água!

***Como descobriu Mauson, antes de examinar os seus papéis, que alguém estivera em sua casa?***

## Solução do problema:

Pelo jornal da tarde que ele encontrou em cima da mesa apesar de ter saído de manhã da cidade e de não o ter comprado enquanto andara por fora.

## Problemas Policiais #49

Diário Popular 4403 – 08.01.1955

O professor Fordney havia sido informado de que Amos Rector seria deixado a uma das esquinas da rua onde morava, nessa mesma noite: um carro conduzi-lo-ia até lá.

Rector fora raptado dez dias antes e o resgate de 40.000 dólares havia sido pago pelo irmão dele.

Oculto no escuro, no cruzamento das ruas Clark e Camp, Fordney olhou para o seu relógio de pulso, de mostrador luminoso, quando o grande «Sedan» se deteve na curva. Eram, precisamente, onze horas e trinta e oito minutos.

O professor seguiu o homem que saíra do carro. Precisamente quando ele ia a entrar, no vestíbulo da casa de Rector, Fordney tocou-lhe num braço. O homem, um indivíduo alto, magro, elegante e impecavelmente vestido, voltou-se sobressaltado.

- Chama-se Amos Rector? – perguntou Fordney, apresentando-se.

- Sou eu, sim, professor. Entre por favor. Que deseja?

\*

Após a carinhosa recepção que a mulher de Rector lhe dispensou, sentaram-se todos em frente do fogão de sala.

- Não, não sei onde estive – disse Rector. – Os raptadores conservaram-me sempre de olhos vendados. Tive de dormir vestido, mas eles barbaram-me todos os dias e alimentaram-me bem. Um dia, em que tentei tirar a venda, um deles que se encontrava atrás de mim, deu-me um murro na cabeça que me prostrou sem sentidos.

Fordney, observou a contusão, atrás da orelha direita, e perguntou:

- Quando foi isso?

- Há dois dias, creio eu.

- Porque é que eles não lhe tiraram do dedo o seu anel de brilhantes? – perguntou o professor.

- Bem... Confesso que não sei.
- Você está a mentir! Essa história do rapto foi preparada por si para apanhar os 40.000 dólares a seu irmão ou por qualquer outra razão que ignoro.

***Como chegou Fordney a tal conclusão?***

**Solução do problema:**

Rector dissera que fora forçado a dormir vestido e, apesar disso, ao ser posto em liberdade, apresentava-se com o fato impecável. Ora, a ser verdadeira a sua versão, o natural seria que o fato se apresentasse enrugado.

## Problemas Policiais #50

**Diário Popular 4410 – 15.01.1955**

Os assaltos praticados durante aquele mês tinham deprimido consideravelmente o inspector Kelley. Um dia, ele pediu ao professor Fordney que o acompanhasse num carro patrulha. Como o professor também estava impressionado com a recente onda de crimes, aceitou o convite.

Com o sargento Reynolds ao volante, os três partiram do Quartel General da Polícia às onze da noite sob uma chuva forte que caía por todos os lados, pois o vento mudava de direcção constantemente. Ribombavam trovões e os relâmpagos iluminavam o céu.

A primeira chamada dirigida àquele carro, repetida três vezes, foi feita nestes termos:

«Atenção carro 18. Dirijam-se imediatamente ao número 2088 de Leopold Boulevard, apartamento do primeiro andar, a fim de investigar roubo. WPPJ.

Reynolds carregou no acelerador e com a sirene a apitar, o carro precipitou-se na noite tempestuosa.

Chegados ao local, encontraram duas jovens bastante excitadas, uma loira e outra morena. Enquanto Fordney interrogava a loira, Kelley encarregava-se da morena.

A loira declarou que eram cobradoras numa companhia fabricante de gelados. Tinham entrado em numerosos estabelecimentos nessa noite, a fim de receberem o produto das entregas efectuadas durante o dia. Ambas disseram que, ao chegarem com o carro defronte da porta do seu apartamento, dois homens tinham saltado para os estribos, um de cada lado, e encostado as suas pistolas às costas das raparigas, exigindo a entrega do dinheiro. A morena entregara-lho.

Fordney apurou que a última cobrança fora feita a cerca de uma milha dali, e que depois disso não tinham tornado a parar o carro. Não lhe passaram igualmente despercebidos os dois grandes diamantes que a loira ostentava no dedo.

- Lamento muito, minhas senhoras – disse ele – mas têm que nos acompanhar ao Comando.

***Porque calculou Fordney que o roubo havia sido simulado?***

**Solução do problema:**

O professor conseguiu provar que o roubo fora simulado porque ambas as raparigas declararam que os ladrões lhes haviam encostado as pistolas ao corpo. Era muito improvável que, com a chuva a mudar de direcção a todo o momento, elas tivessem aberto alguma das janelas do carro. Ora, com os vidros corridos, os supostos gatunos não poderiam ter-lhes encostado as armas ao corpo.

## Problemas Policiais #51

Diário Popular 4417 – 22.01.1955

A notícia fora publicada nos seguintes termos no jornal local:

«Reina grande consternação na casa de campo do senhor Clive Collins, o conhecido milionário, pelo roubo de um colar de diamantes, de preço incalculável, que era um dos bens da família Collins. O colar foi roubado a noite passada, de um cofre do escritório do senhor Collins».

O professor Fordney, quando se dirigia para o local, foi informado pela Polícia de que havia suspeitas do filho único de Clive Collins.

Entretanto, interrogado pela Polícia, o milionário afirmou:

- Não posso acreditar na culpabilidade do meu rapaz, embora ele recuse defender-se da acusação. Só posso concluir que ele está a encobrir alguém.

- Diz o senhor que o viu de pé ao lado do cofre aberto e que o colar não foi encontrado com ele?

- Sim. Mandei revistá-lo porque ele próprio assim o pediu.

- Quem mais está cá em casa?

- Só eu, os criados e a minha pupila, «miss» Ethel Lomas.

- Posso vê-la? – perguntou Fordney.

- Decerto. Vou mandá-la chamar.

O professor levantou os olhos quando uma rapariga alta e morena entrou na sala. Pareceu surpreendida por encontrar o seu tutor com uma visita, mas respondeu com franqueza a todas as perguntas que lhe foram feitas.

- Já estive noiva do senhor Harold, do filho do senhor Collins?

A rapariga surpreendeu-se.

- Estive. – disse ela. – Mas nós... Mas ele desfez o noivado.

- Ainda o ama?

- Não – respondeu a rapariga, com firmeza. – Estou noiva do capitão Fisk que vive perto daqui, na vivenda das Roseiras.

Fordney descobriu, depois, que Harold tinha muitas dívidas. Soube também que o rapaz estava, já há algum tempo, noivo em segredo da filha de um lavrador das vizinhanças que era rendeiro de seu pai.

O professor deu depois uma volta pelo exterior da casa. «Que é isto? Pegadas de um homem e uma mulher que caminharam ao lado um do outro... E isto? Outras pegadas de homem, mas com um feitio de sapatos muito diferente. Todas se dirigem para aquela vivenda».

- É a tal vivenda das Roseiras, onde mora o capitão Fisk.

- Já repararam que as pegadas do homem que tem sapatos mais estreitos, quase se perdem, espezinhadas pelas dos sapatos mais largos?

Tirou uma forma em gesso das três pegadas e depois voltou a casa para examinar o calçado de várias pessoas.

- Como eu pensava – concluiu Fordney – o sapato de sola estreita pertence a Harold Collins.

- Estará ele a tentar encobrir «miss» Ethel?

- É o que vamos ver.

Na vivenda das Roseiras, o capitão Fisk disse aos polícias nada saber sobre o roubo. Mas, quando foi aberta a gaveta de uma secretária, encontrou-se lá dentro o colar, cuidadosamente escondido.

«Venha comigo» - disse Fordney ao capitão que estava boquiaberto.

Chegados a casa de Collins, o professor disse a Harold:

- Recuperei o colar em casa do capitão Fisk. Sabia que ele tinha roubado o colar, não é verdade?

- Sim – acabou por admitir Harold, envergonhado.

- Diga-me o que aconteceu.

- Eu ia a entrar no escritório do pai quando ouvi vozes. Olhei e vi lá dentro o capitão Fisk e Ethel a abrirem o cofre. Tiraram qualquer coisa, saíram de casa e dirigiram-se à vivenda das Roseiras. Fui atrás deles e vi Fisk esconder o colar na secretária. Voltei para casa e encontraram-me ao lado do cofre ainda aberto. Para salvar Ethel, não neguei o roubo.

- Uma história bonita, mas falsa – exclamou Fordney, impassível. – Agora conte a verdade...».

***Como soube Fordney que a história de Harold não era verdadeira?***

### **Solução do problema:**

As pegadas de Harold que iam e voltavam da Vivenda das Roseiras tinham sido pisadas pelos pés do capitão Fisk e de Ethel. Logo, Harold fora à vivenda antes dos outros dois. Isso provava que ele mentira duas vezes. Realmente, se ele não os seguira até à vivenda, como podia saber que o colar estava na secretária? Só havia uma explicação: Fora ele quem lá o colocara.



## Problemas Policiais #52

Diário Popular 4424 – 29.01.1955

O professor Fordney e o seu hóspede, o «sherif» Tom Brennan, estavam sentados à mesa do pequeno almoço.

- Esta quadrilha dá comigo em doido. – dizia o «sherif». - Fogem em motocicletas, encontram-se em local previamente marcado, depois abandonam as motos e seguem viagem numa “fornoneta”. A semana passada mataram três homens no meu condado. Temos de os apanhar, professor!

- Quem são os componentes do bando? – perguntou Fordney.

- Pierre Meget, Axel Drew, Ernst Krause e Rom Reardom. As únicas informações que temos acerca deles são as seguintes:

1 – A irmã de Drew e o primo do chefe da quadrilha são campeões de tiro. Um dos quatro é um óptimo mecânico que mantém a furgoneta do bando sempre em óptimo estado de marcha. A irmã desse homem é amante do chefe da quadrilha.

2 – Apesar de ele usar óculos, Pierre Meget e o mecânico afirmam que Tom Reardom, é o melhor atirador do Mundo.

3 – Aqui há dias, Reardom alugou duas casas para esconderijo da quadrilha, e propôs ao chefe e ao mecânico que os respectivos proprietários se tornassem também membros do grupo. O chefe rejeitou a proposta.

- E é tudo quanto sabemos, professor. Poderá agora dizer-me quem é o chefe da quadrilha?

Fordney sorriu e segredou-lhe:

- Isso é fácil, Tom. O chefe da quadrilha é...Por conseguinte, o mecânico que desempenha tão importante papel nesses crimes é...

Diga leitor:

***Quem é o chefe da quadrilha? Quem é o mecânico?***

## Solução do problema:

1 – É evidente que o chefe não é o mecânico. E é também evidente que Axel Drew não é o chefe nem o mecânico.

2 – Pierre Meget não é o mecânico nem o famoso atirador.

3 – Tom Reardon não é o chefe nem o mecânico. Portanto, Axel Drew fica eliminado como chefe, mecânico ou atirador famoso. Assim, como Pierre Meget não é o mecânico, é ele o chefe da quadrilha. E, por exclusão de partes, Ernst Krause é o mecânico.

## Problemas Policiais #53

Diário Popular 4431 – 05.02.1955

- Era horrível, estar a li tão perto e não poder salvá-la! – Dizia Bem Jordan ao professor Fordney. – Caminhava pela alameda do jardim, em direcção a casa, quando a vi, pela janela, de pé em cima de um banco, passar a corda pela viga, amarrá-la, passá-la ao pescoço e saltar. Quando cheguei ao pé dela, estava tão horrorizado que desmaiei. Quando voltei a mim, fiquei receoso de que me acusassem de a ter morto mas, mesmo assim, cortei a corda e fui telefonar à Polícia.

Conquanto a viga que Jordan dissera ter sido utilizada por sua mulher para suspender a corda com que se enforcara não mostrasse quaisquer vestígios dessa mesma corda, Fordney notei as marcas das solas dos sapatos da mulher sobre o banco a que ele aludira. A corda deixara no pescoço da mulher a sua marca arroxeadada. Também não havia dúvidas quanto ao facto de a corda ter sido recentemente cortada.

- Se eu não tivesse saído de casa depois da nossa discussão – murmurou Jordan – nunca isto teria acontecido!

O professor examinou o cadáver. Os sinais de morte por enforcamento eram patentes: a face apresentava-se azulada e a língua saída da boca.

- Diga-me uma coisa, Jordan – interrompeu o professor. – Você encontrou alguém no caminho ou pode, de alguma maneira, provar o seu álibi?

- Eu... não... que me lembre, não encontrei ninguém... De resto estava tão nervoso que...

- Você assassinou sua mulher! – exclamou Fordney mirando, enfaticamente, os sapatos do homem.

***Como soube Fordney que a mulher se não enforcara voluntariamente mas fora assassinada pelo marido?***

### Solução do problema:

O professor concluiu pela culpabilidade de Jordan pois não se encontram na viga os vestígios que a corda teria deixado se a mulher se houvesse, de facto, suicidado pela forma referida por Jordan. Portanto, Fordney concluiu, e bem, que Jordan estrangulara a mulher com aquela corda e armara depois aquela cena para ludibriar a Polícia.

## Problemas Policiais #54

Diário Popular 4438 – 12.02.1955

Irritado, Clifford McHughn rasgou a nota em pedacinhos. Só havia um processo seguro de tratar com um chantagista. Era necessário, porém, vencer a timidez que sempre assalta os homens que para se livrarem duma situação embaraçosa, juraram matar um semelhante. E são precisamente as indecisões, o terror, o medo que os deita a perder quando a polícia entra em campo. Mas McHughn jurou a si mesmo matar, mas matar com audácia, de maneira que do seu acto não ficassem vestígios de hesitações comprometedoras. Além disso, ninguém sabia que ele conhecia Dorrance e quando se apurasse que Dorrance era um antigo condenado, as investigações não passariam de mera rotina. Tudo correrá às mil maravilhas, com certeza.

Fordney lançou um olhar de curiosidade ao interior do «sedan» cujo assento traseiro se achava empapado de sangue e seguiu para a Morgue.

Quando o cadáver foi colocado sobre a lúgubre ardósia, McHughn disse:

- Encontrei este homem na estrada velha, a cerca de quinze milhas ao norte ao norte de Oakdale. Vinha da minha vivenda em Blake Gost Lake para a cidade quando os meus faróis lhe acertaram em cheio. Examinei-o, vi que estava morto e trouxe-o para cá.

- Não sabia que não se deve tocar num cadáver enquanto não chegar a Polícia? – resmungou o chefe Swanson.

- Claro que sabia! – redarguiu McHughn – mas o telefone mais próximo ficava a doze milhas. Queria que deixasse lá o corpo para ser devorado pelos lobos?

Nos bolsos do cadáver, apenas foi encontrado um talão de consumo de um bar de uma terra distante.

- Porque não levou este homem a um médico? – perguntou Fordney.

- Ora essa! Porque ele estava morto!

- Como se chama a vítima?

- Sei lá! Não o conheço.

O criminologista examinou o talão de consumo de bar e retorquiu:

- Você está a mentir!

### ***Como descobrir Fordney que Mc Hughn mentira?***

### **Solução do problema:**

Se o homem já estivesse morto quando McHughn o encontrara não teria deixado o estofado do carro empapado de sangue.

Realmente, McHughn matara o chantagista a tiro (com uma pistola que lançara depois ao lago) na estrada, mas depois, em vez de esperar que o homem morresse, foi tomado de pânico e meteu-o no carro quando ainda sangrava copiosamente, levando-o para a Morgue. Foi esse momento de pânico que o perdeu.

## Problemas Policiais #55

Diário Popular 4445 – 19.02.1955

Quando o professor Fordney seguia por uma estrada da Holanda, deparou com um carro esmigalhado, junto do qual se encontravam os cadáveres de três homens.

Dois desses homens estavam mortos: o terceiro foi levado para o hospital, inanimado.

Pelo exame do seu vestuário, Fordney chegou à conclusão de que todos eles eram cidadãos americanos. E pelo exame dos seus documentos, Fordney verificou que os três homens se chamavam Leonard Ball, Cedric Agar e Alfred Huntley.

Entre os documentos encontrava-se um cheque passado a favor de Cedric Agar pelo dono do carro.

Fordney apurou ainda que:

1) A esposa de Leonard Ball era uma conhecida novelista que escrevia sob um pseudónimo.

2) A esposa do homem inanimado era uma milionária que ameaçara o marido de requerer o divórcio se este continuasse a ser-lhe infiel.

3) O proprietário do carro incitava-a secretamente ao divórcio, facto que o sobrevivente só recentemente descobrira.

4) Leonard Ball, que era casado com uma prima da mulher do sobrevivente, esforçara-se por reconciliar os dois esposos e admoestara o proprietário do carro, que estava noivo da filha de um fazendeiro, pela sua atitude.

Fordney estudou os seus apontamentos e finalmente foi enviar um telegrama à esposa do sobrevivente.

***Quem era o sobrevivente?***

## Solução do problema:

O cheque passado pelo proprietário do carro, em nome de Cedric Agar, indica que o dito proprietário era Leonard Ball ou Alfred Huntley. Como sabemos pela alínea 4) que Leonard Ball não era o dono do carro, este teria que ser Alfred Huntley.

Pelas alíneas 1) e 2) sabemos que o sobrevivente e Ball eram casados, enquanto as alíneas 3) e 4) indicam que o proprietário do carro era solteiro.

Por conseguinte, Alfred Huntley (o solteiro) não era o sobrevivente e, como Leonard Ball não podia ser o sobrevivente, como se prova na alínea 4), este só poderia ser Cedric Agar.

## Problemas Policiais #56

**Diário Popular 4445 – 19.02.1955**

- Quase toda a gente aprecia uma parada – disse Fordney para os seus alunos, na Universidade – e eu não sou excepção à regra. Nada há tão colorido como a parada militar que comemora o aniversário de Sua Majestade Britânica. Há anos, antes da guerra, tive a sorte de contemplar esse soberbo espectáculo, quando estava de visita a Shepart, da Scotland Yard.

Conseguimos um lugar mesmo junto à tribuna da Família Real. Eu estava fascinado com o desfile das tropas. O meu velho amigo coronel Lawton, à frente das «Coldstream Guards», era o perfeito exemplo do soldado britânico ao passar, segurando com a sua forte mão direita as rédeas do cavalo negro, nervoso e ágil. Quando chegou em frente da tribuna, o Rei Jorge teve um sorriso de aprovação e, no mesmo instante, a Rainha, voltando ligeiramente a cabeça, reconheceu-me e sorriu. «É caso para se sentir orgulhoso – sussurrou-me Shepart. – Foi há dois anos que você conheceu Sua Majestade, não foi?».

Fiz um gesto de assentimento e assegurei-lhe que, se não fosse a sua presença a meu lado, Sua Majestade provavelmente não me teria reconhecido. Quando eu tivera a honra de lhe ser apresentado, Shepart acabava de executar uma tarefa delicada para Sua Majestade. Ao deixarmos a tribuna, terminada a parada, um funcionário dirigiu-se a mim, dizendo: «Professor Fordney, Sua Majestade gostaria...».

- É evidente, professor, que o senhor causou forte impressão à Rainha – interrompeu um dos alunos. Jim Barry, com um sorriso. – Mas acho que está de novo a pôr à prova o nosso espírito de observação.

Fordney soltou uma risada.

- Você está a fazer progressos, meu rapaz. Vamos, diga lá diante de todos qual foi o erro grosseiro que eu introduzi na minha narração...

*Depressa, leitor, diga lá qual foi o erro! Então? Não sabe?*

### Solução do problema:

Nenhum soldado de cavalaria em parada segura as rédeas com a mão direita. De contrário, ficaria impossibilitado de fazer a continência ou servir-se de uma arma.

## Problemas Policiais #57

Diário Popular 4458 – 05.03.1955

O cadáver horrivelmente mutilado de uma linda rapariga de olhos verdes fora encontrado por um pescador na praia de um pequeno lago ao norte de Visconsin.

Encontrando-se de férias naquela região, Fordney interessou-se pelo caso. Não havia qualquer pista para a identificação da rapariga, excepto um pedaço de papel rasgado, que fora encontrado a cinquenta jardas do corpo e dizia apenas «Calico Dale».

As investigações do professor revelaram que «Calico Dale» era uma quinta, distante, vinte milhas, e que fora alugada seis meses antes por quatro raparigas que se dedicavam à agricultura. As quatro raparigas eram: Sylvia Lane, Bernice Sloan, Myra Bublely e Carmen Manzoni. Uma delas tinha os mesmos sinais da rapariga assassinada.

Fordney encontrou a quinta deserta, mas conseguiu reunir as seguintes informações:

1) A rapariga que alugara a quinta tinha olhos azuis; As outras três tinham olhos verdes.

2) A rapariga de olhos azuis era de Minesota. Mira Bublely e Carmen Marzoni haviam chegado de comboio. Sylvia Lane, que não estivera no Médio-Oriente, chegara num avião alugado.

3) Uma das quatro era hipnotizadora amadora.

4) Na noite anterior à da sua partida da quinta, Sylvia Lane e a rapariga morta haviam convencido a hipnotizadora a hipnotizar a última.

5) Carmen Manzoni dissera antes a um psiquiatra que a rapariga de olhos azuis tinha a certeza de que a hipnotizadora era uma psicopata.

6) A rapariga assassinada e a hipnotizadora eram ambas órfãs.

Com estes elementos, Fordney conseguiu identificar a rapariga.

### *Consegui-lo-á o leitor também?*

### Solução do problema:

Em 1) e 2) é-nos dito que a rapariga que alugou a quinta não é nem Myra Bulley nem Cármen Marzoni. Consequentemente, nenhuma delas tem olhos azuis. Sabemos também que, como Sylvia Lane não alugou a quinta, não é ela a rapariga dos olhos azuis. Portanto, a rapariga que alugou a quinta só pode ter sido Bernice Sloan. Mas Bernice não é a rapariga morta, pois essa tinha olhos verdes e a rapariga que arrendou a quinta tinha olhos azuis.

Em 4) vemos que Sylvia Lane não é nem a rapariga morta, nem a hipnotizadora. E é óbvio em 5) que nem Cármen Marzoni, nem Bernice Sloan (a rapariga dos olhos azuis) é a hipnotizadora. Por conseguinte Myra Bublely é que é a hipnotizadora. Como a morta não é nem Sylvia Lane, nem Bernice Sloan e como a rapariga morta se prestou às experiências da hipnotizadora (Myra Bublely), a rapariga assassinada é Cármen Marzoni.

## Problemas Policiais #58

Diário Popular 4465 – 12.03.1955

«Ao ouvir um grito proveniente de um escritório situado num edifício que lhe cumpria guardar, o polícia correu para lá e descobriu um homem agonizante num escritório do terceiro andar. O sangue brotava de várias feridas causadas por instrumento cortante. O guarda chamou uma ambulância e passou a interrogar a mulher da limpeza.

- Que sabe acerca disto? – perguntou o guarda.

- Muito pouco. Quando eu estava a limpar o vestíbulo reparei que havia manchas de sangue nos gonzos da porta do pobre senhor Dawson. Estava aberta. Empurrei a porta, entrei e vi-o deitado no chão, junto da secretária.

- As luzes estavam acesas?

- Sim. E os estores estavam corridos.

- Viu alguém sair do escritório esta noite? – perguntou o guarda ao notar que a gaveta de cima da secretária estava aberta.

- Há dez minutos, vi um homem atravessar o vestíbulo, mas não sei de que escritório saíu.

- Tocou nalgum objecto?

- Não. – respondeu a mulher.

O guarda passou ao vestíbulo e, ao examinar os apetrechos de limpeza da mulher, reparou que o pano do pó estava manchado de sangue. Notou ainda mais algumas coisas, mas passou-lhe despercebido um pormenor que lhe permitiria concluir que a mulher lhe mentira no decurso do breve interrogatório a que a submetera.

*Que pormenor foi esse?*

### Solução do problema:

Ao guarda, passou despercebido que a mulher lhe mentira ao afirmar ter visto sangue nos gonzos da porta, quando se encontrava no vestíbulo, do lado de fora, portanto. Com efeito, como a porta abria para dentro (o que a mulher revelara ao dizer que a empurrara), os gonzos achavam-se forçosamente do lado de dentro e não da parte de fora.

## Problemas Policiais #59

Diário Popular 4472 – 19.03.1955

O professor Fordney e o sargento Reynolds acabavam de chegar, atendendo a um pedido telefónico que lhes fora feito de casa de um solteirão excêntrico, Robert Duval.

A irmã de Duval, vivamente excitada, foi receber os dois homens à entrada da porta.

- Receio que algo de terrível tenha acontecido – disse ela. – Cheguei a esta casa, para visitar Robert, há apenas dez minutos. Logo que abri a porta notei um forte cheiro a gás. Gritei e como ninguém me respondesse, resolvi telefonar-lhes. Entretanto, descobri que o gás provém do escritório, mas não tive coragem de ir até lá.

Reynolds fez rodar a chave na fechadura, mas só conseguiu abrir a porta após um certo esforço, pois esta fora vedada por almofadas, o mesmo se tendo verificado em relação às janelas que também se apresentavam fechadas.

Duval estava morto, sobre um sofá, tendo em torno do pescoço um lenço com um nó. A sala estava cheia de gás que provinha do fogão.

Após breve busca, foi encontrado um bilhete com os seguintes dizeres:

*«Se eu morrer em circunstâncias suspeitas,  
prendam Olson».*

- Olá – disse Reynolds. – esse tal Olson está em maus lençóis. Vou prendê-lo.

- Nada perde em falar com ele, sargento – observou o professor – mas não poderá prendê-lo como culpado da morte deste homem!

***Em que fundamentava Fordney a sua afirmação?***

## Solução do problema:

O caso era, evidentemente, de suicídio. A porta, embora calafetada pela parte de dentro, estava fechada à chave por fora. As janelas, também calafetadas, estavam igualmente fechadas. Por conseguinte, era evidente que ninguém saíra daquela sala. Duval, que odiava Olson, fechara a porta do lado de fora, contornara a casa e entrara pela janela que calafetou depois, bem como a porta. Em seguida, escreveu o bilhete acusando Olson e suicidou-se.

## Problemas Policiais #60

Diário Popular 4479 – 26.03.1955

- Eu não sou médico, Tom Naby, mas posso dizer-lhe que você sofreu comoção cerebral e talvez mesmo uma pequena fractura do crânio. Seja como for, você precisa de ser observado e tratado cuidadosamente, o que não é possível aqui, em Loorestown. Tenho estado a pensar numa coisa. O comboio rápido parte dentro de duas horas e nunca leva mais de duas ou três pessoas. Você pode aguentar-se até lá. Se o meu plano resultar, você será internado num belo hospital, será tratado inteiramente de graça e ainda conseguirá uma boa indemnização que, como bons amigos, repartiremos entre ambos. Vamos lá a combinar a coisa!

\*

O professor Fordney foi quase arremessado do seu lugar no momento em que o comboio fez uma travagem rápida quando ia a ganhar velocidade. Que grande esticão! Instintivamente, olhou para trás para ver se o seu único companheiro de viagem, que ocupava um lugar atrás do seu, sofrera alguma coisa com a brusca travagem. Assim era, infelizmente. O passageiro estava estendido, no meio da carruagem, de costas e inanimado.

- Está muito ferido? – perguntou o condutor, momentos depois.

- Não sei bem – respondeu Fordney. – No entanto, precisa de ser internado o mais urgentemente possível. Que aconteceu?

- Foi um touro que se atravessou no meio da linha. Já é costume! Ao anoitecer acontecem sempre destas! É o nosso terceiro acidente no espaço de dois meses. A companhia tem de mandar vedar a linha. Entretanto, nem Deus os salva de pagarem uma boa indemnização a este pobre homem!

- Ah! Isso de maneira nenhuma! – exclamou Fordney. – Se ele tiver um pouco de bom senso não ousará fazer reclamação alguma. Ele caiu porque quis. É evidente!

### *Como chegou Fordney a tal conclusão?*

#### Solução do problema:

Fordney concluiu que o homem não fora projectado, mas que se atirara para o chão voluntariamente, pelo facto de ele ter ficado deitado de costas. Ora, quando um comboio para de repente, no meio da marcha, os passageiros são empurrados para a frente e caem de bruços, naturalmente.

Tom pagou a conta do hospital – e o seu esperto amigo perdeu um toiro.

## Problemas Policiais #61

Diário Popular 4486 – 02.04.1955

O quarto estava desarrumado pela luta. Com uma bala na cabeça, o famoso índio Haroun Bey jazia estendido no chão. Ao pé dele, tinha caído um vulgar casaco de «sport», o do assassino. Na mão direita do cadáver, estava um botão que Bey lhe arrancara enquanto lutava com ele pela posse da arma. Ao arrancar o botão, ficara um rasgão no lado esquerdo do casaco. Depois de matar o índio, o assassino começara a passar uma busca no quarto, mas fora interrompido, talvez surpreendido, e fugira apressadamente. Tais foram as deduções do professor Fordney quando chegou ao local.

Teria o assassino encontrado aquilo que procurava? Se assim fora, o que seria?

\*

Três pessoas tinham ido, nessa tarde, ao hotel em que estava Bey para falar ao conhecido e rico índio americano.

Às 19 e 30, visitara-o uma senhora, Ida Petrinelli. Fordney soube que Bey revelara ao marido dela (a troco de elevada quantia) um segredo que ela pedira que guardasse cuidadosamente.

Às 20 e 45, fora ao hotel o advogado James Ross, que estava indicado para um alto cargo. Dias antes, porém, o índio ameaçara-o de tornar público um incidente que lhe arruinaria a carreira.

Às 21 e 10, John Hogan visitara-o também. Por conselho de Bey, tinha empregado todo o seu dinheiro num negócio duvidoso – e perdera tudo. Pobre, abatido, doente, Hogan jurara vingança.

O Professor Fordney estabeleceu, sem possibilidade de engano, que o índio ainda estava vivo às 19 e 30. Só havia, portanto, três suspeitos, mas todos eles se recusaram a falar e todos negaram qualquer conhecimento do crime.

Depois de muito pensar, Fordney mandou prender um dos suspeitos para averiguações.

***De quem suspeitou Fordney?***

***E porquê?***

### **Solução do problema:**

O professor mandou prender Ida Petrinelli. O botão encontrado na mão do índio deixara um rasgão no lado esquerdo do casaco «sport». Só os casacos das senhoras, é que têm os botões do lado esquerdo.

## Problemas Policiais #62

Diário Popular 4493 – 09.04.1955

O sargento Cargo pegou no frasco que se encontrava no chão do apartamento de Homer Hudera, desrolhou-o, cheirou o seu conteúdo e passou-o a Fordney.

O professor pegou no frasco enquanto continuava a examinar a posição do corpo da artista Eve Yardley, uma jovem de dezoito anos, que jazia no chão. O corpo envergava vestido de passeio e apresentava-se deitado de lado, contorcido. O saco de mão da artista continha o costumado arsenal com excepção do «baton», apesar dos lábios da jovem estarem pintados.

Fordney cheirou o conteúdo do frasco e declarou:

- É um dos mais fortes venenos que se conhecem. Ela teve morte instantânea.

E, enquanto se preparava para pegar na malinha de mão, perguntou:

- Como aconteceu isto?

O elegante Homer Hudera aspirou uma fumaça do seu cigarro e respondeu:

- Esta tarde dei uma festinha neste meu apartamento. Eve não foi convidada, mas apareceu também, embora eu já estivesse farto dela. Os outros convidados foram-se embora às 8 horas, mas Eve recusou-se a ir. Fez-me a sua pergunta habitual e eu respondi-lhe que não casaria com ela.

- De súbito, ela tirou aquele frasquito da sua mala e bebeu o conteúdo antes que eu pudesse impedi-la de o fazer. Caiu quase instantaneamente. Eu...

- Você mexeu na mala dela?

- Não, não toquei em coisa nenhuma. Não havia dúvidas de que ela estava morta.

Fordney fechou a mala da artista e disse para Cargo:

- Prenda este cínico assassino!

***Que indício pôs Fordney na pista do criminoso?***

## Solução do problema:

Hudera afirmara que não tocara em coisa alguma. A morte fora instantânea e, não obstante, o frasco apresentava-se rolhado. Perante isto, Hudera confessou ter envenenado a artista, após o que metera o frasco do veneno na mala dela, chamando, em seguida, a Polícia. O gesto de rolhar o frasco fora instintivo, mas bastou para o levar à cadeira eléctrica.

## **Problemas Policiais #63**

**Diário Popular 4500 – 16.04.1955**

Fordney passou a ponta dos dedos pela malha de arame que revestia a vidraça da janela, arranhou-se ligeiramente nas pontas de arame que circundavam o buraco causado pela bala, saltou levemente do canteiro de flores onde se instalara para proceder ao exame e voltou a entrar em casa.

Pela posição do cadáver, era evidente que a criada Arvonne Dupre fora morta por uma bala de pistola que a atingira em pleno coração.

Sidney Blake passou a explicar o que se passara:

- Eu tinha convidado alguns amigos para jantar e Arvonne, a criada, estava pondo a mesa quando eu, do meu quarto, vi um homem no jardim, atrás de uma árvore, apontando uma pistola na direcção da casa de jantar. O tiro partiu, eu corri para aqui e vim encontrar Arvonne nesta posição. Entretanto, o criminoso fugia.

- Sinto muito, Blake – disse o Professor – que a sua imaginação não lhe tenha permitido mascarar melhor o seu crime. Você mentiu descaradamente e tenho de o prender por suspeita de assassinio

***A que mentira se referia Fordney?***

## Solução do problema:

Blake dissera que o tiro fora disparado do jardim, e Fordney verificara que a malha de arame furada pela bala, apresentava arestas do lado do jardim. Logo, a bala fora disparada do interior da casa, contrariamente ao que Blake dissera. Este, durante o julgamento, confessou ter assassinado Arvonne que exercia chantagem sobre ele.

## Problemas Policiais #64

Diário Popular 4507 – 23.04.1955

- Olá, Reardon! – gritou um homem de dentro de um «Plymouth». O chefe da famosa quadrilha, que pusera o Nordeste a ferro e fogo, voltou-se e, neste momento, uma rajada de cinco balas enviou-o para o outro mundo. Logo no início das investigações, Fordney chegou à conclusão de que o assassinio de Reardon devia ter sido cometido por um dos seguintes membros da quadrilha do «Círculo Vermelho»: Phil Lander, Dominik Ferrari, Alice Draper, Paul Mayerson e Tex Sterling.

As investigações seguintes revelaram que:

1 – O assassino de Reardon e Phil Lander haviam estado presos, pela primeira vez, em Gales, quando ambos tinham dezassete anos.

2 – Na véspera do dia em que Reardon foi assassinado, o assassino soube que um dos membros do «Círculo Vermelho» era epiléptico. Este homem, o membro mais inteligente da quadrilha, nunca fora apanhado pela Polícia.

3 – O assassino de Reardon tinha uma namorada. A despeito das suas recomendações, a rapariga – que não era membro da quadrilha – espicaçava Lander ao dizer a Tex Sterling que a mulher daquele andava metida com o homem que era epiléptico – embora ela ainda então não soubesse que ele sofria dessa doença. Ela tinha a certeza de que tal informação chegaria aos ouvidos de Lander.

4 – Quando Sterling falou no caso a Ferrari, este último recomendou-lhe que pedisse a outro que pusesse Lander ao corrente do que se passava.

Mercê destes elementos, Fordney conseguiu saber quem era o assassino.

***E o leitor?***

## Solução do problema:

- 1) Phil Lander não é o criminoso.
- 2) O criminoso tinha cadastro desde os 17 anos. Como o epilético nunca fora preso pela Polícia, não é ele o criminoso.
- 3) Como o assassino de Reardon e o epilético eram homens, Alice Draper não podia também ser o assassino.
- 4) Dominik Ferrari não é o epilético. E visto que os outros foram sucessivamente eliminados, Paul Meyerson é o epilético. Por conseguinte, foi Dominik Ferrari quem assassinou Chuck Reardon.

## **Problemas Policiais #65**

**Diário Popular 4514 – 30.04.1955**

- Ouvi dizer que você apanhou a quadrilha dos «Quatro Ases» - disse Tom Howard deixando-se cair numa poltrona do gabinete do professor Fordney. – Belo trabalho! Conte-me lá como foi isso!

- A coisa não teve, de facto, muito mérito – replicou Fordney. – Foi fácil! Os «Quatro Ases» são Avis Monroe, Dick Graver, Al Toliver e Lou Jackson.

1) – Na noite de sábado, segui-os, disfarçado, até ao clube do Ox Burkam. Os quatro tomaram uma bebida e o chefe da quadrilha saiu. Pouco depois, Lou Jackson e o receptor da quadrilha foram para outra mesa e tomaram champanhe com dois comerciantes. Quando o chefe chegou informaram-no disso, e ele, indignado, esbofeteou a linda Lou e acusou-a de andar a «trabalhar» por sua conta.

2) – Mais tarde, ouvi o chefe dizer a Avis Monroe que partiria a cara a Lou se ela tentasse atraiçoa-lo.

3) – De súbito, Al Toliver e o receptor pressentiram-me. As luzes apagaram-se e os quatro «melros» escaparam-se. Porém, nessa mesma noite, o sargento Bill Jopke e eu apertámos o cerco e conseguimos apanhar o Avis e a sua cúmplice no Amazon. No domingo, recebi a informação de que os outros estavam no Hotel Minerva; fui até lá e apanhei-os.

4) – A título de esclarecimento, sempre lhe digo que o chefe tem cabelo preto; a sua cúmplice é loura e Dick Graver tem olhos azuis.

Agora, já sabe com certeza quem é o chefe e quem é o receptor.

***Tom Howard não conseguiu descobrir; conseguirá o leitor?***

### Solução do problema:

É evidente (1) que Lou Jackson não é nem o chefe, nem o receptor. Por (2) logo se vê que Avis Monroe não é o chefe. Evidentemente (3) Al Toliver não é o receptor. Por (4) se conclui que Dick Craver não é o chefe nem o receptor. Por conseguinte, Al Toliver é o chefe e Avis Monroe é o receptor.

## Problemas Policiais #66

Diário Popular 4520 – 07.05.1955

- ... Nessa ocasião era eu primeiro marinheiro. Santo Deus! Como aquele velho barco balouçava! Ora para a direita, ora para a esquerda... Apesar de toda a minha experiência do mar, quase me fui abaixo. Estava na parte da frente e ia dirigir-me para a de trás quando uma vaga com uns trinta pés de altura atingiu o barco. Fui atirado de encontro a um salva-vidas. Parti uma perna, duas costelas e arranjei esta linda cicatriz na cara – explicava o passageiro que regalava o professor Fordney com a narração das suas aventuras.

Fordney ia em serviço a Buenos Aires e esperava (em vão, ao que parece) fazer a viagem incógnito. Para seu grande aborrecimento, fora reconhecido por aquele marinheiro palrador, quando passeava no convés.

O simpático e bem-humorado professor, gostava em geral, de companhia, mas durante aquela viagem teria preferido que o deixassem em paz. Sentia-se cansado e um pouco aborrecido.

- E então...

- O senhor é inglês, não é verdade senhor Barret? – interrompeu Fordney.

- Não o nego – replicou o outro em tom belicoso.

- Bem, desculpe-me, senhor Barret – tornou o professor acentuando ligeiramente o nome – mas estamos em frente da minha cabina e tenho umas cartas para escrever.

- Muito bem. Ver-nos-emos à hora do chá.

O professor fechou a porta da cabina com um suspiro e atirou-se para cima da cama.

- Primeiro marinheiro! – murmurou com ironia. O que ele é, é um grande impostor.

***Como soube o professor que o senhor Barret era um impostor?***

## Solução do problema:

Fordney descobriu que o senhor Barret nunca fora marinheiro, pois nenhum marinheiro se refere à direita e à esquerda, à parte da afrente e à parte de trás de um navio. Em terminologia náutica, isso designa-se por estibordo, bombordo, proa e popa.

## **Problemas Policiais #67**

**Diário Popular 4527 – 14.05.1955**

Durante alguns dias, a aterragem forçada de Otto Freund e Ernst Wagner, num avião mono-motor, perto de um posto do Exército, às 11 e 5 da noite, dois dias antes da carnificina de Pearl Harbour, permaneceu envolta em profundo mistério.

O professor Fordney estava a assistir a uma demonstração de um novo modelo de projectores de aeronáutica, na companhia de alguns oficiais do Exército e funcionários do Ministério da Guerra. Montado sobre um camião do Exército, o projector lançava o seu feixe de raios infra-vermelhos através do espaço, a uma distância superior a catorze milhas. De súbito, no céu sem estrelas, surgiu um avião que foi cair num campo lavrado, a poucas jardas dali.

Um dos ocupantes do avião, Ernst Wagner, morrera durante a queda. O outro, Otto Freund, estava apenas ligeiramente ferido. Freund atribuía a aterragem forçada e a morte do companheiro ao projector.

Fez-se um exame aos instrumentos de bordo, sem resultado, pois estavam todos bastante danificados.

- Como conseguiu desviar-se nove milhas da rota que seguia? – perguntou Fordney a Freund.

- Como? Como? – exclamou o excitado piloto. – Logo que o meu motor começou a falhar, vi a luz do vosso projector e tomei-a pelo projector de um campo de aterragens de emergência. Como era natural, dirigi-me para cá em vez de prosseguir na minha rota. Se me não tivesse desviado, talvez pudesse alcançar o campo de emergência de Oakdale.

Fordney ficou a contemplar o vácuo, nas trevas da noite sem lua, erguendo a gola do sobretudo para se proteger do nordeste. Acenou com a cabeça para o comandante e este apressou-se a ordenar:

- Sargento! Prenda este mentiroso espião!

*Por que razão nem Fordney nem o Comandante acreditaram na história de Freund?*

*Por que desconfiaram dele?*

*Um simples indício, que as pessoas bem informadas, devem conhecer, explica ambas as coisas.*

### Solução do problema:

O professor soube que Freund mentia ao ouvi-lo dizer que tomara a luz do projector pela de um campo de aterragem de emergência. Na verdade, os raios infravermelhos são invisíveis para os olhos humanos. Este tipo especial de projectores grava a imagem dos objectos em películas fotográficas especiais, permitindo assim à artilharia anti-aérea visar os aviões que ele descobre.

## Problemas Policiais #68

**Diário Popular 4534 – 21.05.1955**

Às oito e dez da noite, em 4 de Julho de 1945, «Miss» Ruby Marshall saiu do seu quarto no Hotel Oakwood. Ao encaminhar-se para o elevador, cruzou-se com Jane McGuire. A garota tinha catorze anos e levava pela trela o seu «Scottish Terrier». No momento em que as duas se cruzavam, o cão rosnou e saltou para «Miss» Marshall. Esta deu um grito e correu a refugiar-se no quarto.

Meia hora depois, a senhora McGuire recebia um telefonema da Polícia a avisá-la de que «Miss» Marshall recebera curativos no Hospital Mercy por ter sido mordida no joelho pelo cão dos McGuire. A senhora McGuire, inválida havia dois anos, não pôde ocupar-se do caso pessoalmente e chamou o seu amigo professor Fordney para o fazer em seu lugar.

Informado do sucedido, Fordney foi procurar «Miss» Marshall, que encontrou na enfermaria do hotel, pronta a deixar o estabelecimento. O professor pediu licença ao médico que acabava de a tratar, para examinar o ferimento. Tendo-a obtido, levantou o intacto e imaculado vestido de baile de «Miss» Marshall, notou que a meia estava enrolada abaixo do joelho, retirou a ligadura e viu as marcas no joelho direito, desinfectadas com tintura. Voltando-se então para o médico, perguntou:

- Tem a certeza de que estas marcas foram causadas pelos dentes do cão?
- Assim me parece... Porquê?

Fordney baixou o vestido da mulher.

- A senhora não deu provas de grande inteligência ao tentar forjar esta queixa contra a senhora McGuire, por quem sente uma animosidade pessoal. O cão não a mordeu.

***Como soube Fordney que o cão não mordera «Miss» Marshall?***

## Solução do problema:

Fordney percebeu que o cão não mordera «Miss» Marshal porque não encontrou qualquer marca no vestido comprido. A mulher acabou por confessar que fizera ela própria as feridas no joelho, com um garfo, na esperança de receber da senhora McGuire uma indemnização.

## Problemas Policiais #69

Diário Popular 4541 – 28.05.1955

Precisamente quando, por volta das quatro e meia da tarde, o vento fortíssimo que tornara impossível a pesca no lago, abrandou finalmente, retiniu o telefone na casa de campo do professor Fordney.

Fordney suspirou e foi atender.

\*

A magra Ester Grove jazia morta à beira de um canteiro do seu jardim. Aparentemente, havia morrido subitamente, enquanto semeava. Ao seu lado, o material apropriado; sachola, cesto de vime, pá, pacotes de sementes e regador. Embora a vítima estivesse voltada para ocidente, não tinha óculos.

- Não sei dizer-lhe a causa da morte. – murmurou o doutor Long. – Ataque cardíaco, provavelmente. Ela morreu pouco antes das três horas. Eu tinha-a avisado de que não devia trabalhar de jardineiro. E a si também, Harry. – acrescentou o médico, voltando-se para o marido da morta com ar acusador.

- Bem sei, doutor. – respondeu Harry Grove – E eu recomendei à Ester para não sair, mas ela insistiu. Disse que precisava de se distrair. Tomou a digitalina por volta das duas horas e veio para aqui. Eu fui para casa do Dill Creek e quando voltei, por volta das quatro e meia, vim encontrá-la morta... Não, não toquei em coisa alguma.

Fordney curvou-se, tomou um punhado de terra da vala ainda aberta sobre a qual se achavam sementes de cenoura e deixou-a escoar entre os dedos, distraidamente. Quando se voltou para o marido da vítima, foi para lhe dizer:

- Não, Grove. Sua mulher não morreu aqui. Nem plantou cenouras.

***Qual foi o facto que levou Fordney a esta conclusão?***

## Solução do problema:

Como Ester morrera cerca das três horas, e o vento forte só parou por volta das quatro e meia, Fordney teve a certeza de que não fora ela quem lançara as sementes de cenoura à vala ainda aberta no quintal de sua casa. Se assim fosse, o vento tê-las-ia levado. Mais tarde, Grove confessou o seu crime.

## Problemas Policiais #70

Diário Popular 4548 – 04.06.1955

O ar de angélica satisfação estampado no rosto de querubim do sargento-detective Tom Conroy transformou-se em violenta ira... e humilhação quando ele se pôs a escutar, no seu quarto de hotel, o disco gravado no quarto contíguo pelo aparelho que ali colocara. O famoso mas nunca apanhado ladrão de jóias Derek Jason conversava com a sua esperta esposa, Lili Lomez.

- Portanto, minha querida, como a Polícia começa a dar mostras de inteligência, temos de nos separar, temporariamente.

- Mas – objectou Lili – e o trabalhinho dos Brandon?

- Será executado, conforme combinámos. Só daqui a alguns dias decidirei quando e onde, mas informar-te-ei a tempo para preparares a fuga.

A voz de Lili tinha um timbre de perplexidade.

- Como tencionas informar-me, se acabas de dizer que não poderemos encontrar-nos, nem telefonar, nem sequer telegrafar uma mensagem.

- Isso – respondeu Derek, rindo – é o que o nosso amigo detective do quarto ao lado daria tudo por saber. Toma, lê isto, que eu depois queimo-o.

\*

- Não afrouxámos a vigilância por um só momento, professor – continuou o sargento Conroy. – Temos os telefones vigiados, assim como o correio que recebem. Não se têm encontrado, mas tenho a certeza de que Jason vai pôr em prática o roubo dos Brandon e Lili preparará a fuga. Como poderemos evitá-lo?

Fordney guardou silêncio por alguns minutos. Finalmente, perguntou:

- Eles têm depósitos no mesmo banco?

- Sim. É o «First National». E o mais estranho é que Jason faz um depósito todas as manhãs e Lili retira dinheiro todas as tardes.

O criminologista deu um salto na cadeira:

Venha, sargento! Talvez ainda não seja tarde para nos anteciparmos ao espertalhão do Jason.

***Como comunicaram Derek Jason e Lili um com o outro?***

**Solução do problema:**

Derek e Lili tinham alugado um cofre em comum. Todas as manhãs, Derek deixava no cofre um bilhetinho avisando Lili dos progressos que faziam os seus planos; Todas as tardes, ela o lia, deixando outro bilhetinho com as suas sugestões para a fuga. Fordney obteve a necessária autorização para abrir o cofre e ficou a conhecer os planos de Jason e Lili com grande antecedência. Simples, não é?

## Problemas Policiais #71

Diário Popular 4554 – 11.06.1955

Fordney pegou na folha dactilografada que se encontrava sob a cabeça de Carr, ao lado da máquina de escrever, e leu:

«Field acaba de chegar. Vem matar-me. Não posso escapar-lhe. Dentro de cinco minutos estarei morto. Ao menos, assim, a Polícia saberá quem foi o meu assassino. Ouço-o aproximar-se. Abriu já a porta. Su...».

- Apanhou um tiro em pleno coração – observou o professor, passando a folha ao sargento Reynolds.

- É verdade – disse o sargento. – Morreu instantaneamente e nem sequer teve tempo para completar a frase. Era um tipo curioso. Era o que pode chamar-se um pacifista criminoso. Nunca andava armado e orgulhava-se de jamais haver derramado sangue no decurso da sua longa carreira de criminoso. Não percebo por que é que ele ficou imóvel à espera da morte, embora estivesse paralisado do lado direito.

- Já se apercebeu de que paira um perfume subtil nesta sala, Reynolds?

- É estranho, sim. De onde provirá?

Fordney acercou-se do corpo que se achava voltado para a única porta da sala. Por detrás do cadáver, achava-se uma janela, fechada e com barras de ferro.

- Este perfume é maravilhoso – murmurou o professor, aspirando o ar. – Cá temos outro caso de estupidez – acrescentou, apalpando o braço direito de Carr. Não creio que seja Field o assassino.

Reynolds olhou-se, surpreendido.

***Que indício levou Fordney àquela conclusão?***

### Solução do problema:

Se Carr tivesse sido assassinado enquanto escrevia à máquina, não poderia ter tirado a folha do carroto. Por conseguinte, fora a seu assassino quem escrevera o papel. Ao tentar incriminar Field, cometeu um erro fatal.

## Problemas Policiais #72

Diário Popular 4561 – 18.06.1955

- Vou contar-lhes o que sucedeu - disse Jamison aos alunos do professor Fordney.  
- Na tarde do segundo dia da minha primeira visita a Paris, conheci aquela mulher por puro acaso. Um pedinte procurava roubá-la e eu liberei-a do indesejável gatuno. Ela mostrou-se muito grata e, como é natural, um pouco assustada. Fomos, portanto, a um «café» próximo para tomar qualquer coisa que lhe retemperasse os nervos. Ela era muito sociável mas misteriosa, recusando-se a revelar, fosse o que fosse, a respeito de si própria. Quando a conduzi até um táxi, no entanto, surpreendeu-me com este convite:

- Quer jantar comigo esta noite, «monsieur»? Dê-me a sua morada. Mandar-lhe-ei o meu carro às oito.

Indiquei-lhe o meu hotel e, fiel à sua palavra, ela mandou o motorista buscar-me. Ao recostar-me nos estofos do carro, a imagem da misteriosa rapariga enchia por completo o meu espírito, com exclusão de tudo mais. A minha meditação foi interrompida pelo motorista, que abriu a porta do carro sem proferir palavra.

Os pormenores do jantar e dos momentos que se seguiram não interessam. Por volta das onze horas, contudo, depois de ter usado e abusado de ótimos vinhos, comecei a sentir-me esquisito. Só recuperei os sentidos no meu quarto de hotel, no dia seguinte. Evidentemente, o vinho continha narcótico.

Ao aperceber-me de que me haviam desaparecido do bolso alguns documentos importantes, voltei a casa dela a buscá-los. A porta estava apenas encostada e eu entrei. Descobri-a então, morta. Enquanto procurava os meus papéis, chegaram os gendarmes. Recusaram-se a acreditar no que lhes contei, e prenderam-me sob suspeita de a ter assassinado.

Os alunos entreolharam-se. Jamison esperaria que eles acreditassem naquela patranha?

### *E por que não?*

### Solução do problema:

A coisa passara-se na tarde do segundo dia da primeira visita de Jamison a Paris. Durante o percurso até à casa da rapariga, cuja morada ele ignorava, ele próprio confessou que não pensava em coisa alguma a não ser nela. No entanto, declarou ter ido a casa dela no dia seguinte, em busca dos documentos desaparecidos.

## Problemas Policiais #73

Diário Popular 4568 – 25.06.1955

- Quem lhe deu o tiro? – gritou Rogers ao chegar ao hospital, três minutos depois de sua ex-mulher ter morrido em consequência de uma bala que lhe atravessara a cabeça.

- Um momento. – disse Fordney. – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas... mera rotina, claro. Embora estivessem divorciados há seis meses, vivia na mesma casa com a sua ex-mulher, não é assim?

- Exactamente.

- Tinham tido algumas disputas, recentemente?

- Bem... Ontem, quando lhe disse que ia partir de viagem de negócios, ela ameaçou suicidar-se. Tive até de lhe tirar das mãos um frasco de tintura de iodo que ela se preparava para beber. No entanto, quando saí, ontem às sete horas, dizendo-lhe que passaria a noite com uns amigos em Sewickley, ela não fez objecções. Ao voltar a casa, esta tarde, foi a criada quem me abriu a porta.

- E que lhe disse ela?

- Disse-me: «Ai que desgraça, senhor Rogers! Levaram a senhora para o Hospital de St. Anne há coisa de hora e meia. Vá lá vê-la, já!». E desatou a chorar de tal forma que não consegui arrancar-lhe mais palavra e corri para cá. Onde está ela?

- A enfermeira vai conduzi-lo ao quarto. – respondeu o professor.

- Caso engraçado, este. – Disse o inspector Killey, que ouvira a conversa. – Esta gente nova tem cada uma. Imagine! Divorciados há seis meses e vivendo ainda na mesma casa!

- Caso engraçado, de facto, Jim. – suspirou Fordney. – O melhor é prender Rogers. Tenho a certeza de que, se não foi ele quem matou a mulher, sabe quem foi.

***Por que razão ordenou Fordney a prisão de Rogers?***

### Solução do problema:

Se Rogers não tivesse conhecimento do crime e das circunstâncias em que ele se desenrolara, não teria perguntado, logo de chofre, quem lhe dera o tiro.

Na verdade - e segundo ele próprio afirmara - a criada dissera apenas ter sido a senhora conduzida ao hospital.

## Problemas Policiais #74

Diário Popular 4575 – 02.07.1955

Meus senhores – disse Fordney, dirigindo-se aos seus alunos. – Acabo de receber uma carta que lhes vou ler e gostaria que me dissessem no prazo de cinco minutos qual é a afirmação nela contida que logo a inculca como provinda de um mentiroso.

Agora oiçam:

*Califórnia, 20 de Dezembro de 1953.*

*Professor Fordney:*

*Está, com certeza, ao facto da minha prisão. Apelo para si, pois tenho a certeza de que compreenderá a injustiça da minha situação. Prenderam-me por haver morto King Morrison; mas a verdade é que o matei em legítima defesa, em defesa da minha propriedade que ele violara.*

*E não é menos verdade que, embora legítimo, o meu acto foi impensado e quase mecânico.*

*Ouvi rumor na horta e quando me acerquei, de espingarda em punho e vi Morrison roubando os melões que eu cultivava extremosamente, premi o gatilho e matei-o.*

*Estou preso há uma semana apenas, pois recolhi à cadeia logo no dia seguinte ao do crime, mas parece-me que já estou privado da liberdade há um ano.*

*Aproxima-se o Natal, o meu primeiro Natal de casado, e não queria passá-lo longe dos meus. Posso contar com a sua preciosa ajuda para que me libertem, pelo menos, até ao dia do julgamento?*

*Antecipadamente grato.*

*Lee Mason.*

Mal Fordney acabara a leitura e já um aluno respondia, de dedo erguido:

- Descobri, professor. A mentira foi bastante grosseira.

*Que mentira foi essa?*

**Solução do problema:**

Na Califórnia, como em Portugal, não há melões para apanhar em Dezembro...

## **Problemas Policiais #75**

**Diário Popular 4582 – 09.07.1955**

Uma pequena quadrilha de ladrões e assassinos que opera com carros e um avião, está a ser activamente procurada pela Polícia federal e local de Caulfield.

Até agora, conseguiu-se apurar o seguinte acerca dos componentes da quadrilha. A quadrilha é constituída por Clyde Morgan, Willie Dunn, Moe Klein e Dan Rorick. Morgan e Rorick têm cadastro; há cerca de um ano, Klein foi condenado à revelia pelo crime de cheque sem provisão.

Um dos membros da quadrilha é o piloto do avião.

O pai de Dunn e o pai do chefe do bando estão cumprindo pena na mesma prisão.

O irmão do piloto é amigo de Dunn.

Embora tenha poucos conhecimentos técnicos, Rorick é considerado por Morgan e pelo piloto como o melhor navegador da região.

Há duas semanas, Rorick apresentou duas dançarinas ao chefe e ao piloto. As raparigas converteram-se em breve em membros da quadrilha.

Esta quadrilha matou quatro pessoas nos últimos dois dias.

***Quem é o chefe? Quem é o piloto?***

### Solução do problema:

1) Dunn não é o chefe nem o piloto. O piloto não é o chefe. 2) Morgan não é o piloto nem o navegador. Dunn não é o navegador. 3) Rorick não é nem o chefe nem o piloto. E como se apurou que Dunn não é nem o chefe nem o piloto, e que Morgan não é o piloto, então é Morgan o chefe. Portanto, Kein é o piloto.

## **Problemas Policiais #76**

**Diário Popular 4589 – 16.07.1955**

Na valeta da estrada, jaziam os corpos de três homens, ao lado de um carro americano completamente destruído. Dois dos homens estavam mortos; o terceiro, inconsciente, foi levado para o hospital.

O professor Fordney examinou-lhes as roupas e concluiu que todos eram dos Estados Unidos. Embora não houvesse papéis que os identificassem separadamente, o criminoso soube, por documentos que encontrou no automóvel, que se tratava de: Leonard Ball, Cedric Gar e Alfred Huntley. Entre os papéis, havia um cheque parcialmente carbonizado passado a Cedric Gar pelo dono do carro. Por vários indícios, Fordney conseguiu ainda descobrir o seguinte:

1 – A mulher de Leonard Ball era uma romancista muito conhecida, que escrevia com um pseudónimo.

2 – A esposa do sobrevivente era uma senhora riquíssima que ameaçara divorciar-se do marido, se ele continuasse a ser-lhe infiel.

3 – O dono do carro encorajara-a secretamente nesse propósito e o sobrevivente só há pouco tempo soubera disso.

4 – Casado com a prima da mulher do sobrevivente, Leonard Ball tentara conseguir uma reconciliação entre ele e a mulher e repreendera a atitude do dono do carro que, por sinal, estava noivo da filha de um lavrador.

O professor Fordney examinou as suas notas e enviou depois um telegrama à mulher do sobrevivente.

***Como se chamava o sobrevivente?***

## Solução do problema:

O cheque passado pelo dono do carro a Cedric Gar mostra que o proprietário do automóvel só podia ser Leonard Ball ou Alfred Huntley. Mas como em 4 se vê que Leonard Ball não pode ser o dono do carro, este tem de ser de Huntley. Em 1 e 2 vimos que o sobrevivente e Ball são casados, enquanto que em 3 e 4 vimos que o dono do carro era solteiro. Por consequência, Huntley (o solteiro) não é o sobrevivente e como em 4 se demonstra que Leonard Ball também não é, o sobrevivente só pode ser Cedric Gar.

## Problemas Policiais #77

Diário Popular 4596 – 23.07.1955

O professor Fordney agarrou numa folha de papel e leu aos seus alunos da classe de criminologia o seguinte documento:

*«Nunca pensei que voltasse vivo, de lá. O tempo estava muito frio e límpido quando Frank Hayes e eu partimos de volta ao nosso acampamento, no Círculo Polar Ártico, na manhã de 8 de Setembro de 1932.*

*Três dias depois, a 11 de Setembro, levantou-se um vento gelado e uivante – o pior que jamais vi. A temperatura era de muitos graus abaixo de zero. Não tínhamos chegado a andar dois quilómetros quando Hayes deu uma queda terrível e, arrastado pelo vento, se feriu gravemente nas arestas do gelo.*

*Conseguí deitá-lo no trenó, mas ele bem sabia que estava mortalmente ferido e que pouco tempo poderia durar. Sabendo o interesse que eu tenho pelas suas pesquisas científicas, disse-me que queria fazer o seu testamento, deixando-me a sua fortuna, para que eu pudesse continuar as suas experiências. Tentei dissuadi-lo disso, mas ele, tirando da saca umas folhas de papel e uma caneta de tinta permanente, insistiu em que eu escrevesse o que ele me ditava. Assinou o testamento e, uma hora depois, morria.*

*Tive de matar dois dos cães, que também se tinham ferido na queda. Todos os outros, excepto um, fugiram, por isso não pude trazer o corpo do meu amigo. O vento, porém, passou pouco depois de Frank morrer.*

*Joseph Dennis*

Fordney pousou então o papel e disse:

**«Quero que me digam depressa se há alguma coisa inverosímil nesta história... e o quê? Depressa!».**

### Solução do problema:

O testamento não poderia ter sido escrito. A tinta não correria na caneta, por estar congelada.

## Problemas Policiais #78

Diário Popular 4603 – 30.07.1955

O professor Fordney e o xerife Tom Brennan tomavam café.

- Este bando está a dar comigo em maluco. – queixava-se Brennan. Fogem de motocicleta, encontram-se num ponto combinado e depois continuam num carro roubado. Na semana passada, mataram três homens na região. Temos de apanhá-los, professor!

- Por quem é composto o bando?

- Por Peter Maget, Axel Drew, Ernst Krause e Tom Reardon. As únicas informações que consegui obter foram estas:

1 – A irmã de Drew e a prima do chefe do bando foram gatunas de lojas. Um dos quatro membros da quadrilha é perito em mecânica e é ele quem mantém os veículos em excelentes condições. A irmã desse mecânico é namorada do chefe.

2 – Peter Maget e o mecânico afirmam que Tom Reardon, apesar de usar óculos, é o melhor atirador do Mundo.

3 – Há dias, Reardon trouxe dois meliantes de Chicago para ver se o chefe e o mecânico concordavam com a entrada deles, para o grupo. O chefe opôs-se. E é tudo quanto sei, professor. Quem lhe parece que seja o chefe?

Fordney sorriu.

- É fácil, Tom...

***Quem era o chefe da quadrilha?***

## Solução do problema:

Peter Maget é o chefe e Ernest Krause o mecânico.

## Problemas Policiais #79

Diário Popular 4610 – 06.08.1955

Para lhes fazer a vontade – disse o professor Fordney voltando-se para os seus companheiros de clube – sempre lhes vou revelar um caso criminal no qual apenas se observa um erro. Aqui têm:

E entregou um recorte de jornal ao seu amigo Winters, que leu:

### ***Condutor assassinado ao lado de uma mulher.***

*– A vítima abriu a janela do carro, a pedido de um homem que a abateu a tiro antes de ter tido tempo para erguer as mãos.*

*- Na manhã de ontem, quando o industrial Joseph Candora se achava dentro do seu carro, em Riverside Drive, sentado ao lado de Rose Worth, telefonista em Bridgeport, um homem bateu à janela do automóvel. Candora ergueu a vidraça e o homem, um desconhecido para «Miss» Worth, introduziu uma pistola pela abertura e, sem dizer palavra, abateu a tiro o infeliz industrial.*

*O criminoso fugiu num carro que o aguardava.*

- Então? – perguntou Fordney, sorrindo:

***– Onde está o erro?***

### Solução do problema:

Se a janela estava fechada, Candora não podia ter erguido a vidraça. Se estivesse aberta, o criminoso não poderia ter batido no vidro.

## Problemas Policiais #80

Diário Popular 4617 – 13.08.1955

O sargento Cargo forçou a porta da biblioteca de Andrew Morse. O velho filantropo estava sentado à sua secretária – morto. Numa pequena mesa, a seu lado, via-se uma garrafa de sifão, um copo quase vazio e um pequeno frasco de «whisky» também vazio. Sobre a secretária, havia um papel com os seguintes e estranhos dizeres: «Afogado no mar da futilidade».

O professor Fordney encaminhou-se para a janela de sacada que dava para um terraço. O termómetro exterior marcava 20 graus Fahrenheit.

Na cozinha, a velha governanta contou o que sabia:

«Levei o «whisky» ao patrão, às 21 e 30, como de costume. Mas achei-o muito nervoso e com mau aspecto e, por isso, voltei a bater à porta 20 minutos depois. Como não recebesse resposta, telefonei para o senhor professor, o primeiro amigo do patrão de quem me lembrei».

Quando Fordney descia as escadas, o sobrinho de Morse, Ted Terry, saltava de um táxi. Eram então 23 e 14.

- Tenho más notícias para si, rapaz. Encontrámos o seu tio morto, na biblioteca. Envenenado.

- Envenenado! Que horror! Mas por que estava fechada a porta da biblioteca? O tio andava com medo de alguém?

- Não, creio que não. As janelas de sacada estavam abertas. Foi ao boxe?

- Não. Estive a trabalhar toda a noite no escritório.

Fordney franziu a testa. Tinha de cumprir uma tarefa desagradável!

***Sobre quem incidiram as suspeitas de Fordney?***

### Solução do problema:

Sobre Terry, evidentemente. Ele declarara que passara a noite do escritório e, não obstante, sabia que a porta da biblioteca se encontrava fechada. Assim se revelou a sua culpabilidade na morte do tio.

## Problemas Policiais #81

Diário Popular 4624 – 20.08.1955

- Não vou ser hipócrita e fingir que tenho pena dela – disse Elsie Morley. – Ela tentou matar-me.

Fordney pegou na faca de cozinha que se encontrava junto do cadáver de Raquel, a linda cunhada de Elsie Morley, e entregou-a ao sargento Dodd. Depois, lançou um olhar em torno de si. Sobre a mesa da cozinha viam-se duas latas de conserva e um pão. Abriu a porta do fogão. O forno estava ainda quente.

- Pode falar, senhora Morley. – convidou Fordney.

- Meu irmão, Tommy casou com Raquel há seis meses. Ela era uma desavergonhada. Tentei tudo para a fazer entrar no bom caminho; mas... nada consegui.

«Tentei ensiná-la a cozinhar mas ela revelou sempre o maior desinteresse pelas coisas da casa. Hoje, quando estava de costas para ela, olhei por acaso para o espelho e vi-a pegar nessa faca e encaminhar-se para mim. Voltei-me e tentei tirar-lhe a faca da mão. Lutámos desesperadamente e, a certa altura, no auge da luta, ela acabou por cravar a faca no próprio pescoço. Nada mais».

O professor estava a olhar para o espelho da cozinha quando o sargento entrou e disse:

- As impressões digitais da rapariga e desta senhora aparecem muito nítidas no cabo da arma.

- Tocou nalguma coisa depois de chamar a polícia? – perguntou Fordney.

- Não. Limitei-me a tirar o pão do forno.

O professor suspirou:

- Diga-me, senhora Morley; por que matou assim sua cunhada a sangue-frio?

***Como chegou Fordney a tal conclusão?***

## Solução do problema:

As impressões digitais das duas mulheres apareciam claramente impressas no cabo da faca, o que não teria sucedido se elas tivessem, de facto, lutado.

A ser assim, as impressões digitais, apresentar-se-iam esborratadas e pouco nítidas.

## Problemas Policiais #82

Diário Popular 4631 – 27.08.1955

O professor Fordney saiu do laboratório, à meia-noite, em resposta a uma chamada urgente do inspector James Kelley. Um famoso «gangster» fora encontrado morto na orla de um bosque. Horas depois, Fordney comunicava à Imprensa o seguinte:

«Foram presos sete cadastrados, entre eles o chefe da quadrilha, e o assassino do homem encontrado no bosque. Esses sete indivíduos são: Eli Rickel, conhecido jogador; Silvester Zych, antigo advogado; Rudolph Voch, antigo presidiário; Ned Baskin, guarda-costas; Monte Montalto, conhecido pelo «homem da metralhadora»; Eddie Croft, contrabandista; e Joe Gorski, «boxeur».

Sabe-se:

- 1 – Que El Rickel, Monte Montalto e o assassino são os mais perigosos do bando.
- 2 – Que Rudolph Vock, o chefe do bando e Joe Gorski foram julgados em S. Francisco pelo assassinio de Jake Kilroy e absolvidos por nada se ter provado contra eles.
- 3 – Que Silvester Zich e o assassino eram tão amigos que chegaram a levantar suspeitas que levaram Vock e Gorski a apontá-los ao chefe.
- 4 – Que o assassino e Ned Baskin, foram sócios em várias surtidas. Baskin tem um olho de vidro. O assassino tem uma fortuna nos Bancos de um país sul-americano.
- 5 – Que o chefe e Montalto são casados com duas antigas coristas.
- 6 – Que o chefe e Eddie Croft fizeram recentemente uma viagem à cidade do México.
- 7 – Que Eli Rickel e o chefe tentaram fazer uma revolta na prisão de Vaupum.

***Quem é o chefe do bando? E o assassino?***

## Solução do problema:

Eli Rickel não é o assassino (1), nem o chefe (7). Rudolph Vock não é o chefe (2), nem o assassino (3). Sylvester Zych não é o chefe, nem o assassino (3). Monte Montalto não é o assassino (1), nem o chefe (5). Joe Gorski não é o chefe (2), nem o assassino (3). Ned Baskin fica eliminado apenas como assassino (4). Eddie Croft fica também eliminado, mas apenas como chefe (4). Eddie Croft fica também eliminado, mas apenas como chefe (6). Por conseguinte, Ned Baskin é o chefe e Eddie Croft o assassino.

## Problemas Policiais #83

Diário Popular 4679 – 15.10.1955

Retirando a navalha de barba do sítio onde se encontrava, junto do lavatório, o professor abriu-a e examinou atentamente a afiada lâmina.

Depois, acercou-se do cadáver de Paul Loken, estendido no pavimento da casa de banho, e observou detidamente o ferimento que o corpo apresentava no pescoço, retalhado por fundo golpe que ia quase de orelha a orelha. O corpo estava apenas vestido com calças e camisola. A mão esquerda segurava um pedaço de folha de papel de música. O médico, dr. Graham, examinou uma ponta de cigarro que encontrara junto do cadáver.

- Marijuana – disse ele. – Malditos estupefacientes!

Os dois homens saíram do quarto de banho.

\*

- Depois da neve, aqui a Nan, que vive no andar de cima, e eu, resolvemos vir tomar uma bebida com Paul Loken – explicou Cedrik Kendrick que partilhara com o morto o mesmo apartamento. – Depois de alguns «wkiskies», Paul retirou-se para o seu quarto. Daí a pouco ouvimos um baque no soalho da casa de banho. Corremos para lá e vimos... aquele horror! Não tivemos coragem para entrar. Fechámos a porta e telefonámos para a Polícia e para o doutor Graham.

- Reparou se havia fumo na casa de banho?

- Sim. Paul era um fumador inveterado de marijuana.

- Ele sofreu muito? – perguntou Nan.

- Talvez não – respondeu o médico, evocando o horrível golpe – Loken morreu antes de chegar ao chão, instantaneamente!

- O que, entre outras coisas – acrescentou o professor – prova que houve crime! Considerem-se ambos presos!

*Em que se baseou Fordney para fazer a afirmação de que se tratava de crime?*

### Solução do problema:

Loken morreria instantaneamente. Se ele tivesse cortado o pescoço, a navalha aberta teria caído no chão, mas Fordney encontrou-a, fechada, na beira do lavatório.

## Problemas Policiais #84

Diário Popular 4686 – 22.10.1955

- Não debes ligar muita importância às lágrimas daquele torrãozinho de açúcar – disse uma das três mulheres que seguiam a senhora Kinsella, a dona da pensão, que subia penosamente os degraus para lhes mostrar os quartos que as mulheres acabavam de alugar. – Além disso – prosseguiu a mulher que primeiro falara – ela trabalha com um hipnotizador e por isso anda sempre na lua. Se juntarmos o amor a tudo isso...

«Sabe a quem se referia a mulher que assim falou? – perguntou Fordney à senhora Kinsella.

- Referia-se a uma das outras no teatro e deram os nomes duas que a acompanhavam mas ignoro a qual delas. As três mulheres disseram-me que trabalhavam no teatro e deram os nomes de Daisy Hunt, Clara Walsh e Wanda Reynor mas não me dei ao trabalho de averiguar a quem correspondiam, respectivamente, esses nomes. Uma delas, de brincadeira, certamente, fez o comentário que reproduzi há pouco mas não me voltei para trás para ver quem falava.

- Portanto – disse Fordney – não sabe como se chama a mulher que encontrou morta na cama, esta manhã?

- Não, senhor – afirmou a senhora Kinsella.

- E onde estão as outras duas?

- Desapareceram.

Ao examinar a mala da morta, Fordney deparou com um programa cujos dizeres, juntamente com as declarações que a senhora Kinsella, lhe permitiram identificar a mulher que sucumbira a uma forte dose de veronal.

O dito programa informou-o de que:

1) Clara Walsh e a ajudante do hipnotizador haviam organizado um espectáculo, de sua iniciativa, com o qual esperavam obter contratos na América do Sul.

- 2) Daisy Hunt e a rapariga morta haviam começado a sua vida de coristas há dez anos.
- 3) A ajudante do hipnotizador começara a trabalhar no teatro apenas há dois anos.

### ***Como se chama a morta?***

### **Solução do problema:**

Vejamos primeiro quem é a ajudante do hipnotizador. 1) Não é Clara Walsh. 2) Também não é Daisy Hunt. Por conseguinte, é Wanda Heynor.

Daisy Hunt (2) e a rapariga morta eram coristas há dez anos, enquanto Wanda só trabalhava no teatro há dois anos. Como nenhuma delas é a rapariga morta, esta tem que ser, forçosamente, Clara Walsh.

## **Problemas Policiais #85**

**Diário Popular 4693 – 29.10.1955**

Quatro presos da Cadeia de Montreal arrancaram da parede pedaços de cano de água com os quais agrediram selvaticamente os guardas, tendo-se depois posto em fuga através de um buraco feito no chão. Os fugitivos chamavam-se Dan Morgan, Sam Chapin, Louis Segal, e Anton Kroll e estavam todos cumprindo penas por assaltos à mão armada.

Organizada a perseguição, o bando foi cercado a quinze milhas da cadeia. Após um combate, no decurso do qual dois dos bandidos foram feridos, conseguiu-se prender a quadrilha – mas um dos membros matara a tiro o guarda Don Burton.

Fordney interrogou os quatro homens, mas nenhum deles se prestou a dar quaisquer informações relativas a si próprio ou aos outros.

Ao cabo de algumas diligências, o Professor conseguiu porém apurar que:

1 - O chefe da quadrilha era um dos quatro, antigo bailarino e poliglota consumado.

2 – Durante algum tempo, o feio Segal e o elegante chefe do bando haviam andado desconfiados um do outro.

3 – Uma semana antes da sua prisão, Sam Chapin e o chefe haviam ganho 4.000 dólares ao jogo em casa de Anton Kroll. Kroll nunca joga.

4 – O chefe e o preso que matou o guarda são bons amigos. Tiveram em tempo uma casa de jogo em Cuba.

5 – Anton Kroll e o assassino eram casados com duas gêmeas que nada sabiam acerca da sua conduta criminosa.

Possuidor destes elementos, Fordney logrou descobrir o nome do assassino do guarda.

*Quem é ele?*

## Solução do problema:

Começamos por apurar quem é o chefe da quadrilha. Não é Louis Segal (1), nem Anton Kroll, nem Sam Chaplin (2) e, portanto, só poderá ser Dan Morgan. Ora Dan Morgan não é o assassino, embora seja o chefe do bando (4). O assassino não é Louis Segal (2 e 4) e Anton Kroll também não (5). Portanto, foi Sam Chapin quem matou o guarda.

## **Problemas Policiais #86**

**Diário Popular 4700 – 05.11.1955**

O barco costeiro «Reliance» encontrou, há dias, três homens que navegavam à deriva a bordo de um salva-vidas de avião.

Dois dos náufragos estavam já inconscientes e o terceiro quase delirante. No entanto, a instâncias do professor Fordney, este último conseguiu informar que os três se chamavam Charles Diamond, Harold Sellstrom e Cristian Volimer. Mas não se conseguiu que dissesse a quem correspondia cada um desses nomes.

Entre os documentos dos náufragos, foi encontrado o contrato de aluguer do avião a Harold Sellstrom.

Outras diligências levaram à conclusão de que os três homens procuravam emigrar clandestinamente da América para Dacar.

Descobriu-se ainda que:

Diamond se divorciara recentemente.

Antes de embarcar no avião, o dono do aparelho manifestara ciúmes pelas atenções que o náufrago agora delirante prodigalizava à namorada dele, dono do avião.

Por tal facto, o náufrago delirante oferecera-se para ficar em terra mas como era ele o único piloto experimentado, Diamond insistira por que ele partisse.

Diamond dissera também que o piloto provavelmente atiraria ao mar o dono do avião, logo que alcançassem o oceano.

Com estes elementos, Fordney logrou identificar o náufrago delirante.

***Quem é ele?***

## Solução do problema:

Se Sellstrom não era o dono do avião e Diamond não era nem o piloto nem o dono do aparelho, então só Volimer podia ser o proprietário da aeronave. Assim, não é difícil concluir que o náufrago delirante é, por exclusão de partes, Shellstron.

## **Problemas Policiais #87**

**Diário Popular 4714 – 19.11.1955**

- Bom dia meus senhores – disse o professor Fordney, ao entrar na sala da classe, acompanhado por um cavalheiro de aspecto distinto. – Trago-lhes uma celebridade. Temos junto de nós o inspector Marcel Guidont, da «Sureté» francesa. Apresento-lhe os meus discípulos, inspector.

Feitas as apresentações, Fordney convidou o francês a pôr à prova com um problema de lógica, a inteligência dos seus alunos, ao que Guidont acedeu, apresentando a seguinte hipótese:

«Um amigo meu, residente na província, recebeu recentemente uma tentadora proposta de compra do terreno onde ele fizera construir uma pequena vivenda. Como o homem gostava da sua casa e era, por acaso, proprietário de um outro terreno, ali perto, decidiu transportar a casa. Após algumas diligências, conseguiu colocar a vivenda num plano inclinado, sobre um tronco de três pés de diâmetro. E agora, pergunta-se:

*Que distância avançaria a casa, a cada rotação completa do tronco?*

### Solução do problema:

Em tais condições, a casa nem sequer se teria deslocado.

## Problemas Policiais #88

Diário Popular 4721 – 26.11.1955

A pequena sala de audiências do Tribunal Criminal do Arizona estava à cunha e o professor Fordney seguia os acontecimentos com vivo interesse.

Rupert Durand fazia o seu depoimento:

«Hank Brody, Clint Kevin e eu andávamos há uma semana a pesquisar minério no deserto quando se levantou uma terrível tempestade de areia. Estávamos então a oito milhas do nosso acampamento. Dentro em pouco, perdemo-nos, Hank E Clint começaram a discutir um com o outro. Não conseguimos abrigar-nos durante as 48 horas que durou a tempestade e o vento soprava com extraordinária violência. Na manhã do segundo dia, quando a tempestade amainou, Hank afastou-se, sem dizer palavra. Cinco minutos depois, Clint seguiu na mesma direcção, oposta à do acampamento. Devem ter caminhado em círculo porque eu tomei a direcção oposta e avistei-os meia hora depois. A cerca de 200 metros de distância, com boa visibilidade, observei que Clint agarrava Hank por um ombro, fazia-o dar uma volta e abatia-o com um tiro de revólver. Corri para o local, mas Clint afastou-se sem nada me dizer. Hank estava morto.

- Trazia então esses óculos? – perguntou Fordney.

- Sim; durante a tempestade usei sempre estes óculos. Uso-os tanto para ler como para ver ao longe. Com eles vejo perfeitamente.

- Pode mostrar-mos? – inquiriu o professor.

Durand passou-lhe os óculos que Fordney limpou cuidadosamente. Em seguida, colocou-os sobre o nariz e olhando através deles para o juiz, disse.

- Durand está, evidentemente, a querer comprometer Kevin. Não pode ter visto a cena que contou... Pelo menos com estes óculos.

***Em que se baseou o professor Fordney para fazer tal afirmação?***

## Solução do problema:

Se Durand tivesse andado com aquelas lentes 48 horas, sob uma tal tempestade de areia, as lentes teriam ficado de tal maneira riscadas, que se tornaria impossível ver claramente através delas. Ora, as lentes dos óculos estavam perfeitamente límpidas. Portanto, não haviam sido usadas durante a tempestade. Logo, Durand mentia para inculpar Kevin.

## Problemas Policiais #89

Diário Popular 4734 – 10.12.1955

A linda Lorna Waring estava tomada de viva excitação. Havia finalmente entrado em contacto com autênticos «gangsters» que tinham falado abertamente na sua frente!

A quadrilha era constituída por Bebe Held, Alice Avon, Tex Logan, Loren Northrup e Hank Jessing.

Por acaso, Lorna foi testemunha de um assalto executado por dois membros da quadrilha. Ela jurou guardar segredo, mas a quadrilha não estava disposta a arriscar-se. Horas depois, foi convidada a tomar parte num roubo de jóias. Recusou. No dia seguinte, Lorna estava na morgue.

Isto era tudo quanto o professor Fordney sabia quando começou a investigar as responsabilidades da quadrilha. Dentro em pouco, sabia mais o seguinte:

1 – Um dos membros da quadrilha era um hábil jogador de «bridge» que tinha excelentes relações na sociedade.

2 – Loren Northrup, que fora em tempos «croupier» organizara um clube clandestino de jogo para o que tentara obter a colaboração do jogador de «bridge». Mas este, que detestava Northrup, recusou.

3 – Embora Hank Jessing e o jogador de «bridge» se detestassem, trabalhavam na mesma quadrilha.

4 – Bebe Held disse a um amigo que o membro da quadrilha que matara Lorna Waring o fizera com receio de que ela revelasse os segredos da quadrilha. Bebe, acrescentou que o jogador de «bridge» também agradado de Lorna, pedira ao assassino, de quem era amigo, que a não matasse.

Presa a quadrilha, Fordney com estes dados descobriu em breve quem assassinara Lorna Waring.

*Quem foi?*

## Solução do problema:

O jogador de bridge (2) não é Loren Northrup. Como também não é Hank Jessing (3), só pode ser Tex Logan. Bebe Held não matou Lorna. Como o jogador de bridge (Tex Logan) pediu ao assassino, de quem era amigo, que não matasse a rapariga, o assassino não pode ser Northrup, nem Jessing (2 e 3). Conclui-se, portanto, que quem praticou o crime foi Alice Avon.

## Problemas Policiais #90

**Diário Popular 4741 – 17.12.1955**

O mundo do crime não acolheu a notícia com surpresa. De há muito esperavam aquele desfecho. Louis Chapin perdera a prudência. E quando se soube que ele avisara a Polícia Federal das actividades de certo grupo, fizeram-se apostas de que ele pouco tempo mais viveria. Os que apostaram, ganharam. Dentro de alguns dias, o corpo mutilado de Louis Chapin foi encontrado na berma de uma estrada dos arredores.

Chapin chefiava uma quadrilha que operava no mercado negro e cuja ganância era bem mais forte do que o seu patriotismo. Os outros componentes da quadrilha eram: Abe Wolstein, Andy Ritter, Hap Traynor, Moose Maloney, Tom Drake, Gip Bangor, Sig Donaper e Viv Galvary.

A pedido do seu amigo inspector Kelley, o professor Fordney em breve apurou o seguinte:

1.º - Wolstein, Traynor e o assassino de Chapin controlavam parte das actividades da quadrilha.

2.º - Um dos oito membros da quadrilha era um desertor, facto de que apenas tinham conhecimento Drake, Donaper e o próprio, evidentemente.

3.º - Uma semana antes do crime, Galvary, Bangor, Wolstein e o desertor haviam-se encontrado com agentes do mercado negro de Chicago. Maloney ficou irritado quando soube desse facto.

4.º - Dois dias antes do crime, Ritter, Drake e o assassino pediram a Chapin que desistisse da sua participação nas actividades da quadrilha. E, como Chapin recusasse, Ritter, o assassino e o desertor deram-lhe uma sova.

5.º - No dia do crime, Bangor, Galvary e o assassino discutiram o plano do assassinio com Maloney. Maloney concordou em que era necessário liquidar Chapin.

Nove dias depois toda a quadrilha estava presa.

Pergunta-se:

### *Quem assassinou Chapin? Quem é o desertor?*

#### Solução do problema:

Wolstein não é o assassino (1) nem o desertor (3). Ritter também não é o assassino nem o desertor (4). Traynor não pode ter sido o assassino (1). Maloney não é o desertor (2) nem o assassino (4). Bangor não é o desertor (3) nem o assassino (5). Donaper não pode ser o desertor (2). Salvari não é o desertor (3) nem o assassino (5).

Por consequência, Trainor que apenas foi eliminado assassino (1) é o desertor, e Donaper, apenas eliminado como desertor (2) é o assassino.

## Problemas Policiais #91

Diário Popular 4748 – 24.12.1955

- Que nevoeiro! – disse Hale Spence quando Dodge, o seu criado, o ajudava a despir o sobretudo. – Tive de vir a pé desde o clube... Não consegui encontrar nenhum táxi. Perdi-me duas vezes... não se via um palmo diante do nariz! Telefone a Billings. Bradwell...

- Perdão, senhor, tem ali uma visita... É o professor Fordney...

- Olá, Spence – saudou o criminologista. – Ouvi a sua conversa com Dodge. Um londrino como você não se devia perder no nevoeiro!

Pela expressão do seu rosto, era fácil ver que Spence não gostara daquela visita mas, a despeito disso, inquiriu em tom cordial:

- Quer tomar uma bebida?

Um quarto de hora depois estava ao facto do objectivo da visita de Fordney. A «Scotland Yard», desconfiando de que Spence tinha entendimentos com uma quadrilha de falsificadores, pedira a Fordney para intervir. E após algumas diligências, averiguara mais do que Spence suspeitava.

- A «Yard» estava prestes a prender Bradwell como chefe da quadrilha, mas ele foi assassinado esta tarde – observou Fordney em tom casual.

- Bem sei! – replicou Spence. – Soube disso quando vinha do clube. Li o cabeçalho de um jornal que um garoto tinha na mão. Mas deixe-me dizer-lhe, professor, que a «Yard», está enganada! O negócio que Bradwell tinha em Tottenham Court Road era perfeitamente legal. Eu próprio lhe comprei várias antiguidades.

- Aquilo é uma delas? – perguntou Fordney apontando para um grande jarão que se encontrava sobre a mesa.

- É, sim. Porquê?

- Se você não estava envolvido no assassinio de Bradwell, poderá dizer-me, sinceramente, como soube da sua morte? – perguntou Fordney.

*De facto despertou as suspeitas do professor?*

**Solução do problema:**

Com tal nevoeiro, Spence não podia ter lido o cabeçalho do jornal. Apurou-se, mais tarde, que ele fazia parte da quadrilha chefiada por Bradwell.

## Problemas Policiais #92

Diário Popular 4754 – 31.12.1955

O espectáculo não era agradável de ver.

A linda e exótica Mado Gougin pendia, enforcada, de um dos braços do grande lustre de bronze. As suas pernas balouçavam, sinistramente, no meio da abertura central da grande mesa da sala de jantar, de mogno polido.

A rapariga envergava um rico vestido de baile com sapatos de salto alto.

A corda era forte e o nó fora feito por mão inexperiente.

Os pés de Mado estavam apenas a um palmo do solo.

Assim findara uma das mais famosas bailarinas que haviam passado pelos palcos da Broadway.

Um dos seus amigos, Herbert Ashley dizia a Fordney:

- Creio que foi a morte do major Redfield que a levou a praticar este acto de desespero. Pobre rapaz! Morreu, há dias, na batalha do Pacífico. Ela gostava muito dele.

- Foi você quem encontrou o cadáver? – perguntou o professor.

- Sim; tinha combinado levá-la à Ópera e como bati à porta e ninguém veio abrir utilizei-me da chave do meu apartamento que, por acaso, também serve na fechadura desta casa.

O sargento Bell, que acabava de examinar a mesa, disse a Fordney:

- O tampo da mesa só apresenta marcas de impressões digitais da vítima e alguns pingos de cera. Mas há umas folhas de jornal ali ao canto. – Ela não tinha criada? – perguntou Foedney a Ashley.

- Tinha, sim; mas provavelmente deu-lhe licença para sair a fim de ficar sòzinha em casa.

- Veja se encontra uma balança por aí – ordenou Fordney ao sargento. – Estas beldades nunca dispensam tal coisa. E se encontrar pese o cadáver.

Bell saiu para voltar daí a pouco com a informação:

- A rapariga pesa 78 quilos.

Fordney acenou com a cabeça.

- Então, está provado que ela não se suicidou. Foi assassinada e para começar pode prender este cavalheiro para averiguações.

***Em que se baseou Fordney para estas conclusões?***

## Solução do problema:

Se Mado se tivesse suicidado depois de subir para a mesa, o tampo polido desta apresentaria vestígios dos saltos dos seus sapatos, dado o seu peso. E se tivesse sido ela quem colocara os jornais sobre a mesa a fim de não riscar o tampo não poderia tê-los retirado depois de morta. Portanto, era legítima a conclusão de Fordney: Ashley, que dissera ter encontrado o cadáver, estrangulara-a e para ocultar o seu crime pendurara depois a sua vítima no candeeiro. Simplesmente, cometeu o erro fatal de tirar os jornais depois de se ter servido deles para não riscar o tampo da mesa.

## **Problemas Policiais #93**

**Diário Popular 4760 – 07.01.1956**

Quando os detectives Buck Merrick e Sid Damon tentaram entrar no apartamento 302 do Rensonia Hotel, foram recebidos à bala pelos quatro homens que fugiam desse mesmo apartamento.

Merrick tombou varado por quatro balas, e morreu pouco depois sem ter conseguido identificar o seu assassino.

Damon informou o professor Fordney de que ele e Merrick haviam sido encarregados de descobrir o esconderijo do bando que havia burlado o industrial John Wright em 35.000 dólares.

Damon informou ainda ser a quadrilha constituída por Oswald Munson, Dan Carmody, Rick Somer e Harry Keeler.

Pouco tempo depois, o professor Fordney conseguia mais as seguintes informações:

1) Um dos quatro homens, antigo professor de línguas românicas, era o chefe da quadrilha.

2) Somer tinha tentado ganhar a confiança do antigo professor, mas este não havia confiado nele.

3) As duas irmãs de Harry Keeler eram namoradas de Carmody e do chefe do bando.

4) O chefe do bando e o homem que assassinara Merrick eram velhos amigos e ambos tinham cadastro na Austrália.

5) Depois do último «golpe» da quadrilha, Keeler e Merrick haviam recebido mais 2.000 dólares do que os outros.

Em face destes elementos, Fordney identificou, em breve, o assassino.

***Quem matou Buck Merrick?***

## Solução do problema:

Vejamos primeiro quem é o chefe.

Não é Somer (2) nem Keeler nem Carmody (3); Portanto, só pode ser Oswald Munson.

Oswald Munson não é o assassino (4).

Somer não pode ser o assassino (2) e (4) e Keeler também não (5).

Por conseguinte, foi Dan Carmody quem assassinou Merrick.

## Problemas Policiais #94

Diário Popular 4767 – 14.01.1956

As pétalas de um trevo de quatro folhas, que tinham posto no tapete oriental, uma mancha verde, debaixo do corpo de Charls De Long, não passaram despercebidas aos olhos de lince do professor Fordney, que lhes pegou para as guardar entre as páginas da sua agenda. Depois, examinou a faca que emergia do peito de De Long.

\*

- Gostaria de que se lembrasse a que horas saiu de junto de Adolph Lyon - insistiu Fordney, pacientemente. Estava interrogando Irene Adler no apartamento dela. – Lyon disse-me que foi você quem achou este trevo de quatro folhas e lho colocou na botoeira, para dar sorte. Ele não se recorda da hora em que andaram a passear pelo campo, mas se você se recordasse seria óptimo.

- Adolph encontrou De Long morto?! – exclamou Irene em voz débil.

- Exactamente. Diz ele que foi ao apartamento de De Long depois de se ter separado de si. Ao entrar na sala, deparou com De Long e, como não teve dúvidas de que estava morto, correu imediatamente para a biblioteca, a fim de chamar a Polícia, e não saiu de lá enquanto não chegámos. Quais são as suas relações com Lyon? – perguntou Fordney.

- Estamos noivos. Não lhe parece que ele seja culpado, pois não?

- Se você não me diz nada que o ilibe de suspeitas, vejo-me forçado a ordenar a sua captura. – E reparando numas flores que se encontram numa jarra, sobre a mesa, perguntou ainda: - Foi também durante esse passeio que colheu estas flores?

- Sim... sim... Por favor, não prenda Lyon. Ele deve estar inocente.

- Não me parece. – replicou Fordney. – O trevo da sorte perdeu-o.

***Como chegou Fordney a tal conclusão?***

## Solução do problema:

Lyon mentira, evidentemente, pois afirmara ter ido telefonar à Polícia logo que se lhe deparou De Long morto e, afinal, o seu trevo de quatro folhas aparecera debaixo do cadáver.

## **Problemas Policiais #95**

**Diário Popular 4774 – 21.01.1956**

Na manhã de segunda-feira, 14 de Maio, um grupo de quatro homens mascarados entrara no Third National Bank e, empunhando armas automáticas, roubara das caixas quarenta e seis mil dólares, fugindo em seguida, depois de ferir mortalmente um dos porteiros que tentara prevenir a Polícia.

O professor Fordney entrou em acção e descobriu em breve que o bando era constituído por Joe Kreble, Rex Bender, Tony Farachi e Dick Doran, apurando ainda que:

1) Um dos quatro meliantes, ex-corredor de automóvel, era o motorista do carro da quadrilha.

2) Rex Bender tentara, durante algum tempo, convencer o motorista a dar o «golpe» sozinho com ele, mas este negou-se a isso por não confiar em Bender.

3) O motorista e Joe Kreble tinham recentemente ganho a Dick Doran uma avultada quantia num salão de jogo pertencente a um tio de um dos membros da quadrilha.

4) O assassino do porteiro e o motorista são grandes amigos.

5) Recentemente, também, Doran obtivera 9.000 dólares numa «operação» que empreendera com o assassino do porteiro.

Uma vez de posse destes elementos, Fordney chamou o sargento Bill Jopke e ordenou-lhe:

- Vá buscar... Foi ele quem matou o porteiro.

***Qual foi o nome que Fordney indicou ao porteiro?***

## Solução do problema:

O motorista não é Rex Bender (2), nem Joe Kreble, nem tão pouco Dick Doran (3). Portanto, é Tony Faracchi. O motorista (Faracchi) não é o assassino (4).

Rex Bender também não é o assassino (2 e 4). Dick Doran também não pode ser o assassino (5). Portanto, foi Joe Kreble quem matou o porteiro.

## Problemas Policiais #96

Diário Popular 4781 – 28.01.1956

A atenção do professor Fordney foi atraída para um volume suspeito na algibeira direita de um bom sobretudo de pele de camelo atirado descuidadamente para cima do casaco cinzento de Skamp, nas costas de uma cadeira.

- Aquilo é seu? – perguntou o professor a John London.

- É sim, senhor. Eu...

- Um momento – interrompeu o professor. Mas, quando verificou que o tal volume suspeito era, afinal, uma inofensiva caixa de chocolates, não pôde esconder um sorriso. Ao examinar o casaco cinzento, uma ideia lhe ocorreu. Talvez que os chocolates tivessem algum significado.

Fordney examinara já o cadáver de Henry Skamp que jazia no soalho do quarto. Skamp fora apunhalado.

- Muito bem – disse o professor, voltando-se para John London – Continue...

- A noite passada, Henry voltou para casa um pouco embriagado. Acordou-me. E, como eu me tivesse recusado a ouvir a história de um namoro que ele queria impingir-me, despiu o casaco, atirou-o para cima da cadeira e deitou-se em cima da cama, vestido. Como estava muito fatigado, voltei-me para o outro lado e adormeci. Quando acordei esta manhã, por volta das nove horas, vi-o morto, ali no chão e apressei-me a chamar a Polícia.

- Depois de ter adormecido, pela segunda vez, não voltou a acordar, despertado por algum ruído insólito? – inquiriu Fordney.

- Não, senhor. Estava muito fatigado e, além disso, tenho o sono pesado.

- E não mexeu em nada, neste quarto, antes de telefonar à Polícia?

- Não, senhor.

- Há quanto tempo compartilhava deste quarto com Henry Skamp?

- Há quase dois anos.

- Onde trabalhava Skamp?

-Ah! Esqueci-me de lhe dizer. O Henry desempregou-se há dois meses e, desde então, passou a andar sempre tristonho. De vez em quando, embriagava-se... talvez para esquecer.

Fordney ficou pensativo por alguns momentos. Depois, voltou-se para London e disse-lhe:

- Você mentiu. Fica detido para averiguações.

***Por que motivo Fordney mandou prender John London?***

### **Solução do problema:**

London afirmara que estava a dormir quando Skamp chegara ao quarto; Que este tentara contar-lhe uma história, mas como ele lhe não desse ouvidos, despira o casaco, atirara-o para cima da cadeira e deitara-se vestido. London afirmara ainda não ter tocado em coisa alguma. Ora, como Fordney encontrara o sobretudo de London em cima do casaco cinzento de Skamp, percebeu que London mentira.

## Problemas Policiais #97

Diário Popular 4788 – 04.02.1956

- Cá vai à saúde do velho Cecil! – disse Inês Wattson, erguendo a sua taça, numa gargalhada – se ele soubesse que eu estava aqui contigo...

Neste momento, a campainha da porta retiniu.

- Deve ser o rapaz da pastelaria – disse Norton.

Norton foi abrir a porta e, com grande surpresa, achou-se em frente de Cecil Wattson. Que empunhava uma pistola, ordenando-lhe que se mantivesse calado e fosse sentar-se junto de Inês. Wattson entrou no apartamento de Norton, abriu a telefonia, meteu a sua arma no bolso, tirou duma gaveta a arma de Norton e depois, sem proferir palavra, abateu Inês com um tiro.

Em seguida obrigou Norton a dactilografar e assinar um papel com os seguintes dizeres:

*Matei Inês porque ela se recusa a atraiçoar Cecil.*

*E agora vou suicidar-me.*

*Rex Norton*

Aquele papel pô-lo-ia a coberto de suspeitas.

Segundos depois, uma bala atravessa a cabeça de Norton.

- Calcemos as luvas – murmurou o assassino – Agora, o estore. Pronto, já está levantado. Apaguemos a telefonia. As impressões digitais de Norton na sua própria arma... Ótimo! Podia tomar uma taça de champanhe, mas é melhor não...Nada de imprudências!

Watson dirigiu-se para a porta, apagou as luzes e saiu.

Antes de a Polícia entrar no apartamento, Watson explicou a Fordney:

- Vim até cá na intenção de os matar a ambos. Eu sabia que Inês estava cá. Mas espreitei pela janela e, com grande surpresa, vi Norton matar a minha mulher, escrever

qualquer coisa num papel e suicidar-se em seguida. Fui chamar a Polícia e resolvi esperar cá fora por vós.

O professor acendeu as luzes do apartamento e, durante alguns minutos, passeou pela sala, em silêncio.

A certa altura, passou a Wattson o papel escrito à máquina.

- Oh, meu Deus! – exclamou, ele – Ele matou-a porque ela se recusava a atraíçoar-me. Querida Inês!

- Além de assassino é hipócrita – comentou Fordney com desprezo. – Leve-o já, sargento!

***Qual foi o elemento que desmascarou Wattson?***

## **Solução do problema:**

Ao sair do apartamento, depois de cometer os crimes, Watson apagou as luzes, instintivamente. E isso perdeu-o, por duas razões:

- 1.<sup>a</sup> – Se as luzes estivessem apagadas, Norton não poderia ter feito aquilo.
- 2.<sup>a</sup> – Se as luzes estivessem apagadas, Watson não poderia ter visto o que relatou como tendo presenciado.

## Problemas Policiais #98

Diário Popular 4795 – 11.02.1956

Num pequeno bosque, a cerca de cem metros da estrada isolada, o professor Fordney examinou os corpos das duas raparigas. Aparentavam ambas vinte e sete anos, estavam bem vestidas e eram muito bonitas. O seu vestuário apresentava-se rasgado, o que indicava ter havido terrível luta. Cada uma das raparigas fora alvejada com uma bala na cabeça, quase à queima-roupa.

A uma milha de distância, foi encontrada uma outra rapariga da mesma idade que errava em estado de choque e com sinais de amnésia. Falava em tom histérico, com acento inglês.

Na berma da estrada, foi encontrado um automóvel, abandonado. Pelo exame das bagagens, Fordney concluiu que pertencia às três raparigas.

Pelo exame atento dos objectos pertencentes às raparigas, apenas se apurou chamarem-se Louise Holden, Sandra Worth e Marie Rochele. Eram todas professoras numa escola londrina e uma delas, que parecia ter passado alguns anos em Calcutá, era muito hábil em danças hindus. Estavam na América em gozo de férias, mas pareciam ter a intenção de lá ficar, se fosse possível. Além disso, apenas se apurou:

1) Que Sandra Worth e a dançarina hindu tinham combinado que apenas ficariam na América se conseguissem obter emprego na mesma escola.

2) Que Louise Holden e a rapariga que sofria de amnésia tinham ensinado em Londres durante cinco anos, ao passo que a dançarina hindu apenas recentemente completara o seu primeiro ano de estadia em Inglaterra.

Com estes elementos, Fordney em breve determinou a identidade da rapariga sobrevivente...

*Quem era ela?*

## Solução do problema:

Antes de identificar a rapariga sobrevivente, determinaremos primeiro quem é a dançarina hindu. Não é Sandra Worth (1), nem Louise Holden (2). Portanto, só pode ser Marie Rochelea dançarina hindu. Por conseguinte, Como Marie Rochele é a dançarina hindu e como Louise Holden e a sobrevivente, haviam ensinado em Inglaterra durante cinco anos (2), enquanto Marie apenas lá ensinara por espaço de um ano, nem Louise Holden nem Marie Rochele podem ser a sobrevivente. Portanto, Sandra Wort é a rapariga sobrevivente que sofre de amnésia.

## **Problemas Policiais #99**

**Diário Popular 4801 – 18.02.1956**

O pulso do homem apresentava-se fraco, a respiração lenta e difícil. O professor ergueu-lhe a pálpebra esquerda; a pupila estava contraída. A face, estava azulada, os lábios lívidos, as mãos frias.

- Morfina – disse Fordney, lançando um olhar em torno de si.

O apartamento do moribundo, Eric Wardell, estava mobilado à moda oriental e impregnado do perfume de incenso. Depois, voltou-se para Henry Brillat que passeava de um lado para o outro, nervosamente, e perguntou:

- Que me diz a isto?

- Cheguei cá às 8 e 30 como combinara com Eric – respondeu Henry Brillat. – A porta estava aberta, como de costume, e eu entrei. Ele disse-me qualquer coisa e caiu em coma, nessa cadeira. Como não conseguisse despertá-lo, resolvi chamar uma ambulância. Mas onde está a agulha? Nunca suspeitei de que Eric tomasse narcóticos. Não posso compreender esse desfecho.

- Veja se encontra a agulha, sargento – disse Fordney, quando chegou a ambulância.

O professor ergueu a manga de Eric Wardell e descobriu uma picada no antebraço esquerdo. Depois, abriu-lhe a camisa. Sobre o peito viam-se três manchas azuladas.

- Aqui está a agulha – disse o sargento, surgindo no limiar da porta. – Estava numa mala dele.

Quando Fordney se preparava para sair, o telefone tocou. O médico comunicava que Wardell sucumbira a uma forte dose de morfina, injectada por via hipodérmica.

Fordney desligou e ordenou a Brillat:

- Venha daí. Fica detido para averiguações.

***Por que suspeitou Fordney de Brillat?***

## Solução do problema:

A morfina pode ser administrada por via oral ou hipodérmica. Brillat afirma que desconhecia o facto de o amigo tomar narcóticos, mas, quando Fordney lhe disse que ele estava intoxicado com morfina, Brillat perguntou logo pela agulha, revelando, assim, que o narcótico havia sido injectado.

## Problemas Policiais #100

Diário Popular 4808 – 25.02.1956

Segundo as instruções do professor Fordney, o sargento Cargo soergueu o cadáver de Slick Donovan, pegou no chapéu de feltro caído ao lado do corpo e enfiou-o na cabeça de Slick. O furo no lado esquerdo do chapéu correspondia ao ferimento na têmpora de Slick.

Fordney examinou os buracos por onde a bala entrara e saíra do chapéu.

- Slick Donovan usava sempre o chapéu tão à banda? – perguntou ele ao sargento.

- Sempre. – respondeu Cargo, que conhecia, havia anos, aquele personagem dos «bas-fonds».

O médico-legista, dr. Ralph Burton, irrompeu no apartamento, decorado com gosto mais que duvidoso.

- Parem com isso! Que estão a fazer a esse cadáver? – inquiriu ele. – O senhor surpreende-me, Joe Fordney. Devia saber que isso não se faz.

Fordney riu-se.

- Slick era canhoto, sargento?

- Sim, senhor. Não tinha a mínima habilidade na mão direita.

- Ele costumava andar de chapéu em casa?

- Só o tirava ao deitar-se.

Fordney consultou o relógio. Eram duas e trinta e cinco da madrugada. A chuva fustigava as vidraças. O professor pegou na pistola de Slick, com a qual fora disparado um único tiro, e lançou um olhar interrogador ao médico.

- Extrairei a bala da cabeça da vítima pela manhã. – anunciou o doutor, fechando a maleta.

- Ele estava embriagado quando se matou? – perguntou Cargo.

- Claro que estava embriagado. – confirmou o médico. – Mas isso não são maneiras de pôr a questão. Como quer que eu saiba se ele se matou? E Fordney sabe tanto como eu.

- Ah, não; eu sei. – disse o professor sorrindo. – Slick Donovan não se suicidou... Foi assassinado.

***Qual a única prova que conduziu Fordney àquela conclusão?***

### **Solução do problema:**

No chapéu de Donovan, havia dois furos de bala – um de entrada e outro de saída do projectil – o que provava que uma bala tinha atravessado o chapéu. Porém, havia uma segunda bala alojada no cérebro de Slick. Daqui, o professor concluía que a vítima fora alvejada quando estava sem chapéu e, em seguida, novamente com o chapéu na cabeça e de forma, a que o segundo furo de bala coincidissem com o primeiro. Assim, a hipótese de suicídio tinha de ser posta de parte.

## Problemas Policiais #101

Diário Popular 4815 – 03.03.1956

- Ele deve ter a doença do sono – disse Alfred Glicky, o proprietário da estalagem «Pot and Kettle», em resposta à pergunta do do inspector Wilson. – Adormece à mesa do jantar, no balcão do bar e até mesmo a jogar as cartas!

\*

- É incorrigível, inspector – disse Agatha Minster. – Há dias adormeceu duas vezes durante o chá. E estava o prior presente, imagine!

\*

À luz incerta da manhã que despontava, Wilson e o professor Fordney viram em cima de uma mesa colocada ao lado de uma cadeira, em frente do fogão do escritório de Wim Musser, um cachimbo, duas garrafas de «whiskey», um pedaço de queijo e um livro.

- Estava na rua, quando do «raid» aéreo desta noite?

- Não.

- Onde estava, então?

- Eu não sei a que horas foi o «raid»... nem sequer dei por ele... - respondeu Musser.

- Mas entre as 11 horas e a meia-noite adormeci, sentado naquela cadeira. Tenho o sono muito pesado e ainda agora estaria a dormir se não fosse o barulho infernal que os senhores fizeram ao bater à porta.

- O «raid» - disse Wilson – durou da meia-noite e um quarto à meia-noite e vinte e dois minutos.

Fordney encaminhou-se para o fogão de sala, inspeccionou-o e, depois, dirigiu-se para a janela fronteira ao posto de vigilância de segurança contra ataques aéreos.

Interrogados os homens de serviço ao posto, todos eles afirmaram não ter visto qualquer claridade em casa de Musser, durante a noite.

Fordney voltou-se para Wilson e ordenou-lhe:

- Prenda Musser. Ele mentiu-nos.

*Por que desconfiou Fordney, de Musser?*

### Solução do problema:

Se Musser tivesse estado a ler no seu escritório, em frente do fogão aceso, a claridade teria sido vista pelos homens do posto de vigilância fronteiro à casa. Como isso não sucedeu, Fordney concluiu que Musser não estivera a ler, como dissera, mas sim ausente de casa. Musser mentira porque (soube-se depois) era um espião ao serviço dos alemães, competindo-lhe assinalar os objectivos a atacar.

## Problemas Policiais #102

**Diário Popular 4822 – 10.03.1956**

Transpirando e resmungando, o inspector Mitchell, da Scotland Yard, extraiu a bala incrustada na parede, alguns centímetros à esquerda de um retrato em tamanho natural representando «Sir» Dean Haddock. O retrato do fundador de Haddock Hall revelava estatura elevada, porte aristocrático e uns olhos azuis de expressão grave que pareciam observar os ocupantes do escritório.

O professor Fordney encontrava-se no meio da sala, tendo na sua frente o cadáver sentado numa cadeira, com o busto curvado para a frente e o queixo encostado ao peito. O morto era «Lord» Gaston Haddock, actual senhor do castelo. Uma bala, que lhe penetrara na testa, entre os olhos, tinha atravessado o cérebro, saindo pelo outro lado.

O criminologista, imóvel, estudava todos os pormenores da posição do cadáver, até que, finalmente, tudo se lhe fotografara na memória bem treinada. Antes de se voltar para a janela aberta, relanceou a vista para os olhos graves do retrato, um pouco acima do morto, e pareceu-lhe que aquele olhar continha uma advertência.

- Estávamos sós em casa – explicou Arthur, primo de «Lord» Haddock e seu herdeiro, em resposta a uma pergunta de Fordney. – Por volta das nove e um quarto, bati à porta do escritório de Gaston e ele convidou-me a entrar. A sua voz soava estranhamente, como que tensa... e, eu fiquei assustado. Ouvi uma detonação e abri imediatamente a porta. Quase desmaiei ao ver...

- Nada foi mexido nesta sala desde esse momento? – perguntou Fordney.

- Não, senhor. Nem sequer aqui entrei. Servi-me do telefone lá de baixo para prevenir o médico e a Polícia. Estava demasiado nervoso para voltar para aqui antes da vossa chegada.

- Arthur Haddock – disse calmamente Fordney, erguendo o queixo do cadáver uma vez mais e pegando depois na pistola automática que lhe repousava nos joelhos – o senhor mente!

***Como soube o Professor que Arthur mentia?***

**Solução do problema:**

O professor descobriu que Arthur mentia porque a bala, que tinha penetrado no crânio da vítima, entre os olhos, e saído pelo lado oposto, fora encontrada um pouco à esquerda do retrato pendente da parede, acima do morto.

## Problemas Policiais #103

Diário Popular 4836 – 24.03.1956

- Bem – disse o inspector Kelley. – As coisas passaram-se assim: Buck Martin foi encontrado morto na sua casa de jogo cerca das três e vinte da manhã, com uma bala de calibre 45 no coração. Não foi encontrada nenhuma arma. No salão de jogo, encontrámos cinco indivíduos que tinham, com Martin, quotas iguais no negócio: Eve Loti, dançarina; Robert Murry, traficante de bebidas alcoólicas; Joe Mac Collum, «jockey»; Fred Evans, um médico falhado; e Victor Hanson, um detective pervertido.

«Temos a certeza de que foi um dos cinco quem matou Martin, mas ignoramos qual tenha sido. Recusam-se a falar. E que mais sabemos nós? Apenas isto: há alguns meses, Evans apaixonou-se por uma dama; precisou de dinheiro urgentemente e vendeu metade dos seus lucros no clube a Martin. Por outro lado, há seis meses Mac Collum perdeu muito dinheiro numa negociata qualquer e vendeu um terço dos seus lucros no clube a Hanson. Ora, nada disto nos diz quem matou o homem».

O telefone colocado sobre a secretária de Keley retiniu. O professor Fordney levantou o auscultador e ouviu atentamente.

- Ótimo – disse ele desligando. E, voltando-se para Keley: «Era o guarda-livros de Martin. Acaba de me dizer quem assassinou Martin».

- Quem foi?

- Não me disse o nome, mas disse-me que o assassino de Martin apenas recebeu 600 dólares como sua quota no lucro de 5.400 apurado o mês passado no salão de jogo. O que equivale - acrescentou Fordney sorrindo – a dizer-me o nome do assassino.

- Não percebo nada – confessou Kelley, perplexo.

***E o leitor? Saberá quem é o assassino?***

## Solução do problema:

Se cada um dos cinco suspeitos tinha quotas iguais no salão de jogos, e se o lucro fora de 5.400 dólares, cada um deles devia receber 900, ou seja um sexto do lucro total. Ora, o assassino recebeu 600. E como Fordney sabia que Mac Collum tinha vendido um terço dos seus lucros a Hanson, fácil lhe foi identificá-lo como sendo o assassino.

## Problemas Policiais #104

**Diário Popular 4850 – 07.04.1956**

Tom Sullivan, proprietário de um modesto restaurante, foi assassinado a tiro por um membro de uma quadrilha de «gangsters», por se ter recusado a submeter-se a uma proposta de chantagem.

Depois de esforçadas investigações, a Polícia entregou cinco meliantes ao Inspector que os interrogou, com a colaboração do professor Fordney. Sabendo que, de cada uma das declarações dos suspeitos, só um ponto era falso, o notável investigador conseguiu, por simples dedução lógica, prender o assassino.

### *Será o leitor capaz de fazer o mesmo?*

Os membros da quadrilha que a Polícia deteve são: Cany, Tony, Rudy, Rath e Magry. Eis as suas declarações. (Não esquecer que, em cada caso só uma das afirmações é falsa):

Cany – Não matei Sullivan. Nunca matei alguém na minha vida. Foi o Rath com certeza.

Rudy – Não matei Sullivan. Nunca possui qualquer revólver. Os outros tipos querem livrar-se de responsabilidades.

Tony – Não conhecia o Magry. Não sei nada do crime. O culpado é o Rath.

Rath – Estou inocente. O criminoso é o Magry. O Cany mente quando diz que sou eu o assassino.

Magry – Nada sei do crime. O culpado é o Rudy. Tony pode abonar-me, pois conhece-me há muitos anos.

## Solução do problema:

O culpado foi Rudy.

As duas primeiras afirmações de Cany não podem ser simultaneamente falsas; Logo, é o, a terceira. Por isso, tanto ele como Rath estão inocentes.

Pela declaração deste último, conclui-se que a primeira e a terceira afirmações estão certas; Logo, Magry não foi o assassino.

Ficam, portanto, só dois casos a considerar: o de Rudy e o de Tony. Este declara que Rath é o culpado, o que já sabemos ser falso. Logo, Tony está inocente e Rudy é o culpado.

A única afirmação falsa de Rudy é: «Não matei Sullivan».

## Problemas Policiais #105

Diário Popular 4857 – 14.04.1956

Pergunto-lhe se isto podia ter sido um assassinio e você diz-me que sim. Pergunto-lhe depois se podia ter sido suicídio e você volta a dizer sim. Diz que ele podia ter metido uma bala na cabeça, no temporal direito, em ângulo recto, com este revólver de calibre 45 e sem deixar vestígios de queimadura da pólvora. E afirma que o tiro não foi dado a mais de vinte e oito centímetros...

O inspector Kelley coçou a cabeça, desesperado. O professor Fordney sorriu e disse:

- «Perfeitamente!».

Continuou a examinar atentamente o cadáver de Andrew Crane. Este caíra sobre a secretária, tendo na mão direita um revólver de calibre 45. O dedo indicador estava no gatilho. Tinha a mão esquerda na algibeira do casaco. Na sua frente direita havia o buraco de uma bala, com vestígios de pólvora.

- Que quer dizer? «Perfeitamente» quê? – gritou Kelley. – Você concorda que ele podia ter metido uma bala na cabeça, em ângulo recto, sem deixar vestígios de queimadura de pólvora, embora isso fosse estranho. E então? Em que ficamos? Crime ou suicídio?

- A resposta, Jim – respondeu Fordney – está diante dos teus olhos.

***E o leitor responda: crime ou suicídio?***

## Solução do problema:

Embora deva ser muito incômodo, é possível meter uma bala na cabeça, em ângulo recto, a uma distância de vinte e oito centímetros (ou até mesmo mais) mas só premindo o gatilho com o polegar. Como Crane tinha o dedo indicador no gatilho, Fordney concluiu que ele fora assassinado e que alguém lhe colocara a pistola na mão para simular o suicídio.

## Problemas Policiais #106

**Diário Popular 4871 – 28.04.1956**

O professor Fordney terminara o exame do quarto. Nada tendo encontrado de anormal, excepto o cadáver e o sangue derramado no chão e no parapeito da janela, voltou-se para o homem que estava sentado numa cadeira, com ar acabrunhado.

Em reposta às perguntas do professor, o homem contou o que se passara:

- Por diversas vezes, durante a noite, minha mulher esteve sobressaltada, ao ouvir ruído lá fora e pediu-me que fosse ver o que era. Não vi coisa nenhuma e supus que se tratasse de um «engraçado» a querer assustar-nos. Dormimos em quartos separados. Ora um pouco mais tarde, fui eu próprio acordado pelo som de qualquer coisa a raspar e, o murmúrio de uma voz falando baixinho. Logo que os meus olhos se acostumaram à escuridão, divisei um vulto de pé, em frente da janela. Tirei a pistola que guardara debaixo do travesseiro e disparei por duas vezes; depois, saltei da cama e acendi a luz. Fiquei horrorizado ao ver minha mulher estendida no chão... morta. Telefonei ao doutor Willard e depois...

- Um momento! – interrompeu Fordney. Qual foi o resultado do exame do cadáver, doutor?

- Uma das balas atravessou ombro da vítima, e a outra penetrou-lhe pelas costas, atravessou-lhe o coração e saiu pelo seio esquerdo. – informou o médico.

- Tocou em alguma coisa, além do cadáver?

- Não senhor.

- E o senhor, Dandley?

- Eu? Apenas no telefone. Depois, como estava muito frio, fui <à cave e avivei o fogo na fornalha...

- E arranjou lenha para se queimar – comentou Fordney, abrindo a única janela do quarto para deixar entrar o ar. Foi um crime muito estúpido, Dandley. Prenda-o, sargento.

*Porque foi que Fordney o mandou prender?*

**Solução do problema:**

Se a tragédia tivesse ocorrido como Dandley contara, pelo menos uma das balas que atravessaram o corpo da vítima teria partido os vidros da janela que estava fechada.

## Problemas Policiais #107

**Diário Popular 4877 – 05.05.1956**

O professor Fordney contemplou o homem que se aproximava e não pôde deixar de admirar a perfeição do disfarce. O indivíduo que caminhava, coxeando, com a bengala na mão direita, teria passado aos olhos de uma pessoa menos observadora, pelo doutor Bellen.

O vestuário impecável, a pèra branca, até os tiques nervosos do famoso e excêntrico cirurgião eram admiravelmente simulados. Contudo Fordney reconheceu, sob esse disfarce, um dos maiores actores do seu tempo, William Barstow. Se bem que ainda na flor da vida, o apogeu da carreira artística de Barstow passara já e ele tinha sido obrigado recentemente a ceder o seu lugar a actores mais novos, mas muito menos talentosos. Ao olhá-lo, o criminologista entregou-se, por momentos, a considerações filosóficas. Depois, seguiu-o. A curiosidade do professor fora despertada. Estava resolvido a apurar qual a relação entre o falso doutor Bellen e o verdadeiro que fora alvejado a tiro e ferido na perna esquerda, poucos dias antes. A própria Polícia ainda não estava ao corrente do caso. Por qualquer motivo, o cirurgião pretendia ocultar, a todo o custo, a gravidade do seu ferimento. Se alguém perguntava por ele, de sua casa diziam, invariavelmente, que tinha saído. Daí – pensava o professor – o facto de Bellen ter contratado Barstow para o substituir em público e nos lugares que habitualmente frequentava.

Quando o falso médico ia a entrar no seu clube, Fordney tocou-lhe no ombro. O homem voltou-se, com aquele olhar penetrante, tão conhecido dos doentes e amigos do médico.

- Que deseja?

Fordney sorriu e observou-lhe:

- Até mesmo os génios cometem erros. Se não fosse um pequeno erro que cometeu, não teria percebido que o senhor não era o doutor Bellen.

### *Que erro cometera Barstow?*

#### Solução do problema:

O verdadeiro Dr. Bellen tinha sido gravemente ferido na perna esquerda, dias antes. Portanto, ainda que estivesse em estado de sair à rua, teria (mesmo contra os seus hábitos) usado a bengala na mão esquerda, a fim de evitar apoiar o peso do corpo sobre a perna ferida. Ora, Barstow trazia a bengala na mão direita.

## Problemas Policiais #108

**Diário Popular 4884 – 12.05.1956**

O inspector Horace Huntley, da Scotland Yard, de visita aos Estados Unidos em missão confidencial, examinou cuidadosamente o buraco aberto pela bala no vidro do caixilho inferior da janela do escritório, que era de guilhotina. Deu um passo para trás e estudou o ângulo do tiro. «Exacto» - murmurou ele.

O professor Fordney e o inspector tinham encontrado as luzes apagadas no escritório de Leslie Malton, o misterioso sul-africano. As gelosias, estavam meio corridas e as janelas fechadas. O corpo de Melton estava numa cadeira, ao pé de uma janela, a nascente. Uma bala de calibre 45 atravessara-lhe a cabeça e a janela que lhe ficava atrás. O tiro fora disparado da esquerda do cadáver, entre as 8 e 30 e as 10 e 30 da noite. Eram agora 11 e 55.

Fordney estendeu ao inspector a pistola que apanhou do chão, afastou as cortinas e fez incidir a luz da sua lanterna sobre outro buraco de uma bala, que fora recentemente também feito no caixilho superior da janela.

«É extraordinário - disse o inspector. – Esta arma só disparou uma bala».

«E ei-la – respondeu o sargento, entrando na sala. – Encontrei-a no canteiro do jardim, lá fora. É de calibre 45».

«Mas – interrompeu o inspector. – Devem ter sido disparados dois tiros, embora as aparências indiquem o contrário. É melhor procurar a segunda bala, sargento».

«Não é necessário». – disse, então, o professor».

«Não compreendo!» - exclamou Huntley.

«É óbvio. Só foi disparado um tiro». Concluiu Fordney.

***Em que se baseou o professor para o afirmar?***

## Solução do problema:

A única explicação é muito simples: sendo a janela de guilhotina, o tiro atravessou-a quando o caixilho superior estava baixado ou o inferior levantado. Depois do tiro, alguém fechara a janela, deixando os dois buracos de coincidir.

## Problemas Policiais #109

Diário Popular 4891 – 19.05.1956

Burke bateu na areia com a enxada. «Pronto!» - exclamou ele. – «Não se fala mais nisso. Aquele Dyer há tempos que andava a pedir isto».

«Pois sim» - concordou Clara Miller - «mas não te esqueças de que eu te vi cometer o crime».

\*

O sargento Reynolds tirou cuidadosamente o revólver da cova, sacudiu-lhe a areia, voltou à esquadra e colocou-o sobre a secretária do capitão Wiley. O professor Fordney acendera um charuto e examinava a arma.

«O Burke vai parar à cadeira eléctrica se esta arma for a que disparou a bala que encontrámos no corpo de Dyer.» - disse o capitão.

«Foi, com certeza.» - assegurou Clara Miller.

«E você também fica em maus lençóis, Clara.»

«Por quê? Ele disse-me que matara Dyer, contou-me o sítio onde enterrara o revólver na praia e eu resolvi denunciá-lo»...

«Mas por que o fez só quatro meses depois do crime?»

«Porque ele tem andado a enganar-me. E só o descobri agora. Não gosto que me enganem».

Fordney estendera a mão, sacudira uns grãos de areia do cano brilhante do revólver e abriu-o. Havia quatro balas na câmara. Dyer só apanhara um tiro.

«E você te álibi?» - perguntou o professor.

«Tenho. Estava com Jimmy O'Leary».

«O Burke deu-lhe um mapa ou disse-lhe só o sítio onde enterrara a arma?»

«Só me disse o sítio».

«É melhor prendê-la também, capitão. – aconselhou Fordney. – Não sei qual é o jogo dela, mas o que sei é que está a mentir».

*Por que desconfiou dela o professor?*

**Solução do problema:**

Se a arma tivesse estado enterrada quatro meses, o cano não estaria brilhante. Para dominar Burke, Clara desenterrara a arma após o crime, guardara-a e, mais tarde – cansada dele e com medo que ele a matasse, se ela o abandonasse – enterrou o revólver e foi à Polícia denunciá-lo.

## Problemas Policiais #110

**Diário Popular 4898 – 26.05.1956**

Eram duas horas da madrugada. Chamado à pressa a uma encantadora propriedade situada nos arredores da cidade, o inspector Fauvel não estava nada de bom humor. Antes pelo contrário... Mas era preciso investigar... Que se passara?

Entre a meia-noite e a uma hora e um quarto, alguém havia roubado um magnífico quadro de Corot que estava na sala da biblioteca dos Lemercier.

Maquinalmente, ao atravessar a sala, o inspector pegou no auscultador do telefone. «Não funciona, inspector» - disse Roger Lebrun, um amigo dos donos da casa que, com outros convidados, tinha ido passar o fim-de-semana à propriedade dos Lemercier. «o fio do telefone foi cortado lá fora»...

Tinha sido Angeline Massot – explicou – quem dera pela desapareção do quadro. «Vivemos um verdadeiro ambiente de romance policial» - disse, sorridente, outro convidado, Paul Lefranc. «E para a coisa ser completa, o ladrão deve ser até um de nós» - acrescentou ele, lançando um olhar divertido ao inspector, que, entretanto, verificara que o telefone realmente não dava qualquer sinal.

Acompanhado de Arnault de La Ravière, único convidado que, àquela hora, ainda estava completamente vestido, com o mesmo fato com que chegara à propriedade dos Lemercier, o inspector saiu da casa e dirigiu-se ao parque. Com a sua lâmpada eléctrica, procurou descobrir o sítio onde os fios telefónicos haviam sido cortados. Por fim, encontrou o que queria.

«Parece ter sido um belo trabalho de profissional»... - arriscou Arnault de La Ravière.

«Realmente é – concordou o inspector. – O homem munuiu-se de uma boa tesoura para cortar os fios».

Depois, acompanhado pelo mesmo convidado, voltou para dentro de casa.

Lemercier estava em pijama, bem como Lefranc. Angeline Massot e Betty Roland, outra convidada, tinham vestido os seus roupões por cima das camisas de noite. Roger Lebrun estava também de pijama.

O inspector esforçava-se por reunir todos os elementos possíveis para fazer uma boa investigação. E ouvia os donos da casa e os convidados.

Angeline declarou que, não tendo conseguido dormir, se levantara e descera até à sala de biblioteca, cerca da uma hora e um quarto, para procurar um livro. Foi então que deu pela falta do quadro. Arnault de La Rivière estava ainda sentado a ler quando Angeline deu o alarme. E explicou que, não gostando de ler na cama, se habituara, desde novo, a pegar num livro, antes de se deitar, até lhe chegar o sono. Só então se despia e dormia. Quanto aos outros, todos dormiam à uma hora e um quarto – pelo menos foi isso que declararam. E nenhum deles havia saído de casa. Fora o criado quem chamara a polícia, indo telefonar a uma cabina pública.

O inspector Fauvel, depois de um instante de reflexão, disse então voltando-se para os convidados:

- Creio bem que o sr. Paul Lefranc tem razão. O ladrão é um de vós. Ele aí está!
- E, apontando para uma das pessoas do grupo, acrescentou:
- É melhor explicar tudo...

### ***Quem era o culpado? E porquê?***

## **Solução do problema:**

O inspector suspeitara de Roger Lebrun. Realmente, ele declarara que, à uma hora e um quarto, dormia e que, tal como os outros, não havia saído de casa. Ora, quando Fauvel agarrara no auscultador de telefone, ele disse-lhe que os fios tinham sido cortados «lá fora». Como é que ele o sabia? O telefone podia não funcionar simplesmente por estar avariado...

## Problemas Policiais #111

Diário Popular 4905 – 02.06.1956

«Foi aqui que ela desapareceu» - disse calmamente Hubert Dauret, mostrando um ponto da ribeira. Numa das margens, num local cheio de sombra, onde devia apetecer descansar em tardes quentes, duas canas de pesca estavam colocadas sobre a erva, perto de um cesto. Não tinham nem linha, nem anzol. De um ramo de uma árvore, pendiam uma saia e uma blusa.

«Minha mulher – continuou Hubert - tinha posto o seu fato de banho, esta manhã, antes de partir, por baixo do vestido, quando viemos para aqui. Quando acabámos de pescar, ela resolveu tomar um banho. Eu estava a desmontar as canas quando ela entrou dentro de água. Pouco depois ouvi Isabel gritar «Socorro, Hubert! – Não tenho pé!» - Ela não sabia nadar. Voltei-me rapidamente e vi-a a um metro da margem, pouco mais ou menos. Experimentei estender-lhe a mão, debruçando-me o mais possível, mas ela não a pôde agarrar. Então, desesperado, precipitei-me dentro de água exactamente no mesmo sítio em que ela entrara, esperando assim poder agarrá-la, mas acautelando-me para não cair no mesmo buraco. Apesar disso, estive quase a afogar-me. Voltei para a margem e tentei de novo chegar-lhe a mão. Não o consegui. Entretanto, completamente sufocada, ela mergulhou de vez e não voltou a aparecer. Corri à aldeia para pedir auxílio...»

A voz de Hubert continuava a ser grave e calma.

«Foi você quem bebeu isto tudo?» - perguntou o inspector Fauvel, apontando para uma garrafa de vinho, onde apenas se viam algumas gotas de líquido...

«Não. Eu só bebo água mineral. Foi a Isabel que bebeu ao almoço. Mas a garrafa só tinha dois copos de vinho, no máximo».

O inspector parecia reflectir. E, de repente, pronunciou estas palavras terríveis:

«Não existe, evidentemente, qualquer prova de que tenha sido você que afogou a sua mulher. Mas não julgue que, por esse facto, deixará de ser acusado e pronunciado.

Disponho de elementos suficientes para o fazer. O juiz depois dirá se tenho ou não razão».

***Por que suspeitou o inspector de Hubert Dauret?***

**Solução do problema:**

Segundo disse Hubert, só um metro, pouco mais ou menos, o separava de sua mulher quando ela se afundou num barco na ribeira e ele lhe estendeu a mão que ela tentou, em vão, agarrar. Ora o inspector não acreditou que Hubert não se tivesse lembrado, durante o tempo que durou o drama, de estender, a sua mulher uma das duas canas de pesca que se encontravam a seus pés e graças à qual ela poderia ter-se salvo. Tudo levava a crer que ele não tinha lá muita vontade de evitar que ela morresse...

## Problemas Policiais #112

Diário Popular 4912 – 09.06.1956

«Como vê, senhor Comissário, se há coisas que, por vezes, nos podem induzir em erro, uma delas é a prova aparentemente indiscutível!» - dizia o inspector Fauvel ao seu amigo Comissário Blaise, enquanto conversavam sob o alpendre da casa de campo junto da qual Philippe Martin acabara de ser encontrado assassinado.

A vítima havia sido descoberta já sem vida, à porta de casa. Uma bala no coração havia abatido o pobre homem. A ausência de sangue no solo indicava bem que Martin não tinha sido morto no local onde agora se encontrava o corpo. De resto, os cabelos enlameados da vítima eram outra prova concludente – pois já não chovia há muitos dias.

«Eu sei onde há água perto daqui – disse o Comissário Blaise. A cerca de 300 metros, encontra-se um lago cujas margens são pantanosas. Talvez fosse bom irmos lá».

Efectivamente, numa das margens do lago, os dois homens descobriram pègadas muito nítidas e provas evidentes de que, no local, se havia travado luta. Mas também ali não havia quaisquer manchas de sangue; aliás, segundo o inspector Fauvel, essas manchas teriam desaparecido rapidamente na lama do pântano.

«Comparemos agora – disse o investigador – as botas de Philippe Martin com as pègadas deixadas no solo húmido.

Fauvel pôs-se a trabalhar. E a certa altura, explicou: «As marcas são as mesmas mas não foram feitas por essas botas».

«Tenho a impressão de ter outro par de botas, lá em casa – disse então o Comissário. O inspector ordenou logo a um dos auxiliares: «Traga-me essas botas rapidamente».

Quando se fez a verificação com elas, o Comissário exclamou:

«Como vê, meu caro Fauvel, não me enganei. Essas botas correspondem exactamente às pegadas. Parece, pois, não haver dúvidas de que Philippe foi assassinado aqui».

«Não estou de acordo consigo, meu caro Comissário» - respondeu o inspector Fauvel». Martin não foi morto nem lá ao pé de casa, nem aqui».

***Que motivo levou Fauvel a mostrar-se tão seguro nas suas afirmações acerca da morte do homem?***

### **Solução do problema:**

A descoberta, no interior da casa, das botas cujas marcas correspondiam exactamente às que se haviam encontrado no terreno pantanoso, mostrava bem que Philippe Martin não havia sido assassinado ali. Não poderia, realmente, conceber-se que o homem, depois de morto, tivesse ido a casa mudar de botas... Era a tal prova aparentemente indiscutível...

## Problemas Policiais #113

Diário Popular 4918 – 16.06.1956

«Sabemos já onde se encontra o nosso homem» - declarou o inspector Flauvel que, em companhia de dois dos seus adjuntos, Brisson e Nollier, punha em acção o seu plano de caça ao criminoso.

E acrescentou: «É preciso andar depressa e agir sem nos fazermos notados e, sobretudo, sem inquietar as pessoas dos arredores...»

«Está muito bem, inspector – concordou Nollier. – Esperamos as suas instruções».

«Ei-las: Sabemos que Joe Grassigny habita um dos quatro apartamentos do prédio situado ao fundo da rua. Estou convencido de que, quando ele me vir chegar, reconhecer-me-á e procurará fugir pelas traseiras. É então que vocês intervêm. Conhecem-no bem?»

«É já um velho conhecido...» - respondeu, sorrindo, Brisson.

«E você, Nollier?»

«Nunca o vi, inspector».

«Hum! – fez Flauvel, pensativo. – É preciso pensar nisso. Eis a topografia do local: A rua está colocada no sentido Norte-Sul. Você, Nollier, vai para o fundo da rua e volta-se para o Sul. Você, Brisson, vai para a outra extremidade da rua e volta-se para o Norte. Quando Grassigny sair, o Brisson fará um sinal a Nollier. Por exemplo, tirará o lenço do bolso e assoar-se-á. Depois, aproximar-se-ão os dois...»

«Mas como poderei eu ouvir Brisson assoar-se no outro extremo da rua? – perguntou Nollier, inquieto. – É preciso que ele faça muito barulho...»

«Não. Já lhes disse que quero tudo resolvido com o menor barulho possível...»

«Sim, está bem. Mas – insistiu Nollier – se eu olho para o lado Sul e o Brisson olha para o Norte, não vejo bem como posso ver o sinal do lenço...».

«Não se apoquente – repetiu o inspector, calmamente. – Você verá o sinal. Vamos embora.»

Realmente, dez minutos depois, Joe Grassigny estava preso. A «operação» tinha decorrido perfeitamente.

***Como é que Nollier pôde ver o sinal combinado de Brisson?***

### **Solução do problema:**

Nollier tinha podido ver o sinal de Brisson, pela simples razão... de que estavam voltados um para o outro.

## Problemas Policiais #114

Diário Popular 4925 – 23.06.1956

Um criado mandou entrar o inspector Fauvel, e o seu adjunto em casa de madame Liliane Loumis e acompanhou-os ao longo do grande vestibulo. A dona da casa havia partido três dias antes para a América do Sul.

- Onde está o cadáver? – perguntou o adjunto do inspector.

- Aqui. – responde o criado, abrindo uma porta à direita.

Antes de entrar no compartimento, o inspector lançou um olhar rápido ao criado. Depois, dirigiu-se para a mesa, onde estava uma bandeja com papeis, cujo conteúdo examinou cuidadosamente. Tirou dois ou três fragmentos de uma carta que ligou. Só conseguiu ler: «a sua filha e a mãe dela dirão...».

Em vão, Fauvel procurou por toda a parte o envelope onde estivera aquela carta. Entretanto, o adjunto do inspector interrogava o criado, apontando o cadáver caído no chão.

- Você nunca tinha visto este homem?

- Nunca.

- Então como é que ele conseguiu entrar aqui?

- Não sei.

- E também não ouviu os tiros que o mataram?

O criado persistia na negativa. Só sabia explicar que, nessa manhã, ao abrir a porta daquele compartimento para fazer a limpeza, deparara com o corpo daquele homem, estendido no chão, morto, em frente da chaminé. Não o conhecia. Não havia tocado em nada e fora logo telefonar à Polícia.

- Isto não joga certo. – disse então o inspector. – A verdade é que um homem devia vir aqui. Era com certeza a ele que esta carta estava dirigida. Não podia ser endereçada a uma mulher...

*Porque afirmara o inspector tal coisa, com tão absoluta certeza?*

### Solução do problema:

Numa carta dirigida a uma mulher nunca se diria «a sua filha e a mãe dela»... Pois, neste caso, a mãe era a pessoa a quem a carta era endereçada. Aquele que escrevera a carta teria então dito: «a sua filha e você»... Mas já é possível, escrevendo a um homem, dizer: «a sua filha e a mãe dela»...

## Problemas Policiais #115

Diário Popular 4932 – 30.06.1956

- Julgava que ela tinha sido vítima duma indisposição... - explicava Raymond Bourd ao Inspector Fauvel.

- Mas como é que você percebeu? – perguntou-lhe o inspector.

- É muito simples. – respondeu Bourd – O prédio só tem quatro grandes apartamentos. Gabrielle Masson vive no primeiro andar; o segundo está vago e eu moro no terceiro. A porteira vive no rés-do-chão com a família. Quando eu pus o aparelho de rádio a tocar, eram precisamente 18 horas. Estavam a dar o sinal horário. Foi nesse momento que cheguei à janela e vi Paulette Renoir chegar ao volante do seu automóvel pequenino. Gabrielle saiu do carro e parecia muito doente quando entrou na porta da escada. Entretanto, Paulette voltou a pôr o carro em marcha e foi-se embora. Um minuto depois, ouvi Gabrielle fechar a porta do seu apartamento. Não voltei a pensar no caso, até porque só conhecia a rapariga de vista...

- Está enganado, senhor Bourd – interrompeu Victorine Roche, uma senhora de idade que estava ao corrente de tudo o que se passava (no prédio e nas vizinhanças...) e que vivia no primeiro andar do prédio em frente.

E continuou:

- Eu também estava à janela quando chegou o automóvel. Ora, eu conheço bem a Paulette, embora só de vista. Por isso, posso dizer que não era ela quem guiava o carro. Era uma outra rapariga que já tenho visto em casa de Gabrielle, uma tal Hélène Lack. Não vinha homem nenhum no automóvel. Eu sabia pela porteira que Gabrielle levava agora uma vida um bocado desordenada... Mas nunca pensei que ela acabasse tão tragicamente!

Tão tragicamente! A boa senhora calara-se e o inspector ficara a pensar nas suas palavras. Gabrielle fora encontrada morta no seu quarto, nessa mesma noite. Uma

amiga batera à porta longo tempo, em vão. Chamara a porteira. Ambas haviam desconfiado de qualquer coisa.

Foi então que chamaram a Polícia. À primeira vista, parecia que Gabrielle, regressada de um «cock-tail», onde certamente havia bebido demasiado, se tinha enganado, ao tomar um medicamento, e se envenenara.

- Peço desculpa, senhora Victorine Roche – disse, então, Raymond Bourd – mas quer parecer-me que se neste caso alguém se engana, não sou eu...

- Tem a certeza de que o automóvel era o de Paulette Renoir? – perguntou o inspector à vizinha do prédio da frente.

- Isso não posso afirmar com segurança. – respondeu ela – Não percebo nada de automóveis. Mas se há alguém enganado nesta história, tenho a certeza de que é o senhor Bourd. Eu sei bem o que digo...

O inspector interrompeu então os dois para dizer em voz seca, cortante:

- Um dos dois está a mentir deliberadamente. Quando tiver terminado o inquérito, saberei porquê.

***Qual dos dois mentiria? E como é que o inspector o descobriu?***

## Solução do problema:

Era Raymond quem mentia. Era impossível ver, do 3.º andar de um prédio alto, quem conduz um automóvel parado à porta, se o condutor não sair do carro, é claro... Gabrielle tinha vindo para casa doente num carro guiado por Hélène Lack. Ele tinha querido lançar suspeitas sobre Paulette Renoir.

## Problemas Policiais #116

Diário Popular 4939 – 07.07.1956

Quando o inspector Fauvel empurrou a porta de entrada da casa, encontrou no chão uma enorme mancha de sangue seco que se estendia ao longo do estreito átrio de entrada e que tinha, pelo menos, um metro de largura. Saltou por cima dela e dirigiu-se para a porta do salão onde se encontrava o cadáver de uma mulher ainda nova que tinha sido muito bonita. A infeliz fora morta com várias machadadas.

«Tem, pelo menos, doze feridas» - afirmou, mais tarde, o médico da Polícia.

«Um homem, cuja gabardina estava cheia de manchas de sangue, encontrava-se junto da porta de serviço do outro lado da casa, em estado de grande nervosismo.

«Mas, afinal, que se passa?...» - balbuciou o homem.

«O senhor deve sabê-lo melhor do que nós.» - respondeu-lhe o inspector.

«Eu... eu não sei de nada... Chamo-me Alfred Bacaud. Regressei a casa, como habitualmente, cerca das seis da tarde, abri a porta principal com a chave... e vi a minha mulher neste estado. Agarrei nela, levei-a para cima do divã e chamei o médico... Foi por isso que eu fiquei também manchado de sangue. Verifiquei depois que ela estava morta... e então chamei a Polícia...

O inspector Fauvel saiu para o átrio seguido de um agente. Foi este último que falou:

- A coisa parece explicada. O assassino penetrou em casa pela porta de serviço e encontrou a mulher no átrio. Ela tentou fugir pela porta principal. Como não há pègadas na mancha de sangue, o assassino deve ter saído por onde entrou, pela parte de trás da casa...

- Engana-se meu amigo. - respondeu Fauvel. - Prenda Bacaud, o marido, porque o culpado foi ele.

*Como é que o inspector soube?*

## Solução do problema:

Bacaud mentira. Se ele tivesse falado verdade, devia ter sido obrigado a andar sobre o sangue que se encontrava no chão do átrio. E como lá não havia pegadas, não era verdade que ele tivesse entrado pela porta principal e tivesse pegado na mulher caída no solo. Por força, deveria ter deixado ali marcas dos pés.

## Problemas Policiais #117

Diário Popular 4946 – 14.07.1956

«Levei os últimos convidados e membros da equipagem para terra cerca da uma hora e meia da madrugada» - respondeu o contramestre Raoul Durand, quando foi interrogado pelo inspector Fauvel. Acrescentou que o proprietário do «Pirata» - um magnífico iate que se balouçava docemente nas águas - dormia sempre sozinho, a bordo, no seu camarote, quando andava em viagem, de cruzeiro. Disse depois:

«Esta manhã, às nove horas, como me tinha recomendado o senhor Rinassisos, voltei para junto do iate e chamei repetidas vezes, mas em vão. Ninguém me respondeu.

Como não conseguisse acordá-lo e receando que lhe tivesse acontecido alguma coisa, voltei a terra para avisar a Polícia...».

Com uma grande habilidade (e evidenciando, também, uma força hercúlea) Raoul Durand, servindo-se da corrente da âncora, conseguiu içar-se e subir para a ponte do «Pirata», de onde estendeu, depois, uma escada de corda para que Fauvel, que esperava na lancha, pudesse subir. O Inspector, também demonstrando muita ligeireza, subiu rapidamente pela escada de corda.

No salão grande do iate, os dois homens foram encontrar Rinassisos, o rico armador sírio, afundado num «maple» - e morto. Um revólver de calibre 22 estava caído no chão. Uma cápsula de bala havia sido projectada e tinha rolado para longe do «maple», perto da porta. Rinassisos, que apresentava um horrível ferimento na fronte, havia tido, certamente, morte instantânea. Na mesa próxima, estava uma folha de papel na qual se podia ler esta frase um pouco disparatada e escrita com letra fina e apressada:

**«Vou suicidar-me dentro de momentos para demonstrar a filosofia da futilidade e a futilidade da filosofia».**

O Inspector ficou a pensar no que via. Depois, procurou nos bolsos do casaco do morto, sobre os móveis e no chão, mas não foi capaz de encontrar qualquer caneta de tinta permanente.

O inquérito prosseguiu toda a manhã.

Todas as pessoas que tinham estado a bordo do «Pirata» na noite anterior haviam podido provar o seu emprego de tempo entre a uma e meia e as três horas da madrugada, espaço durante o qual se devia ter dado a morte do excêntrico milionário. Todas, não. Um dos convidados, não tinha álibi. Era Lucien Le Normand, que, na opinião de todos os outros, estava completamente embriagado quando saiu de bordo. Alguns afirmaram que ele, à partida, tinha rugido tremendas ameaças contra Rinassisos. E citavam até as suas frases: «Se ele recomeçar, não hesitarei em lhe partir a cabeça! Hei-de mostrar a esse velho pirata que deve saber respeitar-se a noiva de um amigo. Sim, por que ele andou a meter-se com a minha rapariga, eu sei-o» ...

Lucien Le Normand não negava estes factos, mas tentava explicar ao inspector: «Não me lembro absolutamente de nada entre o momento em que tive a questão com ele a bordo e aquele em que entrei em minha casa. Sei bem que não posso ter álibi. Mas espero que o Inspector não vá supor que eu...»

Fauvel, com um sorriso amarelo, fez-lhe sinal para que se calasse.

***No lugar do inspector, que fazia o leitor? Ter-se-ia inclinado para o suicídio? Ou para o crime? Teria prendido Le Normand – ou tê-lo-ia deixado em liberdade?***

***E porquê?***

## Solução do problema:

O inspector Fauvel concluiu logo que havia sido um suicídio. Com efeito, quando chegou junto do «Pirata», ele pôde verificar que a escada de corda pela qual se subia estava guardada na ponte. Ora, se Rinassisos tivesse sido assassinado, o criminoso só teria podido sair do barco pela escada de corda – e então esta deveria estar estendida ao longo do costado. Não era nada provável que ele pudesse saltar da ponte do iate para o mar e, durante a noite, chegar à costa a nado. De qualquer modo, um homem tão embriagado, como estava Lucien Le Normand, à uma e meia da manhã, nunca o poderia ter feito.



## Problemas Policiais #118

**Diário Popular 4953 – 21.07.1956**

O agente de serviço explicava ao inspector Fauvel, que o escutava atentamente:

- As coisas passaram-se assim: a jovem em questão desligou este telefone precisamente à meia-noite e dois minutos, depois de ter falado com o Comissariado a dizer que estava em dificuldade. Dois guardas saíram de lá num dos carros da Polícia um minuto depois. Entrámos no Teatro à meia-noite e sete minutos. Entretanto, três minutos antes, o guarda da noite fora ao camarim da bailarina e encontrara-a morta com uma bala no coração. O homem diz não ter ouvido a detonação, o que demonstra que a arma utilizada pelo criminoso era silenciosa. A porta do teatro que dá para o camarim estava aberta. Mas isso não será uma maneira de nos induzir em erro?

O inspector debruçou-se então sobre o corpo da linda bailarina Gisèle Lermont, que estava tapado com um pano.

- Ora vejamos. – disse ele, depois de se ter levantado. - Sabemos já pelo proprietário do teatro – que parece fora de causa – que o empresário Warson e a sua secretária «Miss» Bryand, começaram a fazer as contas às 23 e 45 e que Warson reparou que, por se ter esquecido de lhe dar corda, o relógio parara às 23 e 52. Também sabemos que, em geral, Warson leva meia hora a fazer as contas e que, quando é a secretária sôzinha que as faz, leva uma hora. Mas foram os dois que as fizeram esta noite e sabemos que trabalharam rapidamente, pois ambos tinham que fazer. Ora, eles só se despediram do proprietário do teatro depois das contas feitas. E ele nunca deixou de os ver até essa altura.

Sabemos também que a bailarina foi assassinada entre a meia-noite e dois minutos – hora a que telefonou à polícia – e a meia-noite e cinco minutos, o mais tardar, pois também já sabemos que o guarda da noite tinha o relógio atrasado 25 segundos em relação ao dos agentes.

Se acharmos que bastaram dois minutos a Warson e à sua secretária para irem ao camarim da bailarina, para a matarem e para fugirem, a primeira questão que se põe é esta: O empresário e a secretária podem ser responsáveis por este crime?

*O que teria o leitor respondido a esta pergunta do inspector Fauvel?*

### Solução do problema:

As duas pessoas citadas estavam fora de causa. Com efeito, a bailarina fôra assassinada entre os dois e os cinco minutos depois da meia-noite. Ora, Warson e «Miss» Bryand tinham começado a fazer as contas às 23 e 45. Ora, mesmo unindo os seus esforços e trabalhando muito depressa, o mínimo de tempo necessário para as fazer seriam 20 minutos. Logo, nenhum deles poderia estar livre antes da meia-noite e cinco...

## Problemas Policiais #119

Diário Popular 4960 – 28.07.1956

O inspector Fauvel e um dos seus colaboradores não tardaram a chegar ao pequeno pavilhão de Robert Duval. Era uma encantadora casa rodeada de um jardim muito bem cuidado. Tinham sido chamados pelo telefone pela irmã do proprietário que os esperava no átrio. Inquieta, nervosa, com a voz trémula, e os olhos cheios de lágrimas, ela disse ao inspector:

- Tenho medo que haja acontecido alguma coisa de horrível. Sei que meu irmão está lá dentro. Ele estava à minha espera pela manhã. Desde que cheguei, senti um forte cheiro a gás. Bati à porta, mas ninguém me respondeu. Então, cheia de medo, não tendo coragem de entrar na sala, preferi chamá-los...

O colaborador do inspector Fauvel aproximou-se da porta que dava para o interior do apartamento. Estava fechada à chave com duas voltas e a chave na fechadura. Foi-lhe preciso um certo esforço para a abrir. Quando o conseguiu, espalhou-se no ambiente um forte cheiro a gás que fez tossir o inspector, o seu ajudante e a irmã do dono da casa. Repararam então que a porta estava cuidadosamente calafetada por dentro, o mesmo sucedendo à janela.

O inspector Fauvel entrou na sala e viu logo o corpo de Roberto Duval, estendido sobre o divã, no estúdio. A morte havia feito, já há muito, a sua obra... O gás continuava a sair do tubo do radiador de que havia sido aberta a torneira. Cautelosamente, o inspector fechou-a. Depois, rapidamente abriu as janelas da sala e começou a examinar tudo com muito cuidado. Deteve-se mais demoradamente junto de uma das janelas onde havia sinais de pegadas:

- Olá! – exclamou ele, debruçando-se sobre uma folha de papel muito visivelmente posta em evidência sobre a prateleira do fogão.

Nela podiam ler-se algumas linhas escritas pelo dono da casa. (A irmã identificou logo a letra como sendo a dele).

O infeliz havia escrito o que se segue:

«Julien Mandeau deve vir procurar-me agora. Estamos de relações cortadas; odiamo-nos e ele não me perdoa o que chama «a minha traição». Espero que a nossa discussão não seja muito violenta. De qualquer modo, se me acontecer alguma coisa de mal, será ele o culpado».

O inspector pousou a folha de papel em cima da mesa e dirigiu-se depois para junto do corpo de Duval. Tirou o lenço de seda apertado em volta do seu pescoço e colocou-o sobre o rosto calmo do morto.

Entretanto, o ajudante de Fauvel, lera também o que estava escrito na folha de papel e, depois de pensar um momento, disse para o seu chefe:

- Não há dúvida... Agora já sei o que nos resta fazer... Julien Mandeau bem pode preparar-se porque vai passar um mau quarto de hora...

- Parece-lhe? – perguntou o inspector, distraidamente. É claro que ele poderá dizer-nos algumas coisas interessantes. Mas não vejo em que é que ele possa estar metido nisto. A verdade é que não foi cometido crime algum, não é verdade?

***Que teria levado o inspector Fauvel a pensar assim e a pronunciar-se de forma tão enigmática?***

## Solução do problema:

Robert Duval havia-se suicidado. A porta da sala estava, realmente, fechada à chave, do lado de fora, mas, interiormente, a calafetagem era tão perfeita que só podia ter sido feita do lado de dentro e só depois da porta bem fechada. Duval, no desejo mórbido de atirar as culpas da sua morte para cima do seu rival, saíra da sala, fechara a porta à chave por fora e entrara depois pela janela (onde haviam ficado marcas dos seus sapatos...). Preparara, então, o cenário da sua morte...

## Problemas Policiais #120

Diário Popular 4967 – 04.08.1956

- O senhor não deseja mais nada?
- Não, obrigado – respondeu Jean Pierre Delard, dando uma gorjeta ao «groom».
- Muito obrigado. Vou chamar a criada para lhe abrir a cama.

\*

- Estava a substituir as toalhas da casa de banho, enquanto o senhor Delard tirava a roupa da sua mala, quando um homem mascarado penetrou no quarto, sem fazer barulho. – explicou mais tarde, a criada ao inspector Fauvel, que fora chamado para investigar mais aquele crime.

«A porta ficara entreaberta e eu vi, espantada... Vi as mãos do tal homem tremendo, tremendo... Mas não tremiam de medo porque durante todo o tempo em que ele ali esteve e em que praticou o crime, mostrou ser pessoa de extraordinário sangue frio. Tenho a impressão de que ele tremia por ser epiléptico ou ter qualquer outra doença parecida. Ele dirigiu-se para o pobre senhor Delard e disse-lhe: «Eu tinha-te avisado, Pierre!»

«Antes que o senhor Delard pudesse defender-se, o outro espetou-lhe um punhal, por três vezes, no peito. O nosso cliente caiu no chão. Eu estava tão apavorada que nem tive forças para gritar. Mas o homem viu-me. Avançou para o sítio onde eu me encontrava, deitou-me ao chão, tapou-me a boca com uma toalha que apertou atrás, na nuca, e ligou-me as mãos e os pés com uma corda. Depois, ele foi-se embora. Ao fim de certo tempo, consegui arrastar-me até à porta do quarto e dar o alarme».

Depois de um inquérito minucioso, o inspector Fauvel tinha a certeza de que o assassino só podia ser um dos sete homens seguintes: Louis Rillet, desenhador; Henry Dent, mecânico de máquinas de escrever; Óscar Duboint, relojoeiro; Ernest Franchit, dono de uma agência de venda de propriedades; Antoine Discotte, dentista; Leo Varre, que trabalhava em instrumentos de precisão; e Maurice Evine, tipógrafo.

Todos eles conheciam o assassinado e tinham um motivo para o matar. Mas o inspector não levou muito tempo a perceber qual deles era o único que poderia ter praticado o crime.

*Quem era?*

### Solução do problema:

Ernst Franchit, o dono da agência de venda de propriedades. Só ele exercia uma profissão em que uma doença que dava tremuras das mãos não o impedia de trabalhar.

## Problemas Policiais #121

Diário Popular 4974 – 11.08.1956

- Eu seguia pela estrada a cerca de setenta quilómetros à hora quando vi pelo espelho retrovisor que ia um homem agarrado à parte de trás do camião tentado fechar à chave a pesada porta da retaguarda. Para o fazer, era obrigado a um verdadeiro prodígio de equilíbrio! Parei o veículo o mais depressa que pude. Saltei do lugar e precipitei-me para as traseiras do camião. Infelizmente, o gatuno fora mais rápido do que eu. Quando lá cheguei, já ele tinha saltado para o chão e fugido. Um carro pequeno, que, certamente, seguia o camião, há muito tempo, sem eu dar por isso, esperava-o alguns metros atrás».

«E depois?»

«O homem deitou para dentro do carro os valiosos casacos que tinha roubado, sentou-se ao lado do motorista e partiu em grande velocidade. Era impossível alcançá-lo, com o meu camião. Vi depois que ele só podia ter aberto a porta do meu veículo com chave falsa...»

Perante o inspector Fauvel, Geo Demers contou nestes termos o aventureiro roubo de que ele tinha acabado de ser, ao mesmo tempo, testemunha e vítima.

«O ladrão devia ser grande conhecedor de peles» - observou o inspector. «Ele só roubou os casacos que valiam mais dinheiro».

«Não é nada de extraordinário» - respondeu Demers. - «Esses tipos conhecem bem a mercadoria...»

«Mas por que foi você para o armazém do seu patrão em vez de ir logo avisar o posto de polícia mais próximo?»

«Bem... O patrão não gosta nada que se saiba que os casacos escolhidos pelas melhores clientes podem ser roubados ou sofrer qualquer dano. Isso já tem acontecido algumas vezes... Eu já sei como é... A notícia de um roubo ou de um desastre com um casaco de peles faz mau efeito. O cliente pode julgar depois que o que lhe apresentam

a substituir o roubado ou estragado não é tão perfeito como aquele que ele tinha escolhido...»

«E o seu ajudante, por que não o acompanhava?»

«Estava muito cansado depois de ter feito a distribuição e pediu-me que o deixasse ficar em casa. Como não era muito longe, fui lá pô-lo...»

«O que não percebo é como você ia com tamanha velocidade com um veículo tão pesado» - comentou Fauvel, enquanto examinava a fechadura das pesadas portas blindadas do camião, precisamente a meio do veículo.

Geo não respondeu, envergonhado.

«Você traz sempre luvas para conduzir?» - perguntou-lhe depois o inspector.

«Sempre. É raro que a gente não suje as mãos e assim já não há o perigo de estragar as peles quando tem de se lhes pegar. Tiram-se então, as luvas e as mãos estão limpas...»

«É claro». - concordou Fauvel, desta vez com um ar um pouco preocupado. Depois, voltando-se para Geo, disse-lhe:

«Isto não joga bem...»

E, empurrando o motorista à sua frente, acrescentou:

«Vamos lá para o meu gabinete. Você tem que me dizer toda a verdade. Não tem vantagem nenhuma em estar a mentir...»

***Como é que o inspector Fauvel podia ser tão preciso nestas frases?  
Por que tinha mentido Geo?***

## Solução do problema:

Se Geo Demers afirmava ter visto o gatuno, graças ao seu espelho retrovisor, tentar fechar à chave a porta do camião. Ora a verdade é que a fechadura era central e o espelho se permite ver «para trás»,

Deixa ver «precisamente por de trás» do veículo. O motorista mentia, portanto, afirmava ter visto o gatuno naquela posição.

## Problemas Policiais #122

**Diário Popular 4981 – 18.08.1956**

«Ainda não morreu há muito tempo» - murmurou em voz baixa o inspector Fauvel, ao largar o braço do homem estendido na cama.

«Foi certamente uma forte doze de heroína» - sugeriu o inspector da Polícia Suíça que estava junto dele e havia chegado ao local – um pequeno hotel de Genebra – quase ao mesmo tempo que Fauvel.

«Em todo o caso, é uma curiosa maneira de se suicidar» - acrescentou o polícia suíço, apontando para o homem vestido de pijama, que haviam encontrado morto, no leito. «E pensar a Gente que isto aconteceu a dois passos do palácio onde está a realizar-se uma importante conferência internacional sobre a luta contra o tráfico de estupefacientes...».

O inspector Fauvel dava uma vista de olhos pelo quarto do hotel. Pouco havia que revistar: os móveis eram apenas o estritamente necessário. Depois de ter aberto as gavetas, o inspector deitou uma vista de olhos à mala do morto, ao seu conteúdo.

Cigarros, peúgas, camisolas, lenços, camisas, gravatas... Sobre a mesa-de-cabeceira, uma caneta de tinta permanente e um relógio. Tudo o que era natural encontrar num quarto de hotel. Mas num bolso interior do casaco, encontrou, finalmente, o que procurava; uma ampola de líquido incolor, intacta... E, além disso, mais nada.

Entretanto, o médico da Polícia havia chegado, pedindo desculpa pelo atraso. Debruçou-se sobre a cama para examinar o falecido. Após alguns instantes, disse:

- Está morto há uma hora o máximo. Tem todos os sintomas de se ter envenenado com um estupefaciente qualquer. A dose que o matou foi injectada no pulso esquerdo. Farei a autópsia quando o corpo for removido para o meu laboratório...

O inspector suíço interveio:

- Estes suicidas não gostam muito de sangue. Mas onde teria ele obtido tal dose de heroína, se a sua venda está proibida em todos os países?

Foi então a vez de Fauvel declarar:

- Suicídio não é bem... Eu diria antes crime, mesmo que tenha sido um homicídio por imprudência...

***Por que pensava assim o inspector Fauvel?***

## Solução do problema:

Fauvel revistou o quarto muito bem, encontrou uma ampola com estupefaciente, cheia, mas não viu qualquer seringa, nem a ampola usada. Ora a morte fora provocada por uma injeção...

## Problemas Policiais #123

**Diário Popular 4988 – 25.08.1956**

O magnífico iate no qual os convidados do barão Werner se tinham reunido para um cruzeiro no Mediterrâneo, lutava em vão contra uma violenta tempestade, que há dias tinha transformado o grande mar azul num constante e medonho torvelinho de altas ondas. O inspector Fauvel, que estava a bordo, tinha tentado, por várias vezes, ler um livro, mas as violentas pancadas das vagas no costado do barco e o balanceamento do iate não o deixavam concentrar na leitura.

Resolveu então ir à ponte de comando, a fim de conversar um pouco com o capitão. Quando ele seguia no corredor que conduzia à ponte, ouviu, por entre os rumores da tempestade, um estampido seco que não tinha nada que ver nem com o barulho do mar, nem com o ruído do vento.

O inspector parou, voltou para trás e entrou no pequeno salão para o qual davam várias cabinas de passageiros. Foi então deparar com um criado debruçado sobre o corpo de um homem que acabava de morrer.

Ao mesmo tempo, um novo solavanco fez oscilar o navio e atirou o inspector de encontro à porta que ele acabara de fechar. Fauvel levantou-se, conseguiu penosamente encontrar o equilíbrio e aproximar-se do morto.

O cadáver apresentava um buraco na cabeça. A queimadura em volta da ferida indicava bem que o tiro fora disparado de muito perto.

Sem esperar que a tempestade acalmasse, o inspector pediu ao barão Werner que o ajudasse no inquérito que ia fazer. Começou por interrogar as pessoas que se encontravam mais próximas do salão onde o corpo fora encontrado.

O criado, que chegara ao local em primeiro lugar, declarou não ter encontrado ali qualquer pessoa.

Georges Mureaux, o célebre banqueiro foi depois interrogado. Ele encontrava-se muito perto do sítio onde o homem morrera e tinha sido um dos primeiros a acorrer, depois do inspector.

- Estava na minha cabina a escrever uma carta... -começou ele por dizer.

- Posso vê-la? – perguntou Fauvel.

Georges Mureaux foi ao seu camarote e voltou pouco depois com a missiva. O inspector pôde ler uma carta, aparentemente dirigida à mulher do banqueiro, escrita numa letra muito firme e muito certa e que ainda não estava terminada.

Foi depois a vez de Marjorie Daine, a jovem e cativante «estrêla» de cinema, que não pôde esconder a verdade ao inspector: Apavorada com a tempestade, ela tinha fugido para o camarote de seu noivo que era também um dos convidados. Tratava-se de Jean Louis Bravard, o filho do importante industrial, cuja cabina se encontrava justamente em frente da de Marjorie.

- Jean Louis, interrogado por seu turno, confirmou o que dissera sua noiva. Mas confessou que, se não saíra mais rapidamente para o corredor, tinha sido sòmente para não comprometer Marjorie.

O inspector notara, entretanto, que no casaco de Jen Louis Bravard havia uma mancha de sangue.

- Feri-me esta manhã ao abrir uma lata de conserva... - respondeu o rapaz, embaraçado.

Fauvel achou que já não era preciso interrogar mais ninguém.

- Já investiguei o que queria... - disse ele ao barão Werner.

***De quem teria ele suspeitado? E porquê?***

## Solução do problema:

O inspector desconfiava que o culpado fosse o banqueiro Georges Mureaux. A carta que ele dizia estar a escrever era um ardil, pois era impossível escrevê-la com letra tão firme e certa num barco sacudido por tão violenta tempestade...

## Problemas Policiais #124

Diário Popular 5002 – 08.09.1956

«Não sei como o ladrão conseguiu entrar.» - declarou Georges Pavel. «Ele deve, no entanto, ter-me ouvido chegar, pois quando eu me ajoelhei aqui à porta para espreitar pelo buraco da fechadura, vi o homem imóvel diante do cofre, a trinta centímetros de mim e em atitude de expectativa. Pensando que ele estivesse armado, não ousei entrar no escritório. Retirei-me cautelosamente, nas pontas dos pés, para a casa de jantar, deixando a porta entreaberta... «O átrio que nós atravessámos agora, estava iluminado?» - perguntou o inspector Fauvel.

«Estava. Há um comutador da parte de fora do escritório que comanda as luzes do átrio. O gatuno deu uma volta ao interruptor e impediu-me, dessa maneira, de ver quem ele era.

«Meu tio não estava, as criadas já se tinham deitado e eu, sozinho, não tive coragem para perseguir o ladrão. Logo que ele saiu e fechou a porta da escada, telefonei à Polícia. Depois, entrei no escritório e vi que o cofre estava aberto...»

«O escritório estava iluminado quando você entrou?» - perguntou o inspector.

«Estava».

«E foi o gatuno que fechou a porta da escada quando saiu?»

«Foi».

«Que havia dentro do cofre?»

«Não sei. Meu tio nunca me pôs ao corrente dos seus negócios...»

O inspector, após um momento de reflexão, disse para o rapaz:

«Você fala como uma pessoa inteligente. Tem a certeza de me ter contado os factos tal como eles se passaram?»

«Com certeza. Espero que não duvide de mim...»

«Precisamente, tenho razões para duvidar...»

### *Quais eram essas razões?*

### Solução do problema:

O inspector sabia que era impossível a Pavel distinguir sequer se o ladrão era um homem ou uma mulher, espreitando-o pelo buraco da fechadura quando – segundo declarou – a trinta centímetros de distância... mesmo com a luz do escritório acesa.

## Problemas Policiais #125

**Diário Popular 5009 – 15.09.1956**

Quando o inspector Fauvel chegou à linda vivenda que o célebre banqueiro Lenormand possuía nas proximidades do Bosque de Bolonha, em Paris, já lá se encontravam vários agentes de uma brigada da Polícia Judiciária.

«Desta vez, batemos o grande detective» - disse o inspector Rulard, com um sorriso, quando viu aproximar-se Fauvel. – Realmente, fomos ajudados pela força das circunstâncias. O assassino, aproveitando-se do facto do senhor Lenormand dormir de janela aberta, durante a noite, introduziu-se no quarto, depois de ter escalado a parede. Só assim se explica que todas as portas que dão para o quarto estivessem fechadas pelo lado de dentro. E se o meu caro Fauvel quiser examinar estas pegadas, verá que elas vão ter a um ponto da parede que passa justamente por baixo da janela do quarto».

Visivelmente satisfeito, o inspector Rulard mostrou ainda ao seu colega a hera que cobria uma parte da fachada. Muitas folhas e hastes estavam arrancadas, amassadas ou partidas, a partir da altura de um metro e meio do chão até à janela do primeiro andar, onde se encontrava precisamente o quarto da vítima.

«O assassino deixou a assinatura nesta parede...» - concluiu Rulard que ia de braço dado com Fauvel. – Mas já agora, venha dar uma vista de olhos pelo interior da casa».

O aspecto do quarto não era nada reconfortante. Lenormand estava deitado sobre a cama, com a garganta cortada. À volta do corpo, muito sangue. Um dos braços pendia para o chão. O candeeiro da mesa-de-cabeceira estava ainda aceso. Aproximando-se da janela, Rulard fez notar ao seu colega que o mármore do parapeito tinha evidentes sinais de ter sido utilizado para a escalada.

«Cá está! – exclamou Rulard. – Ora a única pessoa que tinha alguma coisa a ganhar com o crime era o sobrinho do banqueiro. Mas não creio que ele tenha tido coragem de se meter nesta cena de sangue...»

Com um imperceptível sorriso nos lábios, Fauvel tinha escutado tudo com atenção. No final, tirou um cigarro do maço que trazia no bolso e, lentamente, acendeu-o.

«As aparências são, por vezes, enganosas, meu caro Rulard». – disse ele, por fim, atirando para o ar uma baforada de fumo azulado. - «Você não tem razão. O assassino estava cá em casa. Não veio da rua».

Rulard olhou-o, espantado.

### ***Como podia Fauvel pensar daquela maneira?***

## **Solução do problema:**

Se o assassino tivesse entrado pela janela, a hera estaria destruída praticamente até ao chão. Ora a verdade é que ela só começava a estar danificada a partir da altura de um metro e meio. Isto indicava que o criminoso havia saído pela janela, escorregara pela hera e saltara para o relvado, a partir do momento em que julgou poder fazê-lo sem perigo. A verdade é que é impossível a um homem, mesmo que seja um magnífico atleta, escalar a fachada de um prédio, embora com a ajuda da hera, partindo da altura de um metro e meio do solo.

## Problemas Policiais #126

**Diário Popular 5016 – 22.09.1956**

- Peço-lhe o favor de não deixar fazer muito ruído à volta deste triste caso. – disse Cristiane Vernou, a directora do hotel Monterey, ao inspector Fauvel.

- Farei o possível, mas...

Não concluiu o que ia a dizer. Havia penetrado no quarto n.º 121 e observava tudo minuciosamente. Partindo da esquerda para a direita, foi vendo sucessivamente uma mala de fechos metálicos, outra com vestidos em cabides e mais duas... Mais à direita, notava-se a presença de gotas de sangue ainda fresco na porta da casa de banho, que estava fechada. Na cama, estavam um saco de viagem vazio e algumas roupas de mulher, em desordem. Numa mesa pequena, um pouco mais à direita ainda, viam-se os restos de um jantar e uma garrafa de «champagne» vazia.

Fauvel penetrou depois na casa de banho onde foi encontrar, inteiramente vestida para sair, mas sem chapéu, a encantadora «vedeta» Carole Simon. Estava caída no solo; uma bala de revólver havia-lhe atravessado a cabeça. Tinha uma arma automática na mão direita. A um canto da casa de banho, no chão, via-se a bala que lhe atravessara o cérebro.

- Está morta há apenas uma hora, pouco mais ou menos. – afirmou o médico que acorrera ao hotel. A bala foi dirigida para o meio da testa, mas passou um pouco ao lado. A vítima perdeu os sentidos, mas não morreu logo...

- Há dias que os seus modos eram bastante estranhos. – explicou a directora do hotel. Dava escândalo frequentemente. Mas não sei porque se teria suicidado. Peço-lhe, novamente inspector, o favor de abafar este caso...

Pensativo, Fauvel aproximou-se da mesa e pegou na garrafa de «champagne».

- Gostaria muito de lhe ser agradável... Mas não se trata de um suicídio. Houve um crime!

### *Como chegou o inspector a esta conclusão?*

### Solução do problema:

Se a «vedeta» se tivesse suicidado – o que poderia supor-se pela presença de uma bala no chão da casa de banho – não deveria haver pingos de sangue na parte exterior da porta do mesmo compartimento. O crime fora mascarado de suicídio.

#### NOTA:

Atenção à incongruência que se encontra no texto do problema a que se refere esta solução.

Uma bala de revólver havia-lhe atravessado a cabeça. Mas... ela tinha uma arma automática... que não é, de forma alguma, um revólver.

Jartur

## Problemas Policiais #127

Diário Popular 5023 – 29.09.1956

O inspector Fauvel debruçou-se sobre o cadáver e tirou-lhe do cinto o punhal que se encontrava metido na sua bainha. Voltou-se depois para Pierre Grand, deitando, ao mesmo tempo, uma vista de olhos pelo quarto onde vivia Oliver Feraud. Tudo estava numa desordem indescritível. A mulher de Pierre explicava, entretanto, como as coisas se haviam passado:

- Cármen, a mulher de Oliver entrou no meu quarto, quando eu estava só e, estupidamente. Fez-me uma cena de ciúmes por causa dele... Chegou mesmo a querer agredir-me. Claro que era tudo mentira. Sou uma mulher honesta e ele nunca me dirigira sequer um galanteio...

Nesta altura, Pierre interrompeu:

- A partir de aí é melhor eu explicar...

O inspector, entretanto, observava. O vestido de Jacqueline Grand estava pouco limpo. Tinha duas nódoas de gordura à frente, De repente viu uma mancha de sangue numa cadeira. E observou que Jacqueline, julgando-o distraído, lançara para a chaminé, onde crepitava um fogo vivo, qualquer coisa que ele não pudera identificar.

Pierre continuava a falar:

- Eu e o Olivier voltávamos da caçada quando a mulher dele foi ao nosso encontro. Discutiu com ele, insultou-o e depois fugiu para o parque. Oliver pareceu não ligar grande importância ao caso. Entrámos na casa de jantar e ele deu-me uma bebida. Foi então que ele, de punhal na mão, me quis agredir. A coisa foi tão repentina que nem percebi porquê. Ainda me atingiu com dois golpes, mas só consegui rasgar-me o casaco. Foi então que eu, em legítima defesa, o feri com o meu punhal de caça. Ele caiu. Nunca julguei que estivesse morto...

O inspector parecia distraído. Jacqueline voltou ao quarto, desta vez com um vestido lavado. Fauvel observou-a durante uns momentos e declarou depois:

- Olivier foi morto quando combatia consigo, Pierre...

***Como o adivinhou o inspector?***

**Solução do problema:**

O punhal de caça de Olivier estava na bainha.

## Problemas Policiais #128

Diário Popular 5029 – 06.10.1956

O inspector Fauvel ergueu, com precaução a cabeça do morto e retirou cuidadosamente a folha de papel escrita à máquina sobre a qual ela repousava. Afastando um pouco a máquina de escrever, leu então atentamente as linhas escritas, em particular o último parágrafo.

«Noel Marchand acaba de me falar ao telefone. Vou, enfim, ter com ele a explicação há tanto tempo desejada. Não estou disposto a ficar em má situação. Ao menor gesto que ele faça, defender-me-ei. Sei que ele é forte, mas não tenho medo. Creio que ele já chegou. Ouço passos no corredor.»

A carta terminava aí.

O médico, que entretanto, havia examinado o cadáver declarou:

- A bala penetrou directamente no coração. Deve ter morrido instantaneamente...

Sabia-se que o morto, Georges Brun, se dedicava a negócios nem sempre muito lícitos, mas que tinha conseguido nunca ser apanhado nas malhas da lei...

Desta vez, tinha encontrado um mais forte que ele. Mas quem?

- Há nesta casa um vago cheiro a perfume. – disse Fauvel, voltando-se para o seu ajudante.

- É verdade. – respondeu ele. – Mas de quem será?

O inspector deitou outra vista de olhos pelo cenário. Georges Brun estava sentado à mesa exactamente no eixo da porta, a única da sala. Voltava as costas para a janela que estava fechada.

- É certamente um perfume caro. – voltou Fauvel, prosseguindo na sua ideia. Mais um crime de um tipo pouco esperto... Porque Noel Marchand, se ele veio cá, nunca podia ter matado Georges Brun.

O ajudante do inspector estava perplexo. Porque se recusara o seu chefe a admitir, como tudo levava a crer, que Noel Marchand era o assassino?

### *Porquê?*

### Solução do problema:

Se Georges Brun tivesse sido realmente assassinado enquanto escrevia à máquina, não teria podido retirar a folha para cima da secretária, visto ter morrido instantaneamente. O assassino escrevera aquelas palavras com o intuito de incriminar alguém chamado Noel Marchand.

## Problemas Policiais #129

**Diário Popular 5036 – 13.10.1956**

Acompanhado do seu fiel ajudante o inspector Fauvel tinha decidido essa noite fazer uma ronda num carro da Polícia. Tinham-se dado vários assaltos na rua e era preciso ver o que se passava.

O carro arrancou às 23 horas, no meio duma violenta tempestade. Grossas cordas de chuva batidas por vento forte formavam, à luz dos faróis, uma verdadeira parede de água.

«Um tempo levado da breca» - comentou o ajudante do inspector. Fauvel ia responder-lhe quando, no alto-falante do posto de rádio do carro, se ouviu: «Atenção, carro número 18! Deu-se um assalto... no boulevard Leopold, n.º 103, 1.º andar. Sigam para o local».

O motorista acelerou e, em breve, os polícias chegaram à morada indicada. Ali encontraram duas jovens encantadoras num horrível estado de excitação. Fauvel teve de fazer um grande esforço para conseguir que elas lhe contassem o que se havia passado.

Elas tinham chegado de automóvel. O carro rolava devagarinho, pois ia parar à porta de casa de uma delas. Nesse momento, dois homens surgiram no negrume da noite, um de cada lado, e, através das janelas do automóvel, tinham encostado um revólver à cabeça de cada uma delas, mandando-as parar o veículo, enquanto corriam para acompanhar o movimento do carro. A que ia a guiar parou o veículo. Então, eles haviam-lhes roubado as carteiras. Depois, tinham-se sumido no meio do temporal.

«Têm a certeza de que as coisas se passaram assim?» - perguntou Fauvel.

«Absolutamente» - responderam as duas, já mais calmas.

«Nesse caso, têm de vir ao Comando da Polícia. Estão a mentir e nós temos mais que fazer do que brincar aos assaltos».

*Porque dizia o inspector que elas tinham mentido?*

**Solução do problema:**

As raparigas mentiam, realmente. Com o temporal que fazia, elas não podiam circular com as janelas do carro abertas ou descidas. Ora, para que os dois homens pudessem meter os revólveres através das janelas, era preciso que elas não estivessem fechadas...

## Problemas Policiais #130

Diário Popular 5036 – 13.10.1956

«Conseguimos, finalmente, descobrir o tal Farioli, senhor doutor juiz» - exclamou o inspector Fauvel, ao entrar no gabinete do magistrado. «O caso, porém, não foi nada fácil. Calcule que este «cliente» preparou o crime em todos os seus pormenores enquanto comia um riquíssimo almoço. O infeliz dono do restaurante nem sequer se apercebeu do que se passava, nem pôde esboçar um gesto de defesa. Foi morto a sangue-frio. E tudo isto por três mil francos!».

«Felizmente, estava um homem inteligente no estabelecimento. Logo que o bandido fugiu, ele – que o tinha identificado, assim como uma das criadas – teve a presença de espírito necessária para pedir que ninguém mexesse na mesa onde Farioli estivera a almoçar. Examinei-a depois com atenção e percebi, a certa altura, que nunca poderíamos fazer condenar esse homem se não houvesse provas».

«Farioli, muito esperto, tinha tido cuidado, antes de cometer o crime, de limpar cuidadosamente todos os objectos em que havia tocado, para não deixar impressões digitais. Com o guardanapo, limpou a faca, o garfo, a colher, o copo...».

«É espantoso» - comentou o juiz. - «Mas como vamos nós conseguir a prova da sua culpabilidade?»

«É muito simples!» - respondeu o inspector.

***Sobre que facto se baseava ele para responder assim ao juiz?***

## Solução do problema:

A ausência de provas neste caso era, precisamente, uma prova... Farioli não teria qualquer motivo (se não o de esconder um crime) para limpar com tanto cuidado todos os objectos de que se servira.

## Problemas Policiais #131

Diário Popular 5050 – 27.10.1956

Claudine Mazon, a popular e encantadora artista de teatro, parecia dormir, enterrada num dos maples da sua confortável casa. Só um pequeno buraco na testa e uma leve mancha de sangue mostravam que qualquer coisa de anormal havia se tido passado. Estava morta. Tinha-se suicidado, segundo todas as probabilidades, na véspera, à noite.

Próximo do seu braço direito, pendente do maple, estava o revolver em que o adjunto do inspector Fauvel pegou com todas as precauções.

«Este não nos dirá grande coisa» - disse ele ao seu chefe que, de pé, no meio da casa, examinava tudo em silêncio. «Não tem impressões digitais. Também com aquelas mãozinhas...».

«Chame a criada, a Marie» - ordenou-lhe Fauvel que não tirava os olhos da fotografia dum rapaz ainda novo, em cima da mesa e junto da qual estava um bilhete em que podia ler-se:

«Querido Jean:

Perdoa-me, mas eu só faço loucuras. Vendi tudo para tentar pagar as minhas dívidas. Mas não chegou e os credores ameaçam levar-me aos tribunais. Prefiro isto.

Claudine»

«É muito estranho que raparigas deste género se matem só por terem dívidas» - murmurou o adjunto do inspector, saindo da sala para ir chamar a criada.

Alguns minutos depois, Marie apareceu, muito nervosa.

«Quem é este Jean?» - perguntou-lhe Fauvel.

«É o novo galã da companhia».

«Por que não lhe mandou este bilhete?»

«Nem pensei nisso quando vi a senhora morta...»

«Foi você que descobriu o corpo?»

«Sim, quando vinha trazer-lhe o pequeno almoço... Como fazia todas as manhãs...»

«Esse Jean não esteve cá em casa ontem, à noite?»

«Esteve. Vinha frequentemente. Ele mora no andar de baixo. Passava aqui uma ou duas horas a conversar com ela. Deve ter-se ido embora quando eu já estava deitada».

O inspector não precisou de falar. O seu adjunto tinha ido ao andar de baixo e aparecia daí a bocado com Jean.

O actor parecia não compreender o que se passara. Depois, subitamente, precipitou-se para o cadáver, visivelmente desesperado.

«Claudine! Claudine! – gritou ele. – Por que fizeste isto?»

«Eu no seu lugar, diria: «Por que fiz eu isto?» - disse-lhe Fauvel. – Até que você explique tudo, considere-se preso...»

### ***Por que resolveu o inspector acusá-lo?***

## **Solução do problema:**

O revólver não tinha impressões digitais. Como a actriz não podia ter-se matado e limpadado, depois as manchas da arma, é claro que alguém o deve ter feito por si... E talvez tivesse sido a mesma pessoa que o disparara. Ora, na véspera, à noite, Jean estivera a conversar com ela...

## Problemas Policiais #132

**Diário Popular 5057 – 03.11.1956**

- Senhor, senhor venha depressa! – Gritou José, o criado do senhor e da senhora Debincours. E correu para a casa de banho.

- A senhora morreu!

O senhor Debincours, que acabara de entrar, depois de, à meia-noite, ter saído para passar uns momentos no Casino, que ficava a dois passos de casa, parou junto da porta e perguntou, com uma voz estrangulada:

- Que disse? Você está doido?

Precipitou-se então para o quarto da mulher e viu o seu corpo na cama. O almofadão estava vermelho de sangue. Uma bala de revólver (a arma estava sobre a coberta) havia-lhe atravessado a cabeça de um lado ao outro.

- Não mexa em nada, senhor! Vou chamar a polícia!

Alguns instantes depois, o inspector Fauvel chegava, indo encontrar o senhor Debincours ajoelhado junto da cama da mulher, a soluçar.

O polícia respeitou, por momentos, o seu desgosto e deixou-se ficar imóvel à porta. Depois, aproximou-se suavemente. O senhor Debincours ouviu-o chegar e levantou-se.

- Quem foi a primeira pessoa a chegar a este quarto? – perguntou o inspector.

- Fui eu. – respondeu o criado.

- Não tocou em coisa alguma?

- Em nada. Vi logo que a senhora estava morta.

- Não sei como ela descobriu o esconderijo, no qual eu tinha o revólver! – queixava-se o senhor Debincours, enquanto o inspector, com as maiores precauções, pegava na arma.

Fauvel olhou à sua volta e viu, sobre uma cadeira, uma camisa de noite e um par de meias. Depois, examinou o cadáver. Descobrimo o corpo, que estava

completamente coberto pela colcha, viu que a senhora Debincours se tinha deitado com uma combinação, depois de ter despido o vestido e tirado as meias e os sapatos. Estava estendida sobre um dos lados do corpo. As suas mãos, finas e bem tratadas, estavam abertas uma sobre a outra em cima do peito. No corpo não se notava qualquer ferimento, qualquer sinal de violência. A morte fora instantânea.

- Calculou muito mal a coisa! – disse então o inspector, com uma voz grave e pausada, voltando-se para o marido da morta. - A sua mulher não se suicidou e o senhor sabe-o bem... porque foi o senhor mesmo que a matou!

### ***Como o soube Fauvel?***

## **Solução do problema:**

O inspector compreendeu logo que se tratava dum crime. Com efeito, a morte havia sido instantânea, mas o corpo estava tapado com a coberta como se a morta se quisesse tapar depois do suicídio... Por outro lado, as suas mãos estavam uma sobre a outra em cima do peito. Se a morte fora instantânea, ela não poderia depois compor as mãos daquela forma. Só havia uma explicação: fora assassinada enquanto dormia.

## Problemas Policiais #133

Diário Popular 5064 – 10.11.1956

Tim Sullivan, proprietário de um restaurante modesto, foi assassinado a tiro por um membro de uma quadrilha de malfeitores, por se ter recusado a submeter-se a uma proposta de chantagem. Depois de esforçadas investigações, a Polícia entregou cinco suspeitos ao inspector Fauvel, que os interrogou. Sabendo que de cada uma das declarações dos cinco detidos só uma afirmação era falsa, o arguto detective conseguiu, por simples raciocínio, identificar o assassino, que acabou por confessar-se culpado. Será o leitor capaz de fazer o mesmo?

Os membros da quadrilha que a polícia deteve são: o Canhoto, o Tony Italiano, o Ruço, o Rata e o Magriço. E aqui estão as declarações de cada um (não esquecer que, em cada caso, só uma das afirmações é falsa):

Canhoto: «Não matei Sullivan. Nunca matei ninguém na minha vida. Fui o Rata, com certeza».

Ruço: «Não matei Sullivan. Nunca possui nenhum revólver. Os outros querem livrar-se de responsabilidades».

Tony Italiano: «Não conhecia o Magriço. Nada sei do crime. O culpado é o Rata».

Rata: «Estou inocente. O criminoso é o Magriço. O Canhoto mente com quantos dentes tem na boca diz que sou eu o assassino».

Magriço: «Não sei nada do crime. O culpado é o Ruço. Tony pode abonar-me... Conhece-me há muitos anos».

***A que conclusão chegou Fauvel?***

## Solução do problema:

O culpado foi o Ruço, pelas seguintes razões:

As duas primeiras afirmações do canhoto não podem ser simultaneamente falsas; logo, é o, a terceira. Tanto ele como o Rata estão inocentes.

Pela declaração do Rata, conclui-se que a primeira e a terceira afirmações estão certas; logo o Magriço não foi o criminoso.

Ficamos, portanto, com dois casos a considerar: o do Ruço e o do Tony Italiano.

Tony declara que o Rata é o culpado, o que já sabemos ser falso; logo, Tony deve estar inocente, e o Ruço é o culpado.

A única afirmação falsa do Ruço é: «Não matei Sullivan».

## Problemas Policiais #134

Diário Popular 5071 – 17.11.1956

«Porque é que você está tão contente, querida?» - perguntou Mac Klark, do Instituto de Beleza «Milady's».

«Contente? Estou verdadeiramente exultante!», exclamou, sob o secador, a rapariga de olhos escuros e cabelos negros. «Vou passar o fim-de-semana com o meu namorado em Atlantic City».

«Com o seu namorado? Mas quem é o seu namorado?»

«Não se surpreenda», - retorquiu Leonora Duval, com um alegre sorriso. - «Mas não posso dizer-lhe. É segredo».

«Isto,» - disse o professor Fordney olhando para o corpo da rapariga, cujo rosto fora completamente destruído por ácido - «é o crime ou de um insensato ou de um maníaco ou...». O professor interrompeu o exame do corpo, observou a areia à procura de pegadas, removeu uma chinela. Não havia nenhum sinal de identificação da rapariga. Consultou o relógio e caminhou até à beira mar.

«Maré cheia?» perguntou.

O cabo de mar respondeu-lhe: - «Absolutamente».

«Sim... é... é... Leonora», - soluçou Adele Ford, a companheira de quarto da vítima. «Estas são as roupas dela. E as jóias... também».

O funcionário do Necrotério amparou Adele, quando viu que ela ia desmaiar. O telefone tocou.

«Pela descrição da rapariga que procura identificar», - disse Mac Clark pelo telefone. - Trata-se, creio eu, de Leonora Duval. Que vestia ela?».

O professor disse-lhe.

«Sim... sim... eram essas as roupas dela». - disse Mac. - «Ela esteve ontem no meu Instituto de Beleza».

Fordney perguntou, que género de penteado Leonora fizera. Mac respondeu. O professor desligou.

Inclinando-se para o mármore, retirou dos cabelos negros e lisos da rapariga uma pequenina pedra. Depois, olhando para Adele, que continuava desmaiada, disse:

«Detenham-na para averiguações. Ela mentiu. Esta rapariga não é Leonora...».

### ***Como o soube Fordney?***

## Solução do problema:

Quando Mac Clark respondeu «Sim» à pergunta de Fordney «Leonora fez ontem uma ondulação?», o criminologista soube logo que a rapariga morta, de cabelos lisos, não era Leonora Duval. Fordney soube, também, que quando a companheira de quarto da vítima, Adele, identificou o corpo como sendo o de Leonora, estava deliberadamente a mentir, e que, decerto, estaria implicada nalgum caso duvidoso.

As investigações levadas depois a cabo desvendaram as maquinações de uma quadrilha que se dedicava a ludibriar companhias de seguros e para a qual o crime era um pormenor de somenos importância. E a rapariga morta era, quanto ao físico, muito parecida com Leonora, com a diferença de que não ondulara os cabelos na véspera.

## Problemas Policiais #135

Diário Popular 5078 – 24.11.1956

Tito, o palhaço, estava morto. Ele, que alegrara os corações de milhões de crianças e dissipara, repetidas vezes, as preocupações de tantos pais, jazia agora no chão da sua tenda, com uma bala na têmpora direita. Um revólver de calibre 38, do qual fora disparado um tiro, estava caído perto da mão direita do cadáver. O cano da arma era novo – reparou o professor Fordney – ao passo que o cabo parecia velho. O criminologista voltou-se para o empresário, Bruno Holtz.

- Quando vi que o Tito não aparecia para entrar em cena – disse Holtz – vim à tenda dele e encontrei-o caído no chão. Não toquei em nada e não deixei entrar ninguém até à chegada da polícia.

- Ninguém? O circo não tem um médico?

- Tem. Mas o doutor Block não estava aqui. Aliás, eu pude ver que Tito estava morto.

- Mas não imediatamente ao entrar, pois não? A tenda não estava às escuras quando entrou?

- Sim, estava. Como sabe? – perguntou Holtz, surpreendido.

- Mesmo com toda a barulheira que havia, acho estranho que ninguém tenha ouvido o tiro. – observou Fordney, fingindo ignorar a pergunta de Holtz.

Os seus olhos circunvagaram pela tenda. Depois, ajoelhou-se junto do corpo. Passou os dedos pelas enormes e bem enchumaçadas luvas que Tito tinha calçadas, examinou os seus grandes sapatos cambados e a sua familiar e grotesca maquilhagem. Ergueu-se, finalmente, e limpou o pó dos dedos, com o lenço de assoar.

O sargento apontou para Holtz.

- Ainda não, sargento. – disse Fordney. – Tudo quanto sabemos, por enquanto, é que Tito não se suicidou, mas foi assassinado.

*Como o soube Fordney?*

**Solução do problema:**

Quando Mac Clark respondeu «Sim» à pergunta de Fordney

## Problemas Policiais #136

**Diário Popular 5084 – 30.11.1956**

O professor Fordney sentia-se embaraçado. Não compreendia como um homem tão forte e saudável como Anthony Powell não conseguira fugir ao incêndio devastador que deixara em cinzas a sua residência apalaçada. O seu corpo carbonizado fora encontrado no primeiro andar, não muito longe da porta principal e no lado oposto àquele em que começara o fogo.

- Tem a certeza de que o incêndio foi a causa da morte? – perguntou ao médico da polícia, Beltram Beedle.

- Bem, a certeza não tenho... – respondeu o médico. – Repare no corpo. Não posso ter certeza nenhuma antes de proceder à autópsia. Mas que se passa com você, Fordney, para me fazer uma pergunta tola?

O criminologista estava, positivamente, confuso.

Alguns minutos depois de o cadáver ter sido removido, um homenzinho excitado chegou ao local e perguntou:

- Onde estás Anthony? Sou Leroy Hollister, primo dele.

- Está morto. – respondeu Fordney.

- Morreu queimado?

- Naturalmente.

- Onde estava o primo Jason, nessa altura?

- Diz que estava na garagem.

- Estava na garagem... – chasqueou Hollister. – É preciso ter topete. O fogo não foi acidental e Anthony não se suicidou; pode crer no que lhe digo. Anthony já estava morto quando o fogo se declarou.

- Eu estava aqui, neste canto. – disse Jason Powell. – Foi por isso que não vi as labaredas senão quando era tarde de mais.

Fordney relanceou a vista pela grande e obscura garagem, muito afastada do «edifício principal».

«... Não havia fumo nos pulmões e a cabeça apresentava sinais de contusão recente, causada por queda ou por ferimento devido a um instrumento cortante...».

O professor Fordney largou o relatório da autópsia e sugeriu que a polícia procurasse descobrir o criminoso...

### ***De quem suspeitou Fordney? E porquê?***

### **Solução do problema:**

Se bem que o médico da polícia não pudesse determinar a causa da morte antes da autópsia, Leroy Hollister sabia já que a morte de Anthony Powell não fora causada pelo fogo, soube-o antes da autópsia e disse-o a Fordney. Portanto, quando a autópsia revelou que Powell morrera antes do incêndio, o professor Fordney suspeitou logo que Hollister matara o primo e pegara fogo à casa.

## Problemas Policiais #137

Diário Popular 5091 – 08.12.1956

«Está morto», disse o professor Fordney, depois de olhar para o corpo do homem de pijama deitado na cama. «Morreu – acrescentou – devido a uma dose excessiva de heroína, ao que suponho». E, voltando-se para Magnon, chefe da polícia de Genebra: «Vê em que sítio do pulso, foi feita a picada, que é recente?».

«Sim professor», replicou Magnon.

«Não é uma ironia do destino que uma pessoa como o senhor Furnot morra devido a uma dose excessiva de estupefaciente, no momento em que a Conferência Internacional dos Narcóticos se encontra reunida na nossa linda cidade?».

Fordney examinou, minuciosamente o quarto e as dependências contíguas. Nem um indício encontrou que, de algum modo, ajudasse a esclarecer aquele caso de morte. O médico da Polícia, um pomposo homenzinho de voz de falsete, pediu desculpa por ter chegado tarde, encaminhou-se para o sítio onde o cadáver se encontrava, olhou para os olhos da vítima e declarou: «Deve ter morrido há menos de uma hora. Os sintomas sugerem uma dose fatal de estupefaciente injectada no pulso esquerdo. Trata-se de um suicídio. E é tudo quanto posso dizer-lhes, senhores. Procederei, amanhã de manhã, à autópsia. Boa noite».

Magnon olhou, com ar inquiridor, para o professor Fordney, enquanto este arregaçava a manga do casaco do pijama do morto e observava uma tatuagem desenhada em caracteres chineses.

«Um caso singular, não é verdade?» - disse Fordney dirigindo-se a Magnon. «E repare – havia um tom de excitação na voz de Fordney – no tamanho descomunal das mãos dele...».

Finalmente, o professor sorriu e disse: «Desculpe-me se não posso concordar com a opinião do seu médico. Não se trata de um suicídio, mas de um crime».

«Impossível – murmurou Magnon. – Como chegou a essa conclusão?»

«Muito facilmente, retorquiu o professor Fordney.

***Porque razão afirmou Fordney que Furnot fora assassinado?***

### **Solução do problema:**

Fordney examinou, minuciosamente, o quarto e as dependências contíguas. Nem um vestígio encontrou... Na realidade não achara, em parte alguma, uma seringa hipodérmica. Alguém (o criminoso) a teria levado...

## Problemas Policiais #138

**Diário Popular 5098 – 15.12.1956**

«Está morto», disse o sargento Ward da Brigada de Homicídios, ao olhar para o homem que estava estendido na sala com a face voltada para o chão, uma bala na temporã direita e um revolver frouxamente agarrado na mão direita.

«Está vestido como um janota», observou o detective Nelson enquanto apanhava do chão, junto do cadáver, fragmentos delgados de vidro e uma luva da mão esquerda, voltada do avesso.

«Que significa esta luva, Ward?», perguntou Nelson. «E aqui a calçadeira, em cima da mesa?».

«Ora vejám!» Ward Assobiou, baixinho, enquanto voltava o corpo para cima e desabotoava o sobretudo preto de Burton. «Trata-se do jovem Burtoz não há dúvidas, repare: Ele usava um olho de vidro. A órbita está vazia. E o olho de vidro não se encontra nos bolsos. O vidro do relógio de bolso partiu-se. E o relógio parou, precisamente às 8 e 21. Vamos ver se os fragmentos de vidro que você apanhou do chão pertencem ao relógio. Pertencem, de facto. Que é isto na cadeia de ouro do relógio?»

«Um talismã oriental sugeriu Nelson.

«Já aí vou, fique descansado. Pelo que você disse, há um indício que sugere, imediatamente, tratar-se de um crime.

***De que indício se tratava?***

## Solução do problema:

Burton estava caído, com a face voltada para o chão, com o sobretudo abotoado. Entretanto, fragmentos de vidro, do seu relógio de bolso, encontravam-se caídos no chão.

Se o relógio se tivesse quebrado quando Burton caiu, depois de ter disparado contra si próprio, os fragmentos de vidro não poderiam encontrar-se no chão.

## Problemas Policiais #139

**Diário Popular 5105 – 22.12.1956**

A tragédia atingiu as vidas de Nels Hegma e sua irmã Katherine, no dia em que oito marinheiros semimortos de fome, membros da tripulação de um navio torpedeiro, conseguiram, finalmente, chegar ao solitário farol onde habitavam, num sítio ermo da costa da Gronelândia.

Os oito naufragos eram: Ed Albro, Gus Cesarith, Sofus Engleter, Igor Garstka, Jens Kinn, Louis Watson, Harry Preintiz e Sam Smiler. Este último era o mais inteligente de todos.

Homem ponderado e de carácter, Hegna quis racionar as provisões de que dispunha no farol, distribuindo-as por todos, atendendo à circunstância de que só daí a 60 dias um barco de abastecimento voltaria àquele ermo.

Mas os selvagens e desregrados naufragos não contemporizaram com Hegna. Exigiram comida e bebida e que fosse abundante.

Um deles assaltou Katherine e, no decorrer da luta, em que Hegna se bateu com grande valentia, outro naufrago disparou um tiro que vitimou o faroleiro.

O professor Fordney que se encontrava na região, foi ao farol e apurou os seguintes factos:

1.º - Albro, Engleter, Kinn e o assassino de Hegna procuraram fugir para outro sítio da costa, mas foram dominados pelos restantes;

2.º - Kinn, Preintiz e o homem que assaltou Katherine acabaram por atingir, juntos, a mesma cidade;

3.º - Watson, Smiler, Albro e o homem que assaltou Katherine, apresentaram do caso uma versão inacreditável;

4.º - Um pouco antes da desordem, Cesarith, Kinn e o assassino de Hegna pediram vinho ao faroleiro e, quando este se recusou a fazer-lhes a vontade, Garstka, o assassino e o assaltante, incitados por Cesarith, arrombaram o depósito das provisões;

5.º - Watson, Smiler e o assassino eram loiros.

A partir destes elementos, o professor Fordney identificou, rapidamente, o assassino e o assaltante.

*É o leitor capaz de fazer o mesmo?*

### Solução do problema:

Albro não foi o assassino (1), nem o assaltante (3). Cesarith não foi o assassino (4) nem o assaltante (4). Engleter não foi o assassino (1). Garska não foi o assassino (4), nem o assaltante (4). Rinn não foi o assassino (1) nem o assaltante (2). Watson não foi o assaltante (3) nem o assassino (5). Preintiz não foi o assaltante (2). Smiler não foi o assaltante (3) nem o assassino (5). Consequentemente, Preintiz foi o assassino; Cesarith o assaltante.

## Problemas Policiais #140

Diário Popular 5111 – 29.12.1956

«Há qualquer coisa de estranho neste caso, professor». - observou o sargento Schult, da Brigada de Homicídios. «Encontrámos Olívia Mason morta em casa da irmã dela, a senhora Ruth Anderson, três dias depois de os Anderson terem partido para férias. O único indício de ter havido um intruso é esta marca de mão no peitoral desta janela. Não existe uma única impressão digital em toda a casa! Nem dos Anderson nem das suas filhas! Nem sequer nos pratos! Nenhuma das camas dá indícios de alguém ter dormido nelas, recentemente, mas Olívia vestia um pijama e não encontrámos outras roupas que lhe pertencessem! E as da irmã dela são muito largas e não lhe serviriam. Encontrámos cinzeiros com pontas de cigarro, mas não descobrimos um único cigarro. A rapariga morreu envenenada mas não descobrimos nada que pudesse conter o veneno. Nem sabemos sequer se se trata de suicídio ou crime».

\*

«Desculpe, mas tenho más notícias a dar-lhe». Disse Fordney, com gentileza, ao jovem que acabava de entrar no seu gabinete. «A sua noiva, Olívia Mason, está morta. Não sabemos o que fazia ela naquela casa, ou por que...».

O sargento Schule agitou-se, rapidamente, e não com tanta gentileza, quando o jovem se ergueu da cadeira.

«Não procure comprometer-me». – gritou Nat Kevin. «Nunca estive na casa dos Anderson, nem perto da janela. E nunca tentei trepar por ela!».

Fordney fez deslizar um maço de cigarros através da secretária. Kevin tirou um, com a mão esquerda.

«Por favor, escreva estas frases: *Não havia poeira nem impressões digitais e ela foi envenenada*». Pediu o professor.

Kevin escreveu, com a mão esquerda. «Tome conta dele, sargento». Disse Fordney com enfado.

### ***O que levou Fordney a suspeitar de Kevin?***

### **Solução do problema:**

Fordney não dissera onde Olívia fora encontrada morta. A circunstância de Kevin saber que a casa dos Andersons estava ligada à morte da rapariga e que alguém trepara por uma janela, levou o professor a pensar que o jovem ali estivera e seria, sem dúvida, o criminoso.

## Problemas Policiais #141

Diário Popular 5117 – 05.01.1957

Que espécie de mulher era aquela – pensava Fordney – para ter vivido numa tão vistosa e desarrumada habitação, onde os mais variados objectos de pechisbeque se viam misturados com móveis fabulosos e de fino gosto?».

O corpo da linda Daphne Drew, apunhalado no coração, fora levado para o Necrotério. Os únicos vestígios do crime eram: a ensanguentada navalha de dois gumes que o criminoso utilizara, uma grande mancha de sangue no meio do divã e, no chão, previamente encoberto com o corpo da rapariga morta, um livro fechado e um extravagante boné ordinário. Não havia vestígios de luta.

O professor Fordney desviou os olhos de uma mancha descolorida no centro do tecto pintado e encarou a formosa e excitada criada.

- Você diz, Marie, que quando entrou nesta sala, vinda da cozinha (onde permaneceu mais de uma hora), viu um homem apunhalando «miss» Drew, que estava deitada no divã, a ler?

- Sim. Foi o que vi aterrorizada. O homem olhou para «miss» Drew durante um minuto, após o que retirou a navalha, lentamente, do corpo que jazia no divã. Foi uma coisa horrível. Depois, ao reparar em mim, deixou cair a navalha e fugiu pela porta.

Fordney estudou cuidadosamente a navalha, que, em cada gume, tinha uma falha.

- E é tudo quanto sabe da tragédia?

Marie concordou.

- Penso que não. – retorquiu Fordney – Talvez você se decida na esquadra, a contar a verdade.

***O que levou Fordney a pensar que Marie mentia?***

## Solução do problema:

Se Daphne Drew estava deitada no divã, ao ser apunhalada, não podia haver manchas de sangue no meio do soalho, sob o seu corpo.

## Problemas Policiais #142

Diário Popular 5124 – 12.01.1957

Godfrey Varren voltou à sala de visitas, pálido e a tremer: «Brent... está... morto!», exclamou.

\*

Falando pelos convidados de Brent ali reunidos para o fim-de-semana, Hamilton Grant disse: «Denusi Ocai ia encontrar-se com Brent, no escritório deste, às 21 e 30. Depois de jantar às 18 e 30, Brent foi para o escritório e disse que ali permaneceria, sozinho, até às 21 e 30, e que depois nos chamaria. Como às 22 horas ainda não tivesse chamado, Denusi pediu a Warren para ir saber da demora. E é tudo. O senhor diz que ele morreu cerca das 19 horas...»

O professor Fordney concordou. Depois mostrou aos circunstantes um dedal de ouro, para o qual escorrera sangue, agora coagulado. Encontrara-o no escritório, caído no chão.

«É meu», disse Denusi. «Devo tê-lo deixado cair quando correemos para o escritório, depois da macabra descoberta de Warren. Eu estava a coser, aqui, antes disso».

Depois, Fordney apontou para um charuto parcialmente fumado que encontrara num cinzeiro, também no escritório.

«É de Warren!», exclamou Grath. «É o único que fuma charuto».

«É meu», confessou Warren. «Eu estive a fumar, no escritório, antes de anunciarem que o jantar ia ser servido».

Seguidamente, Fordney mostrou um livro.

«Tem o seu nome, Miss Laird».

«É natural: pertence-me», retorquiu ela. «Emprestei-o esta tarde a Brent».

Quando todos os convidados negaram ter estado no escritório entre o jantar e as 22 horas, o professor abanou a cabeça, em ar de dúvida. E, apontando para um dos convidados, afirmou: «Você estava no estúdio quando Brent foi morto!».

### *De quem suspeitou Fordney e porquê?*

### Solução do problema:

Havia sangue no dedal. Foi este o indício que levou Fordney a pensar que Denusi mentira e, ao contrário do que dizia, estivera no estúdio quando Brent fora morto. Se ele tivesse deixado ali o seu dedal às 22 horas, como dissera, não poderia ter sido encontrado com sangue coagulado. Denusi matara Brent, após o jantar.

## Problemas Policiais #143

Diário Popular 5131 – 19.01.1957

O relógio soou, mansamente cinco vezes, enquanto o médico legista, Brierson, dizia: «Aquele ferimento no coração causou morte instantânea, Fordney. A rapariga está morta há umas três ou quatro horas».

«E isso – observou o sargento Morry - dá ao caso um aspecto de suicídio». Ergueu por acaso a tampa de uma caixa de rebuçados que estava em cima da mesa. «Mas será? – acrescentou – Olhe professor». E indicou uma gravura de jornal, manchada de sangue, que representava Franke Madden, dono de um recinto de diversões nocturnas e um dos muitos admiradores da morta. O retrato fora rasgado de um jornal da tarde, e encontrava-se dentro da caixa de rebuçados. «Talvez – acrescentou Murry – a rapariga haja sido assassinada e tenha posto isto aqui para nos dizer quem a matou».

Fordney permanecia silencioso em frente da cadeira onde se encontrava, morta, a formosa Bebee Bellescu, que vestia um flamejante pijama encarnado e tinha, ao colo, um jornal ensopado de sangue. No chão, jazia uma automática de calibre 38. A perfuração feita pela bala era oblíqua e dirigida para baixo, Bebee era excepcionalmente alta.

Na caixa que o sargento Murry abrira, faltava cerca de um quarto da primeira camada dos rebuçados.

Aquele telefonema anónimo a informá-los da morte de Bebee... A porta aberta... Sim...

As investigações revelaram que as duas únicas visitas de Bebee, nessa tarde, tinham sido Jim Dalton e Frank Madden.

Dalton disse; «Hoje era o dia de aniversário de Bebee. Mandei-lhe aquela caixa de rebuçados esta manhã e apareci cerca das 14 e 30. Saí às 17 e 45, mais ou menos. Nessa altura, tenho a certeza de que ela estava bem viva».

Madden, por seu turno, declarou: «Vim a casa da Bebee às 15 e 30 – a porta estava aberta – e encontrei-a morta. Não havia nada a fazer. Na verdade não comuniquei o caso à Polícia».

O professor Fordney prendeu um dos homens pelo assassinio de Bebee.

### *Quem prendeu ele, e porquê?*

## Solução do problema:

Como a morte fora instantânea, Bebee não podia ter tido a possibilidade de colocar o retrato rasgado de um jornal e manchado de sangue, na caixa dos rebuçados. Como Madden não se teria incriminado a si mesmo, colocando o seu retrato ensanguentado na caixa, e como ele e Dalton haviam sido as únicas visitas a Debee, o professor Fordney concluiu que o criminoso era Dalton. Como Debee se tivesse recusado a romper com Madden, Dalton matou-a. Esperando incriminar Madden, o assassino rasgou do jornal o retrato do seu rival, manchou-o com sangue de Debee e colocou-o, estupidamente, na caixa de rebuçados.

## Problemas Policiais #144

Diário Popular 5138 – 26.01.1957

«Professor Fordney: O Bill e eu temos um pequeno problema e gostaríamos de que o senhor nos ajudasse a resolvê-lo. Está de acordo?».

O aluno Lanny Kirk tirou do bolso um pedaço de papel amarrotado. Bill Braden sorriu. O professor tinha um ar fatigado. «O caso é este – começou Lanny – O Bill e eu podemos alugar uma quintazita barata, a 20 milhas da cidade, se fizermos umas vedações».

Lanny entregou a Fordney o papel: «Isto é o rascunho do mapa de uma parte da quinta. Está a ver ali? Ora bem: O proprietário quer que nós façamos uma vedação nesta extensão de meia milha, com postes a distâncias iguais. É fácil porque o terreno está perfeitamente nivelado. Mas aqui – apontou Lanny – nós precisamos de outra vedação, a um quarto de milha de distância e paralela à outra. Mas o pior é que o terreno aqui sobe e atinge 45 pés de altura, no meio. Depois, vai diminuindo gradualmente até ficar ao mesmo nível da outra extremidade. Essa extensão também é de meia milha de comprimento, e o lavrador quer que a vedemos como a outra com postes a igual distância. Ah, é verdade, temos de empregar três filas de arame nas duas vedações.

«O que Bill e eu ainda não conseguimos descobrir é quantos postes a mais precisaremos para vedar a vertente da colina do que o terreno nivelado. É capaz de nos ajudar?».

«Muito simples – disse o professor Fordney. – Para vedar essa colina vocês precisam de...».

***Quantos postes a mais serão necessários?***

## Solução do problema:

O número de postes necessário é o mesmo para cada vedação.

*«Os lavradores são os fundadores da civilização...»*

*Webster*

## Problemas Policiais #145

Diário Popular 5145 – 02.02.1957

O professor Fordney examinou a generosa reserva de licores que se encontravam na copa, ao lado da cozinha.

Havia garrafas abertas de *rum*, *gin*, *curaçao* e *whisky*. Semicerrou a porta e dirigiu-se, através do longo vestíbulo, para o escritório, onde George Markley jazia inerte e debruçado sobre uma mesa rodeado pela sua colecção numismática.

- Nunca nos conhecemos pessoalmente, se bem que nos correspondêssemos há já algum tempo. – explicou Bertram Kineaid. – Ontem à noite combinei de Bóston com ele um encontro para as 13 e 30 de hoje. Markley estava muito interessado em comprar uma das moedas que possuo. Quando cheguei, às 13 e 30, Griggs (designou o criado de Markley, um ex-presidiário, com o olhar) trouxe-me ao escritório e saiu à pressa. A princípio pensei que Markley estivesse apenas desmaiado. Estava inconsciente quando o encontrei. Por isso fui buscar brandy ao armário dos licores e tentei obrigá-lo a beber. Nesse momento Briggs entrou.

O professor ergueu a cabeça de Markley e reparou que havia umas manchas húmidas de brandy no fato. Fez sinal a Briggs, para que falasse.

- Eu ia precisamente a sair quando este homem chegou – disse ele. – Vou ao cinema todas as quintas-feiras, às 13 e 30. Já tinha andado dois quarteirões quando me lembrei de um bilhete para o teatro, que me fora dado por um amigo. Por isso voltei e encontrei este homem ao pé do meu patrão, a beber brandy por uma garrafa. Foi ele quem o matou, tenho a certeza.

- Há quanto tempo – perguntou Fordney – estava você ao serviço do senhor Markley?

- Há apenas seis semanas.

- Deixe-me ver esse tal bilhete do teatro.

- Um momento, que vou buscá-lo ao meu quarto.

- Aí – disse o criminologista – foi onde nós encontrámos este revólver, com que o seu patrão foi morto.

Os dois homens começaram a falar ao mesmo tempo; em redor dos pulsos de um fecharam-se as algemas.

### *Quem foi que Fordney prendeu?*

### Solução do problema:

Fordney prendeu Kinkaid. Dissera ele que não conhecia Markley pessoalmente e, não obstante, dirigiu-se imediatamente ao armário de licores!

Sabendo que Markley tinha como criado um ex-presidiário, Kinkaid projectara apoderar-se de várias moedas de alto valor que Markley não queria vender, embora, para isso, tivesse de o assassinar. O seu plano de implicar Briggs no caso fora muito bem pensado, mas o regresso inesperado do ex-presidiário e o pormenor do brandy levaram Kinkaid à força. O vinho – já Plauto o dizia – é um ardiloso adversário...

## Problemas Policiais #146

**Diário Popular 5152 – 09.02.1957**

Ia o pequeno Billy Cassidy a passear pelos campos quando tropeçou no corpo de Lulu Ladell. O cadáver tinha a cabeça esmagada.

Ao ser informado da morte da sua namorada Lulu Ladell, finalista universitária, Tom Neely mostrou emoção profunda e aparentemente sincera, sem que desse mostras de qualquer receio.

- E aquelas manchas de sangue no estofo do automóvel?

- Há uns dias - explicou Tom - fui sair com Lulu. Ia aproximadamente a 50 à hora quando, ao pé de Elk Mound Hill, fui obrigado a virar rapidamente, a fim de evitar o choque com um camião que vinha no sentido contrário. O cotovelo escapou-se-me para cima e bateu no nariz da Lulu, que começou a sangrar abundantemente.

- E a pá de ferro que foi encontrada no carro? - inquiriu o professor Fordney.

- Ah, a Lulu e eu andámos a transplantar umas árvores nesse dia: depois pu-la ali e esqueci-me dela.

Sem grande necessidade de evitar o choque, Fordney desviou o carro violentamente para a direita ao pé de Elk Mound Hill e deu a curva da ampla estrada.

No laboratório da universidade, o professor Fordney tornou a examinar a pá. O resultado era negativo: a pá estava completamente limpa.

Nelly abriu a porta e disse:

- Ainda acerca daquelas manchas de sangue, professor, como lhe disse, a Lulu começou a deitar sangue pelo nariz e serviu-se da pá para proteger o vestido.

O criminologista pegou no vestido da desventurada rapariga, que estava em cima da almofada do automóvel. Apresentava uma grande mancha de sangue.

- Então ela sangrou do nariz antes de transplantarem as árvores?

- Sim. Tínhamos a pá à nossa frente. Depois de termos acabado o trabalho, raspei-lhe a lama.

O professor Fordney abanou a cabeça e disse:

- Você seria apanhado de qualquer maneira, mas o que me surpreende é que, tratando-se de pessoa instruída, minta tão estupidamente.

***Qual foi a mentira que determinou a prisão de Neely?***

### Solução do problema:

Ao justificar a existência de sangue no estofo do automóvel, Disse Neely que ao virar o carro rapidamente para a direita, o seu cotovelo batera no nariz de Lulu, que começara a sangrar. Mas se Neely tivesse virado o carro para a direita (como Fordney, pois não havia outra alternativa ao pé de Elk Mound Hill) não poderia ter batido no nariz de Lulu, nem com um cotovelo nem com o outro!

Embora fosse esta a mentira que revelou a sua culpabilidade a Fordney, Neely também se traiu ao explicar a razão porque havia sangue na pá. O inspetor encontrara-a absolutamente limpa, o que não teria acontecido se Neely, segundo afirmou, tivesse simplesmente raspado a lama depois de transplantar as árvores.

Neely deu essa explicação dominado pelo terror de que, apesar dos seus esforços em tirar o sangue da pá com que matara Lulu, tivesse deixado alguns vestígios.

## Problemas Policiais #147

Diário Popular 5159 – 16.02.1957

«Foi preciso ter audácia para abrir e roubar este cofre a meio da tarde», observou o professor Fordney – Estava fechado à chave, é claro?».

«Para falar com franqueza, não». Respondeu John Ardmore.

«Saí daqui tencionando demorar-me apenas alguns minutos, mas o meu assistente, Elmer Judd, chamou-me ao laboratório. Só sei porque tinha passado lá uma hora quando voltei e encontrei o cofre aberto e roubado. Graças a Deus o ladrão só levou o dinheiro e não fez caso das minhas fórmulas. O meu sobrinho Ted, que tinha ido dar um passeio pelo lago, logo depois do almoço, já me dissera que eu não devia ser tão descuidado. Felizmente que o senhor, professor Fordney, estava a passar o fim-de-semana aqui perto».

Fordney olhou, através da janela, o laboratório, que estava para lá do belo relvado da residência de Verão de Ardmore.

«Judd esteve sempre consigo, durante o tempo em que permaneceu no laboratório?».

«Não. Foi buscar umas coisas ao barracão dos apetrechos de pesca. Demorou-se cerca de quinze minutos».

\*

Às 16 e 40, Fordney observou que o jardineiro tapava um buraco no canteiro das flores. Da janela do escritório também Judd observava o jardineiro.

Meia hora depois, Fordney e Judd encontravam-se no barracão, precisamente no momento em que Tedd saltava do seu gasolina.

«O cofre do seu tio foi roubado» - disse Judd.

«Roubado?»

Fordney confirmou. «Onde estava você a essa hora?».

«Estava a pescar a cinco milhas daqui» - respondeu Tedd, acrescentando: «Olhe estes cinco peixes!».

O professor voltou-se. A 50 jardas o jardineiro pegou numa enxada e começou a cavar. Judd tossiu.

«Muito bem» - comentou, a sorrir, o criminologista, que tinha já uma opinião formada sobre o caso.

### ***De quem suspeitou Fordney? Porquê?***

## **Solução do problema:**

John Ardmore disse que o seu sobrinho saíra para o lago logo depois do almoço. O cofre não fora roubado antes do almoço, mas quando Fordney perguntou a Ted onde se encontrava à hora de o cofre ter sido roubado, ele respondeu que se achava a cinco milhas de distância, a pescar. Se estivesse inocente, Ted não podia saber «quando» o cofre tinha sido roubado. Foi por isso que Fordney suspeitou dele.

## Problemas Policiais #148

Diário Popular 5166 – 23.02.1957

«Parece que o velho andou a lutar», observou o inspector Kelley, ao contemplar o corpo de Clarence Bender, de 72 anos de idade, que jazia morto num leito enorme e de estilo antiquado. Tinha sido apunhalado com um estilete de partir gelo.

«Estes óculos devem ser do assassino», continuou Kelley, apanhando do chão, um par de óculos de aros de tartaruga quase completamente esmagados. «Porque há outro par em cima da cómoda», disse ainda.

O professor Fordney fez um sinal de assentimento com a cabeça. Saíram do quarto.

Bradford Bender, um dos quatro irmãos solteirões que viviam juntos, explicou, em estado de grande excitação: «Roubaram o meu par de óculos sobresselente!».

«E que é que isso tem?», interrogou, com dureza, o inspector Kelley. «De quantos pares precisa o senhor?».

O inspector Kelley tivera uma inspiração súbita e comunicou-a ao professor Fordney: «Aquele que quebrou os óculos no quarto de Clarence é o assassino... Sabemos que os quatro irmãos usam óculos de aros idênticos. Ora bem, um velho sem óculos não é capaz de escrever duas linhas a direito. Por isso...»

Kelley entregou umas folhas de papel pautado a Russel, Leslie e Bradford, os quais usavam todos óculos de aros idênticos. Disse-lhes para escreverem esta frase: «Não matei Clarence, mas foi um de nós quem o matou».

Quando Bradford deixou cair os óculos, que imediatamente se quebraram, Kelley explodiu, ordenando de novo, ao velho: «Escreva!».

Embora queixando-se de que não podia ver sem os óculos, Bradford obedeceu.

A sua caligrafia e a de Russell, miudinhas e vacilantes, eram irregulares e saíam fora das linhas. A caligrafia ainda vigorosa de Leslie era direita e legível.

Com que então roubaram-lhe os óculos sobresselentes, Bradford?», perguntou Kelley, com ar de poucos amigos.

O inspector, enraivecido, sentia-se logrado, mas o professor tinha agora a certeza absoluta de quem era o assassino.

### *De quem suspeitou Fordney e porquê?*

## Solução do problema:

O assassino, cujos óculos se tinham quebrado durante a luta com Clarence, foi forçado a roubar o par sobresselente de Bradford. O professor Fordney sabia que ele fora obrigado a isso, porque andar sem óculos levantaria imediatamente suspeitas.

Como, porém, os três irmãos usavam óculos de aros idênticos o assassino sentia-se em segurança porque tinha o par sobresselente de Bradford. Quando Bradford partiu o seu outro par de óculos, precisamente depois de Kelley ter ordenado que escrevessem, o assassino sentiu que os deuses o protegiam. Agora, haveria, duas caligrafias irregulares – a dele e a de Bradford. Mas foi exactamente este facto que denunciou Russel como assassino ao professor. Era natural que a caligrafia de Bradford fosse irregular e saísse das linhas – porque ele não usava óculos – mas quando a caligrafia de Russel se apresentava nas mesmas condições, isso era a prova de que ele não usava os seus próprios óculos, mas sim os que roubara a Bradford. Russel confessou o seu crime.

## Problemas Policiais #149

**Diário Popular 5173 – 02.03.1957**

Professor Fordney, não poderá fazer alguma coisa por ela? – implorou a atraente Janet Biodle, acrescentando:

- Eu sei que Mona Fontaine recebeu o estupefaciente do edifício Forest, mas não sei em que andar e porta. Ela acaba de matar-se e é uma rapariga tão simpática...

- Certamente que farei, minha amiga. – respondeu o professor Fordney – Alegro-me pelo facto de me ter procurado.

\*

Mona Fontaine bateu à porta do número 302 do edifício Forest. Não obteve resposta. Tornou a bater, com mais força. O terror começou a apoderar-se dela. Bateu na porta com os punhos. Da sombra surgiu o professor Fordney.

\*

Foi uma história trágica, a que Mona contou a Fordney. Tendo ficado viciada após uma doença, consumia agora mais do que seis grãos de morfina por dia. – E roubara o dinheiro para pagá-la! Era verdade que comprara o estupefaciente no 303, mas não sabia o nome do vendedor.

Da descrição de Mona e outras informações, o criminologista inferiu que o homem que operava no 302 era um Joe Famenti ou Louis Burjer; e também o seguinte:

1 – O vendedor de estupefaciente tinha sido sócio do conhecido distribuidor de droga Duke Devore.

2 – Tanto Burger como Famenti sabiam que Devore tinha fugido para a América do Sul quando um rival, enraivecido por ter sido traído, o denunciara à Polícia.

3 – Durante várias semanas Famenti vigiara cuidadosamente Louis Burger, pois suspeitava que ele tivesse denunciado Devore à Polícia.

Embora fossem estes os únicos dados com os quais Fordney tinha de investigar, o vendedor de estupefacientes foi rapidamente identificado, preso e condenado.

### *Quem era o vendedor de estupefacientes?*

#### Solução do problema:

Como sabemos, o vendedor de estupefacientes fora sócio de Devore (1) e este havia sido denunciado à Polícia por um rival do vendedor de estupefacientes, e tanto Famenti como Burger o sabiam (2). É evidente que só o sócio de Devore podia ter suspeitado de quem teria denunciado Devore. Logo, Joe Famenti era o vendedor de estupefacientes.

## Problemas Policiais #150

Diário Popular 5179 – 09.03.1957

- Então, tenha calma, eu compreendo quanto deve sentir-se perturbado e confuso – disse o professor Fordney, olhando para a terra ensopada de sangue, perto do caminho.

- Obrigado professor - articulou Carl Dixon. - Cometi um acto extremamente estúpido. Compreendo-o agora. Mas eu estava em tal estado de pânico depois de ter acidentalmente disparado contra Bernice, que nem sabia o que estava a fazer.

Fordney aquiesceu com a cabeça.

- Quando disparei a arma e a atingi nas costas, a uma milha de distância daqui, naquela mata, ela morreu quase instantaneamente. O meu primeiro pensamento, após a inicial sensação de horror e de pesar, foi de que não me acreditariam e que me acusariam de a ter assassinado. Tenho lido referências a casos em que pessoas inocentes foram acusadas de crimes que não cometeram, simplesmente porque as circunstâncias eram de molde a inculpá-las.

- É bem verdade – comentou o professor Fordney.

- Assim – continuou Dixon – meia hora depois de ela ter morrido, levantei-a (é por isso que tenho o meu casaco de caça manchado de sangue) e transportei-a para aqui, um sítio onde toda a gente sabe que já três pessoas foram acidentalmente atingidas por caçadores, nesta temporada. Depois voltei para o pavilhão de caça. Quando me acalmei o suficiente para reflectir, considerei que afinal o melhor era contar a verdade.

- Foi uma decisão muito sensata. Por que não agiu logo de acordo com ela?

- O quê? Então, afinal o senhor não acredita em mim?

- Pois não.

- Mas é verdade, juro-lhe.

- Ainda não compreendeu como a sua história é uma mentira estúpida: não vê onde caiu num deslize, pois não, Dixon?

*Por que é que Fordney não acreditou na versão da morte acidental?*

**Solução do problema:**

Bernice morreu quase instantaneamente. Dixon disse que foi meia hora mais tarde que pegou no corpo e o transportou, durante uma milha. Todavia, Fordney viu que a terra junto do caminho estava ensopada em sangue. Se a versão de Dixon fosse verdadeira, meia hora depois já não haveria sangue, pois este coagula rapidamente após a morte.

## Problemas Policiais #151

Diário Popular 5186 – 16.03.1957

No regresso de uma viagem de negócios, o excêntrico multimilionário Alden McIntyre, a que acompanhara o seu secretário Cosmo Bixby, verificou que do seu cofre tinham sido roubados 100.000 dólares em notas de 1.000. Os criados não dormiam em casa.

McIntyre apontou o cofre aberto:

- Ninguém lhe tocou, mas bem vejo que as notas desapareceram.

Os detectives procuraram impressões digitais no cofre.

É um tanto invulgar e extremamente arriscado guardar em casa 100.000 dólares ainda que seja num cofre tão bom como este – observou o tenente Riggs.

- Invulgar? É possível. Eu não sou uma pessoa vulgar, caro senhor. E é por isso que sou rico! Arriscado? Estou habituado a correr riscos. A sua missão consiste em encontrar o dinheiro. Não há-de ser difícil. Olhe, Cosmo: mostre-lhe essa lista elaborada por si com a numeração das notas.

Bixby tirou uma pequena folha de papel de uma prateleira dentro do cofre e entregou-a ao Professor Fordney.

- Onde esteve o senhor ontem à noite? – perguntou o Professor.

- Faça o favor de não suspeitar do meu secretário! – gritou McIntyre. – Ele estava comigo em Washington, no mesmo hotel!

- Aquele cofre – observou Fordney – foi aberto por uma pessoa que conhecia a combinação de letras. Quantas pessoas a conheciam?

- Apenas Bixby e eu.

Fordney olhou para o papel:

- O seu Banco também tem uma lista destes números?

- Não creio – replicou o milionário. – Tenho estas listas há anos. Mas que tem isso a ver com o caso? Uma lista não é suficiente?

\*

- Foi por isso que eu suspeitei – explicou Fordney ao tenente Riggs, na esquadra da Polícia. – que Bixby dera a combinação do cofre a alguém que roubou as notas. E é por isso que penso que não as recuperaremos.

***Que indício levou Fordney a suspeitar de Bixby? E porque pensou Fordney que era improvável que o dinheiro pudesse ser recuperado, ainda que a lista tivesse sido comunicada a todos os Bancos?***

### Solução do problema:

O professor Fordney suspeitou de que Bixby fosse conivente no roubo, porque a lista, aparentemente compilada por ele, se encontrava nu,a prateleira dentro do cofre. Nenhuma pessoa inocente e sensata teria colocado junto do dinheiro as listas com a numeração das notas – único meio de as identificar e, evidentemente, recuperar. E qualquer ladrão, mesmo com coeficiente de inteligência muito baixo, levaria a lista com o dinheiro e, eliminado, deste modo, a prova de que as notas, caso viesse a ser apanhado com elas, pertenciam ao cofre de McIntyre.

O facto de a lista se encontrar no cofre convenceu Fordney de que era falsa, e que os números não eram os das notas de McIntyre. Deste modo, os Bancos procurariam os números errados, enquanto o dinheiro roubado circularia com facilidade.

## Problemas Policiais #152

Diário Popular 5193 – 23.03.1957

O paradoxal contraste entre o miserável camarim de Lily Baker, no mais ordinário recinto de diversões da cidade, e a sua luxuosa residência particular, muito depunha a favor da prosperidade do seu noivo, o fazendeiro Hank Nelson.

Nelson perguntara, timidamente, à artista de variedades se ela estava disposta a casar com ele. Mas não reparara no brilho de vitória que se acendera nos olhos de Lily, quando ela murmurou, suavemente: - «Bem...».

Um estupendo dote pré matrimonial, e a promessa de um casamento com comunhão de bens, daí a três meses, tornaram Lily a mais feliz rapariga da cidade.

«Sim, sim, casar-me-ei contigo. Se matares esse homem odioso!», gritou Lily, quatro meses mais tarde.

Quando o professor Fordney e o «sheriff» Olsen chegaram a casa de Nerlson, as labaredas saíam das janelas do primeiro andar da casa residencial. O celeiro e três outras edificações da casa agrícola, que ficavam anexas à residência, eram, igualmente, pasto das chamas, que rompiam do rés-do-chão.

«Com o vento que sopra, não tardará que aqueles velhos telhados de colmo se abatam», observou Olsen. O professor Fordney concordou.

«Aqui está o fusível que rebentou», disse Jed Krubb, apontando para o quadro. «Nelson estava doente – acrescentou – e, por isso, levei um candeeiro de querosene para o quarto dele, no primeiro andar. Depois, fui procurar Art Gowdy, para que consertasse o fusível. Quando voltei, a casa era um braseiro. O incêndio ajudado pelo vento, propagara-se ao celeiro e às outras edificações. Eu nada podia fazer».

O professor perguntou onde se encontrava Lily. «Está em casa dos Trumbulls», respondeu Krubb.

Fordney examinou cuidadosamente o fusível, o quadro da instalação eléctrica e, depois foi ver o quarto onde Nelson morrera carbonizado.

Depois, apontando para Krubb, disse ao «sheriff»: «Prenha este homem. É um incendiário e um criminoso».

***Como chegou Fordney a esta conclusão?***

**Solução do problema:**

Se o celeiro e as outras edificações da casa agrícola, se tivessem incendiado por motivo das labaredas saídas das janelas do primeiro andar da habitação, teriam sido os telhados de colmo os primeiros a arder. Ora, as chamas rompiam de baixo para cima...

## Problemas Policiais #153

Diário Popular 5200 – 30.03.1957

«- A razão porque utilizo estes copos – o professor Fordney indicou dois copos que se encontravam em cima da sua secretária numa sala da Universidade – é a seguinte:

Certas pessoas chegam à solução de um problema mais rapidamente e com mais segurança, quando são auxiliadas pela memória visual, ainda que esta, nada explique que não esteja abstractamente implícito na apresentação do problema.

«Também é verdade que muitas pessoas que puseram um sólido conhecimento na teoria da lógica são muito pouco firmes no seu raciocínio. Isto revela não a fraqueza da lógica, mas a fraqueza humana. A lógica aplicada à acção ordena os acontecimentos, tal como a gramática traduz o pensamento por meio da linguagem. E a razão, como diz Cícero, é senhora e rainha de todas as coisas.

O professor Fordney pegou num dos copos.

- Como vêem - disse ele – este copo está meio cheio de leite, ao passo que este – ergueu o outro copo – está meio de água.

Os alunos de criminologia, seguiam atentamente a sua explicação.

- Ora, eu vou tirar uma colher de chá, de leite, deitá-la no copo de água e misturar, assim. – Fordney mexeu vigorosamente os dois líquidos. – Agora tiro uma colher de chá da mistura de leite e água - assim – e misturo.

O professor pousou a colher e disse:

- A pergunta é a seguinte: tirei mais ou menos leite do primeiro copo de água do segundo? – Puxou do relógio e acrescentou: Dou precisamente 60 segundos para vocês resolverem o problema.

***Fordney tirou mais ou menos leite do copo de leite do que água do copo de água?***

### Solução do problema:

Mas H E. Lick no seu livro «Matemática Recreativa», declara que as quantidades de água e leite são iguais.

## Problemas Policiais #154

Diário Popular 5207 – 06.04.1957

O professor Fordney retirou com cuidado o pé de Carolina Burbank do estribo (o resto do corpo dela jazia na estrada), a fim de poder abrir a porta do automóvel. Sentou-se e observou o volante e o espelho retrovisor. Depois, saiu do carro e voltou a examinar o corpo da rapariga, que tinha um buraco de bala na cabeça. Virou-se para Joe Daly, com um olhar interrogador.

- Nós estacionámos aqui, neste atalho – disse Daly – cerca das 11 e 30. Carolina guiava. O carro é dela...

As mãos do rapaz tremiam e a sua voz vacilava.

- Estávamos noivos. – proseguiu - O senhor reparou no anel que ela tem no dedo?

O Professor tinha reparado, e com certo interesse, pois que o dedo anelar apresentava uma ligeira escoriação.

- Bem – Daly estava agora mais calmo – estávamos aqui a fazer projectos para o nosso casamento, quando um homem mascarado surgiu do bosque, do lado de Carolina, e lhe deu e lhe ordenou que saísse do carro. Ela fez menção de obedecer, abriu a porta e, então, tentou atingi-lo com um pontapé. O homem disparou logo e correu para o bosque, desaparecendo. Eu dirigi-me a toda a pressa para a estrada principal, mandei parar um carro e contei o que acontecera. Fiquei lá à espera, até que chegasse o carro da Polícia, e voltei depois com os agentes.

Fordney perguntou:

- O senhor não procurou certificar-se da morte da sua noiva, antes de pedir auxílio?

- Não, desatei logo a correr. Devia estar muito perturbado.

O criminologista ajoelhou-se ao pé do cadáver da rapariga. Procurou, em vão, uma carteira. Depois, ergueu lentamente o olhar, cruzando-o com o Daly, e disse:

- O senhor está preso pelo assassinio desta rapariga.

### *Qual foi o erro de Daly?*

#### Solução do problema:

O pé de Carolina encontrava-se no estribo do lado do volante e, todavia, a porta estava fechada, visto que Fordney a abriu. Isto foi suficiente para provar que Daly mentia. Mais tarde ele próprio confessou que tinha assassinado Carolina, quando se encontraram na estrada, porque ela lhe tinha devolvido o anel de noivado.

Ele tornara a colocar o anel, arranhando o dedo da rapariga ao fazê-lo. Colocara, depois, o cadáver na posição em que calculava que ela teria caído, se tivesse sido alvejada ao sair do automóvel. Devido à pressa e ao pânico de que estava possuído (nenhum assassino se encontra em estado absolutamente normal quando comete um crime), fechou a porta do automóvel.

## Problemas Policiais #155

Diário Popular 5214 – 13.04.1957

Os convidados do professor Fordney estavam de ânimo alegre. Sentados em redor da comprida mesa, em frente do fogão de sala, trocavam gracejos acerca de uma das suas famosas frituras de peixe, que ele próprio cozinhava.

Eufrates Dalyrumple disse:

- Que tal, Fordney, se nos apresentasse um dos seus enigmas?
- Com o maior prazer, meu velho. – replicou o professor.

Pensou durante um momento e, depois começou:

- Bem, aqui está um que é velho, mas notável. Pertence aquele pequeno grupo de enigmas que toda a gente percebe perfeitamente quando são desvendados, mas que a maioria das pessoas não atina, por mais que tente, em tornar a explicar, logo a seguir. Vejamos como vocês se portam...

Prosseguiu:

- Ora então, eu vou vendar-vos os olhos aos três, Dalyrumple, Etherl e Graham. Depois, marcarei as vossas testas com um sinal vermelho ou preto.

Vendou-lhes os olhos e marcou-lhes as testas com um sinal vermelho ou preto. Depois continuou:

- No momento em que eu retirar as vendas dos vossos olhos, os que virem marcas vermelhas num ou em ambos os outros, deve começar a assobiar. Mas, se algum de vós estiver convencido de que tem na testa uma marca vermelha, deverá suspender o assobio:

Não devem olhar para o espelho, mas saber (e não adivinhar) por um raciocínio lógico, que na vossa testa há uma marca vermelha, quando deixarem de assobiar. Entendido?

Disseram que sim. Retiradas as vendas, os três começaram a assobiar. Momentos depois, o velho Dalyrumple suspendeu o assobio:

A pergunta é:

***Como soube Dalrymple, por meio de raciocínio lógico, que tinha uma marca vermelha na testa?***

### Solução do problema:

Aqui está como Dalrymple, por meio de raciocínio lógico, chegou à conclusão de que na sua testa havia uma marca vermelha: todos os três assobiavam. Portanto, qualquer dos três, via, pelo menos, uma marca vermelha.

«Ora – disse para com os seus botões, o astuto Dalrymple. - Suponhamos que eu tenho uma marca preta. Muito bem. Estou a assobiar, porque vejo marcas vermelhas tanto em Graham como em Ethel. Se eu tivesse uma marca preta, Graham assobiaría por ver a marca vermelha de Ethel. E Ethel assobiaría por ver a marca vermelha de Graham. Se a minha marca fosse preta, então Graham sabería que Ethel assobiava por que via a marca vermelha dele. E Ethel sabería que Graham assobiava porque via nela uma marca vermelha. Ora, se assim fosse, tanto Graham como Ethel teriam deixado de assobiar, porque chegariam à conclusão de que qualquer deles tinha uma marca vermelha. (É de lembrar que cada um devia assobiar quando visse uma marca vermelha em, pelo menos, um dos outros, e parar apenas quando estivesse convencido de que tinha uma marca vermelha.)

Todavia, Graham e Ethel não suspenderam o assobio. Portanto, não estavam a assobiar por causa das marcas deles próprios: estavam a assobiar porque a minha marca era vermelha!»

## Problemas Policiais #156

Diário Popular 5221 – 20.04.1957

O professor Fordney olhou atentamente os pés do cadáver. Que estavam cruzados, no chão. Relanceou o olhar pelos numerosos aposentos de paredes espessas, no 29.º andar do Hotel Balmore, onde o jovem e rico Skip Hoyt jazia sobre um grande «puzzle» praticamente solucionado, em cima de uma mesa, no meio do quarto. Tinha sido alvejado na cabeça. Em cima da pedra do fogão encontra-se um relógio, atrasado 14 minutos.

- Foi o senhor a última pessoa a ver Hoyt vivo? – perguntou o Professor ao campeão de ténis Bruce Raymer.

- Provavelmente, isto é, se não contarmos com o assassino – replicou o jovem. – Estivemos a beber juntos e a conversar, Skip e eu, até às 10 horas. Ele começou a fazer aquele «puzzle» quando eu saí. Disse que queria ocupar o espírito em qualquer coisa até vir o Nick Foran. Quando voltei, meia hora mais tarde, encontrei Foran a olhar para Skip. Avisei o detective do hotel.

Os olhos de Fordney não se desprendiam dos pés de Hoyt. Voltou-se para o sargento Krause e pediu-lhe:

Mande chamar Foran.

Foran era um homem de 55 anos, corpulento, afável, jogador conhecido.

- Quanto é que Hoyt lhe devia? – perguntou-lhe Fordney.

Foran deu uma gargalhada:

- Quanto me devia? Essa é boa! Eu é que devia 13.000 dólares a Hoyt... Vinha cá pagar-lhos. Mas, agora que ele está morto...

- A que horas chegou aqui?

- Às 10 e 28, da última vez.

- Esteve cá antes?

- Sim, às 9 e 15.

O Professor fitou Raymer.

- Skip e eu entrámos juntos às 9 e 25 disse ele.

Fordney exclamou, apontando um deles:

- Mentel! Levem-no para a esquadra.

***De quem suspeitou Fordney?***

### Solução do problema:

É óbvio que Hoyt não podia ter solucionado o grande “puzzle” quase por completo entre as 10 horas (hora a que Rayner dizia tê-lo deixado com vida) e as 10 e 30 (hora a que voltou). Sabendo que Foran voltaria, Rayner assassinou Hoyt na convicção de que o jogador seria acusado do crime.

## Problemas Policiais #157

**Diário Popular 5228 – 27.04.1957**

- Com que então – escarneceu o elegante artista da Rádio, Dunstan Montrose – você pede cinco vezes mais do que aquilo que eu lhe pago por essa miserável prosa e ainda quer que lhe creditam direitos de autor pelas emissões?

Oiça, Danver, hás dois anos, quando você não tinha dinheiro, assinou comigo um contrato por dez anos, comprometendo-se a receber 40 dólares por semana. Agora pago-lhe 80. Não lhe dou nem mais um cêntimo.

- Mas não está certo – implorou Lyle Danver. – Toda a gente sabe que o seu êxito se deve sobretudo aos meus textos, que você diz que escreve! Um dia perco a cabeça!

O escritor calou-se quando a actriz Thyra Freeman gritou da porta: «Olá!»

\*

O professor Fordney curvou-se ao lado do cadáver de Lyle Danver, vestido de pijama. Tinha as carótidas cortadas, quase de lado a lado – uma ferida horrorosa. O tronco e as mãos de Denver estavam manchados de sangue. Havia sangue espalhado por toda a casa de banho. O criminologista procurou alguma coisa à sua volta e depois abriu a porta muito limpa do armário dos remédios, dentro do qual se encontrava a navalha fechada e manchada de sangue.

Sim, Danver podia ter-se suicidado, fechado a navalha, guardando-a depois.

Reparou que a banheira e as cortinas do chuveiro estavam molhadas? Danver não tinha tomado banho antes de morrer.

\*

- Encontrei-o há uma hora, quando cheguei, professor – explicou Montrose. - «Miss» Freeman ouvira-o ainda hoje dizer que tencionava cometer algum acto de desespero. Mas não pensávamos que ele se suicidasse.

- Basta! – interrompeu Fordney. – O senhor é um mentiroso e um assassino!

*Qual foi o pormenor que revelou a Fordney que Danver tinha sido assassinado?*

### *Solução do problema:*

Se bem que Danver pudesse ter cortado as carótidas e posto depois a navalha no armário dos remédios, o criminologista podia afirmar que o não tinha feito e que, portanto, o escritor tinha sido assassinado. As mãos de Danver estavam manchadas de sangue, e todavia a porta do armário, fechado, não tinha uma única mancha. Este foi o indício que levou Fordney à convicção de que não Danver, mas o seu assassino, tinha guardado a navalha no armário.

## Problemas Policiais #158

Diário Popular 5248 – 18.05.1957

- Apesar das constantes campanhas da Imprensa, da educação do povo e das sanções, o jogo, as burlas e as desordens continuam a florescer – disse o professor Fordney aos estudantes da sua classe de Criminologia.

Continuou:

- Qual a causa destes males sociais? Vejamos, por exemplo, o caso de burla conhecido pelo nome de «conto do vigário». É ele determinado por uma tendência para o «roubo», em nós profundamente enraizada, e que quase pode considerar-se inata na natureza humana. O desejo de obter algo por menos do seu preço legítimo é tão profundo que o mero conhecimento das técnicas do «vigário» é insuficiente, por estranho que pareça, para nos proteger dessa espécie de burla. Lembremo-nos que é sempre para estes baixos desejos humanos que o vigarista apela. Ele conhece a nossa cobiça, os nossos preconceitos, a nossa avareza e o nosso egoísmo. Não necessita de suscitar o desejo daquilo que propõe porque ele já existe dentro de nós, ansiando pela oportunidade de se satisfazer.

E acrescentou:

- Um dos mais poderosos engodos que o vigarista emprega é irresistível: «Arranjar-lhe-ei isso pelo preço do custo». Ele conhece o desejo geral de se obter uma coisa pelo menor preço. Milhões de dólares perdem anualmente os que sucumbem às mais fascinantes e... ilusórias propostas.

Sorrindo, o professor Fordney exclamou depois:

- Não falemos mais de vigaristas. Agora estudemos um pouco de criptografia elementar.

Escreveu então no quadro as seguintes letras:

BNMRDFTHQ-JGD-DH  
HRRN ODJN OQDBN CN BTRSN

- Agora – disse o professor – quero que decifrem isto num minuto. E ai daquele que levar mais tempo!

***É o leitor capaz de decifrar esta estranha inscrição?***

### Solução do problema:

Substitua simplesmente cada uma das letras pela letra que se lhe segue no alfabeto, e obterá a frase seguinte:

CONSEGUIR-LHE-EI  
ISSO PELO PREÇO DO CUSTO

## Problemas Policiais #159

Diário Popular 5255 – 25.05.1957

- Está lá? É da estação dos correios de Chaluy? Quer fazer o favor de pedir que me enviem, com urgência, uma ambulância ao castelo?... O conde de Zandrain acaba de ser vítima de um acidente.

Assim falou, ao telefone, o inspector Fauvel.

Se tivesse chegado um pouco antes ao castelo, onde fora convidado pelo conde a passar uns dias de férias, o Inspector Fauvel teria presenciado um triste espectáculo.

O corpo desarticulado do conde jazia numa alameda, mesmo junto à muralha do castelo. Era evidente que caíra da janela do seu quarto, situado no terceiro andar.

- É horrível. – disse o secretário do conde. – E Gerald, seu sobrinho e único parente, partiu para a aldeia há momentos...

Acabava de pronunciar estas palavras, quando um automóvel, conduzido a toda a velocidade, chegou diante do portão, apeando-se dele um rapaz de porte atlético. Era Gerald de Zandrain.

- O seu tio... – começou a dizer o Inspector, enquanto apertava a mão do jovem.

- Eu sei, é horrível – interrompeu Gerald. – Mas como pôde ele ter caído? Eu estava precisamente na estação dos correios quando o senhor telefonou. Onde está o meu tio?

- Instalámo-lo no salão – respondeu Fauvel. – Está morto.

- Morto? É incrível!

- Viu o seu tio esta manhã?

- Sim. – respondeu Gerald – Fui dar-lhe os bons dias ao quarto, como de costume. Pareceu-me de mau humor. Talvez tenha dormido mal. Depois saí. Tinha umas voltas a dar na aldeia.

- Nós estamos a cerca de dois quilómetros de Chaluy, não é verdade? – perguntou o Inspector Fauvel.

- Sim, mais ou menos. – foi a resposta.

- Não é longe, com efeito – continuou o Inspector. – Compreendo, por isso, que tenha vindo tão depressa. Simplesmente, o seu tio não caiu da janela. Tem de me explicar como é que tudo se passou...

***Por que é que Fauvel desconfiou de Gerald?***

### Solução do problema:

Quando Fauvel pediu a ambulância, disse simplesmente: «O conde de Zandrain acaba de ser vítima de um acidente». Entretanto, ao chegar ao castelo, Gerard interrogara: «Mas como pôde ele ter caído?». Estava, portanto, manifestamente ao corrente do que se tinha passado...

## Problemas Policiais #160

Diário Popular 5262 – 01.06.1957

Tirando o lenço do bolso, o Inspector Fauvel envolveu com ele a jarra de cristal colocada sobre o aparelho de T.S.F. e na qual se encontravam algumas rosas, a que faltavam algumas pétalas. Ergueu a jarra e examinou-a minuciosamente. No tampo do aparelho de rádio (através do qual se ouvia um concerto de música de câmara) apareceu nitidamente um círculo: correspondia ao fundo da jarra, que o pó não atingira.

Salvo esse pó, tudo estava, aliás, perfeitamente em ordem.

Ainda com a jarra envolvida no lenço, o Inspector Fauvel pousou-a no chão e, em seguida, desligou o aparelho. Olhou, depois, para o sofá onde Auguste Renoir parecia dormir. Na realidade, estava morto havia cinco dias pelo menos.

A Polícia fora avisada por um vizinho, que estranhara não ver o velhote nos últimos dias.

- É evidentemente muito difícil, eu pronunciar-me já. – disse o médico legista. – Parece-me entretanto que ele deve ter morrido de uma crise cardíaca. O corpo não apresenta sinais de violência. Enfim, é necessário esperar pela autópsia...

Prosseguindo no seu inquérito, o Inspector Fauvel soube pelo porteiro do prédio que Auguste Renoir declarara, alguns dias antes, que se ausentaria por uma semana. Mas, durante esse período, ninguém fora visto a entrar ou a sair de casa do velho reformado. Debruçando-se sobre o cadáver, o Inspector notou no quarto dedo da mão esquerda de Renoir o sinal deixado por um anel usado durante muitos anos. O anel, no entanto, desaparecera.

- É curioso. – comentou Fauvel.

Depois, voltando-se para o médico legista, declarou:

- A vítima está morta há cinco dias, mas, depois disso, já alguém entrou aqui...

- Como sabe isso? – interrogou o médico, surpreendido.

- Pois bem... - começou o Inspector a explicar...

*Qual foi a explicação?*

### Solução do problema:

O Inspector Fauvel notara que as rosas haviam perdido parte das suas pétalas. Ora, estas pétalas não se encontravam caídas sobre o tampo do aparelho de rádio... Por isso, alguém entrara nos aposentos de Renoir e as fizera desaparecer.

## Problemas Policiais #161

**Diário Popular 5276 – 15.06.1957**

Certo Inverno o Inspector Fauvel encontrava-se a passar uns dias de férias, numa instância alpina, quando ao ler um jornal, deparou com a notícia de um crime que havia sido cometido no dia anterior, a poucos quilómetros dali. O jornal dava muitos pormenores do caso. O Inspector ficou assim informado de que um guarda-florestal reconhecera, no doutor Jean-Paul Ravin, o homem que vira, na véspera do crime, junto da pequena moradia onde residia a vítima. Interrogado, o jovem médico reconhecera que, efectivamente, o guarda-florestal o podia ter visto, protestando, todavia, a sua inocência, quanto à morte da sua noiva, Christiane François.

O doutor Ravin afirmava ter ido com Christiane dar um passeio pelas margens dum lago, distante cerca de 40 quilómetros, na tarde de segunda-feira. Ao regressarem, haviam discutido por uma bagatela. Christiane descera do automóvel e dirigira-se para casa enquanto ele, enervado, se afastava no carro. Algum tempo depois, encontrava-se já em Saint-Paul, a cerca de cinquenta quilómetros de distância, e a sua passagem, ali, podia ser comprovada pelo dono de um «bar».

Voltara à moradia, ao cair da noite – cerca das 17 e 30 - e notara a luz acesa. Entrara e vira Christiane estendida no chão. Sobre uma mesa, encontrara dois copos, uma garrafa de conhaque e uma caixa de comprimidos. Jean-Paul afirmava ter ficado logo com a convicção de que Christiane estaria morta havia, pelo menos, duas horas. Temendo ser incriminado, transportara o corpo para o seu carro e seguira para o lago, onde os dois se haviam encontrado de tarde. Deixara aí o cadáver, na superfície gelada do lago, e regressara.

No dia seguinte, de manhã, o corpo de Christiane fora encontrado pelos patinadores. Um inspector da Polícia, chegado imediatamente ao local, não tivera dificuldade em identificar a morta, cujo corpo deixara o gelo nitidamente marcado.

Christiane vestia um traje de patinagem, e envergava luvas grossas. Durante toda a noite sentira-se, na região, um frio intensíssimo.

O artigo concluía pela interrogação: «Quem terá sido, afinal, o autor do crime, dado que o doutor Jean-Paul está presumivelmente, inocente?».

O inspector Fauvel considerou que o seu dever era não ficar inactivo. Dirigiu-se ao telefone e ligou para o inspector encarregado do caso. A conversa não demorou muito:

- Aqui fala o inspector Fauvel. Não sei em que ponto, estão as suas averiguações, mas, no seu caso, prendia o médico.

***É ele o criminoso.***

## Solução do problema:

Jean-Paul Ravin declarou que, quando encontrara Christiane, estava morta havia, pelo menos, duas horas. Como gastara cerca de uma hora para atingir o lago, situado a 10 quilómetros da moradia, chegara lá, pelo menos, três horas após a morte de Christiane. Ora, ela não estava morta há tanto tempo, pois, de contrário, o seu corpo não poderia ter feito derreter o gelo. Isso acontecera porque o corpo ainda estava quente.

## Problemas Policiais #162

Diário Popular 5282 – 22.06.1957

O Inspector Fauvel acendeu um cigarro e, depois, disse:

- Agora, menina, conte-me com todos os pormenores, o assalto de que foi vítima.

Leonor Rubens, a jovem que estava sentada diante dele, torcia as mãos febrilmente e parecia muito excitada. Começou a falar num tom que denunciava o seu nervosismo:

- Pois bem... eu descia do meu carro defronte da casa de Lucier Carton. Um homem que parecia estar à espera, aproximou-se de mim, cumprimentou-se e falou-me deste modo: «Faça exactamente como eu lhe ordenar e não lhe acontecerá nada. Mas, cautela, que eu tenho no bolso uma pistola apontada para si. Dê-me depressa todas as suas jóias, sorrindo e falando comigo com o seu ar mais natural. Vá, depressa, senão disparo». O homem tinha um ar tão decidido que eu fiquei terrivelmente atemorizada. Dei-lhe precipitadamente tudo quanto ele pedia. Depois, ele montou numa motocicleta e desapareceu. Eu bati à porta de Lucie Carton e desmaiei...

O Inspector Fauvel leu a lista das jóias roubadas: «Um bracelete de diamantes e rubis; um pingente de rubis; um colar de pérolas; um diadema em diamantes e um anel com brilhantes».

- Tem a descrição pormenorizada destas jóias? – perguntou o inspector.

- Não, mas a companhia de seguros deve tê-la com certeza. – respondeu Leonor.

- Ah, estavam todas no seguro? – disse o inspector suspirando.

- Certamente! – replicou a jovem.

O Inspector Fauvel perguntou ainda:

- Ia então jogar o bridge com a senhora Carton?

- Sim.

- A que horas foi o assalto?

- Cerca das três horas da tarde.

- É sempre a menina que guia o carro?

- Sempre.

Fauvel olhou fixamente a jovem e declarou:

- A menina mente. Toda essa história é uma ficção urdida com a finalidade de defraudar a Companhia de Seguros.

***Como chegou Fauvel a essa conclusão?***

### **Solução do problema:**

A lista das jóias deu logo ao inspector a certeza de que Leonor mentia. Nenhuma mulher se enfeitaria, às três horas da tarde, com uma tão grande colecção de jóias (incluindo um diadema de diamantes), para ir jogar «bridge»...

## Problemas Policiais #163

Diário Popular 5289 – 29.06.1957

- Ora bem, Clemente – disse o Inspector Fauvel. – A comparação entre a argila vermelha dos arredores de Savari e a que se acha nos pneus do seu carro revela que se trata da mesma terra.

Entretanto, Luís Vautier afirma que viu o Clemente às dez e meia da manhã para os lados de Badray, onde as estradas estão ensopadas de lama negra. Aconteceu que foi para os lados de Badray que Pedro Segal foi morto e precisamente às 10 e 30.

- Luís é um mentiroso. – disse Clemente. – Poderia ter-me visto perto de Badray entre as nove e as nove e meia da manhã, pois estive aí realmente a essa hora. Mas às dez e meia encontrava-me já em Savary, quer dizer, a 40 quilómetros de distância; e isso está provado, como sabe.

- Seja como for, não podes negar que desejavas a morte de Pedro. – exclamou Luís Vautier, que assistia à conversa.

E acrescentou:

- A verdade é que te vi perto de Badray às 10 e 30.

- Voltou a servir-se, depois, deste carro? – perguntou o Inspector a Clemente, inclinando-se sobre o motor.

- Não, como vê.

- Sim, bem vejo. Foi o carburador que falhou?

- Sim. Tive de o limpar.

- Tem a certeza de reconhecer este carro, sem possibilidade de enganar-se? – perguntou Fauvel a Luís.

- A certeza absoluta. – foi a resposta. – É um modelo pouco vulgar. Não há erro possível.

- Como é possível que ninguém o tenha visto em Savary? – interrogou o Inspector, dirigindo-se a Clemente.

- Porque cheguei por um atalho. Fui a uma casinha de campo que ali tenho, bastante isolada.

Neste momento, o Inspector Fauvel, parecia estar profundamente interessado com o estado do carburador.

- Um dos dois, mente. - exclamou, de súbito. – Expliquem-se.

### ***O que levou Fauvel a falar deste modo?***

### **Solução do problema:**

O Inspector Fauvel sabia que Luís mentia. A terra agarrada aos pneus do carro era vermelha. Isso demonstrava que Clemente dissera a verdade, pois, de contrário, os sinais de argila vermelha teriam desaparecido sob a lama negra da estrada onde o cadáver de Pedro fora encontrado, para os lados de Badray.

## Problemas Policiais #164

Diário Popular 5296 – 06.07.1957

- Não sei como entrou o malfeitor. – disse Georges Panel - Deve ter-me ouvido chegar, porque quando me ajoelhei para olhar pelo buraco da fechadura do escritório (não havia chave), vi-o imóvel, diante do cofre, a trinta centímetros de mim. Pensando que ele estivesse armado, não me atrevi a entrar e retirei-me, na ponta dos pés, para a sala de jantar, deixando a porta ligeiramente aberta.

- O vestíbulo que atravessou estava iluminado? – perguntou o Inspector Fauvel.

- Sim – respondeu Panel – mas há um interruptor do lado de fora do escritório que acende e apaga as luzes do vestíbulo. O ladrão deu a volta a esse interruptor, impedindo-me assim de o ver.

E Panel acrescentou:

- O meu tio encontrava-se ausente, os criados estavam deitados e eu não ousei seguir o gatuno. Logo que ele saiu, fechando a porta da entrada, telefonei à Polícia. Depois, entrei no escritório e vi que o cofre-forte estava aberto...

- Havia luz no escritório, nessa altura?

- Sim.

- E o ladrão fechou a porta ao sair?

- Exactamente.

- Que havia no cofre?

- Não...sei. Meu tio não me tem a par dos seus negócios e...

- O senhor fala e age como um homem inteligente. – interrompeu Fauvel. – Tem a certeza de me ter contado os factos tal como se passaram?

- Certamente. Acaso duvida de mim, Inspector?

- Tenho motivos para duvidar. – foi a resposta.

***Que motivos eram esses?***

### Solução do problema:

O inspector sabia que era impossível a Panel distinguir se o assaltante era um homem ou uma mulher vendo-o apenas pelo buraco da fechadura, estando ele (ou ela) à distância de trinta centímetros... mesmo que a luz estivesse acesa.

## Problemas Policiais #165

Diário Popular 5303 – 13.07.1957

Claudine Mazon, a encantadora e popular artista de teatro parecia dormir, afundada numa das cadeiras da sua confortável residência. Só um pequeno orifício na têmpora, onde se notavam laivos de sangue, deixava adivinhar algo de anormal. Na realidade, Claudine estava morta. Suicidara-se.

Junto do braço direito da morta o adjunto do Inspector Fauvel recolheu com as maiores precauções, o revólver de que a artista se servira. Logo depois verificou que a arma não apresentava impressões digitais.

Fauvel examinava silenciosamente o local, fumando um cigarro. Até que disse:

- Mande chamar Maria, a criada.

Entretanto, os seus olhos não se desprendiam da fotografia de um atraente jovem, assinada «Jean», e próximo da qual se encontrava um bilhete em que se lia:

«Querido Jean:

Perdoa-me, mas sou uma louca. Vendi tudo para evitar que os credores me arrastassem ao tribunal. Mas isso não bastou. Prefiro a morte...

Claudine».

- Não é comum vermos uma rapariga matar-se por causa das dívidas – murmurou o adjunto do Inspector Fauvel ao sair do quarto para ir buscar Maria.

Quando a criada chegou, extraordinariamente perturbada, Fauvel perguntou-lhe:

- Quem é este Jean?

- É a «vedeta» masculina do espectáculo.

- Por que não lhe enviou este bilhete, pois que lhe era destinado?

- Desorientada como estava, nem pensei nisso.

- Foi você quem descobriu o corpo da sua patroa?  
- Sim. Vinha trazer-lhe o pequeno-almoço, como todas as manhãs.  
- Jean não esteve com ela ontem à noite?  
- Sim. Mas, como frequentemente acontecia, deve ter saído já depois de eu estar deitada.

- O Inspector Fauvel não teve necessidade de dizer nada: o seu adjunto já se dirigia ao andar de cima e trouxera o amigo da artista.

A princípio Jean pareceu não ter compreendido o que se passara. Depois, ajoelhou-se perante Claudine, desesperado:

- Claudine. Claudine, porque fizeste isto?  
- No seu lugar, eu diria: «Porque fiz eu isto?» - interrompeu o inspector, com ar de poucos amigos.

E acrescentou:

- Está preso, Jean.

### ***O que levou Fauvel a tomar esta decisão?***

## **Solução do problema:**

O revólver não apresentava impressões digitais. Claudine não podia ter disparado contra si própria e limpo, de seguida, as impressões digitais. Alguém devia tê-las apagado – possivelmente alguém que disparara contra Claudine.

## Problemas Policiais #166

**Diário Popular 5310 – 20.07.1957**

Depois de ter inspeccionado o local, perfeitamente em ordem se não fosse o cadáver que jazia num charco de sangue, de frente da janela, o inspector Fauvel voltou-se para Robert Denvers e pediu-lhe que descrevesse, uma vez mais, como se tinham passado as coisas.

Denvers, que parecia ter envelhecido dez anos, declarou:

- Pelo menos três vezes, na noite passada, minha mulher foi acordada por ruídos em casa e pediu-me que fosse ver o que se passava. Levantei-me, por três vezes, mas nada descobri de anormal. Era talvez uma hora da madrugada quando me deitei pela terceira vez. Pouco depois, já estava a pegar no sono quando ouvi um ligeiro ruído. Logo que os meus olhos se habituaram a obscuridade, vi, na sombra, uma silhueta diante da janela. Minha mulher tinha razão, portanto. Alguém estava no nosso quarto. Quase sem reflectir, silenciosamente, lancei mão do revólver de que me munira ao proceder às anteriores inspecções e guardara por prevenção, debaixo do travesseiro, e disparei, por três vezes. Não necessitava de fazer pontaria, pois a janela estava defronte de mim.

Sem um grito, a sombra caiu.

Saltei da cama e acendi a luz. Fiquei então horrorizado. Minha mulher jazia no chão, exactamente onde se encontra agora. Fora ela que se levantara. E eu confundi-a com um assaltante. Não a tinha ouvido, pois como vê, dormíamos em camas separadas... Chamei o dr. Richard, a toda a pressa. Mas já era tarde.

O médico legista ainda se encontrava no local.

- Então, doutor?

- Uma bala atingiu o ombro, de raspão. Outra penetrou nas costas e saiu pelo peito, depois de ter atravessado o coração. A morte foi instantânea.

- E depois? – perguntou o inspector a Denvers.

- Depois... Que hei-de acrescentar? Fiquei aqui à sua espera.
- Nem o senhor nem o médico tocaram fosse no quer fosse?
- Ninguém tocou em nada.
- Pois fez mal... Está aqui um calor tremendo. – disse Fauvel, dirigindo-se para a janela, que abriu.

Aspirou o ar fresco e, em seguida, voltando-se para Robert Denvers, disse, com voz dura:

- Cometeu um erro. Isso é que o incrimina. E de tal modo que será difícil encontrar atenuantes...

### ***O que levou Fauvel a esta afirmação?***

## **Solução do problema:**

Se o drama se tivesse desenrolado consoante a versão de Robert Denvers, as balas deviam ter atingido o tecto ou as paredes. Mas nenhum sinal havia delas. Logo, Denvers mentia...

## Problemas Policiais #167

Diário Popular 5317 – 27.07.1957

Depois de o fotógrafo da Polícia ter tirado as fotografias da jovem que jazia no chão, envolvida num espesso casaco de peles, o Inspector Fauvel debruçou-se sobre a morta. Começou por tirar-lhe os óculos de sol e desatou o laço que lhe prendia os cabelos. O rosto dela surgiu então, crispado. Um exame da posição do corpo revelou ao Inspector Fauvel que a jovem devia ter sido surpreendida e estrangulada pelas costas. Nos bolsos do casaco da vítima, o Inspector encontrou um maço de cigarros, uma carteira de fósforos e algumas moedas. Só mais tarde a jovem foi identificada.

- Disseram-me que o senhor passou de canoa muito perto do sítio onde o cadáver foi encontrado, de tarde – disse o Inspector Fauvel a Henry Leblanc. – Conhecia-a?

Ao dizer isto, mostrou ao seu interlocutor uma fotografia da sedutora Josiane, tirada no decorrer de um baile de estudantes.

- Sim. – respondeu Henry Leblanc. – Vi esta rapariga acompanhada por um homem, na margem do rio, esta tarde.

«Pareceu-me que discutiam vivamente. Ela está morta? Fazendo um esforço acho que poderei descrever-lhe os sinais do homem que a acompanhava. Acha que isso o ajudará, Inspector?

- Evidentemente. E, por acaso, ouviu algo da discussão deles?

- Não. Mas percebi, pelos gestos que faziam, que se tratava de uma discussão muito viva.

- Alguma vez, antes desta tarde, encontrara Josiane?

- Não, nunca.

- A que distância se encontrava deles?

- Vejamos... estava a meio do rio. Portanto, talvez a uns trinta metros deles.

- Está ferido num dedo?

- Oh, não é nada. Cortei-me ao fazer a barba.

- Seja como for, o ferimento não tem importância – disse o Inspector Fauvel. – O que tem de explicar-me é o que se passou entre o senhor e a vítima.

### ***Como descobriu Fauvel o assassino?***

### **Solução do problema:**

Henry Leblanc reconheceu logo Josiane (que nunca vira antes) através de uma fotografia tirada num baile de estudantes, onde ela não teria por certo aparecido de grandes óculos de sol e lenço na cabeça. Ora, Leblanc só vira Josiane (afirmava ele) estando ela de óculos escuros e lenço na cabeça.

Qualquer identificação, nestas condições, teria sido impossível.

## Problemas Policiais #168

Diário Popular 5324 – 03.08.1957

O Inspector Fauvel ergueu, com precaução, a cabeça do morto e tirou, com cuidado, a folha dactilografada, sobre a qual repousava, ao lado da máquina de escrever. Leu atentamente o que estava escrito no papel, e em particular, o último parágrafo:

«Noel Marchand acaba de me chamar ao telefone. A explicação tão esperada vai, enfim, chegar. Não estou disposto a deixar-me dominar. Ao menor gesto, não hesitarei em defender-me. Sei que ele é violento, mas não tenho medo. Creio que já chegou. Ouço passos no corredor».

A carta não dizia mais.

A bala penetrou no coração – disse o médico legista, que, entretanto, examinara o cadáver. A morte deve ter sido instantânea.

Sabia-se que o morto, Georges Brun, se entregava a negócios irregulares. Mas tivera sempre o cuidado de proceder de modo que não caísse sob a alçada da lei.

Desta vez, fora vítima de alguém que não quisera aceitar as suas manigâncias. Mas quem?

- Paira neste quarto um vago perfume – disse o inspector Fauvel, voltando-se para o seu adjunto.

- É verdade. – respondeu este. – Mas de quem será?

Mais uma vez, Fauvel lançou um olhar em volta. Observou que Georges Brun estava sentado, no escritório, precisamente no eixo da única porta que dava acesso ao compartimento. Dava as costas à janela, que se encontrava fechada.

- É certamente um perfume caro – continuou o inspector, seguindo o fio da sua ideia.

- Mais um crime desastrado. Porque, na verdade, admitindo que Noel Marchand tivesse vindo aqui, ele nunca poderia ter assassinado Georges Brun.

O adjunto do inspector franziu os sobrolhos. Acreditava que o crime tinha uma visível assinatura.

***Porque se recusaria Fauvel a admitir que Noel Marchand era o culpado?***

### Solução do problema:

Se Georges Brun tivesse sido morto enquanto escrevia a sua carta à máquina, não teria podido retirar a folha, visto que a morte fora imediata. O assassino dactilografara a carta e procurara incriminar Marchand.

## Problemas Policiais #169

Diário Popular 5331 – 10.08.1957

Depois de examinar o corpo de Lawrenc Grafton, estendido no centro da sala de estar, Fordney ergueu-se. Coisa estranha: a frase «Estamos no meio da vida...!» não cessava de lhe martelar na cabeça. Com um aceno, interrogou Ben Conrad, que se mantinha de pé, a seu lado.

«Há coisa de uma hora». – disse Conrad, que era sócio de Grafton - «Lawrence telefonou-me, pedindo para cá vir. Disse-me que me apressasse, pois o assunto era importante. Quando cheguei, ofereceu-me de beber, mas como os criados tinham saído, foi ele mesmo à cave, buscar uma garrafa de aguardente velha. Poucos minutos depois, voltou, trazendo dois cálices de aguardente. «Ben – disse-me ele – vou-me embora. A polícia desconfia de que estou metido na burla de Tiden, e anda a brincar comigo como o gato brinca com o rato. Tenho os nervos arrasados!

«Depois, Lawrence voltou-se, foi colocar-se em frente do retrato do avô, que estava pendurado naquela parede, ergueu o copo, pôs-se a rir como um demente, e bradou: Temos isto no sangue, avozinho!». – Levou o copo aos lábios, bebeu um largo trago e desabou no chão. Como sabe, o velho Randolph suicidou-se.»

Fordney dirigiu-se à biblioteca, para telefonar. Encontrou então, ainda metida na máquina de escrever portátil, uma confissão quase completa da intenção que Grafton formara de se suicidar.

Voltando à sala de estar, examinou minuciosamente o retrato de Randolph. Sobre uma mesa, por baixo do retrato, havia um copo, que Fordney indicou, perguntando:

- É seu?»

- Não; esse copo é o de Lawrence» - respondeu Conrad. «O... o meu... parece-me que o levei para a cozinha».

O Professor inclinou o copo: no fundo, havia ainda um resto de aguardente envenenada.

- Tocou em algum dos objectos que se encontram nesta sala?»
- Não, não toquei em nada».
- Você – disse Fordney – perdeu a cabeça depois de ter envenenado Grafton, não é verdade, Conrad?»

### ***Porque suspeitava Fordney de que Conrad envenenara Grafton?***

## **Solução do problema:**

Fordney encontrara o cadáver de Grafton no centro da sala de estar. Conrad dissera que o morto caíra no chão, logo depois de ter bebido. Contudo, o copo estava sobre uma mesa encostada à parede, por baixo do retrato! Mais tarde, Conrad confessou que envenenara a aguardente de Grafton, na cozinha, onde ambos tinham bebido: em seguida, arrastara o corpo para a sala de estar, com o fim de acrescentar à narrativa o retoque dramático da cena em frente do retrato. O pânico que, depois, o tomara levava-o a colocar, inadvertidamente, o copo de Grafton em cima da mesa. Este erro lavrou-lhe a sentença de morte. Fora Conrad, evidentemente, o autor da «confissão» da burla em que ele próprio de encontrava implicado.

## Problemas Policiais #170

**Diário Popular 5338 – 17.08.1957**

Pelo espírito dos alunos das classes de criminologia do Professor Fordney, passavam visões de grossos bifés de veado, cozinhados em sua casa, por Mary, a preciosa governanta do professor.

Fordney riu por entre dentes – sabia que pensamentos povoavam a cabeça dos rapazes – quando os alunos lhe perguntaram se, finalmente, apanhara o veado.

«Sim... foi uma esplêndida excursão e uma aventura como nunca vivi, em toda a minha vida de caçador. Querem ouvir a história?»

Toda a classe olhou o professor com desconfiança – porém, qualquer coisa que aliviasse a tensão de um trabalho especialmente difícil seria bem-vinda.

«Andava pelo mato havia perto de três horas e não tinha ainda visto um único veado – contou Fordney. Começou então a cair neve, uma neve fina e macia que depressa cobriu o chão. Ao olhar para o outro lado do estreito vale, avistei um dos mais belos veados que até hoje vi. O animal, logo que me sentiu, voltou-se e pôs-se a subir a colina, galopando desesperadamente. Apontei cuidadosamente e disparei. Que tiro! Vi o veado cair, depois debater-se furiosamente sobre a neve, durante, talvez dois minutos – enquanto eu me aproximava correndo – e, por fim, levantar-se, afastando-se rapidamente, como se nada lhe tivesse sucedido.

«Mas, a parte mais singular do caso é a seguinte: quando cheguei ao local onde o veado caíra, não encontrei nem pinga de sangue nem vestígios de pêlo; sabia, contudo, que a minha bala lhe acertara, pois eu encontrei provas concretas do facto!».

Sorrindo, Fordney examinou os alunos. Depois, acrescentou: - «Sei que alguns de vocês estão habituados a caçar, por isso, serão, sem dúvida, capazes de me dizer o que aconteceu».

«Não é difícil – respondeu, vivamente, Sam Welch, ansioso por exhibir a sua ciência ante os colegas. – O senhor...»

*Será o leitor capaz de deduzir como pode Fordney ter atingido o veado, sem que este deixasse vestígios de sangue ou pêlo no sítio em que caiu?*

### Solução do problema:

A bala atingiu os chifres do veado, aturdindo-o, por momentos, mas sem o molestar gravemente.

## Problemas Policiais #171

Diário Popular 5345 – 24.08.1957

O misterioso telégrafo do mundo do crime trabalhava silenciosamente, no seu palpar inaudível. Rapazes rudes e mulheres endurecidas espalhavam largamente a notícia: O jogador profissional Whetey Crone fora assassinado.

Os «espias» do inspector Kelley iam colhendo, aqui e além, parcelas dos mexericos desse mundo tenebroso, à medida que caíam, como cápsulas inutilizadas, nos «bars» do pais do crime.

Contudo, a despeito da mais aturada vigilância, poucos elementos importantes conseguiram apurar. Ao fim de algum tempo sabiam que os companheiros mais íntimos de Crone eram: Mimi Dore, bailarina de revista; Al Levy, Pat Devine, Tom Morrel e Horsecollar Steel. E sabiam mais os seguintes factos:

1 – Alguns anos antes, o assassino e Levy tinham estado alistados no Exército da Bolívia; eram ambos delinquentes desde a mocidade.

2 – Um dos cinco era detective particular, trabalhando, disfarçadamente, para uma família rica, com o fim de obter provas incontestáveis contra um dos membros da quadrilha, que lhe assassinara o filho, Jack Bradford. O detective fora aceite pelo bando, embora, no dia anterior à morte de Crone, o assassino mostrasse ligeiras suspeitas.

3 – Uma semana antes, a amante do assassino, embora este lhe tivesse batido para sublinhar a ordem de calar a boca, informara Steel de que a amante de Levy tinha uma ligação amorosa com o detective particular.

4 – Ao ser informado disto, Devine aconselhou Steel a pôr Levy ao corrente do que se passara entre o detective e a rapariga.

O Inspector Kelley meteu na boca uma pastilha de jujuba e lançou um olhar carregado a Fordney, que estivera a examinar as informações.

Talvez o poderoso cérebro do eminente criminologista seja capaz de de nos esclarecer, a nós, simples mortais, sobre o que se oculta por detrás deste quebra-cabeças».

O Professor sorriu: «Pelo menos Jim, o quebra-cabeças identifica o criminoso».

### ***Quem é o assassino de Crone?***

## **Solução do problema:**

Antes de tentarmos identificar o assassino, é melhor começarmos por descobrir quem é o detective.

O facto n.º 2 diz-nos que o detective não é o assassino; o n.º 1 informa-nos de que Levy não é o assassino, não sendo também o detective, pois Levy e o criminoso eram delinquentes desde a mocidade.

Mimi Dore não é o assassino (3), nem o detective, pois tanto um como outro são homens. Steel (3) também não é o criminoso nem o detective.

Devine (4) aconselhou Steel a informar Levy da ligação da rapariga deste com o detective, por isso Devine não pode ser o detective particular. Logo, por exclusão de partes, concluímos que Morrel é o detective, e que o criminoso é Devine, visto que, como acabamos de verificar, não pode ser nenhum dos outros.

## Problemas Policiais #172

Diário Popular 5352 – 31.08.1957

«Vamos, amigo» - disse, em voz baixa, o insinuante jovem, erguendo uma pequena pasta em frente do «guichet» do caixa - «faça o que aqui está escrito, se não quer ficar com as tripas espalhadas pelo chão...»

O caixa do banco olhou para a folha de papel que aquele rapaz, sorridente, mas de olhar duro, metera pela abertura do «guichet».

**PONHA NESTA PASTA TODO O DINHEIRO QUE AQUI TIVER.  
FALE NATURALMENTE E SEM ELEVAR A VOZ E  
NÃO TOQUE NO SINAL DE ALARME.**

O caixa ergueu os olhos, viu os dois homens de pé, de cada lado do «guichet», e obedeceu. Levou um tempo infinito a contar as notas e, por fim, meteu na pasta oito mil dólares. Os três homens dirigiram-se para a porta, sem se apressar, e logo desapareceram na rua cheia de gente.

Pela excelente descrição que o caixa fez, dos três homens, ao Professor Fordney, amigo do director do Banco, não foi difícil identificar os criminosos: usavam os nomes de: Sugar Ardeil; Abidi Loweil e Jack Mason, tendo todos largo cadastro.

O criminologista lançou-se, imediatamente, ao trabalho, ao lado da polícia. As investigações revelaram que um dos três malfetores tentava formar uma sociedade com os cúmplices, que serviria de fachada por detrás da qual se ocultariam as complicadas operações de um vasto bando de cadastrados. Fordney constatou, ainda, o seguinte:

1 – Ardell disse ao homem que andava a organizar a sociedade que teria muito gosto em fazer parte dela.

2 – O técnico de roubos de Bancos, que meteu a folha de papel pela abertura do «guichet», disse ao organizador da sociedade que podia contar com ele, se arranjasse outra pessoa em substituição de Mason; acrescentou, ainda, que não confiava inteiramente em Mason.

Destes magros elementos, o Professor depressa deduziu a identidade do homem da pasta.

### *Quem era ele?*

### Solução do problema:

O organizador da sociedade (1) não é Ardell, logo ou é Lowell ou Mason.

Mason (2) também não é o homem que deseja formar a sociedade, como também não é o que meteu a pasta pela abertura do «guichet». Logo, quem queria organizar a sociedade era Lowell, e Ardell era o homem da pasta.

## Problemas Policiais #173

**Diário Popular 5359 – 07.09.1957**

Stanley Webb, astuto e impiedoso chefe de um bando de traficantes de estupefacientes, fora assassinado. Caído sobre a secretária, a cabeça maciça e calva descansava-lhe sobre o famoso livro de contas, o qual continha a lista secreta dos seus clientes.

Enquanto os homens da repartição das investigações se entregavam à sua sinistra tarefa, o Professor Fordney examinava-os, torcendo o lóbulo da orelha direita.

Retirado o corpo, Fordney pôs-se a estudar o livro de contas onde, em cifra, havia uma lista de muitos nomes de pessoas abastadas e ilustres. Fordney experimentou a caneta e verificou se o aparo estava seco.

«Claro» – murmurou, e, a seguir, pôs o maquinismo a trabalhar.

Pelo inquérito a que se procedeu entre gente de reputação equívoca, Fordney veio a saber que o assassino de Webb era um membro do seu próprio bando. Da quadrilha, faziam parte: Joe Drine; Frank Gray; Elmo Cook; Alma Young e Jean Bailey. Cada membro do bando tinha um “papel” especial: Jean servia de intermediária e um dos cinco era um brilhante e hábil contrabandista. Fordney descobriu, também, os seguintes factos:

1 – Alma e o assassino eram canhotos.

2 – O assassino viu o primo de Webb a falar com um distribuidor de estupefacientes, e informou do facto Jean e outro membro da quadrilha. Jean desconfiara de que Webb e o contrabandista se preparavam para atraíçoar os outros.

3 – A amante do assassino (que não pertencia à quadrilha) disse a Gray que a irmã de Cook obtivera dos contrabandistas informações perigosas sobre as operações da quadrilha; Gray, que odiava o contrabandista, advertiu Cook, que não odiava ninguém, de que se acautelasse com a irmã.

4 – Drine declarou que o contrabandista era leal, mas disse desconfiar de um dos do bando, que acabara de sair da prisão.

No esconderijo dos bandidos, o Professor encontrou o assassino só; prendeu-o, confiscando, ao mesmo tempo, uma enorme provisão de drogas.

***Quem é o assassino?***

***E o contrabandista?***

### Solução do problema:

O n.º 1 elimina Alma Young como criminosa; 2, diz-nos que Jean Bayley não é a assassina nem a contrabandista, pois servia de intermediária à quadrilha; 3, exclui Gray e Look, quer como assassinos que como contrabandistas; em 4, Drine elimina-se a si mesmo do papel de contrabandista e, como se verificou que nenhum dos outros entra nesta categoria, a contrabandista é Alma Young. Logo, como o contrabandista não é, simultaneamente assassino, o criminoso é Drine.

## Problemas Policiais #174

**Diário Popular 5366 – 14.09.1957**

Em Julho de 1943, deu-se numa das ruas mais movimentadas da cidade, um audacioso assalto à mão armada, que custou a vida a Elmer Adams. Adams que transportava uma mala contendo dinheiro de férias, foi abatido com uma barra de ferro, vindo a morrer trinta e seis horas depois, no Hospital da Misericórdia. Os dois bandidos mantiveram em respeito os transeuntes, sob a ameaça de granadas de mão e fugiram num automóvel preto, fechado, que abrandara a velocidade junto do passeio, no momento em que os dois assaltantes arrebatavam o dinheiro das férias.

As minuciosas investigações que sob a orientação do professor Fordney, imediatamente começaram, conduziram à prisão, às três horas da manhã seguinte, de cinco suspeitos: Joe Mason; Frank Ince; Harry Gregg; Sam Warner e Cedric Dorsey; pertenciam todos ao mundo do crime e entre eles deviam encontrar-se os dois assaltantes.

Utilizando inquéritos poligráficos e outros métodos de investigação, Fordney obteve mais as seguintes informações:

1 – Um dos cinco, cérebro e chefe do bando, planeara o crime, com todos os seus pormenores e, uma semana antes do dia em que fora cometido, enviara Mason, com um plano por ele escrito, a dois homens especializados em assaltos, que viviam num hotel, em outra cidade, a 30 milhas de distância.

2 – Dois dias antes do assalto, o chefe, Ince e Dorsey, alugaram uma pequena fazenda situada a 60 milhas ao norte da cidade, para servir de esconderijo à quadrilha.

3 – No regresso Dorsey, entusiasmado, informara Warner do que se planeava e, embora a ideia não lhe agradasse, Warner consentiu em auxiliar os outros; nessa ocasião, Dorsey disse ainda a Warner que estava satisfeito por o terem escolhido para guiar o carro preparado para a fuga, pois não se considerava artista em assaltos. De

posse destas informações, o Professor pouco tempo levou a determinar a identidade dos dois assaltantes.

*Será o leitor capaz de os descobrir?*

### Solução do problema:

O primeiro passo consiste em determinar a identidade do chefe.

(1) - Diz-nos que Mason não é o chefe nem qualquer dos assaltantes;

(2) - Informa-nos de que nem Ice nem Dorsen são o chefe;

(3) - Warner também não é o chefe. Logo, como Mason, Ince, Dorsey e Warner foram eliminados o chefe é, evidentemente, Gregg.

Mas já sabemos (1) que Gregg não é um dos assaltantes.

Verificámos também (3) que Dorsey não é um dos assaltantes; logo, como Gregg, Mason e Dorsey não são os bandidos, os assaltantes são Ince e Warner.

*(Apenas o teu nome é um inimigo. Shakespeare)*

## Problemas Policiais #175

Diário Popular 5380 – 28.09.1957

- Pronto, senhor Juiz, apanhámos Farioli – exclamou o Inspector Fauvel, ao entrar no gabinete do Magistrado. – Mas não foi fácil. Este «cliente», enquanto comia uma excelente refeição, estudava os mais pequenos pormenores do crime que ia cometer.

O infeliz dono do restaurante nem teve tempo de esboçar um gesto de defesa. Foi abatido a sangue frio. E por 3.000 francos. Que época esta!

Felizmente, nesse momento encontrava-se no restaurante um homem inteligente. Depois da fuga do bandido, que ele identificou, assim como uma criada, teve a presença de espírito de pedir que ninguém tocasse na mesa em que Farioli tinha comido. Examinei a mesa com atenção e receei que não pudéssemos condenar o nosso homem, por falta de provas.

Farioli, diabolicamente esperto, tinha tido o cuidado, antes de praticar o crime, de limpar bem todos os objectos em que tocara. Com o guardanapo limpou o garfo, a faca e até o copo...

- Cauteloso, não há dúvida – respondeu o Juiz. – Mas parece-me que é difícil provar a sua culpabilidade...

- Pelo contrário! – respondeu Fauvel.

***Em que se baseava o Inspector Fauvel para fazer essa afirmação?***

## Solução do problema:

A falta de provas neste caso era precisamente uma prova. Farioli não teria tido razão para apagar com tanto cuidado as suas impressões digitais, se não tivesse o seu sinistro projecto.

## Problemas Policiais #176

Diário Popular 5386 – 04.10.1957

«Peço-lhe insistentemente que não deixe dar muita repercussão a este infeliz caso!» - diz ao inspector Fauvel, Christiane Vernon, directora do Hotel Monterey.

«Farei o que possa» - respondeu o inspector enquanto penetrava no quarto n.º 121 – acrescentando: «Mas...» - não terminou a sua frase.

Uma vez a porta aberta, o inspector observou a cena. Partindo da esquerda da sala, os seus olhos observadores notaram a presença de uma mala com fechadura e um pequeno armário cheio de roupa e no fundo do qual havia duas malas.

Dirigindo lentamente o seu olhar para a direita, notou a presença de gotas de sangue ainda fresco sobre a porta da casa de banho, que estava fechada; um saco de viagem cujo conteúdo fora esvaziado sobre uma cama, onde se viam igualmente roupas interiores femininas, atiradas em desordem. Sobre uma pequena mesa, um pouco mais à direita, ainda podiam ver-se os restos de um jantar e uma garrafa de champanhe, vazia.

O inspector entrou na sala de banho onde encontrou, vestida para sair, mas sem chapéu, a encantadora artista Carole Simon. Ela estava caída por terra e uma bala de revólver atravessara-lhe a cabeça. Segurava com a mão esquerda uma pistola automática. A um canto do compartimento, no chão, via-se uma cápsula.

«Ainda não há uma hora que ela morreu», disse o médico que acorreu. «A bala era dirigida para a fonte, mas passou ao lado. A vítima perdeu imediatamente os sentidos mas não morreu logo...».

«O seu comportamento era bizarro desde há algum tempo», disse a directora do hotel, que havia seguido o inspector Fauvel. «Por duas vezes tinha provocado escândalo em vários estabelecimentos. Mas pergunto a mim própria por que motivo resolveu ela suicidar-se.

De qualquer maneira, inspector, peço-lhe que tente dar a isto a menor publicidade possível».

Pensativo, o inspector aproximou-se da pequena mesa e observou a marca do champanhe. Gostaria de lhe ser agradável – disse ele – mas creio que será impossível. Porque não se trata de um suicídio, mas de um crime.

***Como é que o inspector Fauvel chegou a essa conclusão?***

### **Solução do problema:**

Se a artista se tivesse suicidado – como dava a entender a presença da cápsula na casa de banho – não podia haver manchas de sangue na face exterior da porta. Manifestamente, o crime fora disfarçado em suicídio.

## Problemas Policiais #177

Diário Popular 5393 – 12.10.1957

Acompanhado do seu fiel adjunto, o inspector Fauvel decidiu, naquela noite, tomar lugar no automóvel-patrolha da Polícia. Uma vaga de agressão parecia submergir a capital, e tornava-se indispensável meter aquilo na ordem.

Por volta das 23 horas, porém, um temporal violento envolveu o carro da Polícia. Os turbilhões de chuva, sacudida por um vento terrível, que caía na frente dos faróis, davam, por instantes, a impressão de uma autêntica parede de água.

«Com este tempo não se pode andar no mar». – Comentou o adjunto. Neste momento, ouviu-se o posto de rádio do automóvel: «Allô, carro 18... Allô, carro 18... Houve uma agressão no primeiro andar do Boulevard Leopold, 103... Dirijam-se para lá, para ver...».

O motorista não demorou um segundo a dirigir o automóvel para o local indicado. Uma vez chegados ao Boulevard Leopold, os polícias do carro patrulha encontravam duas interessantes raparigas em grande estado de excitação. E o inspector Fauvel viu-se em dificuldades até que as raparigas lhe contassem uma história que tivesse alguma coerência.

Segundo as suas próprias declarações, as raparigas tinham chegado de automóvel. Mas este vinha ainda em movimento, já próximo do apartamento de uma delas, quando dois homens, surgindo da escada se aproximaram e, encostando-lhes os revólveres às costas, obrigaram a condutora do carro a parar. Então eles apoderaram-se das malas de mão das duas vítimas e fugiram.

- Têm a certeza de que as coisas se passaram assim? – perguntou-lhes o inspector Fauvel, pela segunda vez.

- Absolutamente. – Foi a resposta das raparigas, já um pouco calmas.

- Nesse caso, vocês tem de nos acompanhar ao Comissariado mais próximo – disse o inspector. E advertiu-as já de que a acusação de ultraje aos agentes da ordem no

exercício das suas funções lhes pode custar muito caro. Na Polícia, temos coisas mais sérias a fazer, do que ocuparmo-nos de gente como vocês! Venham».

E o inspector Fauvel, abrindo caminho, desceu a escada.

### ***Porquê esta atitude?***

### **Solução do problema:**

As raparigas mentiam. Com a tempestade que fazia naquela noite, dificilmente se acreditava que elas não trouxessem os vidros do automóvel corridos até cima.

Ora, para que os dois homens passassem um revólver pela portinhola do carro, quando este ainda ia em movimento, era preciso que os vidros estivessem descidos.

## Problemas Policiais #178

**Diário Popular 5400 – 19.10.1957**

O inspector Fauvel inclinou-se, tirou da cintura do morto a faca de caça que estava na bainha e voltou-se para Pierre Grand.

O estúdio em que vivia Olivier Fernand estava numa desordem indescritível. Jacqueline, a perturbante mulher de Pierre Grand, que estava presente, declarou:

«Eis como as coisas se passaram, inspector. A mulher de Olivier precipitou-se no nosso quarto, aqui ao lado, quando eu estava sozinha, e, irritada, acusou-me de a ter enganado com o seu marido. E atirou-se a mim com unhas e dentes...»

«Agora vou eu continuar – disse Pierre Grand. «A partir dessa altura é a mim que o caso diz respeito».

O inspector reparou que o vestido de Jacqueline não estava muito limpo e que tinha à frente duas nódoas de gordura. E pôde observar também que sobre as chinelas da mulher havia uma mancha de sangue. Quando ela passou diante da chaminé, onde crepitava um fogo vivo, viu Jacqueline atirar rapidamente qualquer coisa sobre as chamas.

Pierre continuou a falar:

«Eu e Olivier regressávamos da caça quando encontrámos Carmen na escada. Ela precipitou-se para o marido, lançou-lhe em cara uma onda de injúrias e depois seguiu para o parque».

«Olivier e eu entrámos na sala de jantar. Ele deu-me de beber e, subitamente, atirou-se a mim, com a faca de caça na mão, acusando-me de o haver traído com a sua mulher. Por duas vezes me tocou com a faca, mas tão atabalhoadamente que apenas conseguiu rasgar-me o fato. Num gesto de defesa e cego de cólera, enquanto Olivier se esforçava por me ferir com a sua arma, eu saquei da minha faca e atingi-o num só golpe. Ele caiu...».

O inspector Fauvel parecia distraído. Jacqueline reentrou nos aposentos de Olivier, envergando agora um vestido impecável. O inspector observou-a um momento. Talvez ele também a tivesse achado sedutora... Mas no momento em que parecia particularmente interessado pelo quadro que oferecia a encantadora Jacqueline, ele disse numa voz seca: «Olivier não foi morto enquanto vocês se batiam. Você assassinou-o friamente, Pierre Grand!»

***Como pôde o inspector Fauvel adivinhá-lo?***

**Solução do problema:**

A faca de caça de Olivier, encontrava-se na sua bainha.

## Problemas Policiais #179

Diário Popular 5407 – 26.10.1957

Maurice Levant parou o seu carro diante do prédio n.º 62 da Rua Saint-Léger e tocou o «claxon». Eram 20 horas. Pouco depois, Jacques Dubois descia as escadas.

«Bom dia Jacques.».

«... Bom dia Maurice. Eu... um momento, o meu tio chama-me. Vou ver o que ele quer».

«É curioso – notou Jacques, quando subia para o automóvel, alguns minutos mais tarde. «Meu tio insiste em que volte aqui esta noite, em vez de ficar em minha casa. Não me quis dizer porquê... Ainda uma das coisas dele... Tu conhece-lo...».

Às duas da madrugada o agente Moreau, precedendo o inspector Fauvel, entrava na residência do tio de Jacques. Maurice e Jacques esperavam no vestíbulo.

Primeiro, o inspector Fauvel dirigiu-se ao segundo andar. Alguns instantes depois descia até à cozinha. Deu volta à chave da porta da cozinha e entrou.

Com a cabeça sobre uma almofada, caído por terra, o tio de Jacques, junto do qual se via um revólver, tinha um buraco na testa. Embora a telefonia estivesse ligada apenas deixava ouvir um ruído enervante. Tomou nota da posição da agulha no quadrante do aparelho de rádio e comunicou a Jacques a notícia da tragédia.

Jacques disse:

«... Foi então que voltei. Era uma e meia da manhã e convidei Maurice para beber mais um copo. Como não abrissem a porta, tive o pressentimento de que alguma coisa sucedera e chamei a Polícia. Mas porque é que o meu tio teria feito isso?».

«Não foi ele quem o fez», disse o inspector. «Ele foi assassinado. Tenho pena, mas devo prendê-lo».

***Como é que o inspector Fauvel descobriu que Jacques assassinara o tio?***

### Solução do problema:

Se se tivesse tratado de um suicídio, o tio de Jacques nunca teria podido fechar a porta da cozinha por fora. Jacques matara o tio antes de Maurice vir buscá-lo às 20 horas. Inventou então que o tio o chamava para que isso pudesse servir-lhe de álibi.

## Problemas Policiais #180

Diário Popular 5414 – 02.11.1957

De visita ao Brasil, o inspector Fauvel foi convidado para esclarecer um mistério que havia quatro meses desafiava os mais hábeis investigadores. Passara-se na floresta. Quatro franceses e um brasileiro haviam partido do Natal em busca de uma planta que podia fornecer borracha. Um dia apareceu um indígena a dizer que descobrira na floresta cinco cadáveres, um dos quais em adiantado estado de decomposição.

Junto, achara um papel que entregou às autoridades. Fauvel leu esse documento escrito em francês e no qual faltavam algumas palavras.

**«Vou morrer. Sei-o bem. Se eu conhecesse algum remédio contra este mal, ou se eu soubesse rezar... adeus... os outros morreram também... As febres... Isto não é um testamento pois nada possuo. As feras, toda a noite... Horror...»**

Não estava assinado.

Fauvel soube que os cinco homens eram: o professor Paul Durand, botânico; o milionário Jean Morand, que dirigia o grupo; o missionário Armand Carton, conhecido explorador; o doutor Remi Grand e o coronel Ramon Resitulio, do Exército Brasileiro. Havia interesse em saber quem era o autor da mensagem.

Fauvel esclareceu isso em poucos minutos.

***Quem era o autor da mensagem?***

### Solução do problema:

Foi o botânico Paul Durand quem escreveu a mensagem. O missionário teria sabido rezar. O médico conheceria algum remédio. O milionário não escreveria que nada possuía e o coronel Ramon teria escrito não em francês, mas em português.

## Problemas Policiais #181

Diário Popular 5421 – 09.11.1957

Quando o inspector Fauvel chegou ao bonito pavilhão que o célebre banqueiro Lenormand possuía numa orla do Bosque de Bolonha, encontrou-se logo em presença de uma brigada da Polícia Criminal, que chegara ao local do crime momentos antes.

- Desta vez batemo-lo, inspector! – disse o inspector Rulard quando viu Favel. – É verdade que fomos ajudados pelas circunstâncias...

- O criminoso aproveitou-se do facto de Mr. Lenormand dormir de janela aberta para se introduzir no seu quarto, depois de escalar a parede. Todas as portas que dão para o quarto estavam fechadas por dentro. Repare: vêem-se nitidamente patinhadas na âlea, mesmo por baixo da janela.

Visivelmente satisfeito consigo mesmo, o inspector Rulard mostra ainda ao inspector Fauvel a hera que recobria uma parte da fachada. As folhas e os caules estavam arrancados e esmagados a partir de metro e meio do solo até quase à janela do primeiro andar, onde ficava precisamente o quarto da vítima.

- O assassino assinou o seu crime – disse ainda Rulard, que, tomando o inspector Fauvel pelo braço foi acrescentando: - Mas venha deitar uma vista de olhos lá por dentro...

O espectáculo no quarto não era reconfortante. Lenormand jazia no quarto, de garganta aberta, num mar de sangue, deixando pender um dos braços. A luz da mesa-de-cabeceira brilhava ainda. Aproximando-se da janela, o inspector Rulard fez notar a Fauvel as arranhaduras no bordo do mármore.

- E é tudo! – exclamou ele. – A única pessoa que tinha alguma coisa a ganhar com este crime era o sobrinho do banqueiro, mas não acredito que ele tivesse a coragem de cometer uma sangueira destas...

Com um imperceptível sorriso nos lábios, o inspector Fauvel tinha escutado este implacável raciocínio policial. Lentamente, Fauvel puxou de um cigarro e acendeu-o.

- As aparências são por vezes enganadoras – disse ele, com calma, ao mesmo tempo que o fumo do seu cigarro desaparecia no tecto. – O seu raciocínio não tem consistência. O assassino estava dentro e bem dentro de casa!

O inspector Rulard arregalou os olhos.

***Como é que o inspector Fauvel podia chegar a semelhante conclusão?***

### **Solução do problema:**

Se o criminoso houvesse entrado pela janela, a hera teria ficado praticamente partida até ao nível do chão. O facto de estar intacta até à altura de metro e meio, indicava que o assassino tinha saído pela janela e depois saltado para a relva, na altura em que viu que o podia fazer sem perigo de se magoar. Porque neste caso é impossível a um homem, ainda que seja atleta, escalar uma fachada, mesmo com a ajuda da hera, tendo de partir a mais de metro e meio do chão.

## Problemas Policiais #182

Diário Popular 5428 – 16.11.1957

«Ainda não está morto há muito tempo» - murmurou o inspector Fauvel, largando o braço do homem que, em pijama, estava estendido sobre a cama.

«Naturalmente, tomou uma dose demasiado forte de heroína» - comentou, por sua vez, o inspector da Policia helvética, que chegara quase ao mesmo tempo que Fauvel ao pequeno quarto de um hotel de Genébra. Mas logo acrescentou:

«Em todo o caso, escolheu uma curiosa maneira de se suicidar, no momento em que, daqui a dois passos, se desenrola uma importante conferência internacional sobre a luta contra o tráfico de estupefacientes...».

Enquanto ele assim falava, o inspector Fauvel fazia um rápido exame ao quarto, cujo mobiliário se limitava, aliás, ao mínimo estritamente necessário. E, depois de ter inspeccionado as gavetas, deu uma vista de olhos à mala do morto e ao seu conteúdo. Uma pasta, cigarros, bilhetes de comboio, lenços, uma caneta, um relógio – em resumo, nada de especial.

Porém, num pequeno bolso disfarçado de um casaco, o inspector encontrou aquilo que procurava: uma fina ampola, intacta...

Entretanto, chegou o médico legista, que, depois de ter pedido desculpa pela demora, se debruçou sobre o cadáver e examinando-o por alguns momentos, acabou por declarar:

«Está morto apenas há uma hora. Os sintomas são os que normalmente se notam em casos semelhantes, sempre que se trata de um viciado em estupefacientes. A dose foi injectada no pulso esquerdo».

«A mais bela das mortes para um viciado de estupefacientes – exclamou, então, o inspector helvético. «Esta gente não gosta de provocar sangue e o suicídio pela heroína é corrente entre eles».

Mas Fauvel atalhou:

«Suicídio... suicídio... isso é uma coisa a ver. Eu falarei antes em crime, ainda que se trate de um homicídio por imprudência».

***Por que era o inspector Fauvel desta opinião?***

**Solução do problema:**

Ao esquadrinhar o quarto e a bagagem do morto, o inspector Fauvel tinha descoberto uma ampola, mas não encontrou qualquer seringa. Ora, a morte sobreviera após uma injeção.

## Problemas Policiais #183

**Diário Popular 5435 – 23.11.1957**

O magnífico iate onde os convidados do barão Werner se tinham reunido para um cruzeiro no Mediterrâneo, lutava corajosamente contra uma violenta tempestade que se fazia sentir há já três dias.

O inspector Fauvel tentara mergulhar na leitura de um livro. Mas o balanço havia-o desencorajado. Dirigia-se para a ponte de comando, para falar com o capitão, quando ouviu o som de uma detonação. Voltou sobre os seus passos e entrou no pequeno salão para o qual davam as portas de vários camarotes. Descobriu aí um criado debruçado sobre o corpo de um homem que acabava de morrer.

Nesse mesmo momento um fortíssimo balanço atirou o inspector de encontro à porta que acabava de fechar e Fauvel teve a maior dificuldade em equilibrar-se e aproximar-se da vítima. Esta apresentava um buraco na testa. As queimaduras existentes à volta da ferida mostravam que a bala fora disparada à queima-roupa.

Sem esperar mesmo que acalmasse a tempestade, o inspector Fauvel pediu ao barão Werner que o ajudasse no seu inquérito. Começou por interrogar as pessoas que se encontravam mais perto do salão onde aparecera o corpo.

O criado que primeiro acorrera ao salão, declarou não ter encontrado ali ninguém. Georges Mureaux, o célebre banqueiro foi interrogado a seguir. Fora uma das primeiras pessoas a acorrer ao salão.

«Estava no meu camarote a escrever uma carta.» - disse ele ao inspector.

«Posso ver essa carta?» - perguntou Fauvel.

Georges Mureaux voltou alguns instantes mais tarde e o inspector Fauvel leu, então, uma carta aparentemente dirigida a uma mulher, escrita com letra firme e elegante e que não estava ainda terminada.

Veio depois a vez de Marjorie Daine, a jovem e cativante artista que confessou: aterrada pela tempestade refugiara-se no camarote de seu noivo, Jean-Louis Bravard. Esse camarote era fronteiro ao de Marjorie.

Jean-Louis confirmou o que a noiva dissera, e acrescentou que se não saíra mais rapidamente para o corredor fora para não comprometer Marjorie. No entanto, o inspector Fauvel notou uma nódoa de sangue no casaco de Jean-Louis Bravard.

«Feri-me esta manhã» - disse o rapaz, com ar embaraçado.

Mas Fauvel não prosseguiu no interrogatório e disse para o barão:

«Já formei a minha opinião».

***No seu lugar, de quem suspeitaria o leitor?***

## Solução do problema:

O inspector Fauvel sabia que o culpado só podia ser Georges Mureaux. A sua carta era uma desculpa pois seria impossível escrever com letra firme e elegante num barco tão pequeno sacudido opor uma violenta tempestade.

## Problemas Policiais #184

Diário Popular 5442 – 30.11.1957

«E tenha cuidado em não andar na avenida» - recomendou o inspector Fauvel, enquanto, acompanhado por Georges Marchet, se dirigia para o ponto do bosque onde fora descoberto o corpo.

Os dois homens pisavam a erva molhada, caminhando ao longo da avenida, onde os sinais de passos eram nitidamente visíveis na terra encharcada pelas recentes chuvadas. Georges explicou:

- Como já lhe disse, inspector, eu convidara Marcel Lerich para uma caçada na propriedade de meu pai. Senti que Marcel saía muito cedo. Ele tinha a intenção de abater algumas aves. Havia uns dez minutos que ele saíra, quando ouvi ruído no bosque, um grito rouco, logo seguido de uma única detonação. Vesti-me à pressa e corri para o local, pressentindo um acidente. Descobri Marcel caído por terra, com um ferimento horrível no peito. Marcel respirava ainda. Precipitei-me para o pavilhão e voltei com uma pequena caixa de medicamentos, a fim de tentar socorrê-lo. Mas foi inútil: ele morreu nos meus braços. Foi então que voltei ao pavilhão e lhe telefonei...

Entretanto, os dois homens chagavam ao local. Georges disse ainda ao inspector:

- Marcel estava caído de bruços. Tive de voltá-lo para tentar tratá-lo.

Alguém o esperava aqui, disse o inspector, depois de olhar rapidamente para o cadáver e de se ter dirigido para uma moita situada a alguns passos dali. – Uma verdadeira emboscada. Foi atingido quando se encontrava ainda na avenida. Os sinais dos seus pés são ainda bem visíveis.

Com muita precaução, o inspector caminhou ao longo da avenida, em direcção ao pavilhão.

- Não há dúvida – disse ele – o assassino já estava no seu posto quando Marcel chegou. Estão ali os sinais das vossas três caminhadas entre o local do crime e o pavilhão – acrescentou o inspector; não vejo as dele... a menos que...

O inspector dirigiu-se para a moita de onde partira o tiro. «Foi aqui. Ainda se vê pólvora nalgumas folhas.» Fauvel arrancou algumas folhas que pretendia mandar para o laboratório e, quando o fazia, picou-se num dedo. Correu sangue.

- Venha inspector. Vou desinfectar-lhe o dedo. – disse Georges.

Os dois homens voltaram ao pavilhão e Georges foi buscar um frasco com tintura de iodo e uma caixa de pensos. O inspector notou que o frasco, apenas encetado, tinha a etiqueta manchada de tintura.

Imperturbável, o polícia deixou-se tratar e no fim disse a Georges:

- Você daria um bom enfermeiro. Mas é um mau criminoso. Cometeu um erro e creio que isso lhe custará muito caro.

***Como é que o inspector chegou a esta conclusão?***

## Solução do problema:

O inspector Fauvel notara três pistas com pegadas de George.

Ora, se as coisas se tivessem passado como George Marchete contara, não seria três, mas sim quatro pistas que o inspector devia ter visto, pois George afirmara haver saído do pavilhão e voltado aí a procurar medicamentos e, depois, ter ido novamente até junto do corpo e verificado a morte do amigo, regressando ao pavilhão para chamar a polícia. Na verdade, George emboscara-se na moita, até à qual chegara, indo por outro caminho.

Matará o amigo e simulara, então, as idas e vindas. Mas fizera mal as contas.

## **Problemas Policiais #185**

**Diário Popular 5455 – 14.12.1957**

O professor Fordney discursava no banquete anual da Sociedade dos Mágicos.S em Nova Iorque um estranho caso. Nessa ocasião eu era ainda um rapazinho, mas recordo-me do vivo interesse que o incidente despertou em meu pai. Não me parece que tenham grande dificuldade em o resolver, posto que sempre o tenho considerado um admirável exemplo da maneira como podemos deixar-nos confundir pela evidência.

Foram presos dois chineses, empregados numa lavandaria, por suspeita de terem assassinado uma rapariga chinesa. Nenhum deles estava disposto a falar, nem mesmo por intermédio de um intérprete. Um dos chineses era baixo e gordo e o outro era alto, mas igualmente gordo; ambos (como mais tarde se veio a saber) eram naturais de Cantão.

Os investigadores mandaram despir os dois homens e revistaram-nos cuidadosamente, mas não lhes encontraram nada que pudesse inspirar suspeitas. Retiraram-lhes do fato todos os objectos que lá encontraram, e meteram-nos numa cela. Quatro horas depois, encontraram um deles estrangulado, e descobriram uma delgada marca circular em volta da garganta do cadáver. As celas de um e de outro lado daquela que os presos ocupavam, estavam vazias e a investigação a que depois se procedeu revelou que ninguém se aproximara dele. Nenhum dos homens tinha atacadores nos sapatos, e o morto não fora estrangulado com as mãos nem com qualquer artigo de vestuário; Não se encontrou nem corda, nem fio, nem qualquer objecto semelhante, e a cela não tinha janela para o exterior. Também não era possível empurrar para fora dela fosse o que fosse, pelas frinchas ou por baixo da sólida porta da cela.

O outro chinês declarou apenas que estava a dormir e nada sabia do que se passara.

O problema, concluiu Fordney – consiste em saber quais foram os meios empregados para realizar aquele truque de magia oriental».

***Qual é a vossa solução?***

**Solução do problema:**

O chinês foi estrangulado com o próprio rabicho ou com o do companheiro. Em 1900 praticamente todos os chineses usavam ainda rabicho...

## Problemas Policiais #186

Diário Popular 5462 – 21.12.1957

Com um puxão, o professor Fordney abriu a porta do monta-cargas e inundou com a luz da sua potente lanterna eléctrica o poço do elevador; a luz, vasculhando a escuridão, revelou quatro andares mais abaixo, o corpo encolhido se Sam Almy, repousando sobre a cobertura do elevador. Aos pés de Fordney estava uma garrafa de «wisky» quebrada.

«Que horror! Que horror!» - gemeu Borek. – «Receava isto mesmo, há já algum tempo».

Regressaram ao sótão, onde estava situada a oficina, e Borek prosseguiu:

«Sam era meu sócio nesta mesma fábrica de novidades, mas desde há um ano que bebia muito. Esta noite trabalhámos até muito tarde, e Sam – que tinha trazido uma garrafa – não parou de beber. Às dez horas foi-se embora, mas levou a garrafa; ia já bastante embriagado. Temos apenas um monta-cargas, e Sam ignorava que Olsen, o encarregado do seu funcionamento, larga o trabalho às sete da tarde, mas ouviu-o berrar por ele, para que viesse cá acima buscá-lo. De repente ouvi um grito, e o baquear de um corpo. Calculei que Sam tivesse caído pelo poço do elevador, por isso descí a correr a escada de serviço» - Borek apontou os degraus que partiam do sótão - «telefonei, lá em baixo, pedindo socorro, pois não temos telefone privativo e esperei, à porta do elevador, até o senhor chegar».

«Entrou alguém no prédio antes de mim?»

«Não, Professor».

«É costume, os vestibulos terem tão má luz?»

«Sim, senhor. O prédio é velho, mas a renda é barata, por isso...»

Desceram juntos.

«Não há dúvida, professor... Sam estava bêbedo quando caiu; perdido de bêbedo» - afirmou o médico, que viera com a ambulância.

«Você também bebeu alguma coisa, não é verdade, Borek? – perguntou Fordney -  
«Antes de o assassinar? A morte de Sam não foi um desastre».

***Como sabia Fordney que Almy fora assassinado?***

**Solução do problema:**

O professor sabia que Borek empurrara Almy, fazendo-o cair pelo poço do elevador. Fordney encontrara fechada a porta do monta-cargas: se tivesse havido desastre a porta estaria, evidentemente, aberta.

## Problemas Policiais #187

Diário Popular 5469 – 28.12.1957

«Já não vivo muito, Donald» - anunciou Abbie Whyham. «Já pouco tempo me resta, mas, enquanto o Senhor me poupar, a tua velha tia tem de cumprir os seus deveres de administradora. Não terás carro novo, não te aumentarei a mesada, nem...».

\*

«Escuta Donnie, a tua Oliviazinha precisa de um casaco de peles, novo, e do anel que viu na joalheria Tiffany. Se não estás em condições de lhos dar, então...». E a linda corista encolheu, expressivamente, os ombros.

\*

Já não vivo muito... preciso disto... não terás o carro... preciso daquilo... Mas Donald não queria perder Olívia.

\*

«Cheguei a casa por volta das 11 e 30», explicou Donald Whyham. «Vi luz por baixo da porta da cozinha, abria e vi a tia Abbie estendida no chão, com os olhos esbugalhados e fixos. Todos os bicos de gás estavam abertos. Agarrei-a por baixo dos braços, arrastei-a para a sala da frente e chamei o dr. Black; em seguida, voltei à cozinha, arrombei uma janela com o auxílio de uma cadeira e apaguei o gás». Fordney ajoelhou junto do cadáver da velha Abbie Whyham, sentindo uma certa repulsa pelo roupão vistoso, pelas chinelas sem calcanhar, enfeitadas com pompons garridos, que a morta tinha nos pés, pelas faces enrugadas, cobertas de «rouge», pelas jóias que lhe rodeavam o pescoço flácido.

«Andava a dizer, há anos, que já não vivia muito, Fordney», disse o dr. Black. «Para dizer a verdade a morte de Abbie Whyham não me surpreende».

Na cozinha, o professor examinou o fogão de gás e a cadeira com que Donald afirmava ter arrombado a janela.

«Voltou a aproximar-se de sua tia, depois de a ter arrastado para a sala da frente?»

«Não. Não tive coragem de voltar a olhar para ela».

«Está a mentir Whyham» disse Fordney, numa voz incisiva.

***Que indicação levou o professor a concluir que a história de Whyham era falsa?***

### Solução do problema:

Se Whyham tivesse arrastado o corpo da tia, da cozinha para a sala da frente, as largas chinelas sem calcanhar ter-lhe-iam caído dos pés. O facto de ainda as ter calçadas indicou a Fordney que Whyham estava a mentir e levou finalmente o rapaz a confessar. Whyham matara a tia na cozinha, estando ela completamente vestida; depois abriu o gás.

Sabendo que toda a vizinhança conhecia o hábito invariável da velha Abbie vestir o roupão e calçar as chinelas à noite, arrastara, de facto, o corpo para a sala da frente e aí lhe tirara o vestido e os sapatos, substituindo-os pelo roupão e pelas chinelas.

## Problemas Policiais #188

Diário Popular 5474 – 04.01.1958

«Escrevam nos espíritos, com a tinta indelével da verdade, estes dois fundamentos da investigação criminal», disse o Professor Fordney, dirigindo-se aos seus alunos.

1 – A observação é a sua verdadeira base.

2 – Nada pode confundir tanto como o que, à primeira vista, parece evidente.

Consideremos, por momentos, o último ponto.

«Põe ilustra, com excepcional vigor esta verdade, no conhecido episódio da «carta roubada», mas tenho observado muitas – direi mesmo centenas – de provas ainda mais claras deste fenómeno mental.

Tomemos o caso de um homem passeando com despreocupação – não se trata de caminhar, mas de passear ao acaso – e afastando-se de um ajuntamento. A polícia andava por ali – não obstante, um assassino conseguiu pôr-se a salvo, porque ninguém observou a significação de um facto evidente.

Tomemos ainda o caso de um rapazinho, sentado no meio do banco traseiro de um carro de turismo; o carro não leva qualquer outro passageiro, a não ser o velho que o conduz. Mas os rapazes não se sentam, sòzinhos, no banco de trás, quando têm possibilidade de viajar no da frente. Contudo... este facto evidente escapou à observação de vinte polícias que viram o carro. Resultado – um inocente enforcado.

«Quero, pois, que todos vocês saibam examinar os factos evidentes. - E, aqui, os olhos de Fordney cintilaram; - vou dar-lhes a oportunidade de o fazerem.

«Era meia-noite; noite fria e chuvosa. No Mar Negro, a três milhas ao largo de Sebastopol, encontrava-se um barco a remos, com os remos camuflados para evitar o ruído. No barco estavam dois russos, um letão, um macedónio e um americano; não levavam a bordo aparelhos ou mantimentos de qualquer espécie.

«O macedónio, que ia aos remos, movia-os sem ruído; por fim, disse: «Prontos camaradas, estamos livres de perigo. Podemos fumar».

«Mas... mas... - acentuou Fordney - se bem que o grupo possuísse, ao todo, onze cigarros, ninguém tinha fósforos.

***Vamos, depressa! Como puderam os cinco homens acender os cigarros?***

**Solução do problema:**

Acenderam os cigarros com um isqueiro.

## Problemas Policiais #189

Diário Popular 5488 – 18.01.1958

«Estava a dormir desde as 10 e 30, quando ouvi «Miss» Jane chamar-me do pátio». – declarou a governante, Hannah Gade. «Desci a escada e abri-lhe a porta da frente, que tinha o ferrolho corrido. Olhei nesse momento para o relógio e verifiquei que era meia-noite e vinte».

Fordney voltou-se para a lindas e atlética Jane Belmont, uma das duas sobrinhas de August Carlson. Carlson fora apunhalado na cama, naquela noite, entre as onze e a uma hora.

«Estive no meu clube até às 10 e 45 e a essa hora regressei a casa, de automóvel» - explicou Jane. «Fui ao meu quarto buscar o manuscrito da peça que projectamos representar, dei as boas noites a Connie que estava já no quarto e voltei ao clube. Ao chegar de novo a casa, pouco depois da meia-noite, encontrei o ferrolho corrido e tive de chamar Hannah. Não matei o tio August».

Respondendo a um aceno de cabeça de Fordney, a outra sobrinha, Consuelo Carlson, disse:

«Não consegui adormecer. Por isso, pouco antes da meia-noite, descí à copa e preparei cacau; ia na segunda chávena quando Hannah veio ter comigo, dizendo-me qua acabara de abrir a porta a Jane. Eu...»

«Não ouviu Jane chamar Hannah?»

«Não; a porta da copa e as janelas da cozinha estavam fechadas».

«Quando veio do quarto, foi directamente para a copa?».

«Fui, sim».

«Saiu da copa por qualquer razão?»

«Não... não saí».

«E Jane despediu-se de si por volta das 10 e 45?»

«Sim... Sim... despediu-se».

«Só vocês duas», disse tranquilamente, o criminologista, «tinham motivos para cometer este crime. Não preciso de mais investigações para saber qual de vocês está a mentir».

***Qual das duas raparigas mentiu a Fordney?  
E porque motivo suspeitou dela o professor?***

### **Solução do problema:**

Consuelo mentira. Jane não podia ter corrido o ferrolho da porta quando saiu de casa, pouco depois das 10 e 45; não obstante, o ferrolho estava corrido à meia-noite e vinte e Hannah teve de se levantar para lhe abrir a porta. Por isso, nesse espaço de tempo, Connie devia tê-lo corrido, embora negasse ter-se aproximado da porta, dizendo ter vindo directamente do quarto para a copa.

Pensando que a polícia, achando estranho o facto de Jane ter voltado a casa apenas para levar um manuscrito, fizesse recair sobre ela as suspeitas do crime, aproveitara a oportunidade de apunhalar o tio depois de Jane se ter ido embora. Correrá o ferrolho da porta – para se proteger contra qualquer interrupção – assassinara o tio, de cuja fortuna era herdeira, e fora sentar-se tranquilamente na copa, a beber cacau. O Tribunal considerou-a louca e enviou-a para um manicómio, onde ainda se encontra.

## Problemas Policiais #190

**Diário Popular 5502 – 01.02.1958**

Gerald Butler acabava de estrangular Edith; precisava agora de arranjar as coisas de modo que seu amigo George Ward pagasse, na forca, esse crime. George morava no mesmo prédio, no andar de baixo; Gerald telefonar-lhe-ia para o afastar de casa, levaria o corpo para baixo e, quando visse George, já de regresso, entrar na garagem, telefonaria à Polícia, em nome do amigo, anunciando que assassinara a noiva. Feito isto, pôr-se-ia em segurança, em sua própria casa.

A Polícia zombaria de George, quando este lhe contasse a história do falso telefonema. E, quando negasse ter telefonado a confessar o crime, então... Fosse como fosse, George havia de ser enforcado, pois ninguém sabia que Edith estivera em sua casa.

Gerald Butler pegou no cadáver.

Butler bebeu um rápido trago do misturador de «cocktails», ainda meio cheio, e limpou as impressões digitais que nele deixara, bem como de tudo em que tocara. Pronto! O cenário estava montado com perfeição. Mais tarde viria cá a baixo, já se vê, para acompanhar o seu velho amigo George.

«Encontrei as impressões digitais de Ward no copo de «cocktails», disse o sargento. Neste, há impressões de outra pessoa; no misturador não há impressão alguma, mas na sala há muitas, de várias pessoas. As impressões digitais da rapariga é que não aparecem em parte alguma!»

Butler suava. Esquecera um pormenor importante: devia ter colocado as impressões de Edith em alguns objectos da sala – ou então, voltar a calçar-lhe as luvas.

«Bem sei», repetiu Ward, «que a minha história parece um conto de loucos. Parece e é. Mas é a verdade!».

Fordney voltou-se para Butler. «O seu amigo pareceu-lhe... hum... normal, quando esteve com ele, antes do crime?».

«Disse-me que se sentia deprimido, e pediu-me que lhe preparasse um «cocktail» forte. Fiz-lhe a vontade e, antes de me ir embora, bebemos, juntos, alguns goles dele. Mas não acredito que George matasse Edith! É impossível, professor! Impossível!».

«De acordo, anuiu Fordney. «Você fica detido para averiguações».

***Uma única indicação levou Fordney a suspeitar de Butler. Qual foi?***

### Solução do problema:

Ao verificar a ausências de impressões digitais no misturador de «cocktails», de que Butler se servira, Fordney concluiu que alguém, além de Ward entrara no apartamento depois da preparação dos «cocktails», e antes da descoberta do cadáver de Edith. Se os telefonemas eram falsos (como Fordney desde o princípio acreditara) só podiam ter sido feitos por alguém que tivesse possibilidade de observar as idas e vindas de Ward; Por esse motivo, o professor suspeitou de Butler que, ao limpar irreflectidamente o misturador de «cocktail», a si mesmo se condenou à força.

## Problemas Policiais #191

Diário Popular 5509 – 08.02.1958

«A frase familiar com que abrem os livros policiais ingleses:

«Em toda a história de Londres, jamais se vira manhã de tanto nevoeiro», começa agora a ser substituída por esta: «Era uma noite escuríssima, durante a ocultação de luzes».

Decorriam os últimos meses de guerra, e Fordney dirigia-se aos seus alunos:

«No mês passado, durante a minha estada em Londres, tive a sensação dessa treva impenetrável», prosseguiu. «Nunca vira noite tão escura. Caminhando às apalpadelas, num bairro desconhecido, encontrei-me, a certa altura, irremediavelmente perdido. Durante cerca de meia hora, vagueei, tropeçando, pela rua quando de repente, ao chegar mesmo ao meio de um quarteirão, ouvi um tiro.

«Sempre tropeçando, encaminhei-me para o local de onde o tiro parecia ter partido e encontrei-me à esquina de uma rua, onde um pequeno grupo de pessoas estava apinhado em volta de um corpo que jazia na sarjeta.

«É um dos nossos homens», disse o oficial da defesa civil, fazendo incidir sobre o homem desmaiado um breve raio de luz da sua lanterna eléctrica. «Gostava de saber...»

«Nesse momento, vi uma figura escapulir-se de entre o grupo e, durante um curto momento, a luz do oficial da defesa civil, voltou a cortar a escuridão da noite.

«É o tipo que tem estado a fazer sinais naquela casa, ao fundo da escuridão; agarrem-no».

«Eu próprio tinha já passado uma rasteira ao homem e, após uma breve luta, um polícia, que se juntara a nós, pôs-lhe nos pulsos um par de algemas... Então...»

«Espere, espere, Professor; não vá tão depressa!» - exclamou Louis Fautsch, do fundo da aula. - «Já sabemos que nada lhe escapa, quando se trata da observação de pormenores, mas não é tão bom como isso! Não tinha possibilidade de...»

«Belo trabalho, Louis, aprovou o Professor.

*Há apenas uma falha, no relato que Fordney fez da sua aventura em Londres: Qual é?*

### Solução do problema:

Como sabia o professor, numa rua desconhecida e em escuridão total, que se encontrava no meio do quarteirão? Evidentemente, era impossível sabê-lo.

## Problemas Policiais #192

**Diário Popular 5516 – 15.02.1958**

«Estou convencido – disse Fordney, durante uma conferência realizada na Associação dos Jurisconsultos de Boston – de que um advogado competente tem de possuir muitas das qualidades do investigador criminal bem sucedido e vice-versa. Refiro-me, especialmente, à faculdade de dedução rápida e exacta. Eis – acrescentou, sorrindo – um caso que ilustra este ponto de vista».

«Numa cidade de pequena importância, viviam três advogados chamados Bradley, Drewery e Slocumb: faziam apenas diferença de seis anos uns dos outros e eram quase da mesma altura.

«Há alguns anos, foi levado ao tribunal local um complicado processo em que era ré Sara Cranford, a pessoa mais rica e, igualmente, a mais avarenta da cidade. O processo envolvia consideráveis honorários para os advogados, bem como grandes subtilezas legais.

«Sara, entregara a defesa a dois dos advogados de que falei, enquanto o terceiro representava o queixoso. Estavam as coisas neste pé quando, numa tarde, pouco antes do cair da noite, Sara foi assassinada na casa solitária em que vivia, à entrada da cidade.

«Chamaram-me e, logo no início das investigações, vim a saber que Deek Bumby, cuja excelente vista e espírito de observação lhe conquistaram a reputação de melhor atirador da região, vira um dos advogados sair da casa de Sara, pouco mais ou menos à hora a que o crime fora cometido. Deek era tão honesto como cauteloso, e prestara as seguintes declarações:

«Tenho a certeza de que a pessoa que vi era um dos três advogados da cidade. Apenas posso jurar que o homem levava uma pasta e que o vi afastar-se ao volante de um Ford. Não, não vi o número da matrícula.

«Mas – continuou Fordney, com uma gargalhada abafada – os três advogados possuíam carros Ford do mesmo ano, modelo e cor. Não obstante, exclui imediatamente o advogado Bradley de qualquer ligação com o crime. Poderão dizer-me porque o fiz?»

***Qual foi o motivo que levou o professor a considerar que o advogado Bradley não podia ser suspeito?***

### Solução do problema:

Deek Bumby dissera: «O homem levava uma pasta...» Ora o advogado Bradley era mulher.

## Problemas Policiais #193

**Diário Popular 5522 – 22.02.1958**

O espectáculo não era agradável; o cadáver de Svend Agard tinha já sete dias. Servindo-se de um lenço, o professor Fordney levantou a jarra azul, cheia de rosas murchas e examinou o «anel» desenhado no centro da mesa nua, sobre a qual se estendia uma leve camada de pó; depois, tornou a colocar a jarra no seu lugar.

Olhou, mais uma vez, o cadáver estendido no divã da sala de estar; Svend estava completamente vestido, e morrera envenenado, mas só depois da autópsia se poderia determinar a espécie de droga que lhe causara a morte. O relógio de Svend Agard parara às 11,50; tinha a mão direita fortemente fechada, e segurava, na esquerda, uma velha moeda espanhola. Na biqueira do sapato esquerdo havia um buraco redondo que parecia ter sido feito por uma gota de qualquer líquido esbranquiçado.

Apenas um cigarro partido, que alguém atirara para o tapete, sem o acender, desmanchava a ordem perfeita do aposento, dedicadamente mobilado.

«Sim, apanhei estas rosas no jardim e trouxe-as ao tio Svend, na quarta-feira passada, às 5,30, pouco antes de partir para Atlantic City», declarou Alice, sobrinha do morto. «Deixei meu tio de perfeita saúde; regressei esta tarde mas não pus os pés nesta sala». E Alice lançou um olhar malévolo a outra rapariga.

Dos olhos negros e jovens da morena governante, Cármen Melendez, saíram relâmpagos; aceitando o desafio, declarou: «Svend Agard estava bem quando me fui embora; eram 4,30, portanto uma hora antes de Alice, e posso garantir que só aqui voltei esta tarde, depois de a menina ter descoberto o cadáver. O meu patrão dera-me uma semana de férias.

«Confesso – disse Fordney – que não sei quem está a mentir, mas alguém entrou nesta sala, depois das 5,30 de quarta-feira passada».

*Uma única indicação informou Fordney de que alguém estivera na sala de estar depois das 5,30 do dia em que Svend Morrera. Qual foi?*

### Solução do problema:

Fordney não encontrou em cima da mesa pétalas das rosas murchas; esse facto informou-o de que alguém estivera na sala depois das 5,30 horas de quarta-feira. Alice confessou finalmente. Envenenara o velho antes de partir, para lhe herdar a fortuna, e, ao regressar, pusera a moeda espanhola na mão do morto, para fazer recair sobre Cármen as suspeitas do crime. Os seus hábitos de ordem fizeram-na retirar da mesa as pétalas caídas.

## Problemas Policiais #194

Diário Popular 5543 – 15.03.1958

«Realmente! – Rogério Collier lançou, raivosamente, esta palavra ao seu mordomo, Grayson – a despeito da minha absolvição, ainda estás convencido que matei a minha mulher, não é verdade? Pois bem, isto tirar-te-á vontade de suspeitar de mim». - E com estas palavras arremessou a taça de champanhe à cara do mordomo.

Três noites depois desta cena, o professor Fordney e o sargento Larson encontravam-se no escritório de Rogério Collier; eram 11,45. No chão, jazia Grayson, por baixo de um cofre embutido na parede, e que naquele momento estava escancarado. Estava morto, e tinha no corpo dois enormes buracos de bala; duas cadeiras tinham sido derrubadas e o grande relógio de pesos estava deitado de lado.

«O relógio diz-nos a que horas Grayson foi morto» - disse o sargento Larson, indicando os ponteiros parados nas 8,55.

Fordney anuiu, com um aceno de cabeça, e Larson endireitou o relógio. Num bloco, junto do telefone, Fordney viu a indicação do local onde Collier se encontrava, e não tardou em descobrir o endereço. Trocou algumas palavras com Larson e, no momento em que saiu, ouviu o relógio dar onze horas.

\*

Ao chegar ao apartamento de Leslie Norton, o criminologista encontrou Collier, ligeiramente embriagado, tentando despertar o amigo, imerso num profundo sono de alcoólico.

«Não vale a pena gastar muitas palavras» - disse Fordney.

«O seu mordomo foi assassinado».

«Quê? – exclamou Collier – Grayson? Assassinado!

«Oh, porque não os deixou levar os papéis, e tudo quanto estava no cofre? Eu...»

«Imagine haver alguém capaz de dar cabo de Grayson.» - resmungou Leslie Norton.

Norton apoiou a declaração de Collier de que chegara ao apartamento às 8 e 30 e não voltara a sair; tinham ambos bebido muito até que, cerca das 10 e 15, Norton adormecera. Collier acrescentou que quando Fordney entrara, estava a ver se conseguia acordar Norton, para irem ambos a um clube nocturno.

Foi com verdadeiro espanto que Norton ouviu o professor anunciar, subitamente, que Collier estava sob prisão, acusado do assassinio de Grayson.

***Que pista indicou a Fordney que Collier não tinha álibi para a hora em que Grayson fora assassinado? Que outra prova o advertiu de que Collier era culpado?***

### Solução do problema:

Quando Larson pôs o relógio de pesos a trabalhar, os ponteiros indicavam 8,55; contudo, alguns minutos depois, o relógio dava onze horas! Este facto advertiu Fordney de que alguém parara o relógio e fizera recuar os ponteiros para as 8,55, com o fim de estabelecer um álibi. Quando se faz recuar os ponteiros, o mecanismo das horas não sofre alteração; por isso quando Fordney ouviu o relógio bater onze horas, com os ponteiros indicando 8,55, concluiu que Grayson fora assassinado entre as 10,30 e as onze, e não entre as 8,30 e as 8,55. Collier tinha um indestrutível álibi para as 8,55 mas, como Norton estivera a dormir depois das 10,15 (Collier deitara um narcótico nas bebidas), não possuía álibi para a hora do crime. Assim, quando Collier disse: «Oh, porque não os deixou levar os papéis e tudo quanto estava no cofre». O professor já não teve mais dúvidas quanto ao culpado do crime, pois Fordney não mencionara o local em que Grayson fora morto, nem dissera que o cofre tinha sido roubado. Se, para deixar vestígios de luta Collier tivesse esmigalhado e destruído o relógio, seria impossível refutar-lhe o álibi, quais quer que fossem as suspeitas de que se tornasse objecto. Mas... a relutância natural em destruir um objecto valioso fê-lo deitar o relógio no chão, colocando-o sobre um dos lados: este cuidado excessivo valeu-lhe uma condenação a prisão perpétua.

## Problemas Policiais #195

**Diário Popular 5550 – 22.03.1958**

Um agente da Polícia estava de guarda junto ao corpo inerte da que fora a sedutora Corrine Lagot. Esperava a chegada do inspector Fauvel e do médico. A jovem estava deitada no chão, de costas, no pátio traseiro de uma garagem, com os braços colocados ao longo do corpo. Os seus pés estavam inclinados para dentro. A meia da perna direita estava rasgada à altura do joelho e também no calcanhar. A desordem do seu vestuário indicava que a sedutora actriz se debatera desesperadamente, antes dos agressores terem conseguido estrangulá-la e tirar-lhe o dinheiro e as jóias.

Alfredo, o guarda da noite da garagem onde Corrine guardava o seu automóvel, declarou ao inspector Fauvel que a sua cliente tinha entrado cerca das duas horas da madrugada e saíra pela porta das traseiras onde, dizia ela, tinha alguém à espera para a levar a casa.

Apesar de um exame minucioso, o inspector Fauvel não encontrou traços do rodado desse carro, o que era estranho, pois, dado o piso, devia haver marcas. Prosseguindo nas investigações, soube que Corrine passara com uma das suas amigas diante da saída do teatro, às 23 e 45 h. Confirmou também que a sua chegada à garagem se fizera às 2 horas, pois o carro fora visto por uma testemunha. Uma nódoa de óleo manchava o casaco nas costas. Mas o anel que ela usava e o seu soberbo diamante, o seu colar de pérolas, o seu relógio de ouro e a sua carteira, haviam desaparecido.

O inspector Fauvel notara indícios curiosos e estabelecera, com rigor científico, que a jovem não fora estrangulada no ponto onde foi encontrado o seu cadáver. Este fora conduzido para o ponto onde o acharam. Porquê? O inspector Fauvel contentava-se com este elemento: o criminoso cometera um erro: ele se encarregaria de descobrir os outros e prendê-lo.

*Mas como é que o inspector Fauvel concluíra que Corrine Lagot, não fora assassinada no local onde o seu cadáver apareceu?*

### Solução do problema:

Foi a posição dos pés da morta que esclareceu o inspector. Os pés de um ser humano deitado no chão, depois de uma queda de costas, ficam virados para fora. Ora, os de Corrine Lagot estavam voltados para dentro.

## Problemas Policiais #196

**Diário Popular 5564 – 05.04.1958**

«Os nossos técnicos afirmam que a nota que encontrei na algibeira do morto foi escrita por Drissin», afirmava um jovem polícia, subordinado do inspector Fauvel, mostrando a este último uma mensagem rabiscada à pressa. Depois acrescentou: «Mas ninguém compreende o que a vítima quis dizer...E não há dúvida de que essa mensagem designava o assassino...

- Você está seguro – respondeu Fauvel – mas eu não sou dessa opinião.

- Tenho a certeza, Inspector. O assunto ficará arrumado assim que decifrarmos o conteúdo dessa mensagem. Drissin foi morto por um veneno extremamente violento e de acção fulminante. Tenho a impressão de que Drissin tentou desesperadamente revelar-nos a verdade, mas que não conseguiu ir até ao fim, porque a morte o fulminou quando ele se preparava para isso...

- E o móbil do crime? Pensou nisso?

- Certamente! Quem é que podia desejar a morte deste homem? Era estimado por toda a agente e não tinha um inimigo. Rebusquei os seus bolsos e eis o que encontrei: Um molho de chaves, uma carteira, uma caneta, um lápis, um relógio e a respectiva corrente, um lenço, moedas... Apenas isto!

O inspector Fauvel, silenciosamente, rebuscou a carteira. Encontrou dois recibos de renda de casa, um livro de cheques, dez mil francos, um bilhete de mil e um cartão de visita. Depois examinou a caneta e experimentou escrever com ela. Não tinha tinta.

«Vamos voltar a examinar isto! – disse Fauvel ao seu jovem colega.

- Está bem! Mas não creio que encontre nada.

- Não tenho a certeza de que assim seja. Não há dúvida de que esta mensagem indica o criminoso. Mas não como você o supõe. Porque Drissin teria dificuldade em designar o seu assassino, como você parece acreditar...

O jovem agente da Polícia ficou estupefacto.

*Que lhe dizia o inspector? Por que é que ele falava assim?*

### Solução do problema:

O inspector Fauvel sabia que Drissin não pudera redigir a mensagem em questão. A sua caneta não tinha tinta e, além disso, um homem vitimado por um veneno fulminante não teria tempo para redigir algumas palavras, mesmo ilegíveis, dobrar a folha de papel e guardá-la no bolso. As palavras ilegíveis eram, portanto, obra do assassino e não da sua vítima.

## Problemas Policiais #197

Diário Popular 5571 – 12.04.1958

«Com um suspiro o inspector Fauvel ajoelhou junto do cadáver estendido no chão da «roulotte». Que horrível morte tivera a encantadora Dany Revet: O inspector examinou a vítima. Notou traços deixados por dedos fortes e cheios de óleo, no pescoço de Dany e um pequeno arranhão numa das mãos brancas e finas da bailarina. O seu vestido branco também estava manchado de óleo, o que devia ter sucedido durante a luta que a bailarina certamente travara com o seu agressor. O vestido estava rasgado. No chão via-se a fotografia de um rapaz.

«Era a última noite que devíamos passar aqui» - disse ao inspector, Laurent Orvin. «Sou o director deste pequeno circo, de que Dany era a vedeta. E este é Augusto, o nosso primeiro «clown».

O inspector Fauvel olhou o rosto grotesco do palhaço, que tinha as mãos, os braços e o corpo cobertos de óleo.

«Não vendo aparecer Dany – continuou o director do circo - vim procurá-la à sua «roulotte». Quando me aproximava, vi Augusto, vestido como ainda está, sair do carro. Creio que nem deu por mim. Pôs-se a correr e desapareceu...»

«É verdade! – exclamou Augusto. – Estava louco. Acabara de descobrir o cadáver de Dany. Mas juro que não fui eu...»

- Eu sei. – disse o inspector. – Mas descobriremos o criminoso.

***Por que é que Fauvel falava assim?***

### Solução do problema:

O vestido de Dany indicava que houvera luta antes do crime. Ora, se o vestido da vítima estava manchado de óleo – o que podia fazer pensar que Augusto era o criminoso – a verdade é que as mãos de Dany, que tinham um arranhão, não estavam sujas de óleo, o que não poderia deixar de suceder se Augusto tivesse sido o criminoso, pois houvera luta.

## Problemas Policiais #198

Diário Popular 5578 – 19.04.1958

O inspector observou cuidadosamente os olhos do homem caído na cama sem vida e disse: «Mais uma vítima do ópio. Morreu há uma hora...»

«Mas, que é feito da seringa?» - perguntou Gérald Henry, o melhor amigo do morto, que, depois de descobrir o cadáver, chamara o inspector Fauvel.

O inspector olhou à sua volta e disse ao seu ajudante: «Procure, a ver se descobre essa seringa...» Depois, o inspector ficou a meditar até que apareceu o seu ajudante exibindo uma seringa.

Fauvel limitou-se a resmungar qualquer coisa e interrompeu Gérald Henry: «Veio aqui porque tinha combinado isso com o morto ou apenas por acaso?».

«Michel Crane esperava-me. Devíamos ir juntos ao teatro e, como não recebesse resposta quando bati, tentei abrir a porta, o que consegui, porque ela não estava bem fechada. Foi então que descobri o meu amigo, vestido como está, sobre a cama. Julguei, primeiro, que dormia, mas depois reparei que estava morto. Pobre Michel! Nunca julguei que fosse um toxicómano!»

No dia seguinte, o inspector lia o relatório do médico: «A morte sobreveio após uma dose demasiado forte administrada por uma agulha hipodérmica na parte superior do braço esquerdo. Só há um sinal de injeção em todo o corpo...»

O inspector pegou no telefone e disse ao seu ajudante:

«Vai buscar Gérald Hanry. É preciso que nos diga a verdade...»

***Por que motivo falava assim o inspector?***

## Solução do problema:

Era evidente que Gérald Henry sabia bem de que tinha morrido o amigo, antes mesmo do médico se ter pronunciado. Sabia que o ópio tinha sido administrado com uma injeção, quando é verdade que a vítima o podia ter absorvido por via bucal.

## Problemas Policiais #199

Diário Popular 5585 – 26.04.1958

O inspector Fauvel empurrou silenciosamente a porta do pequeno pavilhão e, por seu turno, penetrou numa sala onde reinava a escuridão. Ouviu-se uma exclamação de surpresa; uma lanterna eléctrica caiu no chão, ao mesmo tempo que se iluminava o compartimento, porque alguém dera volta ao interruptor. O inspector achou-se em frente de Jean Fullin e de seu filho Roberto.

«Foi o senhor que me seguiu desde a ribeira?» - perguntou Jean Fullin. «Se eu o soubesse tê-lo-ia despistado...». Fullin, que falava num tom arrastado, disse depois ao filho: «Roberto, deixa-me só com o inspector. Tenho coisas graves a dizer-lhe...».

«Creio bem, inspector, que será inútil mentir» - prosseguiu Jean, depois do filho sair e mostrando resignadamente a sua camisa rasgada e as mãos ensanguentadas. «Há anos já que Joseph Robin procedia mal para comigo, como o senhor sabia. Hoje, vinguei-me. Não tentarei escapar à justiça».

Depois, o inspector falou:

«Foi por acaso que descobri o cadáver. Não sabia o que fazer, quando vi, afastando-se, o feixe de luz de uma lanterna eléctrica. Era natural que eu seguisse o homem que andava perto do local do crime. Vim até aqui...».

O inspector abaixou-se para apanhar a lanterna eléctrica e notou que os únicos traços que via nela eram os de algumas impressões digitais, mas pouco precisas.

Pela porta entreaberta, Fauvel viu o jovem Roberto, um sólido rapaz de vinte anos, preparando uma mala. Depois disse para o pai:

«É inútil mentir. Você sabe bem que não é a si que eu tenho de prender...».

***Como é que Fauvel adivinhou que Jean Fullin mentia?***

## Solução do problema:

Quando o inspector Fauvel entrou na casa, Jen Fullin tinha as mãos ensanguentadas. Ora, se fosse ele quem segurasse a lanterna eléctrica, esta estaria manchada de sangue. Jean Fullin procurava proteger o actor do crime: seu filho Roberto.

## Problemas Policiais #200

**Diário Popular 5591 – 03.05.1958**

O projectil que, depois de ter penetrado no pulmão esquerdo da vítima, se fora alojar no seu coração, havia sido disparado pelo revólver que estava na mão do homem encontrado morto em sua casa: Herber Madin.

Os dois amigos da vítima, Philippe e Francois Verdier, estavam naquela casa e tinham-lhes dito que deviam conservar-se à disposição da Polícia, pois as suas declarações divergem.

Philippe Pinche afirmava que Madin, Verdier e ele, estavam na biblioteca quando soara a campainha da porta. Madin deixara a sala. Eram então 11 horas e 5 minutos. Ele tinha a certeza de que era aquela hora, porque vira o relógio.

Francois Verdier, embora admitindo que, na companhia de Philippe Pinche, vira Herbert Madin, no átrio, com um revólver na mão, dizia não ter ouvido tocar a campainha. Segundo ele, Madin dissera apenas: «Desculpem-me por um instante. Volto dentro de dez minutos».

A Polícia soubera também que segundo os seus amigos, Herbert Madin estava muito deprimido, pela recente morte de sua mulher e que só falava em suicidar-se. Devido a isso, Pinche e Verdier foram mandados em paz.

Depois de ver esta descrição no jornal, o inspector Flauvel dirigiu-se para a pequena cidade provinciana onde se verificara a tragédia. Ouviu as duas testemunhas, que desta vez se mostraram de acordo quanto à posição respectiva dos três homens, no momento em que Madin se dirigia ao átrio. Então, Fauvel murmurou: «Herbert Madin foi assassinado!».

***Como sabia ele isso?***

### Solução do problema:

O projectil fatal entrara no pulmão direito antes de se alojar no coração. Portanto seguira uma trajectória da direita para a esquerda. Ora, o revólver fora encontrado na mão esquerda do morto, o que significa que Madin não podia ter disparado contra si próprio aquele tiro. Portanto, havia sido assassina.

## Problemas Policiais #201

**Diário Popular 5605 – 17.05.1958**

«E agora vai dizer-nos o que sabe!» - disse com voz autoritária o inspector Fauvel. Edmond Brulé, sentado diante dele, tossiu e começou a falar:

«Soube ontem, de manhã, que Robert Gibson partira para a cidade a fim de receber uma elevada quantia. Como ele me devia muito dinheiro esperei o seu regresso, a fim de lhe pedir que me pagasse. Ao chegar a casa dele, às 13 e 30, verifiquei que uma mulher, que vestia um grande casacão batia à porta. A mulher entrou e eu, verificando que a porta ficara entreaberta, entrei também. Cheguei assim defronte do escritório de Robert, no momento preciso em que este fechava a porta à chave.

Quis espreitar pelo buraco da fechadura, mas a presença da chave nada me deixava ver. Fiquei diante da porta e ouvi o ruído do cadeirão de Robert, quando ele se sentou. Depois, houve uma discussão. E de súbito um estampido revelou-me que se desenrolara um drama. Precipitei-me para fora pois não queria ficar metido neste caso. Dizem-me que Gibson não tinha dinheiro com ele. Deve ter sido a visitante antes de fugir...».

O inspector Fauvel, fazendo saltar na mão a chave da porta do escritório, percorreu várias vezes os três metros que separavam a porta do cadeirão da vítima, o qual estava precisamente em frente da fechadura. E disse a Edmond:

«Mas houve alguém que o viu a si, sair precipitadamente da casa...»

«Isso, nada prova!» - exclamou Edmond Brulé, indignado.

«Veremos isso – retorquiu o inspector – mas você sabe bem que está a mentir. E por isso terá de se conservar à nossa disposição até nova ordem...»

***Porque é que Fauvel falava assim?***

### Solução do problema:

A presença de uma chave na fechadura que não é de segurança, seja qual for a posição dessa chave, não impede que um observador, pelo buraco da fechadura, possa ver o que se passa, a três metros exactamente em linha recta do orifício.

## Problemas Policiais #202

Diário Popular 5612 – 24.05.1958

Tudo demonstrava que houvera luta violenta. O salão da actriz Cármen Carmelo estava numa desordem indescritível. O corpo da jovem, em pijama, estava caído junto ao piano. Duas balas tinham-na atingido mortalmente. O inspector Fauvel apanhou do chão uma chave de uma fechadura Yale e entregou-a ao seu adjunto. Este fez uma fotografia. Depois, Fauvel dirigiu-se à porta da entrada e meteu a chave no orifício da fechadura. Esta trabalhava com dificuldade, mas não havia dúvida de que a chave era aquela. Havia outra porta na casa – a da entrada de serviço – mas parecia que ninguém lhe tocara.

No meio de vários papéis, no chão, o inspector Fauvel descobriu um cheque de 50.000 francos, assinado por Cármen, um cravo vermelho e um minúsculo elefante de jade. Examinando os ferimentos, Fauvel concluiu que a vítima fora agredida quando se encontrava no chão e depois empurrada para debaixo do piano.

«Esta chave que apanhei tem as impressões de um polegar e de um indicador, perfeitamente reconhecíveis. Nega que esteve hoje nos aposentos de Cármen?»

Estas perguntas, fazia-as no seu gabinete o inspector Fauvel a Roland Bochet, artista de cinema. Imperturbável, o artista negou. Então o adjunto de Fauvel, que assistia ao interrogatório, interveio:

«Pode mostrar-me o seu molho de chaves?»

«Nunca as usei. – respondeu Roland. – Tinha uma chave da casa da Cármen mas devolvi-a há duas semanas.

«Mas costuma usar um cravo vermelho na botoeira?»

«Sim.»

«E hoje porque o não traz? Eu vou dizer-lhe: é porque o deixou cair no salão da sua vítima, quando lutava com ela...»

Então a voz grave do inspector fez-se ouvir: «Não creio que Roland Bochet seja culpado. Talvez a sua conduta dê lugar a suspeitas, mas quase tenho a certeza de que há alguém que tenta incriminá-lo...»

*Por que motivo o inspector falava assim?*

### Solução do problema:

A razão das palavras de Fauvel era bem simples. É muito difícil deixar traços identificáveis numa chave Yale, mesmo quando a fechadura funciona bem. Quando – e era o caso – a fechadura funciona com dificuldade, não há probabilidade de poderem ficar na chave impressões identificáveis.

## Problemas Policiais #203

Diário Popular 5626 – 07.06.1958

«Que é que tens, Fabião? Estás nervoso. Já partiste dois copos e entornaste duas vezes o meu remédio...»

Com voz fatigada, Martin Roman dirigia-se nestes termos ao seu médico e amigo, o jovem dr. Fabião Goujon. Nesse momento a enfermeira Helena Perry apareceu à porta... «Meu irmão estava em vias de cura. Por isso, esta morte súbita parece-me suspeita. Peço-lhe, inspector, que se ocupe pessoalmente do caso...» Ao telefone, a voz da irmã de Martin Roman, era tão suplicante que Fauvel não recusou...

\*

«Sim – disse a enfermeira Helena Perry – tive a impressão de que o dr. Fabião Goujon cometeu um erro. Deu-lhe uma dose demasiado forte de digitalina. Só falo nisso, porque a irmã do falecido solicitou um inquérito.

Fauvel estava junto do leito onde Martin Roman dormia o último sono.

- Estava só com o doente quando ele morreu?

- Sim. Ele começou a sentir-se mal logo após a saída do médico...

\*

O professor Lavarin, da Faculdade de Medicina, inclinou-se junto do cadáver. Depois, adivinhando a pergunta do inspector, disse-lhe: «É inútil, inspector Fauvel. É absolutamente impossível dizer qual a causa da morte. A autópsia e talvez uma análise poderão dizer-nos alguma coisa...»

\*

«Eu não tinha a menor razão para recusar a realização do enterro», declarou Fabião Goujon. «O meu amigo morreu de morte natural. É certo que estava em vias de cura, mas essas coisas acontecem...»

\*

«É o inspector? Daqui fala o professor Laravin. Já terminei a autópsia. Martin Roman morreu devido a um excesso de digitalina. Uma dose demasiado forte...»

***O inspector depois desta conversa, ordenou a captura de...***

## Solução do problema:

O inspector ordenou a captura da enfermeira, Helena Perry. Esta declarara que a vítima morrera devido a uma dose demasiado forte de digitalina, enquanto que o professor Laravin declarara que só uma autópsia podia habilitar a uma resposta. A enfermeira estava demasiado bem informada...

*(O dicionário esclarece: Digitalina = Substância venenosa extraída da planta dedaleira, usada em medicina como tónico cardíaco.)*

## Problemas Policiais #204

**Diário Popular 5639 – 21.06.1958**

Os únicos indícios que o inspector Fauvel encontrou, foram algumas folhas secas e espessa camada de poeira, na escada que levava a uma velha torre erguida no meio de um sorridente vale.

Empurrou a porta que dava acesso à plataforma, rodeada de uma balaustrada e debruçou-se.

Cinquenta metros mais abaixo, viu o dr. Hamon debruçado sobre o corpo desarticulado de um homem. O inspector desceu depois as escadas, rapidamente.

«Poderia ter estado aqui durante semanas se o cão não nos desse o alarme!» - exclamou o médico. Efectivamente, o local era deserto e nesse período do ano os passeantes eram raros. «Ainda não está morto há muito tempo. – acrescentou o médico. «O terreno, sob o cadáver, está húmido».

Bastava olhar para os seus sapatos para se saber que o homem devia ter caminhado longamente naquelas terras, cheias de lama, antes de vir encontrar a morte naquele local deserto. Nada tinha com ele que o identificasse.

O inspector, voltando-se para o médico, afirmou:

«Esse homem não se suicidou, saltando da torre. Foi assassinado noutra ponto e alguém o conduziu para aqui».

***Por que é que o inspector falava assim?***

## Solução do problema:

O inspector observa que as escadas que conduziam ao alto da torre estavam cobertas de folhas secas e poeira. Se o morto por ali tivesse passado, teria deixado sinais, pois tinha os sapatos cobertos de lama. E as folhas que havia nas escadas, ter-se-iam agarrado à lama dos sapatos, o que não se verifica.

## Problemas Policiais #205

Diário Popular 5653 – 05.07.1958

O inspector Fauvel que passava as suas férias nas margens de um lago dos Alpes, foi convidado a dar a sua opinião sobre um crime que vitimara uma linda rapariga de 19 anos, Mina Mason. O médico que examinara o corpo fora formal: segundo ele a rapariga não podia ter sobrevivido mais de 15 minutos aos terríveis ferimentos que lhe haviam feito.

A testemunha essencial deste drama era François Hertot, um meio idiota que se dedicava à caça furtiva. O inspector Fauvel ouviu-o.

«Eu caminhava através do bosque, do outro lado do lago, quando vi diante de mim este senhor e a rapariga, que pareciam lutar». E ao dizer isto, o caçador apontava Jean Louis de la Roncière, filho de um rico proprietário local. Depois acrescentou: «A luta não durou muito tempo. Vi o senhor levantar o braço e vi o brilho de uma lâmina na ponta da sua mão. Ele golpeou-a duas vezes. Como tinha medo de que ele me matasse também, se me visse, escondi-me numa moita e fiquei ali pelo menos duas horas. Durante todo esse tempo o assassino ficou sentado no chão, olhando com insistência a sua vítima. Como já estava ali havia muito tempo, arranjei maneira de deslizar até junto do seu barco. Já tinha deixado a margem, quando ouvi chamarem-me. Era o assassino que me dava ordem de acostar. Obedeci-lhe. Vi-o então amarrar com uma corda algumas pedras ao corpo da rapariga. Pediu-me que o ajudasse a levar o cadáver no meu barco. Depois, dirigimo-nos para o meio do lago, pouco frequentado a essa hora. Foi aí que deitámos o cadáver pela borda fora. Mas eu tomei nota do sítio e foi por isso que se apanhou o cadáver com facilidade».

- Isso é horrível! – exclamou Jean Louis, que ouvira tudo. Esse homem mente, inspector. Ontem de manhã, estive, efectivamente, no bosque, com Mina. Mas não a matei. E também não avistei François em todo o dia.

- Tinha uma faca de caça consigo? – perguntou-lhe Fauvel.

- Habitualmente, trago-a. Mas perdi-a, há cerca de uma semana.

Fauvel voltou-se então para François e perguntou-lhe:

- Costuma limpar frequentemente o seu barco?

- Sim senhor. Está sempre limpo, por causa das pessoas que levo a passear. Agora tem muitas manchas de sangue...

- Mas isso é mentira, senhor inspector. – disse o rapaz em voz suplicante. Espero que o senhor descobrirá a verdade!

- Esteja descansado meu rapaz! Já sei o que se passou.

***De quem é que o inspector desconfiava e porquê?***

## Solução do problema:

Foram as manchas de sangue no interior do barco que esclareceram Fauvel. Mina morrera quinze minutos depois de ser ferida, dissera peremptoriamente o médico. Por outro lado, François Hertot afirmara que se mantivera duas horas escondido após o crime. Só depois disso viera buscar o cadáver. Ora o sangue deixa de correr do corpo de uma vítima pouco depois da sua morte. Além disso, coagula rapidamente. Se François falasse verdade não poderia haver manchas de sangue no fundo do barco. Por isso, François estava a mentir descaradamente e era dele que o inspector desconfiava.

## Problemas Policiais #206

**Diário Popular 5660 – 12.07.1958**

O inspector Fauvel gostava de contar as aventuras de um dos seus antigos discípulos que, como agente da Policia Montada do Canadá, tinha travado árduas lutas contra rudes caçadores. Tratava-se do inspector Blanc.

Numa ocasião, este perseguia através do Grande Norte canadiano um homem acusado de ter morto um prospector de urânio.

Enquanto avançava penosamente, sob um terrível nevão, para a pequena localidade de Saskatchewan, onde ia prosseguir o seu inquérito e onde acreditava encontrar o traço do assassino, o inspector Blanc teve a impressão de que alguém o seguia.

Que fazer? O menor gesto podia alarmar aquele que o seguia. A tempestade cessou bruscamente como muitas vezes sucede no Grande Norte. Diante do inspector estendia-se a imensidão branca. Se se voltasse para ver quem o seguia despertaria as suspeitas do homem, que podia, então, ser capaz do pior.

Mas o inspector Blanc necessitava de se assegurar se, efectivamente, era seguido. Como proceder? De súbito, pensou no seu professor, o inspector Fauvel, e lembrou-se dos conselhos dele.

Ocorreu-lhe uma ideia e Blanc, alegre, continuou a sua marcha.

«Sem parar uma única vez, sem modificar o seu passo, sem se voltar, o inspector soube que, efectivamente, era seguido, e também que o homem que o perseguia era o bandido que procurava» - disse o inspector Fauvel. – Têm ideia da forma por que ele agiu?» - inquiriu ainda Fauvel, lançando um olhar malicioso aos seus hóspedes.

***Na verdade, como é que Blanc procedeu?***

### Solução do problema:

O inspector Blanc deixou de seguir uma linha recta e efectuou um largo círculo na neve fresca.

## Problemas Policiais #207

**Diário Popular 5669 – 19.07.1958**

Georges Hamon saiu do bar. Nessa noite soprava um vento glacial. Estremecendo, abotoou cuidadosamente o sobretudo. E com as mãos nos bolsos desapareceu na escuridão. Estava contente consigo próprio: tudo decorrera segundo um plano minuciosamente estabelecido. A morte de Edith, sua mulher, não deixaria de ser atribuída pela Polícia a esse misterioso e inatingível criminoso que por duas vezes já impunemente levara a cabo suas façanhas.

\*

«Quando deixei Edith, pelas oito horas» - explicou Georges Hamon ao inspector Fauvel – dirigi-me, como todas as noites, para o Bar Globo onde, geralmente, passo alguns minutos, antes de fazer um curto passeio a pé e voltar depois para casa. Cheguei ao meu domicílio pelas nove horas, como também é costume. Fiquei surpreendido logo por encontrar a porta entreaberta. Mal a empurrei deparou-se-me este horrível espectáculo: Edith jazia no chão, num charco de sangue, mortalmente apunhalada. Ergui-a nos meus braços e levei-a para a sala de jantar onde a instalei num sofá antes de chamar o dr. Tournier. Mas eu não tinha ilusões: minha mulher estava morta. Como eu também estava cheio de sangue, lavei-me rapidamente e mudei de roupa antes da chegada do médico».

O inspector Fauvel, que escutara atentamente essa descrição, insistiu com Georges Hamon para que se vestisse exactamente como estava no momento em que havia pegado em sua mulher. Georges fez isso e o inspector examinou-o. Havia, efectivamente, manchas de sangue nas calças e no jaquetão. Mas o colete impecável de Hamon não estava manchado.

«O jaquetão estava abotoado o que explica tudo», disse Georges Hamon. Durante esse tempo, num compartimento vizinho, o adjunto de Fauvel rebuscava as algibeiras

de um sobretudo – o de Hamon. Encontrou duas moedas de cem francos, outras de menor valor, um prospecto, duas luvas e uma boquilha.

Enquanto Fauvel parecia reflectir, um agente entrou na sala. «Fui ao bar e verifiquei que confirmam as declarações do marido da vítima».

«Muito bem» - declarou Fauvel. «Isso não melhora a vossa situação, Georges Hamon. Vai ser preso por crime de morte!».

### ***Qual fora o erro cometido pelo criminoso?***

## **Solução do problema:**

Georges Hamon tinha abotoado o sobretudo à saída do bar. A circunstância de o seu fato estar manchado de sangue indicava que tinha despido o sobretudo antes de tocar no cadáver. Ora, em circunstâncias semelhantes não era natural que um marido pensasse em despir o sobretudo antes de auxiliar a mulher. Esse erro seria fatal a Georges Hamon.

## Problemas Policiais #208

**Diário Popular 5674 – 26.07.1958**

Ao passar naquela rua de um bairro populoso, o inspector Pauvel teve de parar de súbito o seu carro pois avistara um corpo humano caído.

Saiu do carro e inclinou-se sobre o cadáver de uma mulher que aparentava ter cinquenta anos e que tinha uma grande ferida na testa.

O corpo estava já frio. Provavelmente o acidente fora provocado por um automóvel, pois viam-se sinais dos pneus que tinham passado sobre o peito da vítima.

Fauvel telefonou a pedir o envio de polícias para conter a multidão que engrossava rapidamente. Uma hora mais tarde, o inspector ainda se encontrava no local.

Depois de muito interrogar soube que a vítima era a senhora Nelmia, residente perto dali. Um vizinho, ao saber que a vítima não tinha os óculos que usava habitualmente, emitiu a opinião de que ela tivesse sido atropelada por um veículo que não vira e cujo condutor devia ter-se posto em fuga.

Fauvel suspirou. Ainda não era aquele o dia em que teria repouso, apesar de estar tanto calor. Porque ele tinha a sua ideia sobre o caso.

«Porque é que a mulher usava uma camisola masculina? E porque é que o seu cadáver fora atirado para a rua, naquele local? Porque era evidente que ela não fora atropelada... nem assassinada naquele ponto.

***Como é que o inspector sabia aquilo?***

## Solução do problema:

É preciso notar que o inspector descobrira o cadáver numa rua de muito movimento. E Fauvel notara que o cadáver já estava frio. Ora naquele dia fazia calor, o que indicava que a morte ocorrera já há várias horas. Na verdade não podia tratar-se de um acidente, mas sim de um crime praticado noutra local.

## Problemas Policiais #209

Diário Popular 5688 – 09.08.1958

A porta do gabinete onde trabalhava o inspector Pauvel abriu-se bruscamente e ele viu um rapaz de 25 anos que ele conhecia bem, mas que naquele momento parecia estar transtornado.

- Venha depressa, inspector! – disse o visitante. – Acabam de forçar o cofre de meu tio. Eu estava só em casa quando isso se passou. Que é que ele pensará?

- Está bem, iremos ver isso – disse Fauvel. – Conta-me primeiro o que sabes.

- Eu estava no meu quarto, situado no terceiro andar da vivenda de meu tio. – disse Alfred Lattore. – De súbito, ouvi ruído na escada. Corri ao escritório de meu tio. Compreendi logo o que se passara: o cofre-forte fora forçado e a porta estava escancarada.

- Não olhaste para ver o que havia no interior? – perguntou o inspector.

Nem tive tempo para isso. Corri rapidamente para a porta principal e cheguei a tempo de ver um homem que se precipitava para um automóvel e nele seguia a grande velocidade. O meu carro estava a cinquenta metros dali. Mas perdi tempo em chegar lá e em o pôr em marcha. O ladrão havia desaparecido e por isso vim directamente para aqui...

- Tomaste nota do número do carro?

- Impossível. A lama não o deixava ver.

- Vamos – disse o inspector. – Devemos lembrar-nos de que deixaste escancarada a porta do cofre e que, na precipitação, é possível que não tenhas fechado a porta da rua, o que seria um convite a novos ladrões.

- Não há perigo, pois essa porta fecha-se automaticamente. De resto, os ladrões entraram pelas traseiras, por um respiradouro que dá para a cave, depois de terem partido o vidro.

Mas vamos lá ver.

Verificou-se imediatamente que o prejuízo não era grande. O inspector viu nas prateleiras do cofre-forte várias pilhas de valores ao portador. Não lhes tinham tocado. Parecia faltar apenas um maço de notas de 500 francos que devia estar arrumado ao lado de outros que se viam ali. O total do dinheiro desaparecido não devia ultrapassar cinquenta mil francos.

- Que dirá meu tio quando voltar? – perguntou o jovem, com uma voz angustiada.

- Certamente que não ficará contente – respondeu Fauvel. – Mas talvez haja maneira de arranjar isso. Sobretudo, se tu disseres a verdade e devolveres o dinheiro que falta...

***Porque é que o inspector Fauvel falava assim?***

## Solução do problema:

Em toda a descrição feita ao inspector, o rapaz só no final, ao ser interrogado, fez alusão ao respiradouro das traseiras do prédio. Aparentemente, nunca se dirigira para ali, de acordo com o que contara a Fauvel. Nessas condições, era impossível ele saber que o vidro do respiradouro fora partido. Sabia-o, porque ele próprio o fizera...

## Problemas Policiais #210

**Diário Popular 5695 – 16.08.1958**

«Eis a arma do crime!» - exclamou o adjunto do inspector Fauvel, brandindo um magnífico punhal árabe. Depois acrescentou: «Porque é que o assassino teria deitado o punhal para o cesto dos papéis e não para o chão, o que seria mais simples? E porque se deu ao trabalho de limpar a lâmina?».

O inspector Fauvel examinou demoradamente a perigosa lâmina e com decorações.

- Não acha isto curioso, inspector? – perguntou o auxiliar.

- Acho que sim - admitiu Fauvel, que se dirigiu para o corpo de Oreste Henry, caído no chão do seu salão, e ajoelhou junto dele. O homem fora atingido com quatro facadas no coração.

O inspector Fauvel limpou a fina película de óleo que cobria a lâmina e examinou as feridas mais de perto. Depois levantou-se e inspeccionou minuciosamente a magnífica colecção de armas brancas que ornamentavam as paredes da sala.

Sabia que Oreste Henry possuía uma das mais belas colecções no género. Algumas das peças que a compunham, eram verdadeiras obras-primas.

Todas as vitrinas estavam fechadas e as chaves foram encontradas num dos bolsos da vítima. Uma vez mais o inspector verificou que todas as armas estavam no seu lugar e que não havia sinal de que tivessem tirado alguma havia pouco tempo.

- Na verdade, estamos diante de um caso curioso...- murmurou ele.

Depois Fauvel, olhando o punhal que conservava nas mãos, disse: «Tenho a impressão de que não achamos uma saída... Porque este punhal não foi aquele de que se serviu o assassino...»

***Por que é que o célebre polícia dizia isto?***

## Solução do problema:

Muito simplesmente porque a lâmina do punhal em questão tinha ainda a fina camada de óleo destinada a preservá-la da ferrugem. Ora, se o assassino, como sugeria o inspector auxiliar, tivesse limpo a lâmina para fazer desaparecer os traços de sangue, o óleo teria saído igualmente.

## Problemas Policiais #211

**Diário Popular 5702 – 23.08.1958**

A fim de melhor instruir os inspectores que lhe estavam subordinados, Fauvel gostava de lhes apresentar problemas que ele próprio defrontara, como este:

«Um dos meus amigos, preocupado com a súbita desapareição do senhor Pende, um amigo seu, veio procurar-me e pediu-me que fosse a casa dele.

Encontrei a porta da residência de Pende cuidadosamente aferrolhada. Mas verifiquei que estava aberta uma janela da casa e que se podia entrar por ali. A porta da cozinha para a cave também estava aberta. Encontrei René Pende, vestido como se fosse sair, sentado num sofá. Morrera havia dois dias e, ao que parecia, envenenado. Numa mesinha diante dele estava um copo com um resto de líquido, que a análise provou ser um veneno violento. O meu amigo dissera-me que Pende era um fumador inveterado, mas não encontrei um único resto de cigarro nos vários cinzeiros espalhados pela sala. No frigorífico descobri uma garrafa de cerveja ainda meia. A cerveja também estava envenenada com o mesmo produto encontrado no copo.

Continuando o meu inquérito, soube que René Pende era um marido dedicado, cheio de atenções para sua mulher e um verdadeiro amigo dos seus dois filhos, que em breve atingiriam a idade de prestar serviço militar. Três dias antes, a mulher e os filhos tinham ido fazer uma visita a uns amigos que os tinham convidado e deviam regressar no dia seguinte.

Ninguém na família Pende, ouvira o chefe falar em suicídio. E, na verdade, ele não parecia ter nenhum motivo para se suicidar. Porém, nunca se sabe o que se passa na cabeça de um homem aparentemente bem equilibrado...

Estudei durante muito tempo o caso e acabei por lhe achar uma explicação lógica. No meu lugar que teria feito?

*E os leitores no lugar do inspector Fauvel teriam concluído que se tratava de crime ou de suicídio? E porquê?*

### Solução do problema:

O inspector Fauvel concluíra que se tratava de um crime. Pende, efectivamente, era um homem muito amigo da família. Por isso, se tivesse decidido suicidar-se teria deitado o veneno só no seu copo e não numa garrafa que em seguida iria guardar no frigorífico. Efectivamente, ao colocar a garrafa nesse local, corria o risco de envenenar toda a família. E isso, um homem que gosta muito da família, não o faria. Trata-se, portanto, de um crime.

## Problemas Policiais #212

Diário Popular 5709 – 30.08.1958

- Um caso singular, não é verdade inspector?

- Não há dúvida. – respondeu o inspector Fauvel ao juiz de instrução, que lhe estendia uma carta. E ao ler esta, Fauvel acrescentou:

- Muito bem: por aqui se prova que uma certa hostilidade separava, há algum tempo, André Gerber e Marc Broce. Gerber chegou mesmo a proferir ameaças contra o seu rival. E este último foi encontrado apunhalado, perto da sua quinta, ontem de manhã, domingo...

- Nós fizemos incidir imediatamente as nossas suspeitas sobre Gerber – disse o magistrado. Mas o certo é que ele possui um excelente álibi. À hora provável do crime, isto é, no sábado à noite, por volta das 19 e 30, ele encontrava-se a mais de três quilómetros do local. Tinha ido examinar um carregamento de madeira que tencionava adquirir, e voltou pelo mesmo caminho. Se isto se confirmar, nada temos contra ele.

- De acordo. – replicou o inspector Fauvel. Mas, mesmo assim, em mandei tirar os moldes das suas pegadas sobre a terra húmida e mole do caminho que ele percorreu. Comparei essas pegadas com os sapatos de Gerber, e verifiquei serem idênticas. Trata-se dum par de sapatos novos por ele estreados no sábado à tarde. De resto, a criada dele é formal: ela notou os sapatos novos do patrão no momento em que este ia sair de casa; e, no dia seguinte, de manhã, teve que limpar os mesmos sapatos, que estavam sujos de lama.

Contudo, um criado da quinta afirma ter visto o seu patrão ao pé do rio, quer dizer, num local diametralmente oposto àquele em que ele devia encontrar-se segundo as suas explicações!

- Em resumo, senhor juiz, nós não temos senão uma coisa a fazer: descobrir o comerciante que vendeu a Gerber os seus sapatos novos!

- Mas, porquê? – interrogou o magistrado.

- Estou convencido, - replicou o Inspector Fauvel, com um brilho de malícia nos olhos – que Gerber matou Broce. Mas preparou bem o golpe...

***Em que pensava o inspector Fauvel para falar assim?***

### Solução do problema:

Simplemente no facto de Gerber ter podido encobrir o seu crime servindo-se de dois pares de sapatos idênticos, comprados no mesmo momento. Eis o que, na realidade, se passou: Gerber deixou as pegadas na terra mole do caminho que conduzia ao local onde estava o carregamento de madeira, utilizando para isso um par de sapatos exactamente iguais aos que a criada teve de limpar da lama, na manhã seguinte. Mas, essas pegadas havia-as ele deixado à tarde e não à noite. Entretanto, calçou os outros sapatos para se dirigir ao local em que sabia encontrar-se o seu rival. Depois, destruiu esse segundo par de sapatos – que podiam traí-lo, porque a natureza do terreno não era a mesma – e regressou a casa calçando os sapatos enlameados. O seu único erro foi ter comprado os dois pares de sapatos ao mesmo comerciante!

## Problemas Policiais #213

**Diário Popular 5716 – 06.09.1958**

O inspector Fauvel parecia, contra o que lhe era habitual, ter dificuldade em tomar uma decisão.

- Eis os factos: - disse ele aos colegas reunidos no seu gabinete. – Exactamente às 17 e 4 da última terça-feira, um certo Sylvain Nellard recebeu um telegrama quando se encontrava no seu gabinete em Argel. O telegrama era de uma irmã, que lhe pedia que se dirigisse imediatamente a Paris, visto encontrar-se gravemente enferma uma sua tia. Sylvain não hesitou um momento. E pouco depois tomava um avião da carreira Argel – Paris, a bordo do qual havia, por sorte, um lugar disponível. O aparelho levantou voo às 17 e 55 e, às 21 e 10, precisamente, aterrava em Paris, onde Sylvain não ia há três meses.

Dirigiu-se logo à residência da tia, onde chegou às 21 e 56. Entretanto, um tratamento enérgico e rápido da doente, feito por um especialista, havia-a salvo de uma crise que podia ter sido fatal. Tranquilizado, Sylvain decidiu ir dar uma volta. Assim, saiu cerca das 22 e 25 e, depois de um longo passeio pelas margens do lago Enghrien, regressou à residência da tia à meia-noite e cinco.

- Ora – prosseguiu o inspector – nessa mesma noite, entre as 23 e as 23 e as 23 e 30, um certo Bertrand Cadel foi assassinado na sua residência, situada apenas a dois quilómetros da ocupada pela tia de Sylvain.

E de um «dossier» que ficou aberto sobre a mesa de trabalho de Bertrand Cadel tinha desaparecido um documento. Soubemos tratar-se dum reconhecimento de dívida, de Sylvain Nellard a Bertrand Cadel, no montante de dez milhões de francos. Esse reconhecimento de dívida tinha-o Bertrand guardado precisamente, até aí, no cofre-forte do seu escritório parisiense, e a sua secretária ficara surpreendida ao ouvir o patrão pedir-lho, pouco antes de deixar o escritório, pelas 15 e 50 da tarde do próprio dia da sua morte.

Nellard declara que não encontrou pessoa alguma durante o seu passeio noturno, mas admite ter passado diante da residência de Cadel, cerca das 23 horas. Declara, igualmente, nunca ter sabido que Cadel vivia sozinho nessa casa, tendo apenas uma porteira muito idosa e surda. E ele nega ter tido qualquer participação neste curioso caso.

Prosseguindo as minhas investigações – informou ainda o inspector – apurei que a família de Sylvain Nellard ignorava por completo as relações de Sylvain com Cadel e menos sabia ainda da existência dum reconhecimento de dívida. O médico da tia de Sylvain ignorava igualmente esses pormenores.

O caso é deveras complicado, como vêem. Não sei se serão da minha opinião, mas em meu entender Sylvain Nellard não pode, ao menos por enquanto, ser inquietado, contrariamente ao que pensa o juiz de instrução...

Os colaboradores do inspector Fauvel permaneceram silenciosos. Manifestamente, o problema que lhes havia sido submetido era complexo.

***E como tinha o inspector chegado a uma conclusão tão favorável a Nellard, que diversos factores pareciam condenar?***

## Solução do problema:

Sylvain Nellard tinha sido chamado a Paris quando menos o esperava. Entretanto, Cadel conservava o reconhecimento de dívida no seu escritório. Nellard não podia, portanto, conceber que ele levaria o documento para a residência pessoal mais de uma hora antes de ter, ele próprio, recebido o telegrama que o chamava urgentemente a Paris. Assim, e apesar de circunstâncias perturbantes, era impossível provar que Nellard houvesse decidido assassinar Cadel.

## Problemas Policiais #214

Diário Popular 5723 – 13.09.1958

Elevando-se nas pontas das suas sandálias, Marie-Christine Lindy, envergando simplesmente uns «shorts» e uma blusa, mantinha o equilíbrio apoiando-se no braço de Robert Mettin e ria alegremente enquanto um dos participantes no piquenique tirava uma fotografia ao animado grupo. Alguns instantes volvidos, ela deixava os seus companheiros para regressar à pequena vivenda que com seu marido tinham alugado para as férias e que ficava a uns dois quilómetros, atravessando o bosque.

Três horas mais tarde, Emile Lindy telefonava ao seu amigo Robert Mettin a pedir-lhe novas de sua mulher.

- Mas ela deixou-nos, já há longo tempo e não voltei a vê-la depois disso. Eu vou aí. – respondeu Robert.

Os dois homens encontraram-se a meio caminho entre as suas vivendas. E quase ao mesmo tempo deram pelo corpo de Marie-Christine estendido na berma da vereda.

Pouco depois, o inspector Fauvel chegava ao local. Demoradamente, contemplou o corpo de Marie-Christine, as suas compridas pernas bronzeadas pelo sol, os seus pequenos pés metidos em alpargatas e dobrados sob ela. A posição do corpo não deixou de intrigar o inspector. Marie-Christine, aquela jovem e sedutora criatura, sempre pronta a rir alegremente, estava agora morta e bem morta. Uma bala tinha-a atingido na cabeça. O projectil foi descoberto, ali perto, pelo inspector e sobre a relva estava um revólver.

- Ela matou a minha mulher! Matou a minha mulher! – gritou, entretanto, fora de si, Emile Lindy, precipitando-se sobre Robert Mettin.

- Não compreendo – balbuciou este – Com efeito, o revólver é o meu...

Na sua residência, Jacques Neveux, outro dos participantes no piquenique, entregou ao inspector Fauvel uma prova da fotografia que tinha tirado algumas horas

antes e que havia revelado imediatamente. O inspector examinou todos os personagens. Haveria, entre eles, um assassino?

- Mas Marie-Christine não voltou a casa após o piquenique? – perguntou o inspector a Emile Lindy.

- Não. Eu não saí de casa e tê-la-ia visto entrar. – foi a resposta.

Acabrunhado, Robert Mettin não deu palavra durante esse tempo. Entretanto, a voz grave do inspector Fauvel fez-se ouvir:

- O senhor mente. – disse ele a Emile. – Foi o senhor quem matou sua mulher!

***Em que facto assentava a convicção do inspector Fauvel?***

## Solução do problema:

Emile Lindy sustentava que sua mulher não tinha voltado a casa. Ora, se ela calçava sandálias durante o piquenique, e ao ser encontrada morta estava de alpargatas. Ela tinha, portanto, voltado a casa e Emile mentia. Havia, portanto, fortes razões para se supor ter sido ele o culpado.

## Problemas Policiais #215

Diário Popular 5730 – 20.09.1958

Nenhuma luz brilhava no modesto pavilhão de caça de Jean Leplassier, em pleno coração da Sologne. O inspector Fauvel acendeu a sua potente lanterna eléctrica e, seguido pelo dr. Rovin, entrou no pequeno edifício. Na sala principal, encontrou Robert Migrant prostrado numa cadeira, diante de uma mesa sobre a qual, se encontravam ainda um candeeiro a petróleo, cujo depósito estava apenas meio, alguns cartuchos e uma escova utilizada pelos caçadores para limpar os canos das suas espingardas. O inspector Fauvel notou, ainda, que o morto apresentava um horrível ferimento no pescoço, que tinha um avental sobre os joelhos e que no chão se encontrava a arma de caça que o tinha matado.

- Não consigo explicar a mim próprio como um caçador tão experimentado como Robert Migrant pôde matar-se a limpar a sua espingarda – comentou o dr. Rovin.

O inspector, porém, pensava noutra coisa.

- Há quanto tempo ocorreu a morte? – perguntou ele, consultando o seu relógio de pulso.

Eram 20 e 12, e a noite descera já havia bem uma hora.

- Por aquilo que posso ajuizar, está morto há cerca de 24 horas...

O inspector Fayvel, concentrando as ideias, lembrou-se de que a neve tinha deixado de cair na noite anterior, por volta das 20 e 15. Entretanto, como as únicas pegadas visíveis no caminho até ao pavilhão haviam sido deixadas, uma trintena de minutos antes, por Paul Otet, que, descobrindo o drama, tinha ido advertir a polícia, o inspector disse para consigo que a primeira coisa a fazer era descobrir a última pessoa que vira Robert Migrant com vida.

E isso, não levou muito tempo a conseguir. Algumas horas mais tarde, dois homens se encontravam diante do inspector Fauvel e respondiam às suas perguntas.

- Por aquilo que me diz, inspector, parece que Georges e eu fomos os últimos a ver Robert com vida...- declarou, de súbito, Jules Nillet.

O seu colega, Georges Viet, aquiesceu com um sinal de cabeça:

- Fomos visitar Robert Migrant ontem à noite, pelas 19 e 30. Convidámo-lo a ir caçar hoje connosco, e respondeu-nos que iria possivelmente mas que não esperássemos por ele. Deixámo-lo por volta das 20 horas, enquanto ele se preparava para limpar a sua espingarda, exactamente no sítio em que o inspector o encontrou...

Fauvel franziu as sobrancelhas. Pelo que ele sabia, Jules Nillet e Georges Otet eram dois «bon-vivants». E, no entanto, via-se obrigado a supô-los autores de uma morte horrível.

### **Porquê?**

## **Solução do problema:**

Jules Nillet e Georges Viet declaravam ter deixado Robert Migrant a limpar a espingarda, na sala iluminada por um candeeiro a petróleo. No entanto, este, que o inspector Fauvel tinha encontrado apagado, continha ainda considerável reserva de carburante. Se os dois homens tinham falado verdade, e se Robert Migrant tinha morrido acidentalmente, o candeeiro teria continuado aceso até ao esgotamento de todo o petróleo. Por outro lado, como Robert Migrant não teria, certamente, podido limpar a arma às escuras, era indubitável que alguém mentia... Os dois homens tinham, portanto, matado Robert Migrant, cometendo, no entanto, o erro de apagar o candeeiro antes de se retirarem.

## Problemas Policiais #216

**Diário Popular 5737 – 27.09.1958**

Aquela dramática cena de ciúme tinha sido fulgurante. «Eu podia matar-vos aos dois». Dissera André Chellet, apontando o revólver a sua mulher e ao amante com quem a surpreendera ao entrar inopinadamente no seu apartamento. «Mas – acrescentava – farei melhor do que isso: o vosso inferno, conhecê-lo-eis na terra, uma vez que sereis obrigados a viver com o pêso de uma morte na consciência...»

- Então – disse Josette Chellet, que explicava a cena ao inspector Fauvel – antes que eu pudesse fazer o menor gesto, André levou o revólver à têmpera e premiu o gatilho, caindo como uma massa, instantaneamente fulminado.

O inspector debruçou-se sobre o cadáver ainda quente do brilhante decorador André Chellet. Depois, virou-se para o homem que permanecia ao lado da mulher da vítima. Tratava-se de um jovem que não atingira ainda trinta anos. Era alto e franzino e a palidez do seu rosto reflectia a intensa comoção porque ele passava.

- O seu marido já alguma vez manifestara a intenção de se suicidar? – perguntou o inspector Josette.

- Sim – respondeu ela – e tinha até ido mais longe: deixou expresso no seu testamento que eu não seria a herdeira dos seus bens senão com a condição de desposar Christian apenas seis meses após a sua morte. Além disso, em caso de divórcio, eu perderia o benefício da herança... Ele não sabia quanto eu e Christian nos amamos. Casei com André por imposição da minha família e o amor jamais nos uniu.

O inspector Fauvel debruçou-se de novo sobre o corpo de André Chellet, caído de borco, voltou-o de costas e tirou do bolso do seu sobretudo um revólver no qual faltava somente uma bala.

Depois, passeou o olhar pelo apartamento, acabando por perguntar a Josette Chellet:

- Mas como estava a senhora ao corrente das disposições testamentárias de seu marido?

- Ele tinha-me dito que se alguma vez o atraísse não me perdoaria e deu-me conta das disposições que havia tomado...

- De qualquer maneira – disse o inspector – não beneficiareis, nem um nem outro, desse testamento, porque ireis acabar os vossos dias na prisão... ou no cadafalso!

***Porque motivo proferiu o inspector Fauvel tais ameaças?...***

## Solução do problema:

Se o ferimento mortal tivesse sido fulminante, o morto não teria, manifestamente, podido voltar a colocar ele próprio o revólver no bolso do seu sobretudo.

## Problemas Policiais #217

Diário Popular 5744 – 04.10.1958

«Oh! Veja! Estrangularam-no com um bocado de cordel!» - Exclamou Jean Fradin, quando, em companhia do inspector Fauvel, se deteve à porta da vasta biblioteca. E, dizendo isto, apontou o magnífico «setter» do dono da casa, estendido sobre o seu flanco direito contra a parede oposta.

Os dois homens avançaram. O inspector Fauvel debruçou-se, examinando o cão e, depois retirou o fino cordel passado em volta do pescoço do animal, verificando de muito perto um pequeno nó que se encontrava sobre o lado direito.

«Não foi morto há muito tempo; ainda está quente.» - murmurou o inspector.

«Isto vai dar, por certo, um grande desgosto a Alfred, pois ele adorava este cão.» - declarou Jean Fradin, que era primo do proprietário da casa.

Imediatamente advertido, Alfred Laurin ficou como que petrificado ao entrar na sala e ao contemplar o seu cão. Depois, virou-se para o inspector, literalmente perturbado pela comoção.

«Pergunto a mim próprio quem poderá ter cometido semelhante crime.» - disse uma voz tremente de indignação.

O inspector, grande amigo dos animais, estava também indignado.

«Não sei quem fez isto, mas descobri-lo-ei.» - gritou, acrescentando: «Esta sala continha alguns objectos de valor?»

«Sim. – declarou Alfred. Há aqui um pequeno cofre-forte, onde guardei uma centena de milhares de francos e alguns cheques ao portador. Mas porque teria sido morto o meu cão?»

O inspector encaminhou-se para o cofre. Estava vazio! Os três homens dirigiram-se, então, para o salão onde todas as pessoas da casa foram submetidas a um rápido interrogatório. Ninguém parecia ter conhecimento do que se passara. Mas, de súbito,

o inspector falou, explicando que o autor do duplo crime devia conhecer muito bem o «setter», como o cão o devia conhecer também.

Depois, virando-se para Jean Fradin disse-lhe num tom glacial: «Exijo-lhe uma explicação. Se não foi você quem estrangulou o cão, foi alguém, seu conhecido. E se não foi você o autor do roubo, foi alguém dos seus...»

### ***Porque lançou o inspector Fauvel tal acusação?***

### **Solução do problema:**

O inspector Fauvel lembrou-se de que Jean Fradin tinha descoberto o cão morto e que, de uma distância bastante grande, se havia apercebido de que o animal fora estrangulado com a ajuda de um fino cordel. Ora, o «setter» é um cão com pêlo comprido, tornando-se, portanto, impossível, a certa distância, notar um cordel passado em volta do seu pescoço, sobretudo encontrando-se o animal na posição em que estava o de Alfred Laurin.

## Problemas Policiais #218

Diário Popular 5750 – 11.10.1958

Depois de examinar o cinzeiro; o revólver que disparara a bala mortífera; um telegrama que continha apenas a palavra «Não», seguida pela letra «L», como assinatura; e um jornal de dois dias antes, que estavam numa pequena mesa à entrada do aposento, perto do cabide, o inspector Fauvel entrou na casa de jantar e olhou demoradamente o corpo do actor dramático Jérôme Thabouin, caído junto da lareira. A bala tinha entrado pela fonte direita e fulminara-o...

O inspector Fauvel voltou-se para o seu adjunto e pediu-lhe que fosse chamar a governante que descobrira o cadáver. Entretanto, caminhava ao longo do aposento e parava de vez em quando diante do cadáver. Curiosa, essa ferida na fonte...e as duas unhas quebradas. E também, esse golpe profundo na base do auricular esquerdo... Sim, tudo isso era curioso...

A chegada da governante arrancou-o a essas reflexões.

«Queria falar-me, inspector?»

O polícia não havia sentido chegar a interessada, a quem se contentou em lançar um rápido olhar.

«Tem a certeza de não ter tocado nesta cadeira – perguntou-lhe, indicando com o dedo uma cadeira junto da lareira – quando voltou do cinema e descobriu o cadáver?»

- Absoluta certeza, inspector.

- E Maria, a criada, já voltou?

- Não. Já devia cá estar pelo menos há trinta minutos.

- É o seu dia de saída?

- Não.

- Ficaria surpreendida, antes deste drama, se soubesse que o senhor Thabouin tinha ideias de se suicidar?

- Sem dúvida. Não era uma pessoa que pensasse nisso.

- Tenho a mesma opinião. É um crime.

*Como é que o inspector Fauvel chegara a esta conclusão?*

### Solução do problema:

O revólver estava numa mesinha à entrada, enquanto a vítima, fulminada por uma única bala, caíra no chão, distante da lareira de um outro aposento e não pudera, certamente, colocara arma onde ela fora encontrada pelo inspector Fauvel.

## Problemas Policiais #219

**Diário Popular 5757 – 18.10.1958**

Ao observar o homem que avançava para ele, o inspector Fauvel admirou a arte consumada demonstrada pelo desconhecido no seu disfarce. Coxeando ligeiramente, a sua bengala na mão direita, parecia mesmo o dr. Bellot e só o polícia, podia desmascarar.

O homem estava impecavelmente vestido e apresentado. A sua barbicha branca e até os gestos do grande cirurgião estavam perfeitamente imitados. Mas o inspector Fauvel viu logo que estava diante do Paul Barton, antiga vedeta de cinema.

Despertada a sua curiosidade, o inspector decidiu verificar que ligação podia existir entre o disfarce do falso doutor Bellot e o autêntico cirurgião, que dias antes fora misteriosamente ferido a tiro na perna esquerda. A Polícia, nada apurara acerca desse atentado. Sempre que um agente da Polícia se apresentava na residência do grande cirurgião, respondiam-lhe que o médico tinha saído. Por uma razão qualquer, o cirurgião desejava manifestamente dar a entender que a sua ferida não era grave. E era verdadeiramente por isso que contratara o antigo actor para aparecer por ele em público.

Enquanto o falso doutor Bellot se aproximava do grande restaurante, onde o cirurgião tinha o hábito de almoçar duas vezes por semana, o inspector Fauvel adiantou-se e colocou-lhe suavemente a mão sobre o ombro. O homem voltou o rosto e deixou ver um olhar vivo, bem conhecido dos colegas e dos doentes.

«Que há? – perguntou ele.

O inspector Fauvel sorriu. «Mesmo os génios cometem erros» - disse ele. «Se não fosse um pequeno pormenor, eu não notaria que o senhor não é o doutor Bellot...»

***Qual foi o pormenor esquecido pelo actor?***

### Solução do problema:

O verdadeiro médico havia sido ferido na perna esquerda e o actor tinha a bengala na mão direita!

## Problemas Policiais #220

**Diário Popular 5764 – 25.10.1958**

Destravando a patilha de segurança da arma que acabara de apanhar do chão, o inspector Fauvel examinou o interior do cano e entregou-a ao seu adjunto. Depois, examinou o corpo de Charles Jordan, caído perto de uma vedação de arame. O homem tinha no lado esquerdo do rosto, uma horrível ferida.

- Que se passou exactamente? – perguntou o inspector Fauvel a Christian Dodin, um amigo da vítima, que assistia ao inquérito preliminar.

- Ao certo não sei nada! – respondeu Christian Dodin . – Eu caçava na companhia de Charles, a alguma distância dele, quando ouvi um tiro e o vi cair por terra. Penso que ao querer passar a vedação, a sua espingarda se lhe prendeu em qualquer ponto e se disparou...

O inspector Fauvel examinou de novo a arma do morto e a sua coronha em especial. Efectivamente esta tinha um leve arranhão.

- Era a primeira vez que Charles tomava parte numa caçada – explicou ainda Christian Dodin. – Por várias vezes lhe aconselhei prudência, mas ele contentava-se em sorrir. Estava diante de mim a uns cinquenta metros para a minha direita. Vi-o tentar passar a vedação. Nesse momento tinha arma na mão esquerda, porque ele era canhoto. O drama foi fulminante. Treloucado, precipitei-me para Charles e depois, vendo que nada podia fazer, chamei a Polícia...

- Tocou no corpo? – perguntou o adjunto de Fauvel.

- Não.

- Não tinha um cão? – interrogou por sua vez Fauvel.

- Sim. Mas foi o dia das infelicidades. Momentos antes, Charles, com um tiro infeliz feriu o animal e eu mandei-o levar para casa, pelo filho do guarda da propriedade, que nos acompanhava.

Fez-se silêncio. O adjunto do inspector olhou interrogativamente para ele.

- De acordo – disse este. Vigie este homem. Porque não se trata de acidente, mas de um crime.

***Como é que Fauvel chegara a esta conclusão?***

### **Solução do problema:**

Ao apanhar a espingarda, o inspector reparara que a patilha de segurança da arma estava travada. Ora essa patilha devia ter sido destravada para que a arma se pudesse ter disparado, matando Charles! Isto indicava que Christian havia assassinado o amigo e que na sua loucura tinha travado a espingarda, assinando assim o seu crime.

## Problemas Policiais #221

Diário Popular 5771 – 01.11.1958

«Nunca me separei da chave do meu laboratório desde há um mês a não ser uma ocasião, durante cerca de vinte minutos.» - explicava Arthur Morrot, director de um laboratório de produtos farmacêuticos.

«Tinha-a deixado na fechadura uma noite, quando ouvi a voz de uma mulher que pedia auxílio na estrada. Precipitei-me e deparou-se-me uma senhora, ainda jovem, que, com ar desolado, observava um pneu do seu carro, que estava vazio. Como o local é muito deserto, ajudei-a a mudar a roda. Só quando estava quase a acabar é que me recordei que deixara a chave na porta do meu laboratório. Precipitei-me para a recolher e felizmente, encontrei-a.

- Mas – interrompeu o inspector Fauvel – quem poderia adivinhar, mesmo admitindo que essa mulher estivesse a representar uma farsa, que deixaria a chave na porta, tendo assim a possibilidade de se apoderar das vossas valiosas fórmulas?

O químico abanou a cabeça. «Pois isso é que lança mistério no caso. E como é que poderei suspeitar dos meus dois colaboradores, que possuem essa chave? Se eles quisessem, em qualquer outra altura poderiam ter roubado esses planos...»

- Onde costuma deixar as suas chaves à noite?

- Desde que instalei o meu laboratório neste local, nunca tiro as chaves da corrente em que as trago. À noite, coloco as chaves e a corrente numa caixinha que ponho debaixo do meu travesseiro.

O inspector abanou a cabeça. Decididamente, aquele químico julgava que era fácil enganá-lo e lançá-lo numa falsa pista, como a dessa senhora que tinha um pneu vazio...

Ele enganava-se.

**Porquê?**

### Solução do problema:

Arthur Morrot afirmara que as chaves do laboratório nunca eram tiradas da corrente que as prendiam a ele. Nessas circunstâncias, o inspector Fauvel não via como é que o químico podia ter deixado a chave na porta, para ir auxiliar a senhora do automóvel, sem a ter tirado da corrente. O químico mentia e se não era ele o autor do roubo, tinha um cúmplice.

## Problemas Policiais #222

**Diário Popular 5778 – 08.11.1958**

Por uma estranha coincidência, um raio de sol, filtrando-se através dos ramos e passando pela janela da pequena casa de madeira, cujo vidro estava quebrado, vinha iluminar o chão húmido e parecia brincar com a lâmina brilhante de uma máquina de barbear. O inspector Fauvel, ao entrar, contemplou o espectáculo e depois baixou-se, apanhando de um canto um candelabro de cobre delicadamente trabalhado. Era uma verdadeira peça de colecção, que se encontrava num local pouco susceptível de a valorizar.

No dia anterior, uma rapariga de 18 anos fora encontrada ali assassinada, a algumas centenas de metros dessa casa de campo, situada a mais de vinte quilómetros da mais próxima habitação.

No momento em que foi descoberta, a rapariga já devia estar morta – segundo a opinião dos médicos – havia 72 horas. Um velho pastor afirmava que vira o proprietário da casa de campo alguns dias antes e também no dia em que o crime devia ter sido cometido. Mas talvez ele estivesse enganado. Porque havia pelo menos uma pessoa pronta a testemunhar que René havia estado junto dela no decurso das últimas três semanas, sem nunca a ter abandonado, por mais de uma hora ou duas.

O inspector Fauvel examinou cuidadosamente os restos do vidro da janela. Ficou surpreendido ao verificar que eles não bastavam para encher o espaço vazio da janela. A humidade no solo da cabana explicava-se facilmente. Na semana anterior chovera bastante...

O polícia local, que acompanhara Fauvel, disse:

- Creio, inspector, que teremos de renunciar a inculpar Carson. Revistámos a cabana toda e nada indica que ele aqui tenha estado desde há meses. Porque um homem não pode passar uma semana num sítio qualquer sem deixar sinais...

- Estou de acordo consigo nesse último ponto. Mas aqui esteve alguém nestes últimos dias. Isso é inegável...

***Como é que o inspector chegara a essa conclusão?***

### **Solução do problema:**

A lâmina de barbear brilhava ao sol e isso indicara ao inspector Fauvel que alguém estivera recentemente ali. Porque se a lâmina estivesse há meses naquele local, não deixaria de ficar ferrugenta.

## Problemas Policiais #223

**Diário Popular 5785 – 15.11.1958**

«Olhe, Inspector!» - disse o ajudante de Fauvel, quando ambos passeavam numa rua de Chateauroux. - «Aquele não é Pierrot Balde, que prendeu há uns anos por assalto à mão armada?»

O inspector Fauvel olhou discretamente e viu um homem vestido com elegância que segurava na mão uma mala e entrava naquele momento no hotel.

- É ele, não há dúvida. Vamos ver o que há...

Os dois homens entraram no hotel e Fauvel dirigiu-se ao porteiro:

- Um amigo nosso entrou agora. Que quarto foi ele ocupar?

- Trata-se do senhor Dellet, não é? Dei-lhe o quarto n.º 65.

O inspector e o ajudante dirigiram-se para ali.

- Que o traz a Chateauroux? – perguntou Fauvel quando chegou junto do falso Dellet. – E que ideia foi essa de mudar de nome? Espero que não seja para se lançar numa nova «operação»...

- Esteja tranquilo, inspector. – respondeu Balde. – Decidi mudar de vida. Encontrei trabalho aqui na região e por isso preferi não dar o meu nome verdadeiro. Ocorreu-me esta ideia, precisamente quando preenchia a ficha, lá em baixo... Com certeza não me levará isso a mal, uma vez que é com boas intenções...

- Veremos isso. Mas se eu voltar a vê-lo com algum dos membros do seu antigo bando...

- Pode estar tranquilo. Cortei com todos os meus conhecimentos desde que fui condenado e não voltei a ver os meus antigos companheiros.

Nesse momento bateram à porta do quarto e um paquete entregou a Pierrot Balde um telegrama que acabara de chegar. O antigo meliante deu-lhe uma nota de cem francos.

- Sempre generoso, Pierrot? Pois tenho pena mas terá de me seguir ao Comissariado. Temos de o vigiar. Você mentiu e sabe bem que eu não gosto disso... Pierrot ficou espantado.

***Como é que o inspector Fauvel sabia que ele estava a mentir?***

### **Solução do problema:**

Balde acabava de chegar ao hotel onde, segundo ele dissera, no último momento lhe ocorrera inscrever-se sob um outro nome. Ora, pouco depois de sua chegada, Pierrot Balde recebia um telegrama, que o paquete entregara ao senhor Dellet, ou, pelo menos, àquele que ele julgava chamar-se assim. Balde mentia, pois o expedidor do telegrama sabia bem que ele usava um falso nome: o de Dellet.

## Problemas Policiais #224

**Diário Popular 5792 – 22.11.1958**

- É terrível! – clamou a rapariga, cujos olhos avermelhados demonstravam que chorara muito. – Minha tia deve ter-se enganado na dose do medicamento!

O inspector Fauvel, diante da enorme cama onde uma mulher idosa dormia o seu último sono, escutava.

- Não posso acreditar que ela tenha querido suicidar-se... - prosseguiu a rapariga. – Minha tia era uma pessoa alegre. A paralisia que atingira o lado esquerdo afectara um pouco o seu bom humor nestes últimos tempos. Mas ela estava a recompor-se. Felizmente o meu braço direito está válido! – Costumava ela dizer. – Assim ainda posso ler...

- O senhor inspector conhecia-a. Sabe que ela ainda não perdera as esperanças da cura...

- Vejo que você não a deixava sem as suas flores preferidas. – disse o inspector apontando com o dedo uma jarra com rosas, colocada sobre uma mesa, à direita da cama, e a cerca de um metro desta.

- Nem sem os seus bombons de que ela tanto gostava... Procurava tornar-lhe a vida tão agradável quanto possível...

Sempre silencioso, o inspector Fauvel examinou rapidamente a pequena mesa sobre a qual se encontravam as flores. Além da jarra e da caixa de bombons, via-se um copo, uma pequena colher, vários livros e a garrafa que continha o remédio que, ingerido em dose excessiva, fora fatal.

- Eu não a devia ter deixado sozinha ontem à noite. Mas ela insistiu em que me devia distrair e fosse ao cinema. Garantiu-me que tomaria o seu remédio às dez horas, e que até lá ficaria a ler... À meia-noite, quando regresssei, vi a luz apagada e não querendo incomodá-la fui deitar-me. Esta manhã, vim encontrá-la morta...

O inspector olhou um traço bem visível na madeira da cama e depois, apontando o livro aberto que se via sobre a coberta, perguntou:

- Sabe quando é que sua tia começara a ler este livro?
- Há dois ou três dias, e já quase o terminara quando eu saí.
- O quarto estava assim arrumado quando você saiu?
- Assim mesmo. Mas porque pergunta isso?
- É que eu gostaria de acreditar em si. Mas sei que me está a mentir!

***Porque é que o inspector Fauvel falava assim?***

### Solução do problema:

O inspector viu que a rapariga mentia porque, dada a posição da mesa, a doente, parálitica do lado esquerdo, não podia chegar ao remédio. Alguém interviera...

## Problemas Policiais #225

Diário Popular 5799 – 29.11.1958

«Basta! Basta! Já ouvi suficientemente este ruído a que tu chamas música!» gritou, vermelha de cólera, a encantadora manequim Maryse Manse.

Aurora Zare, uma pianista de grande talento, a quem ela se dirigia, limitou-se a fixá-la com os olhos semicerrados e continuou a tocar. O conflito que opunha as duas mulheres era grave.

Ambas estavam loucamente apaixonadas pelo famoso actor Simon Gray, que tinha alugado uma vivenda perto delas, na praia. E por causa disso a boa amizade que antes as unia, transformara-se em ódio...

\*

No meio de uma desordem aterradora, Simon Gray estava caído no soalho do seu belo salão. Estava morto, vítima de uma violenta pancada na cabeça, vibrada com o pé de um candeeiro de mesa. O seu rosto estava todo cheio de profundas unhas.

Numa mesinha via-se uma garrafa de «whisky», encetada. O inspector Fauvel contornou o corpo e encolheu os ombros. No chão, viam-se vários cigarros.

\*

O inspector Fauvel resumiu: - Se compreendo bem, segundo as suas declarações, «mademoiselle» Aurora Zare, depois de ter ido buscar um maço de cigarros a casa de Gray, esta tarde, pelas 15 e 30, e depois de ter estado com ele cerca de 20 minutos, deixou-o ainda vivo às 15 e 50?

A pianista concordou.

- Quanto à senhora, Maryse Manze, declara haver encontrado morto Simon Gray, no seu salão, perto das 16 horas, quando ali foi. Para se recompor do choque, bebeu mesmo um pouco de «whisky» da garrafa que estava sobre a mesa e depois telefonou à Polícia. É isso?

- Exactamente.

- Mas nenhuma de vós confessa ter lavado as mãos depois das 15 e 30... O inspector pareceu hesitar e depois, voltando-se para uma das mulheres, disse-lhe:

- A senhora fica à disposição da Polícia...

***Por que motivo é que o inspector falava assim e a quem é que ele dirigiu estas ameaçadoras palavras?***

### **Solução do problema:**

O rosto da vítima estava cheio de unhas profundas, feitas durante a luta que travara. Ora, Aurora Zare era pianista, isto é, as suas unhas não eram suficientemente longas para causar tais feridas. Foi, portanto, a Maryse Manse, a manequim – que pela sua profissão era obrigada a usar unhas bem compridas – que o inspector se dirigiu.

## Problemas Policiais #226

Diário Popular 5805 – 06.12.1958

- Ela mente! Mente descaradamente! – gritou Lena Millet, que prosseguiu indignadamente:

- Garanto-lhe, inspector, que Paul ainda estava vivo quando eu o deixei. Ela matou-o e eu sei porquê: porque não queria casar com ela!

- Ouçam esta hipócrita! - exclamou, por seu turno, Eve Sarrazin, que tentava em vão controlar-se. – Ela sabia que Paul e eu estávamos noivos. Ainda esta manhã ele me disse reçar que Lena fizesse escândalo no dia do nosso casamento...

O inspector Favel era o único a manter a sua calma no meio destas duas fúrias.

- A que horas chegou ao pavilhão de Paul? – perguntou ele a Eve.

Lena não lhe deu tempo a responder:

- Eu posso dizê-lo inspector. Ela chegou precisamente quando eu saía. Posso dizer que trazia nas mãos um ramo de flores. Olhei para o meu relógio nesse instante: marcava 15 e 25. Eu...

- Não eram 15 e 25, mas 15 e 40! – afirmou Eve, por sua vez. – E quando entrei no pavilhão vi Paul caído, sem vida. Não toquei em nada.

O inspector pegou num minúsculo fragmento de uma fotografia de Lena, rasgada em mil bocados e que apanhara da gola do casaco da vítima. Ergueu também o ramo de flores que Eve trouxera quando viera visitar Paul e que se encontrava sob o cadáver. O jovem escritor, que convalescia naquele pavilhão campestre, fora morto com vários golpes na cabeça, vibrados com violência e empregando um instrumento contundente.

Depois, o inspector comparou os relógios das duas mulheres com o seu. E olhando o esplêndido carro «sport» parado diante da porta, disse a Lena:

- Também veio de automóvel?

- Não; eu vim de bicicleta.

- Está bem. – disse o inspector. E voltando-se para um dos agentes presentes fez-lhe um sinal. O homem aproximou-se de Eve e disse-lhe:

- Siga-me; está presa.

*Por que motivo é que o inspector Fauvel pensara que Eve era a culpada?*

### Solução do problema:

Eve afirmava que não tocara em nada quando encontrara Paul caído, sem vida. Mas o inspector sabia que ela mentia e que assassinara Paul. Efectivamente, o facto de as flores estarem sob o cadáver demonstrava que Paul caíra sobre elas e que, por consequência, estava vivo quando Lena deixara o pavilhão, no momento da chegada da sua rival. Quanto aos bocados da fotografia de Lena que o polícia encontrara na gola do casaco da vítima, indicavam apenas que Eve tentara incriminar a sua rival!

## Problemas Policiais #227

Diário Popular 5825 – 27.12.1958

O inspector Fauvel estava muito embaraçado. Sabia que um conhecido escritor era vítima de chantagem por parte de perigosos malfeitores e que, desejoso de evitar uma perigosa publicidade, procurava esconder-se cuidadosamente. Roger de La Guêpière instalara-se num grande hotel e dera ordens rigorosas para que não informassem ninguém do número do quarto que ocupava. Além disso, recusava-se a atender o telefone. Ora o inspector Fauvel conhecia os culpados e faltava-lhe apenas um elemento decisivo – que só Roger lhe podia fornecer – para os desmascarar e prender. No entanto, não podia apresentar-se no hotel e revelar as suas funções policiais, sob pena de alertar os chantagistas e estes atacarem, para se defenderem.

Como era urgente falar com Roger, dirigiu-se ao hotel e no caminho teve uma ideia para conseguir o que pretendia.

Não eram ainda oito horas da manhã, mas encontrou aberta uma papelaria frequentada pelos alunos das escolas. Fauvel penetrou no estabelecimento e pediu um sobrescrito e uma folha em que rabiscou algumas palavras. No sobrescrito escreveu apenas o nome do destinatário: Roger de La Guêpière.

Vendo um rapaz que passava na rua, o inspector chamou-o e disse-lhe: «Toma lá cem francos. Vais a este hotel e entregas esta carta. Depois, vais-te logo embora. Mas tem cuidado: não deves pronunciar uma só palavra...».

O rapaz não demorou a cumprir o que lhe recomendavam e dez minutos depois de ele ter voltado, Fauvel, por seu turno, entrou no hotel. Lentamente, passou diante das instalações do porteiro e dirigiu-se para o ascensor. Momentos depois, batia à porta do quarto n.º 49.

- Quem está aí? – perguntou, por trás da porta, uma voz receosa e ensonada.
- O director do hotel... - respondeu o inspector, com uma voz abafada.

A porta abriu-se suavemente. O inspector Fauvel inclinou-se e penetrando no quarto disse: «Não se preocupe. Vim para o auxiliar. Sou o inspector Fauvel...».

***Como é que o polícia descobrira o número do quarto de Roger?***

### **Solução do problema:**

O inspector limitara-se a entregar ao rapazito um sobrescrito vermelho, que o porteiro depositou no cacifo destinado ao correio dirigido a Roger de La Guêpière, como é hábito fazer em todos os hotéis. O sobrescrito tinha uma cor berrante e, ao passar diante das instalações do porteiro, o inspector não teve dificuldade em ver qual era o quarto ocupado pelo escritor.

## Problemas Policiais #228

Diário Popular 5825 – 27.12.1958

«Foi aqui que eles me atiraram» - declarou Lou Mallorini, enquanto a vedeta da fiscalização costeira tocava em terra.

- Enquanto nos aproximávamos tive tempo de ver o local: reparei nesta árvore enorme e neste velho cais de desembarque; vi também a casa antes de cair o nevoeiro. O homem do leme seguia uma linha recta e por isso, quando me atiraram à água, não tive dificuldade em atingir a casa, a despeito do denso nevoeiro».

O inspector Fauvel observava a paisagem e meditava nesta história. Lou Mallorini declarara que no dia anterior tinha retirado doze milhões do banco, após o que fora abordado por dois homens armados, saídos de um carro e que tinham o rosto oculto com lenços. Depois de se terem apoderado da sua pasta, os raptores haviam-no obrigado a subir para o carro e, após viajarem durante toda a noite, passaram-no para um rápido barco a motor que seguia para o largo. Finalmente, tinham-no largado naquele recanto, isolado da costa, entre Deauville e o Havre.

Chegado a terra, o inspector Fauvel comparou os sinais deixados na areia – e que conduziam em linha recta a uma vivenda a cerca de trezentos metros do mar – com os sapatos que Lou Mallorini afirmava ter usado na véspera. Os sinais condiziam perfeitamente... O inspector ia falar, mas achou preferível calar-se.

O pequeno grupo atingira a vivenda. O porteiro confirmou, ponto por ponto, as declarações de Lou Mallorini. O desconhecido que batera à porta, estava vestido como Lou Mallorini e apresentava-se molhado até à cintura. A hora indicada por ele era também confirmada.

O inspector parecia impaciente e disse:

- Já perdemos muito tempo. Você tem estado a brincar connosco, Mallorini. Dirá ao juiz de instrução o que sucedeu aos doze milhões...

*Por que motivo é que Fauvel falava assim?*

**Solução do problema:**

O inspector Fordney sabia que era impossível, mesmo a um homem dotado de excelente memória visual, percorrer trezentos metros, seguindo rigorosamente uma linha recta, até um determinado objectivo, em pleno e denso nevoeiro. Lou Mallorini tinha preparado o cenário do seu rapto e deixado as suas pegadas na areia. O nevoeiro que caíra durante a noite, no entanto, provava que ele mentira.

## Problemas Policiais #229

**Diário Popular 5845 – 17.01.1959**

Gabrielle Lauron e Jean-Pierre Lorgen olhavam em silêncio enquanto o inspector, mais por hábito do que por convicção, examinava o conteúdo das algibeiras de Laurent Rolland. Tinham um maço de cigarros, fósforos, um relógio de pulso, um alfinete de gravata, uma caneta, uma carteira, um lenço e uma gravata. Tudo isto nos bolsos do casaco. O conteúdo dos bolsos das calças não era mais interessante: moedas, uma nota de 500 francos, as chaves do automóvel e uma lima de unhas.

O inspector terminou o exame do cadáver do afogado e pediu a Gabrielle e a Jean-Pierre que contassem o que sabiam.

- Jean-Pierre e eu – disse Gabrielle – assim como Laurente, devíamos encontrar-nos esta manhã, aqui na baía. Enquanto nós mudávamos de roupa na praia, Jean-Pierre viu que não tinha cigarros. Foi buscá-los no carro dele, à pequena localidade que fica a alguns centos de metros daqui. Entretanto eu meti-me na água. Já lá estava, quando vi chegar o carro de Laurent. Ele desceu e fez-me um aceno alegre. Foi nesse instante que eu senti uma câibra violenta no estômago. Era uma dor de enlouquecer. Senti-me afundar. Perdi o conhecimento...

- Foi nesse instante que eu cheguei – continuou Jean-Pierre, interrompendo Gabrielle. Mal saíra do carro quando o drama se desenrolou ante mim, com uma rapidez fulminante. Vi Laurent despir o casaco e os sapatos e atirar-se à água. Eu sabia que ele era um fraco nadador. Por meu turno atirei-me à água vestido, cheguei até junto de Gabrielle e consegui trazê-la para a praia. Depois, pensei em Laurent. Estava em dificuldades a vinte metros da margem. Mergulhei de novo. Estava quase a atingi-lo quando ele mergulhou. Tive imensa dificuldade em o trazer par terra. Mas era demasiado tarde...

- Ele descalçou-se ou tirou primeiro o casaco? – perguntou Fauvel.

- Creio que ele tirou primeiro os sapatos – respondeu Gabrielle, com pouca convicção.

- Não: primeiro tirou o casaco. – disse Jean-Pierre.

O inspector olhou os sapatos de Laurent, que estavam perto do automóvel.

- O vosso amigo usava geralmente um casaco? Isto não é costume, no Verão, aqui na costa...

Gabrielle, resmungando, respondeu:

- Sabe, Laurent era um rapaz estranho...

- É possível. – murmurou Fauvel. Mas de momento, o que eu acho estranho é a vossa atitude. Queiram seguir-me. A Polícia tem mais perguntas a fazer-lhes...

***Porque é que o inspector Fauvel falava assim?***

## Solução do problema:

O inspector Fordney sabia que se alguém pretendesse salvar uma pessoa em perigo de se afogar não perderia tempo a tirar o relógio de pulso, o alfinete de gravata e a própria gravata, antes de se atirar à água. Seria uma imensa perda de tempo. E ele encontrara esses objectos nas algibeiras do morto.

## Problemas Policiais #230

**Diário Popular 5852 – 24.01.1959**

Lançado na pista dos ladrões de um importante lote de pedras preciosas e de muitas notas de Banco, o inspector Fauvel, sob o disfarce de um autor excêntrico, tinha alugado uma pequena vivenda numa aldeia de Corrèze. Porque a pista levava-o até ali, mas cessava bruscamente naquele ponto.

No Bar do Comércio, o inspector Fauvel, surpreendeu uma conversa entre dois homens, um dos quais, chamado François Tharot, o intrigou pelas suas bazófias. Fingindo-se embriagado, o inspector Fauvel meteu conversa com Tharot, e soube assim que ele era agricultor nos arredores. O outro, criando confiança, acabou por revelar ao polícia alguns dias mais tarde, um facto que este iria explorar. Com um ar misterioso, uma noite, Tharot mostrara um mapa da região e assinalara um ponto nos arredores. Era ali, dizia o agricultor, que um dos seus bons amigos tinha escondido um tesouro. Surpreendera-o quando o fazia. O inspector conseguiu localizar o local marcado com uma cruz antes que Tharot dobrasse o mapa e o guardasse cuidadosamente.

O investigador já não tinha dúvidas: a cruz designava o local onde se encontrava o que ele procurava. Mas como o tirar de lá? Porque a cruz estava num ponto situado a meio caminho entre duas grandes pedras, a cinco metros uma da outra, num vasto campo, a dez quilómetros da localidade. Ora, não era ainda a ocasião de despertar suspeitas indo pedir auxílio. E de resto o inspector não tinha qualquer outro utensílio que não fosse uma velha pá, que encontrara na vivenda. Além disso, ele não se contentava com o produto do roubo: queria, igualmente, prender os ladrões e em particular Louis Ardena, seu chefe. Precisava, por isso, comparecer no local, antes que Tharot, com receio, fosse lá para roubar o seu amigo ladrão.

Três horas mais tarde, o inspector Fauvel falava na sua vivenda com o comissário da Polícia local. Contou-lhe como vira Tharot cavar um buraco com cinco metros de

profundidade, no local indicado no mapa e, depois, afastar-se aparentemente furioso por nada ter encontrado.

- E, apesar disso, o inspector está convencido de que o produto de roubo ainda lá está escondido? – perguntou o comissário.

- Perfeitamente convencido. O roubo está onde se encontrava. E preparo-me para o demonstrar.

***Porque é que o inspector estava tão confiante?***

### **Solução do problema:**

O inspector Fordney estivera no local assinalado antes de Tharot lá chegar e deslocou uma das pedras, colocando-a à mesma distância que estava da outra, mas numa direcção oposta. Depois, remexera a terra num ponto situado exactamente entre as duas pedras e fora aí que Tharot procurara em vão.

## Problemas Policiais #231

**Diário Popular 5859 – 31.01.1959**

Steve Foster releu a carta. Uma autêntica chantagem!

Dan Brannigan olhou para o espelho, abotoou o «smoking», apertou uma vez mais o nó do laço e procurou o seu revólver sobre a cómoda.

«Não lhe toque». Foster bateu com a porta do vestibulo. O tráfio abafou o ruído das duas detonações.

Matei-o em legítima defesa» assegurou Foster ao inspector Fauvel, mostrando-lhe o bilhete escrito pelo morto:

«Foster: se não me pagar na terça-feira os 150.000 francos que perdeu no clube, verá o que acontece a quem se faz esperto com Dan Bannigan».

O inspector Fauvel guardou o bilhete no bolso, pegou no revólver que pendia da mão direita de Branningan, abriu-o e verificou que tinha sido disparada recentemente uma bala. Depois, desabotoou o sobretudo do jogador, enquanto Foster prosseguia:

«Vim cá e disse-lhe que não lhe podia pagar. Branningan não disse uma palavra. Rápido como um relâmpago, pegou no seu revólver que estava sobre a cómoda e disparou. Não me atingiu e eu acertei-lhe antes que ele atirasse uma segunda vez. Caiu por terra, tentando ainda visar-me, mas o revólver escorregou-lhe na mão. Estava morto».

Fauvel viu os sinais duma bala na parede. Branningan tinha sido atingido mortalmente por uma bala no pescoço.

«Foi Banningan quem ganhou essa importância? – perguntou o inspector enquanto retirava um estojo de revólver sob a axila direita de Branningan.

«Não. Eu nunca o tinha visto antes. Eu devia essa soma a uns amigos dele».

«Perfeito». - disse Fauvel. «Você está preso por crime premeditado.»

***Como é que Fauvel sabia que Foster não agira em legítima defesa?***

### Solução do problema:

Branningan usava o estojo do revólver sob a axila direita e isto provava que ele era canhoto e portanto Foster mentia. Foster, que não conhecia Branningan, ignorava esse pormenor. Depois de o ter morto e de haver disparado para a parede com o revólver de Branningan, colocara-lhe a arma na mão direita. Este pormenor perdeu-o.

## Problemas Policiais #232

Diário Popular 5866 – 07.02.1959

Claude Cachin morrera. Trinta passos mais abaixo, no carreiro, seu irmão Georges agonizava.

As irmãs Delome, Edith e Manon, casadas com Claude e Georges, estavam perto do moribundo.

«Estou desolada – disse Edith, calmamente. – Sei que Georges é herdeiro, por morte de Claude, mas um assassino nunca pode beneficiar do seu crime. Por isso, quer Georges viva ou não, nada receberás da fortuna dos Cachin, mas eu ofereço-te de boa vontade um terço da minha parte».

«Isso é muito generoso da tua parte, Edith! Mas a situação modificou-se, com a diferença de que eu não te darei um chavo» - disse Manon. - «Se Georges viver, será ele que herdará o dinheiro de Claude. Se ele morrer, Claude, será reconhecido como o criminoso e serei eu a herdeira».

O inspector Fauvel apareceu no carreiro. Tinha ouvido a conversa.

Georges Cachin morreu enquanto o inspector examinava o seu ferimento.

Claude tinha tido morte imediata, ao ser atingido por uma bala no coração.

«Claude e eu íamos à frente no carreiro e Georges e Manon vinham atrás» - disse Edith. - «Eles haviam discutido toda a manhã. De súbito, Georges avançou até junto de Claude e ameaçou-o. Quando o meu marido se voltou, Georges disparou contra ele. Claude ripostou em legítima defesa e...».

«Isso é mentira!» - gritou Manon. «Foi precisamente o contrário. Sem aviso, Claude disparou contra Georges, o qual caiu por terra, conseguindo, no entanto, disparar contra Claude, para se defender».

Numa coisa as duas irmãs estavam de acordo: cada um deles só fizera fogo uma vez.

*Uma das irmãs mentia. Qual era?*

**Solução do problema:**

Sabemos que só foram disparados dois tiros e que Claude Cachin, atingido no coração, tinha tido morte imediata. Era-lhe impossível, depois de atingido, ripostar para se defender. Isto prova que Claude fora o primeiro a atirar, ferindo seu irmão Georges, o qual, para se defender, disparara por sua vez, atingindo mortalmente o irmão. Por esse motivo, Manon herdava o dinheiro dos Cachin, visto que Georges sobrevivera por alguns minutos depois da morte de Claude.

## Problemas Policiais #233

Diário Popular 5872 – 14.02.1959

O inspector Fauvel perguntou a Eleanor Blanchet se não se passara nada de anormal no dia da morte de Pierre Delage.

«Houve uma carta estranha», respondeu a linda secretária de Delage. Procurou-a no seu arquivo e mostrou-a a Fauvel. «Não tinha menção de ser pessoal e assim eu vi o que continha. Lembro-me perfeitamente da assinatura: «O fantasma esquecido».

«Quando o senhor Delage a leu, saiu imediatamente para casa e foi essa a última vez que o vimos aqui».

A que horas saiu ele do escritório?».

«Pelas 11 e 50». Blanchet guardou a carta e o inspector foi para casa de Delage.

«A assinatura da carta que seu irmão recebeu tem, em seu poder, um significado especial?» - perguntou Fauvel a Irma Delage, a irmã de Pierre, que estava entrevada havia já alguns anos.

«Sim». - disse a doente, «a assinatura é exactamente a do nosso primo Georges, que morreu há seis anos. É estranho, sabe, mas eu sempre tive a impressão de que Pierre era, de qualquer forma, responsável pela morte de Georges».

Novamente no escritório, Fauvel perguntou à secretária: «Por que motivo é que ninguém aqui, no escritório, conhecia a irmã do senhor Delage?».

«Porque» - respondeu Eleanor - «eles nos tinham proibido de ir a casa deles, fosse sob que pretexto fosse».

***De quem é que Fauvel desconfiou e porquê?***

## Solução do problema:

Como a carta enviada a Delage assinada «O fantasma esquecido» tinha ficado no escritório e não havia qualquer contacto entre o pessoal dali e Irma Delage, como é que esta podia saber como era a assinatura? Irma foi, portanto, acusada de cúmplice na morte de seu irmão.

## Problemas Policiais #234

Diário Popular 5879 – 21.02.1959

Que mulher bizarra – pensou Fauvel – que viveu sempre neste conjunto de coisas preciosas e fancarias.

O corpo da encantadora atriz Helena Goret, que haviam encontrado apunhalada, acabava de ser transportado para o necrotério.

Os únicos sinais evidentes do crime eram um punhal chinês, ensanguentado, e grandes manchas de sangue ao centro do divã, escondidas pelo corpo da assassinada, um livro fechado e um chapéu de homem atirado para um canto.

Não havia indícios de luta.

O inspector voltou-se para alinda criada, que estava muito excitada, e disse-lhe:

- Você diz, Maria – que quando entrou no salão, vinda da cozinha, onde esteve mais de uma hora, viu o homem que descreveu apunhalar «mademoiselle» Goret, que estava deitada no sofá, a ler?

- Sim, senhor; eu estava ali apavorada. O homem olhou para «mademoiselle» Goret durante um instante; depois voltou-se e viu-me; então, fugiu pela porta, deixando cair o punhal.

Pensativamente, Fauvel examinou o lindo punhal chinês, finamente cinzelado.

- E é tudo quanto sabe?

Maria concordou.

- Pois eu penso que não, mas talvez no Comissariado a saibam fazer falar.

***Como é que Fauvel sabia que a criada estava a mentir?***

## Solução do problema:

Se Helena Goret estivesse deitada no divã, a ler, quando foi apunhalada, como a criada dizia, não haveria manchas de sangue no meio do divã, que estaria coberto pelo corpo da morta.

## Problemas Policiais #235

Diário Popular 5886 – 28.02.1959

O morto segurava na mão esquerda o ás de espadas, o seu braço direito estava pendente e, no chão, via-se um revólver.

O inspector Fauvel examinou o corpo de Thomas Marton, que tinha a cabeça e o busto tombados sobre a mesa de bridge. As cartas estavam espalhadas.

Fauvel levantou a cabeça de Marton e nela viu, um pouco acima da fonte direita, um buraco ensanguentado.

Logo que se fizeram as fotografias e o corpo foi levado, o inspector sentou-se na cadeira de Marton e notou que a extremidade da mesa apresentava, por sua vez, marcas de sangue. Silenciosamente, ele estudou a disposição das cartas, enquanto o sargento Cargo olhava com impaciência. A dama de copas estava, também, manchada de sangue.

Marton, que vivia sòzinho numa moradia, tinha sido descoberto por um velho amigo seu, às 21 e 30. A porta não estava fechada à chave e as persianas estavam subidas.

O inspector ajoelhou-se e deu uma volta pela sala, não encontrando, porém, o que esperava. Dirigiu-se, então, à cozinha, fazendo sinal ao amigo de Marton para o seguir, e Cargo acompanhou-os, bocejando...

«Isto aqui está como quando cá chegou?» - perguntou Fauvel designando a banca seca.

«Não sei, porque não entrei na cozinha» - respondeu o amigo de Marton.

«Conhece algumas razões pelas quais Marton teria podido suicidar-se?».

«Pelo menos cinco».

À pergunta seguinte, formulada pelo inspector, o interpolado respondeu:

«Não sei onde ele o guardava, quando o utilizava. Porquê?»

«Porque» - acentuou Fauvel - «Marton não se suicidou. Foi assassinado e, depois, colocado tal como o descobrimos».

***Como soube Fauvel que não se tratava de um suicídio?***

**Solução do problema:**

Fauvel sabia que, se Marton tivesse disparado uma bala contra si próprio e tombado sobre a mesa de “bridge”, não haveria marcas de sangue à beira da mesa. Por consequência, Marton fora assassinado e, depois, arrastado para diante da mesa, e colocado na posição em que o inspector o descobriu.

## Problemas Policiais #236

Diário Popular 5893 – 07.03.1959

O inspector Fauvel, de cabeça descoberta sob a chuva diluviana, assistia ao enterro. A sua presença justificava-se pela admiração que lhe merecera Glória Mereves, uma das mais belas e brilhantes artistas do nosso tempo, a qual três dias antes fora encontrada assassinada no seu «appartement», provavelmente por um louco.

Não tendo tido um momento de repouso durante os últimos dois dias, Fauvel acabara por deter quatro suspeitos: Dufour, campeão de ténis; o escultor Buger; o autor dramático Inge e o grande pianista Pado.

Eis os elementos que permitiram ao inspector, descobrir o assassino, alguns minutos antes do enterro:

1.º - Uma semana antes da sua morte, Glória acompanhada do pianista Pado, tinha sido convidada a visitar a magnífica propriedade de Dufour.

2.º - Seis meses antes, o homem que viria a matar a grande artista tinha tentado suicidar-se naquela mesma propriedade, onde se encontrava igualmente como convidado, porque Glória recusara casar com ele.

3.º - Entre os papéis do escultor Buger, o inspector encontrara numerosas cartas, repassadas de ternura, que Glória lhe enviara no decurso dos últimos seis meses.

4.º - Embora Inge tivesse sido convidado por diversas vezes para a citada propriedade, era a primeira vez que ali ia. Flavel apurou, igualmente, que Glória e Inge tinham passado meia hora juntos, antes do regresso da artista à cidade.

***Quem matou Glória Mereves?***

## Solução do problema:

Dufour (1) está fora de causa, visto ser o dono da propriedade, e o assassino (2) ser um convidado. Burger (3) não conta, também, dado que Glória e ele gostavam manifestamente um do outro, ao passo que ela não amava o assassino (2). Inge (4) está igualmente inocente, pois a sua única visita à propriedade datava de há uma semana, e nós sabemos que o assassino já lá tinha estado seis meses antes. Por consequência, e por exclusão de partes, o culpado não pode ser senão o pianista Pado.

## Problemas Policiais #237

**Diário Popular 5900 – 14.03.1959**

O telefone retiniu no quarto do inspector Fauvel, que acordou logo ao primeiro toque e, seguindo o seu velho hábito, consultou o relógio. Eram precisamente 6 e 33. Levantou o auscultador e volvidos alguns segundos, o inspector disse em resposta à comunicação recebida: «De acordo, vou já. Não deixe que toquem em coisa alguma».

Dez minutos depois, ele estava no local. Depois de haver deitado uma olhadela às marcas de arrombamento que se notavam na porta, Fauvel, a quem o vento glacial de Inverno fazia tremer de frio (a temperatura era de uns 10 graus abaixo de zero) fechou a porta envidraçada do estúdio, que estava escancarada. Em seguida, examinou as prendas de casamento. Porque Marie-Jeanne, a filha do seu amigo Henry Trident, devia casar-se na tarde daquele mesmo dia. Cerca de três quartas partes das prendas que haviam desaparecido tinham sido enviadas por membros da família.

Se bem que de incontestável valor, esses presentes não eram, todavia, tão preciosos como outros que o ladrão tinha deixado. No chão, via-se, partido, um relógio que o ladrão devia ter deixado cair, na precipitação da fuga, e cujos ponteiros marcavam 3 e 20.

- Não mexeu em nada depois de ter chegado, às 6 e 30, e de ter descoberto o roubo? – perguntou ao criado de Henry Trident.

- Absolutamente em nada, inspector.

- Tem um plano regular de trabalho?

- Sim, inspector. Logo que inicio o serviço diário, passo sempre em primeiro lugar por esta dependência.

O inspector Fauvel deteve-se um instante e pareceu reflectir. Henry Trident tinha-o chamado pelo telefone às 6 e 33, depois de ter sido acordado ele próprio pelo seu criado. Eram agora 8 e 5. Tudo isto merecia reflexão.

- Creio que a família de Marie-Jeanne se opôs durante longo tempo, a este casamento, não é verdade? – perguntou ele ao seu amigo.

A tia de Marie-Jeanne não deu tempo a que Henry Trident respondesse, exclamando: - Oh, sim! E com razão...

Enquanto se curvava para aspirar o perfume inebriante das magníficas rosas cultivadas na estufa, o inspector surpreendeu um olhar interrogativo, trocado entre Marie-Jeanne e o seu irmão, Antoine.

- Quem foi a última pessoa a deitar-se a noite passada? – inquiriu o inspector.

- Crei ter sido eu – respondeu a irmã de Marie-Jeanne, a encantadora Christiane, acrescentando:

- Com os preparativos do casamento, julguei que nunca mais ia deitar-me, e entrei no meu quarto cerca das 2 e 30 da madrugada.

- Passou pelo estúdio?

- Passei. Parece-me que tudo se encontrava em ordem; no entanto, esse relógio não estava caído no chão, pois tê-lo-ia visto...

O inspector Fauvel virou-se, então, para o seu amigo Henry Trident, dizendo-lhe:

- Sinto muito, meu caro, mas o ladrão é cá de casa!

### ***Como chegou Fauvel a esta conclusão?***

## Solução do problema:

O criado tinha encontrado a porta envidraçada do estúdio escancarada, às 6 e 30. E o inspector fechou-a às 6 e 50. Uma hora e quinze minutos mais tarde, quer dizer, às 8 e 5, as rosas saídas da estufa conservavam ainda toda a sua frescura e perfume. Isto bastou para convencer o inspector de que alguém da casa tinha roubado as prendas e feito parar o relógio, atirando-o em seguida ao chão: e, após ter deixado sinais de arrombamento na porta do estúdio, deixara o local, alguns minutos somente antes das 6 e 30, por saber que o criado não tardaria a chegar. Ora, se a porta tivesse ficado aberta entre as 3 e 20 e as 6 e 50, as rosas saídas da estufa teriam murchado, batidas como seriam pelo vento glacial que durante todo aquele tempo sopraria no compartimento. O ladrão tinha, portanto, operado do interior.



## Problemas Policiais #238

**Diário Popular 5907 – 21.03.1959**

Pierre Duroc, o comandante do cruzador «L'Indomptable» mostrava-se imperturbável, enquanto o seu navio saía lentamente da baía para mergulhar no espesso nevoeiro do mar.

Na camarata dos oficiais, pairava um ar de mistério: ninguém, nem mesmo eles, sabiam o destino para o qual o almirante da esquadra enviava o navio. O comandante navegava sob ordens secretas que tinha recebido numa simples folha de papel antes da partida. Mas nem ele nem o Estado-Maior do almirante, que se encontrava também a bordo do cruzador, tinham posto ao corrente quem quer que fosse.

O ajudante de campo do almirante e o inspector Fauvel estavam sentados no salão.

- Não gostaria de saber qual o porto para que nos dirigimos, inspector? – perguntou o oficial.

- Estou ansioso por sabê-lo – disse Fauvel sorrindo.

O oficial riu por sua vez:

- Parece-me que é a primeira vez, desde há muitos anos, que o inspector não consegue desvendar um mistério. E, dizendo isto, estendeu a Fauvel a folha de papel que continha as ordens secretas, acentuando:

- Está aqui indicado o nosso destino, e o almirante disse-me que lhe pagava um a caixa de charutos, se conseguisse descobrir o nome da cidade para onde nos dirigimos. Devo dizer-lhe ainda que, não sendo nenhum dos que se indicam nesse papel, neles se contém, afinal, a chave do enigma. Quer tentar?

Ao pegar no papel, Fauvel viu que os nomes das cidades nele indicados eram os seguintes. MADRID – CLERMONT – AGEN – BEIRUT – BRISTOL.

E, volvidos alguns minutos, exclamou:

- Dê cá os charutos!

E indicou o nome do porto de destino.

*Qual era ele?***Solução do problema:**

A segunda letra de cada um dos nomes indicados, deu a Fauvel a solução do enigma: ALGER.

## Problemas Policiais #239

Diário Popular 5914 – 28.03.1959

O inspector Forget, da Polícia Judiciária, pediu ao seu amigo Fauvel, de regresso a Paris, que o ajudasse a resolver um caso de roubo particularmente desconcertante: 25 milhões de francos em notas. O que havia de curioso no caso é que o dinheiro havia sido roubado em Toronto, no Canadá.

Após seis semanas de investigações, as autoridades canadianas sugeriram que o roubo havia sido praticado por um certo Raymond Cassu, que deixara o Canadá logo após o roubo. O chefe da Polícia de Toronto telefonou para Paris, informando quais os sinais do suspeito e enviou as suas impressões digitais. Era tudo o que a Polícia sabia. Cassu havia estado preso no Canadá por chantagem e por isso conheciam a sua identidade.

Durante três semanas Fauvel, e Forget fizeram as suas investigações que os conduziram ao escritório de Jean Carat, detective particular.

«Sabe alguma coisa sobre o caso Cassu?» - perguntou-lhe Forget quando ele e Fauvel se sentaram no escritório.

«Sim e não».

Fauvel olhou o homem atentamente.

Carat tirou da secretária um impresso da Polícia Judiciária, com uma fotografia e a descrição do suspeito, dada por Toronto.

«Em minha opinião as autoridades enganam-se. Conheci Raymond Cassu no Canadá e este retrato não se lhe assemelha. Mas eu sei quem é.

«Quem é? - perguntou Forget.

«Alfred Servetti. Tenho a certeza».

«Que significa então essa fotografia falsa?» - perguntou Fauvel.

***Como é que o inspector sabia que a fotografia era falsa?***

## Solução do problema:

O inspector Fauvel compreendeu que o impresso que Carat lhe mostrava era falso, porque tinha um cabeçalho da Polícia Judiciária Canadiana. Ora isso era impossível porque do Canadá tinham telefonado dando a descrição do suspeito. E a polícia não tinha a fotografia. O inspector tinha razão: Carat aliás Cassu, procurava desviar as suspeitas para Servetti, um conhecido ladrão italiano, mas mostrara-se demasiado inteligente. E Carat foi preso por roubo.

## Problemas Policiais #240

Diário Popular 5921 – 04.04.1959

Fern Holt roubou o bloco de notas de estenografia de Rita Mayo, a secretária do almirante Snow, e transmitiu ordens secretas referentes à partida de um comboio. Kurt Lubber, o famoso espião, estava muito satisfeito.

«Tenho medo, Kurt», disse Fern, «quando Rita der pela desapareição do seu bloco na segunda-feira...»

«Impossível; ela não suspeita de nós e além disso aceitou o meu convite para domingo; então...» - Lubber riu... Fern estremeceu...

\*

O inspector Fauvel, que pescava num ponto não muito distante, compareceu, rapidamente, no local.

Lubber explicou:

«Rita estava de pé, a meio do banco de trás, voltada para a água, como era seu costume, embora eu já lhe tivesse dito que isso era perigoso. Em grande velocidade, chocámos com o tronco de uma árvore e ela caiu à água. Eu estava à frente, com «miss» Holt e ambos ficámos aniquilados com o desastre. Rita afogou-se, mas procurei recolher o seu corpo».

\*

O inspector Fauvel viu que Rita tinha o crânio fracturado. Reflectiu profundamente e disse: «As algas agarradas ao corpo de «miss» Mayo provam que ela lutou desesperadamente dentro de água. Há rochedos por aqui? Ela era boa nadadora?»

«Miss» Fern respondeu que sim.

«Em que direcção seguiam?» - prosseguiu Fauvel.

«Através do lago, para oeste».

O inspector interrogou outras pessoas que se tinham cruzado com o barco de Luber e todos responderam que, efectivamente, Rita estava de pé no banco de trás, virada para a água, como era seu hábito. Voltando ao local da tragédia, Luber mostrou a Fauvel um tronco de árvore que aflorava à superfície do lago.

O inspector sacou o seu revólver e apontou para o casal.

***Por que motivo é que Fauvel suspeitava que eles eram os assassinos de Rita? Como sabia ele que a morte dela não era accidental?***

### **Solução do problema:**

Se o acidente se tivesse verificado como Luber e Fern Holt pretendiam, Rita teria sido atirada para trás, para dentro do barco, e não para a água. O choque provocado causou a fractura do crânio de Rita, posteriormente atirada para a água pelos criminosos.

## Problemas Policiais #241

Diário Popular 5921 – 04.04.1959

«Mas, meu caro Fauvel» - disse Pierre Bouchard - «você está em contradição: ensina a investigação do crime por processos científicos e, no entanto, mantém que, na maioria dos casos, não se encontra o criminoso pela técnica, mas graças à observação e ao bom senso».

«Sim, é exacto» - disse o inspector a sorrir, enquanto aproximava o seu cadeirão do lume que crepitava na lareira.

«Quando a ciência se revela ineficaz é interessante ver os resultados que a lógica permite obter. No caso Delachat, por exemplo, a defesa acentava inteiramente no facto de que era necessário provar perante um júri, não demasiado científico, que Julie Delachat era surda do ouvido esquerdo e que como o seu ouvido direito, doente, havia sido tapado com algodão, ela não ouvira o tiro fatal, disparado com um silenciador, na sala onde ela se encontrava. Como é que se podia provar que ela tinha razão ou mentia?»

«Então – prosseguiu Fauvel – a defesa escreveu duas cartas de texto diferente, mas com igual tamanho que mostrou ao júri e sugeriu que elas fossem lidas em voz baixinha aos ouvidos de Julie Delachat, a qual diria ao tribunal o que tivesse escutado, e assim se fez. Julie repetiu sem hesitação o que lhe foi murmurado junto do ouvido direito e afirmou que não ouvira nada do que lhe haviam sussurrado junto da orelha esquerda...»

Bouchard pareceu desconcertado e disse: «Parece-me que necessito de uma explicação. Julie era ou não surda do ouvido esquerdo?»

***Pode o leitor dar uma opinião?***

## Solução do problema:

O facto de Julie ter repetido apenas o que lhe murmuraram junto do ouvido direito prova que ela era surda do ouvido esquerdo. Na realidade, se ela ouvisse bem dos dois ouvidos, não seria capaz de repetir apenas a história que lhe murmuraram junto do ouvido direito e faria confusão, juntando parte das duas cartas que, como se sabe, embora do mesmo tamanho, variavam no texto. Quem tiver dúvidas pode experimentar isto com um amigo, tapando-lhe bem com algodão, um dos ouvidos...

## Problemas Policiais #242

Diário Popular 5935 – 18.04.1959

«E a mosca caiu estupidamente na teia da aranha!» - murmurou para si próprio, reprimindo mal um sorriso de satisfação, o inspector Bare, enquanto Noelle Ronet entregava a sua ficha de identificação num pequeno hotel de Montparnasse.

Alguns instantes mais tarde, o inspector Bare dava as suas instruções aos três agentes que o coadjuvavam.

«Noelle Ronet instalou-se naquele hotel, que só tem uma entrada. cedo ou tarde irá encontrar-se com o seu amigo Lou Renuccini. Sei que ela lhe traz os estupefacientes porque ele é um toxicómano que não pode viver sem morfina. Mas ele é desconfiado e só acredita em Noelle. Compreenderam o seu plano? O que têm a fazer é seguir Noelle sempre que ela saia do hotel. Ela acabará por os conduzir a Lou Renuccini. Sabemos que foi ele o assassino de Roger Marinelli. Agora apanhá-lo-emos».

Algum tempo mais tarde, no escritório do inspector Fauvel, Bare tinha um ar contristado e perplexo.

«Não percebo nada. Coloquei três homens para vigiarem Noelle Ronet dia e noite. Assim o têm feito. Noelle sai várias vezes ao dia, e é sempre seguida por um agente, mas nunca foi surpreendida na companhia daquele que procuramos. Ora eu tenho a certeza de que eles já se encontraram. Mas onde é que seria?».

O inspector Fauvel sorriu.

«Vamos – disse ao seu colega estupefacto. Siga-me, pois vou indicar-lhe o sítio onde está Lou Renuccini. Não está muito longe...».

*Como é que Fauvel terá descoberto o seu esconderijo?*

## Solução do problema:

O inspector Bare caíra na própria armadilha que estendera ao criminoso e Fauvel adivinhou-o imediatamente. Noelle era seguida 24 horas em cada 24, nas suas mais pequenas deslocações, por três homens que se rendiam de 8 em 8 horas. Lou Renuccini, depois de se assegurar, pelo telefone ou de qualquer outra forma, de que Noelle saíra do hotel, ia lá ter e esperava-a no seu quarto. Noelle regressava, passava algumas horas no hotel e depois voltava a sair, seguida pelo agente. Pouco depois, Lou voltava ao seu esconderijo. Foi no hotel onde se hospedara Noelle, que Fauvel o surpreendeu.

## Problemas Policiais #243

Diário Popular 5942 – 25.04.1959

«Penso – dizia Fauvel aos seus alunos – que nenhuma pessoa sã atravessou a vida sem que, em determinado momento, se concentrasse sobre qualquer coisa. E, no entanto, a falta de concentração é geral porque, concentrar-se é difícil e exige um esforço do cérebro. Se vos digo tudo isto é para chamar a vossa atenção».

Fauvel olhou os alunos e disse:

«Agora vou apresentar um problema, que porá à prova a vossa capacidade de observação e de reacção rápida, qualidades indispensáveis para um bom polícia. Escutem com atenção e concentrem-se».

«Indo a caminho de Saint-Yves encontrei um homem com sete mulheres.

Cada mulher conduzia um saco e cada saco continha sete gatos; cada gato tinha sete gatinhos».

***«Agora – perguntou Fauvel – Digam depressa quantas pessoas e animais iam para Saint-Yves.»***

## Solução do problema:

Apenas uma pessoa ia para Saint-Yves: Fauvel, que encontrou no caminho o homem, as sete mulheres e os gatos e gatinhos.

## Problemas Policiais #244

Diário Popular 5948 – 02.05.1959

Iluminando com a sua lanterna de bolso, o inspector Fauvel retirou a pedrinha que viu no profundo ferimento da cabeça da loira Martine Carel; estudou-a com a sua lupa e depois inspeccionou a ferida que se via na testa. A forma estranha do ferimento intrigou Fauvel.

Reparou também no grande espelho partido que se via no carro.

«Que é que aconteceu exactamente? Por que motivo é que sua mulher estava no assento traseiro?»

«Martine segurava este espelho que tínhamos mandado arranjar à cidade; era demasiado grande para poder seguir à frente a meu lado. Eu estava fatigado, mas Martine insistiu em que fôssemos à quinta de Claudine Montet. Finalmente, partimos dali cerca da meia-noite. Como pode verificar, a estrada está perigosa por causa da neve. No momento em que me preparava para fazer uma curva, surgiu um autocarro que ocupava quase toda a estrada. Fiz uma travagem e o carro derrapou. Martine deve ter-se inclinado e o espelho caiu sobre ela. Quando parei para ver o que se passava fiquei aterrorizado. Martine estava dobrada sobre si mesma, sangrando imenso. Corri rapidamente à quinta dos Montet, a pedir auxílio.

«Tocou no corpo?».

«Não; não lhe toquei».

Fauvel examinou novamente o assento traseiro.

«Onde é que parou depois de terem saído de casa dos Montet?».

«Porquê... não... não parei em lado algum».

«Avisem o comissário – disse Fauvel – pois isto apresenta o ar de um crime».

***Por que motivo é que Fauvel pensava assim?***

## Solução do problema:

Quando Fauvel encontrou uma pedrinha no ferimento de Martine, compreendeu que ela não havia morrido dentro do carro, onde ele a viu, mas sim fora. Tinha sido colocada dentro do carro para confirmação da história de seu marido.

## Problemas Policiais #245

**Diário Popular 5948 – 02.05.1959**

Isto passou-se em 10 de Junho de 1939. Durante uma acalmia da violenta tempestade que sacudia violentamente o barquito «La Basquaise», ouviu-se um tiro. O inspector Fauvel, que participava na viagem, viu o criado Alfred Sarat inclinar-se sobre o corpo de Joseph Blandon.

«Acabo de o encontrar.» – disse ele.

Nesse instante a tempestade voltou a fazer-se sentir e o céu iluminou-se como um gigantesco braseiro. Um quarto de hora mais tarde, prosseguindo as suas pesquisas, o capitão do barco e Fauvel penetravam no camarote de Paul Evete.

«Sim» - disse Evete, «ouvi a detonação; eu estive a traduzir este livro para chinês até esse momento».

Fauvel aproximou-se e viu várias folhas de papel cheias de caracteres Chineses, nítidos e muito bem desenhados, e ao lado o livro que ele traduzia.

O camarote seguinte era ocupado pela pequena cantora Jiji Yashimata.

«Fiquei apavorada com a tempestade» - disse ela - «e saí para o corredor, indo para o camarote do meu empresário, Paul Bertrand. Quando surgiu a acalmia julguei que a tempestade cessara e preparava-me para regressar ao meu camarote quando ouvi o tiro. Quis ficar, mas Paul Bertrand disse-me que era melhor eu vir, o que fiz. É tudo».

Interrogado, por seu turno, Paul Bertrand disse exactamente a mesma coisa que a jovem cantora. Acrescentou que sabia por experiência pessoal que quando se produzia um acidente desse género, o pessoal do barco preferia que cada um se mantivesse nos seus camarotes. Fauvel notou uma cicatriz na sua face esquerda; depois, falou um momento calmamente com o capitão e efectuou, finalmente, uma prisão...

***Quem foi preso? Porquê?***

## Solução do problema:

Foi Paul Avete o preso. Fauvel sabia que com uma tempestade daquelas seria impossível a qualquer pessoa encher tantas páginas com uma escrita tão bela e certa em língua chinesa.

## Problemas Policiais #246

**Diário Popular 5962 – 16.05.1959**

O inspector Fauvel empunhou uma faca que estava em cima da mesa da cozinha e precipitou-se sobre a sua secretária François Larat. Esta recuou e apoiou decididamente o dedo no gatilho da sua automática. Fauvel caiu.

«Foi assim que Grace Collet foi assassinada?» - perguntou Fauvel às duas jovens que se encontravam à porta da entrada, a alguns passos, vestidas exactamente como elas o estavam no trágico dia.

«Sim – explicou Jacqueline Bertrand. – Grace precipitou-se para mim com essa faca na mão, para me matar. Eu tinha trazido um revólver porque tinha medo dela. Quando vi que era a sua vida ou a minha, disparei».

«É uma mentira – gritou Monique Daret. – Jacqueline matou friamente a minha prima Grace. Eu vi o que aconteceu e não foi como o senhor esteve a reconstituir».

Por detrás dos seus óculos, os olhos de Monique pareciam faiscar.

Fauvel avançou para a chaminé onde havia um belo lume e olhou para fora, onde a neve caía, varrida por um vento glacial. O mesmo tempo que fazia no dia do crime.

«Que se passou, então?» - perguntou Fauvel.

A sala onde se encontravam estava na verdade, demasiado quente.

«Eu moro perto daqui, na mesma rua – disse Monique. – Por isso vim a pé e abri a porta, pois tenho uma chave da casa de Grace e entrei no salão. Daqui vi o que se passava na cozinha. Grace não tinha faca nenhuma na mão e não se precipitou sobre Jacqueline. Quando eu entrei, ela estendia a mão para apanhar um copo e Jacqueline sacou um revólver da sua mala de mão e disparou friamente.

«Você – disse tranquilamente o inspector Fauvel – não viu o que está a contar».

***Por que dizia ele isto?***

***(É um problema de dedução.)***

### Solução do problema:

Os óculos de Monique teriam ficado embaciados no momento em que ela entrasse no apartamento, por causa da diferença de temperatura que existia entre o exterior e a casa de Grace. Assim, ter-lhe-ia sido impossível ver, fosse o que fosse na cozinha, através dos seus óculos.

## Problemas Policiais #247

Diário Popular 5969 – 23.05.1959

Reinava silêncio no pavilhão de caça. Por um caso de telepatia, ambos sabiam. Helena Paris sabia que o primo de seu marido, Robert Nabor, queria matá-la, e ela desejava fazer-lhe o mesmo.

O seu amor morreria e transformara-se em ódio. Estavam sós; o momento era oportuno. Se o inspector Fauvel não estivesse tão longe... Mas... Os olhos de ambos encontraram-se. A morte estava ali.

Robert colocou Helena sobre o banco e deixou que o seu sangue corresse abundantemente. Esperava calmamente. De súbito teve uma inspiração. Por que não pensara nisso mais cedo?

\*

Como precaução, o inspector afastou a roupa limpa e cuidada das costas de Helena e observou a forma das suas feridas. Uma delas estava um pouco abaixo do coração; a outra, no ombro direito.

Fauvel estremeceu de frio e reparou no espesso «pull-over» usado por Nabor.

Robert Nabor disse: «Divertíamo-nos a atirar. Eu ia atirar quando o alvo caiu. Helena correu a arranjá-lo, e ficou na trajectória do revólver. Nesse momento disparei dois tiros. Sabe como estas armas são rápidas... Coloquei-a sobre o banco; depois telefonei-lhe e cuidei das feridas dela, ligando-a. Ela sangrava abundantemente mas o seu pulso continuou a bater até o senhor chegar. Depois...

Fauvel reflectiu: Nabor telefonou-me às 8 e 22 e cheguei aqui às 8 e 43. Ela deve ter morrido entre as 8 e 40 e 8 e 43. Olhou para as mãos de Nabor e viu que estavam manchadas de sangue. Disse-lhe então, com voz firme: «Está preso».

***Porque prendeu Fauvel, Robert Nabor?***

## Solução do problema:

Helena sangrou abundantemente. Nabor disse que havia cuidado das feridas, ligando-as, logo após haver telefonado a Fauvel e que Helena só morreria pouco antes de este chegar. No entanto, as mãos de Nabor estavam cheias de sangue, embora as ligaduras estivessem limpas. Isto provava que não só Nabor não tocara o vestuário de Helena, com as suas mãos cobertas de sangue, (como teria acontecido se a sua história fosse verdadeira) mas também que Helena já estava morta quando ele ligou as suas feridas. Se ela estivesse viva nesse momento, o sangue teria manchado as gazes e ligaduras.

## Problemas Policiais #248

Diário Popular 5976 – 30.05.1959

Paul Delaney jazia num lago de sangue, deitado de costas, na sala de banho, tendo como único vestuário uma calça de pijama. Uma pantufa estava no seu pé esquerdo e a outra debaixo do lavatório. Tinha uma ferida aberta na garganta; ao lado da sua mão, uma navalha de barba, barata, aberta.

O inspector Fauvel voltou o corpo suavemente: a nuca de Delaney estava limpa e havia sido raspada recentemente.

Fauvel apanhou o casaco do pijama num canto e viu que ele estava limpo; depois afastou as cortinas húmidas, de plástico, e examinou o chuveiro. Este devia ter servido pois as toalhas, molhadas, haviam sido negligentemente atiradas para o chão.

Pierre Bruchet, que partilhava o aposento com Delaney, explicou:

- Voltei a casa um pouco depois da meia-noite e encontrei-o assim. Sujei o meu sapato de sangue ao entrar na casa de banho para acender a luz. Não toquei em nada. Não seria capaz».

- Ah! – disse Fauvel – A luz estava apagada?

- Sim!

-Tem algum álibi?

- Tenho necessidade disso?

- Certamente! Se não tivesse havido um erro estúpido, isto poderia ter passado por acidente. Por que motivo você, ou o assassino, teriam cometido esse erro, ignoro-o, mas sei que se trata de um crime.

***Qual é o erro de que fala o inspector?***

## Solução do problema:

Fauvel encontrou Delaney deitado de costas, com a garganta aberta, e quando o voltou viu que a sua nuca estava limpa. Isto provava que Delaney tinha estado, durante todo o tempo em que a ferida sangrou, voltado com o rosto para o chão, e que só havia sido colocado de costas quando já não corria sangue. De outra forma a sua nuca estaria também cheia de sangue.

## Problemas Policiais #249

Diário Popular 5983 – 06.06.1959

Tito, o «clown», estava morto. Ele, que durante tantos anos, tinha alegrado milhões de crianças e distraído, por um momento, os seus pais, jazia no pavimento da sua tenda, com uma bala na cabeça. Um revólver estava caído por terra, ao lado da sua mão direita.

O cano do revólver, pensou Fauvel, estava novo, enquanto a coronha parecia ser velha. Voltou-se para o subdirector Bruno Holtz.

- Quando Tito não respondeu à chamada – disse Holtz – vim aqui à sua tenda e encontrei-o caído no chão. Não toquei em nada e afastei toda a gente daqui até o senhor chegar.

- Toda a gente? Mas não há um médico no vosso circo?

- Sim. Mas ele não estava cá. E, além disso, Tito já estava morto. Eu vi isso bem, ao entrar!

- Mas não viu isso assim que entrou, pois não? A tenda estava às escuras quando cá entrou, não é verdade?

- É verdade! Mas como é que o sabe? – perguntou Holtz, surpreendido.

- Apesar de todo o ruído que havia à volta, é curioso que ninguém tivesse ouvido o ruído da detonação. – observou Fauvel, sem fazer caso da pergunta de Holtz.

Os seus olhos percorreram a tenda e depois ajoelhou ao lado do corpo e passou os dedos pelas enormes luvas e examinou-as, assim como aos enormes sapatos habituais dos «clowns». Depois ergueu-se e disse para o sargento Cargo, que parecia disposto a prender Holtz:

- Ainda não. De momento, o que sabemos é que Tito não se suicidou, mas foi assassinado.

***Que é que indicava a Fauvel que Tito fora assassinado?***

## Solução do problema:

Era evidente que Tito não podia ter disparado a bala, tendo nas mãos as enormes luvas de «clown». Quando Holtz confirmou que a tenda estava às escuras, Fauvel deduziu que o assassino não havia visto que Tito tinha calçadas as imensas luvas quando o atingira. Caso contrário deveria ter-lhas tirado depois de o matar.

## Problemas Policiais #250

**Diário Popular 5989 – 13.06.1959**

Fauvel lançou um olhar para a garrafeira, perto da cozinha e abriu a porta, dirigindo-se para o longo corredor que conduzia ao escritório do colecionador Marckley. Este encontrava-se caído no chão.

- Correspondíamo-nos há algum tempo sem nos conhecermos – explicou Quentin.  
- Eu tinha combinado encontrar-me com ele esta tarde, às 13 e 30, para lhe mostrar algumas peças. Quando cheguei, Ernest conduziu-me junto do seu patrão e deixou-me. Vi Marckley desmaiado e corri para a cozinha, para ir buscar um licor para o reanimar. Depois, Ernst voltou.

O inspector viu algumas manchas de licor no fato do morto. Por sua vez o criado falou também.

- Eu devia sair quando este senhor chegou, pois eu vou ao cinema todas as terças-feiras às 13 e 30. Percorri uns cem metros quando me lembrei de que tinha cá deixado o bilhete de cinema que me haviam dado. Voltei a casa e encontrei este homem com uma garrafa na mão. Ele matou o meu patrão. Tenho a certeza.

- Há quanto tempo estava aqui ao serviço?

- Há seis semanas, senhor inspector.

- Mostre-me o bilhete do cinema. – pediu o inspector.

- Vou buscá-lo ao meu quarto...

- O seu quarto, onde, aliás, encontrei o revólver que serviu para matar este homem.  
- interrompeu Fauvel. – Agente, dê-me as algemas

***Qual dos homens vai Fauvel prender?***

## Solução do problema:

Fauvel prendeu Quentin. Este declarou que não conhecia o colecionador, mas tinha ido directamente à cozinha, encontrando a garrafeira sem dificuldades.

## Problemas Policiais #251

Diário Popular 5996 – 20.06.1959

- Leu nos jornais como um dos meus jovens inspectores esclareceu o crime da margem esquerda? – disse o comissário Rosland, radiante.

- Não. Eu não estava em Paris – respondeu Fauvel. – Mas conte-me o que se passou.

- Pois, meu caro, o jovem Charles estava lá quando o crime foi assinalado no posto do «boulevard» Raspail. Foi bastante inteligente para seguir atrás da brigada criminal até ao apartamento onde Henry Boilet estava deitado na cama, coberto de sangue, e com um revólver caído no chão, sobre penas ali espalhadas.

A dona da casa, a senhora Lebail, disse que pela 1 e 30 alguém viera visitar Henry Boillet. Ela saíra, mas escutara por trás da porta. «Os homens pareciam zangados» - disse ela. Acrescentou que abrira a porta no momento em que Boilet, que estava deitado, tirara um revólver debaixo do travesseiro e disparara sobre o visitante. Falhou, mas o estrangeiro, por sua vez, atirou também e o revólver caiu das mãos de Boilet. Imobilizada pelo medo, a senhora Lebail ficou ali a olhar para o homem que ainda não a havia notado. Viu-o rasgar a almofada e espalhar as penas pelo aposento, e depois rasgar também o colchão. Voltando-se, finalmente, o homem viu-a e saiu empurrando-a.

Rostand fez uma pausa e prosseguiu:

- E foi então que o jovem Charles se distinguiu. Os homens da brigada criminal não sabiam por onde começar e ele provou-lhes que a senhora Lebail estava a mentir. É evidente que ela mentia – concordou Fauvel.

***Por que é que a senhora Lebail mentia?***

## Solução do problema:

A senhora Lebail disse que o assassino rasgou a almofada e espalhou as penas, depois de ter morto Boilet, mas Charles notou que o revólver do morto estava sobre as penas, o que não seria possível se a dona da casa estivesse a falar verdade.

## Problemas Policiais #252

Diário Popular 6003 – 27.06.1959

Sentada diante do seu toucador, a encantadora atriz Geneviève Prévin dava o último retoque à sua maquilhagem e via se o «batón» cobria bem os seus belos lábios. Subitamente teve uma ideia: o seu amigo, Carlos, certamente que era rico; enquanto ela estava quase sem dinheiro. Por que motivo...

- Marie, Marie... - chamou ela.

- Pronto, minha senhora.

- Marie; tu és minha amiga... Queres ajudar-me?

- Tudo o que a senhora quiser!

- Um pouco mais apertado, Marie. Aperta os meus punhos e os tornozelos, o mais que possas. É preciso que vejam as marcas...Ai! Assim...

\*

- Os bandidos foram amáveis. – disse o inspector Fauvel, apanhando a mordaza limpa, mas amarrotada e rasgada.

- Eles trouxeram esta gaze com eles?

- Não. Encontraram-na na casa de banho. – esclareceu Geneviève. Julguei que a podia tirar facilmente, mas depois de ma terem posto sobre a boca, amarraram-me à cadeira... e nada amavelmente; ainda me doem os pulsos. – concluiu ela mostrando os sinais.

Fauvel examinou-lhe os pulsos e os tornozelos.

- As jóias que lhe roubaram estão seguras?

- Claro! – sorriu Geneviève.

Fauvel fez um esgar e disse:

- É uma história infantil, minha senhora. Acho melhor que as jóias apareçam antes que surjam por aí os detectives da companhia de seguros.

*Como é que Fauvel sabia que se tratava de um roubo simulado?*

**Solução do problema:**

Fauvel viu que a história era falsa porque a mordada não tinha sinais de «baton». Na sua repugnância em ficar amordaçada, nem que fosse por um momento, Geneviève esqueceu-se desse pormenor importante.

## Problemas Policiais #253

**Diário Popular 6010 – 04.07.1959**

Madeleine Régnier saiu da prisão; livre após dois anos de inferno. Ela nunca voltaria a fazer o que a levava ali. Nunca! Esse regresso à vida honesta foi duro mas ela lutou corajosamente contra as tentações de facilidades que lhe surgiam.

Havia já dois anos que ela era a mulher do conhecido arquitecto Roberto Cassuti.

Ela era muito feliz. Julgando o seu passado enterrado, nunca falara dele ao marido. E depois, um dia, uma voz ao telefone disse-lhe que se ela não enviasse um milhão de francos para um certo bando da praça Monceau, o seu marido seria informado...

Madeleine teve medo; vendeu as suas jóias e pagou; Mas Robert soube da venda das jóias e do que as motivara, e disse-lhe que estava já ao par do seu passado antes do casamento; isso em nada poderia alterar a sua felicidade. No entanto, entendeu dever falar ao seu amigo inspector Fauvel.

De várias fontes, Fauvel recebeu as seguintes indicações sobre o bando dos chantagistas:

Os membros da quadrilha eram:

Olga Hanson, Laura Amst, Jacques Petit, Leonel Nash e Georges Dury.

1.º - Um deles era advogado e tinha relações no mundo político.

2.º - Nash tentara recentemente arrastar o advogado a fim de conseguir a sua protecção para uma história de jogo, mas o advogado desconfiava de Nash e recusou.

3.º - Dury e o advogado detestavam-se cordialmente por causa de uma das mulheres.

4.º - Olga sabia que o instigador da chantagem contra Madeleine recebera do advogado, a mais, a importância de 200.000 francos. Essa pessoa estava em boas relações com o advogado.

Dois dias mais tarde a quadrilha estava presa.

*Quem fora o instigador da chantagem contra Madeleine Cassuti?*

**Solução do problema:**

1.º - O advogado não era Nash. 2.º - O advogado não era Nury. Portanto, é Jacques Petit. 3.º - Olga Hanson não fora a instigadora da chantagem. Petit dera mais 200.000 francos ao instigador, que é seu amigo. Essa pessoa não é Nash, nem Dury, nem Olga. Portanto, trata-se de Laura Amst.

## Problemas Policiais #254

**Diário Popular 6017 – 11.07.1959**

- Onde é o telefone? – perguntou um homem jovem, com os cabelos em desalinho e os olhos espantados, precipitando-se na pousada de Coc Hardy.

O proprietário, Merillo, apontou com o indicador para o telefone automático, observando-o com os seus olhares frios. Um pouco depois, o jovem falava para o Comissariado. Merillo estava a seu lado.

- Daqui fala Paul Cartier... Estou no Coc Hardy... A minha noiva acaba de ser raptada... Pelo amor de Deus, vejam se a encontram... Eu...

- Deixe-se ficar onde está! – ordenou uma voz do outro lado do fio.

\*

- Estou noivo de Lilliane Poiret – explicou Cartier – e passeávamos de automóvel. Parámos um momento no bosque de Vincennes.

- É a cerca de três quilómetros daqui, não é Merillo? – perguntou Fauvel.

O proprietário concordou e contou a Fauvel como é que o jovem esfalfado e sem chapéu, havia irrompido em casa dele, um pouco depois da meia-noite.

- De súbito – prosseguiu Cartier – um homem mascarado abriu a porta, apontou o revólver às minhas costas e ordenou-nos que descêssemos do carro. Lilliane desmaiou. O homem roubou tudo o que eu tinha nas algibeiras: Algumas cartas, o meu lenço, um lápis, absolutamente tudo! Depois, bateu-me com a coronha do revólver e quando eu voltei a mim Lilliane e o carro tinham desaparecido. Vim aqui e liguei para a polícia.

- O homem mascarado também lhe roubou o chapéu? – inquiriu Fauvel.

- Eu não uso.

- Fauvel voltou-se para Merillo e interrogou-o também:

- E você, onde é que estava entre as onze horas e a meia-noite?

- Regressava da cidade, de automóvel.

Fauvel foi então ao telefone e ligou para o Comissariado. Havia alguma coisa que não estava certa.

### *O que era?*

### Solução do problema:

Se a Cartier tivessem tirado tudo o que tinha nos bolsos, como ele pretendia, não poderia fazer o telefonema para o Comissariado, pois, nos telefones automáticos é preciso meter uma moeda.

Com base nesta dedução, Fauvel fez um interrogatório cerrado e Cartier acabou por confessar o horrível assassinio de sua noiva.

## Problemas Policiais #255

**Diário Popular 6024 – 18.07.1959**

Nesse sábado, 4 de Julho, o inspector Fauvel sentia-se feliz com a ideia de um fim-de-semana no campo, quando soube da morte da encantadora bailarina das «Folies Bergère», Jacqueline Vilmin, que havia sido encontrada assassinada no seu apartamento de Paris, na véspera, à noite.

Estavam as impressões digitais de Georges Calton, o rico industrial, na caixa de bombons e na cigarreira de Jacqueline, mas quando o interrogaram afirmara que nunca pusera os pés no apartamento de Jacqueline.

Levara-lhe uma caixa de bombons e apanhara a cigarreira que ela deixara cair ao levantar-se da mesa; entregara-lhe as duas coisas na sexta-feira, à noite, ao acompanhá-la até à porta de sua casa, de regresso de um restaurante.

Monique, a mulher de Georges, explicou igualmente a presença das suas impressões digitais num copo. «Meu marido pedira-me o divórcio, a fim de casar com Jacqueline. Fui vê-la ontem, à noite, e no decorrer da nossa discussão ela sentiu-se mal e eu dei-lhe um copo de água».

Naturalmente, Fauvel encontrou as impressões de Pierre Vilmin, o marido de Jacqueline, em todo o lado: nos livros de cheques, no extracto das contas do mês de Junho, nos alimentos, no bar, etc...

Pierre disse que estava no mar desde o domingo anterior. Na noite fatal encontrava-se em Londres e ouvira a notícia pela rádio. Voltara imediatamente a casa.

Impressões digitais de Roxane foram encontradas na secretária. Roxane era amiga íntima de Jacqueline e vivia no mesmo prédio.

Roxane disse que estivera em Lyon nessa noite.

O inspector sentou-se e suspirou. Sabia, agora, qual das pessoas interrogadas mentira.

## *Qual fora?*

### Solução do problema:

O álibi de Pierre Vilmin era falso. Fauvel encontrou o extracto das contas do mês de Junho, escrito com a sua letra. Ora, este pretendia ter saído em viagem no domingo anterior, isto é: em 29 de Junho. O extracto não deveria estar feito, pois Vilmin só agora regressara, segundo dizia. Vilmin mentia: voltara a casa. Com esta prova, Fauvel obteve a sua confissão.

## Problemas Policiais #256

**Diário Popular 6031 – 25.07.1959**

Carmen Romero assinou as suas últimas vontades e caiu esgotada sobre a almofada. Fauvel suspirou: mais um assunto arrumado.

Ao deixar Cármen, o inspector passou diante do Serviço de Urgência. Uma voz gritava: «Pelo amor de Deus, enfermeira, faça qualquer coisa antes que o veneno a mate! Onde está o médico! Mas, ninguém fará nada por ela?»

Fauvel entrou após o doutor Bertrand. Não podiam fazer nada pela infeliz, apesar dos esforços do médico, para combater os efeitos do veneno, e a pobre mulher morria pouco depois.

Entre dois soluços o marido contou a Fauvel que, regressando da cidade, encontrara uma ambulância diante da sua casa e a porta desta aberta. Interrogou o condutor que lhe disse «Hospital Baujon» e desapareceu. Fez meia volta com o seu carro e seguiu atrás da ambulância, chegando ao hospital alguns minutos depois desta.

- A sua mulher tinha algum motivo para se suicidar?

Henry começou a soluçar outra vez.

- Confesso que eu não era um marido modelo. Eu sabia que ela não era muito feliz, mas nunca pensei que pudesse chegar a isto!

- Que fazia na cidade?

- Comprava algumas bebidas pois tínhamos convidados esta noite.

Ao sair do hospital, Henry ofereceu-se para levar o inspector a casa.

- Vamos directamente ao Comissariado – respondeu Fauvel. - Terá de me dar algumas explicações...

***Por que motivo é que Fauvel suspeitava de Henry?***

## Solução do problema:

Henry não podia adivinhar que sua mulher estava envenenada. Traíra-se quando, logo ao chegar ao hospital, gritara: «Faça qualquer coisa antes que o veneno a mate!». Um pouco mais tarde, Henry confessava a Fauvel o seu crime.

## Problemas Policiais #257

**Diário Popular 6038 – 01.08.1959**

Ao passar no campo, o jovem Eddy Cassidy encontrou o corpo de Lili Labet.

Informado da morte de Lili, o professor Robert Milet deu mostras de profunda emoção.

- Essas nódoas de sangue no seu carro?...

- Há dois dias – explicou Robert – seguia a 70, ao chegar ao princípio da subida de St-Cloud, quando tive de virar bruscamente e para evitar um choque. O meu cotovelo bateu violentamente no nariz de Lili, que sangrou com abundância.

- E esta pá, que está aqui atrás? – perguntou Fauvel.

- Lili e eu tínhamos transplantado alguns arbustos nesse dia e deixei aí a pá esquecida.

\*

Evitando uma colisão, Fauvel virou o volante à direita, na curva do princípio da subida de St-Cloud.

O inspector pegou no vestuário de Lili, no assento do carro e viu que ele tinha largas manchas de sangue.

- Então ela deitou sangue do nariz antes de transplantarem os arbustos?

- Sim.

Fauvel abanou a cabeça e disse:

- Você seria preso de qualquer maneira, mas surpreende-me que um professor minta de maneira tão estúpida...

***Qual foi a mentira que justificou a imediata prisão de Milet?***

## Solução do problema:

A existência de sangue sobre o assento do carro, explicou-a Milet como resultante de uma violenta pancada dada com o cotovelo no nariz de Lili, quando fez uma viragem brusca. Mas como Milet virou para a direita (Fauvel fez a experiência no mesmo local) não poderia ter batido com o cotovelo no nariz de Lili, fazendo-a sangrar. Esta mentira provou a Fauvel a culpabilidade de Milet.

## Problemas Policiais #258

Diário Popular 6045 – 08.08.1959

O inspector Jean Forget, que acabara recentemente um brilhante inquérito criminal em Neuilly-sur-Seine, sentia boa disposição, ao encaminhar-se para casa do seu amigo, o inspector Fauvel, que o convidara para passar o serão.

- Foi pena que não estivesse em Paris quando rebentou o caso Madora, meu caro Fauvel. – disse Forget, saboreando um «whisky».

Fauvel sabia perfeitamente que Forget gozava a esperança de o submeter a uma prova.

- Era um caso interessante?
- Sim; e com personalidades bem conhecidas!
- Qual foi o problema?

- Raymond Lassu, o conhecido arquitecto, recebeu para o fim-de-semana na sua vivenda «Les Peupliers» os seguintes convidados: Mirna Madora, a bailarina exótica (foi assassinada quando tomava banho); Lucie Bardat, a escritora; o caricaturista Roger Labet e o jovem actor Alfred Larue.

Forget acendeu um charuto, olhou para o colega e continuou:

- À minha chegada, tentei fazê-los falar, mas era evidente que ninguém sabia nada. Você sabe como isso costuma passar-se. À força de os interrogar, acabei por reunir as seguintes informações:

- 1.º - O assassino de Madora é um ex-campeão de hóquei. Ele e Lassu são excelentes jogadores de bridge;
- 2.º - Um dos três homens é surdo;
- 3.º - No sábado, Larue quebrou acidentalmente (diz ele) o aparelho usado por essa pessoa surda;
- 4.º - O surdo não joga o bridge.

Forget, depois de enunciar estes elementos, fez uma pausa.

- Então? – perguntou Fauvel.
- É tudo. – disse Forget. – Você não vê? Pois são todas as informações que eu tive para descobrir o criminoso.
- Sim, sim. – disse Fauvel, com os olhos a brilhar. É evidente que o assassino é...

### ***Quem é que Fauvel indicou? E porquê?***

## **Solução do problema:**

Naturalmente, o assassino, um antigo campeão de hóquei, não é Lucie Bardat (1), tal como o surdo não é Alfred Larue (2 e 3). Raymond Lassu não é surdo (4); portanto, é Roger Labet o surdo. Por consequência, como o assassino joga o bridge com Raymond Lassu e como o surdo Roger Labet, o assassino é Alfred Larue.

## Problemas Policiais #259

**Diário Popular 6052 – 15.08.1959**

- Agora ouça Coulet – disse uma voz dura ao telefone. A sua filhinha acaba de ser raptada. Se quiser voltar a vê-la viva não diga nada à Polícia nem a ninguém. Diga às pessoas que ela está no campo, em casa da família. Este rapto foi muito bem organizado e não corremos qualquer risco. Faça o que digo e a sua filha voltará salva. De outra maneira...

Jacques Coulet, o rico industrial, enxugou o suor que lhe corria no rosto e perguntou com voz fraca o que teria a fazer.

- Receberá duas encomendas registadas durante o dia. Empregue o que encontrar dentro delas para fazer chegar às nossas mãos, cinco milhões em notas, hoje às 11 horas e 20. Teremos o dinheiro esta noite, mas só entregaremos a pequena dentro de três dias, para ter a certeza de que não deu à Polícia o número das notas que nos enviará. Se seguir as nossas instruções e não disser nada, a sua filha ser-lhe-á devolvida no sábado.

- Sim – disse o inspector Fauvel, algumas horas mais tarde, ao desesperado pai – eu sei o que contém essas encomendas. A forma de agir desses bandidos é muito segura e não lhes pode causar qualquer aborrecimento. Terá de seguir as instruções dele e não saberá onde e quando é que eles vão receber o dinheiro. Mas – acrescentou com ar furioso – havemos de os apanhar, pois começarei a agir assim que a sua filha lhe for entregue.

O resgate foi enviado e Claudine Coulet estava de novo junto do pai no sábado.

Cinco meses mais tarde, após exaustivas investigações, Fauvel prendeu o bando dos meliantes.

***Que continham as duas encomendas para que fosse impossível saber quando e onde é que seria recebido o dinheiro?***

### Solução do problema:

As duas encomendas continham vários pombos-correios.

## Problemas Policiais #260

**Diário Popular 6066 – 29.08.1959**

Puxando o trinco da porta que conduzia às águas-furtadas, o inspector Fauvel abriu-a e depois, seguido de Teresa e de Robert Hanson, subiu os velhos degraus de madeira. Nessas águas-furtadas, muito bem arranjadas por André Ramoin, o pai de Teresa, notava-se por todo o lado a presença do astrónomo amador. O inspector Fauvel entreteve-se por momentos com um óculo astronómico que encontrou sobre uma mesa, num estojo de couro ruivo que apresentava uma grande esfoladura, pela qual o detective pareceu interessar-se vivamente.

Segurando nas mãos o óculo e o estojo, o inspector subiu em seguida a escada que, por uma abertura, conduzia ao telhado. Era ali que Ramon se entregava ao seu trabalho mais sério. O inspector notou imediatamente que a potente lâmpada instalada sobre o pequeno telescópio tinha sido quebrada.

O telhado era rodeado dum parapeito cujo rebordo, e exactamente no eixo da janela da sala de jantar situada dois andares mais abaixo, Fauvel descobriu uma folha de papel com notas redigidas por André Ramoin, provavelmente alguns instantes antes da sua morte.

Debruçando-se ligeiramente sobre o parapeito, o inspector viu, dois andares mais abaixo, o corpo inanimado de André Ramoin, estendido sobre o cimento do passadiço e sobre o qual se debruçava o doutor Ader.

- Que sabem deste terrível acidente? – perguntou o inspector a Teresa Hanson e a seu marido. Foi este quem respondeu:

- Teresa e eu viemos visitar o meu sogro por volta das 21 horas. – disse ele. – Meu sogro recebeu-nos na sala de jantar. Passados alguns momentos pediu licença para se ausentar por alguns minutos, pretextando uma importante observação que ficara de concluir. Ele deixou-nos e...

- Não subiram com ele às águas-furtadas? – interrompeu o inspector visivelmente impacientado.

- Oh! Não. – Respondeu Robert, acrescentando que os trabalhos astronómicos do sogro não lhe interessavam absolutamente nada.

- Sabem se não se encontrava mais ninguém em casa? – perguntou o inspector?

- Não. Tínhamos ficado sós, havia uma dezena de minutos, minha mulher e eu, quando ouvimos um baque surdo e débil vindo da janela. Por curiosidade, fui ver de que se tratava e descobri o corpo de meu sogro que deixara de existir. Possivelmente teve alguma vertigem e...

O inspector Fauvel não lhe deu tempo para prosseguir. Tinha já feito um sinal ao seu ajudante que, num abrir e fechar de olhos, tirou as algemas do bolso, aplicando-as aos pulsos do assassino.

***Mas como é que o inspector Fauvel descobriu este?***

## Solução do problema:

Robert Hanson havia declarado que nem ele nem sua mulher tinham saído da sala de jantar. No entanto o inspector Fauvel à sua chegada encontrara fechado o trinco da porta que conduzia às águas-furtadas. Foi este reflexo absurdo dum assassino emocionado pelo crime, ao ponto de cometer este erro, que perdeu o genro do astrónomo amador.

## Problemas Policiais #261

Diário Popular 6073 – 05.09.1959

O homem gordo fez um trejeito e estendeu a mão para recolher os dados espalhados no meio da mesa. Um silêncio eléctrico reinava na sala. De súbito, ouviu-se um tiro. O homem gordo estava morto.

- Sei que prendeu já o assassino desta famosa partida de Poker, Robert. Belo trabalho – cumprimentou Fauvel, três dias mais tarde. Quem foi o assassino?

- Jogo de crianças – comentou sorrindo o inspector Mondet. O assassino? Pois bem, tudo o que eu sei é o seguinte:

«Os quatro jogadores eram Fred Blatet, Pierre Adam, Edmond Muret e Jules Sylvestre. Um de entre eles foi surpreendido a fazer batota e foi abatido.

O inspector Mondet forneceu a Fauvel mais os seguintes elementos:

1.º - O assassino é primo de Blatet.

2.º - Sylvestre voltara à cidade na manhã da tragédia, após dez dias de ausência.

3.º - Blatet e Muret – um semi-inválido – tomaram um táxi para a sala do jogo, no apartamento de Adam; e este fazia-se passar por um «boxeur» amador, da categoria dos pesados.

4.º - Sylvestre e Adam encontraram-se pela primeira vez nessa noite.

5.º - Não obstante viver há anos num prédio separado apenas dois números da irmã de Blatet, ele nunca a havia encontrado.

6.º - O dono da casa procurou descobrir o assassino mas não teve coragem.

7.º - Duas noites, antes do crime, a vítima tinha jantado com um dos homens que nunca boxeara com Adam.

- É tudo – concluiu Mondet acendendo um cigarro. Nada mais.

***Quem foi o assassino?***

## Solução do problema:

Blatet não é o assassino (1) e Muret não é primo de Blatet (e por consequência também não é o assassino), uma vez que vivendo apenas a dois números da irmã de Blatet, certamente a teria já encontrado, sendo primos (5).

Como Adam é o dono da casa (3) e como procurou descobrir o assassino (6) também não foi ele quem matou.

Portanto, o assassino é Sylvestre. Sabemos, por outro lado, que Adam estava vivo após o crime (6) e como nem Adam nem Sykvestre podem ter sido vítimas, o morto só pode ser ou Muret ou Blatet. Sylvestre, que chegou à cidade na manhã do dia do crime (2), não pode ter jantado duas noites antes com a vítima (7); quem o fez foi Muret, o inválido, que nunca podia ter boxeado com Adam. Deste modo, fica apenas Blatet como sendo a vítima.

Em conclusão: Sylvestre foi o assassino; Blatet a vítima.

## Problemas Policiais #262

**Diário Popular 6080 – 12.09.1959**

- Dou em doida com esta história que está em pleno desenvolvimento, como verificará, inspector. – O rosto de Geneviève Macon tomou uma cor rosada de criança que estivesse com cólicas. Venha ver o que se passa, peço-lhe – acrescentou ela – são, seguramente espiões!

Geneviève contou, então, como a linda secretária do ministro da Guerra se encontrava todas as noites, no parque, com um homem estranho, às 9 horas, fosse qual fosse o tempo que fizesse. Sentavam-se num banco a conversar, diante dum relvado coberto de neve, durante doze minutos, exactamente, e depois a jovem beldade voltava para casa e o homem desaparecia na escuridão. Geneviève nunca tinha conseguido ver o rosto do homem.

Fauvel disse que iria ver. E uma noite, instalou-se no parque e esperou, em companhia de Geneviève, durante uma hora, apesar do frio. Finalmente, aproximaram-se dois vultos, que se sentaram no banco e depois ficaram a conversar em voz baixa. Fauvel apenas ouviu o homem dizer, no momento de se separarem:

- Tu matas a velha e eu me encarregarei do corpo...

Duma maneira discreta, Fauvel seguiu o homem até às primeiras luzes da cidade; depois, perdeu-o de vista. Mas, vinte minutos mais tarde, encontrou um jovem simpático, com ar de bom rapaz, que entrava no comissariado. Favel descobriu que ele era, afinal, o homem do parque.

- Este – disse o comissário, apontando o jovem que entrara na escada – é o meu sobrinho, que se dedica a escrever romances policiais e está agora a escrever um, que se passa aqui, e que é o maior mistério que ele já escreveu...

***Como reconheceu Fauvel, naquele jovem, o misterioso indivíduo que ia ao parque?***

### Solução do problema:

O inspector pintara de fresco o banco em que os dois jovens se haviam sentado e, deste modo, o rapaz ficou com o fato marcado pela tinta...

## Problemas Policiais #263

**Diário Popular 6087 – 19.09.1959**

- Morto – disse Fauvel, depois de ter olhado para o homem estendido na cama. Sem dúvida, uma dose excessiva de morfina. Olhem os recentes sinais de injeções no seu pulso esquerdo.

- Exacto – respondeu o agente Magnon. É decerto um suicídio pois não há sinais de luta. Escolheu um tipo de morte bem agradável.

Fauvel examinou todos os recantos do quarto. Nenhum indício que o pudesse auxiliar. O médico, por seu turno, examinou o corpo.

- A morte ocorreu há cerca de uma hora, aproximadamente. Sem dúvida, trata-se de um suicídio com injeção de narcótico. Farei a autópsia esta noite.

Fauvel notou uma tatuagem chinesa no ombro esquerdo do morto e depois disse:

- Sinto-me desolado, mas não estou de acordo. Este homem não se suicidou. Foi assassinado e isso é mais do que evidente.

***Como é que Fauvel chegou a esta conclusão?***

## Solução do problema:

Fauvel procurou por todo o quarto um indício que o pudesse esclarecer acerca daquele drama. Ele procurava especialmente a seringa que servira para dar a injeção. Não a encontrara. O assassino levava-a com ele...

## Problemas Policiais #264

Diário Popular 6101 – 03.10.1959

Claudine Mazon, a encantadora e popular artista de teatro parecia dormir, mergulhada num dos cadeirões do seu confortável apartamento. Só um buraquinho na têmpora, que mal havia sangrado, permitia ver que havia algo de anormal. Na verdade, ela estava morta. Parecia evidente que se suicidara.

Perto do braço direito da morta, o adjunto do inspector Fauvel recolhia com as maiores precauções o revólver de que ela se servira.

- Ainda não é isto que nos poderá dizer nada, patrão – disse ele, dirigindo-se ao inspector Fauvel, que, de pé à entrada da sala, examinava silenciosamente o local, fumando o seu cigarro. – Não tem qualquer impressão. É verdade que com tão pequeninas mãos...

- Chame a criada; creio que o nome dela é Maria... - interrompeu o inspector Fauvel que não tirava os olhos de uma fotografia de um atraente rapaz, assinada com o nome de Jean e junto à qual se encontrava uma pequena nota, em que se lia o seguinte:

«Querido Jean.

Perdoa-me, mas eu cometi loucuras. Vendi tudo para pagar a esses fornecedores que me ameaçavam de me levar ao tribunal. Mas isso não, basta. Prefiro a morte...

Claudine».

- É bem raro ver raparigas deste género, matarem-se por que tem dívidas – murmurou o adjunto de Fauvel, saindo da sala para ir chamar Maria.

Esta chegou pouco depois, horrivelmente perturbada.

- Quem é esse Jean? – perguntou Fauvel.

- É a vedeta masculina do espectáculo em que entrava a minha patroa.
- Porque é que não lhe enviou este bilhete que lhe era dirigido?
- Com tudo isto, não fui capaz de pensar em fazer nada...
- Foi você quem descobriu o corpo da sua patroa?
- Sim. Eu tinha vindo trazer-lhe o pequeno-almoço, como era costume.
- Jean não esteve aqui com ela, ontem à noite?
- Sim. Mas isso acontecia com frequência. Depois de ter estado aqui uma hora ou duas, deve ter ido para casa dele quando eu já estava deitada.

O inspector Fauvel não teve necessidade de falar: o seu adjunto já se tinha precipitado para o andar inferior e trouxera Jean.

Este, primeiro, pareceu não compreender. Depois precipitou-se e, ajoelhando junto de Claudine, falou, visivelmente desesperado:

- Claudine! Claudine! Por que fizeste isto?
- No seu lugar eu diria antes «Porque fiz eu isto?» - disse com voz ameaçadora o inspector Fauvel. - Por que você não é estranho a este caso e enquanto não me explicar o seu papel, ficara preso.

***Porque é que o inspector Fauvel tomava esta atitude?***

## Solução do problema:

O revólver que matara Claudine não tinha nenhuma impressão digital nem qualquer outro sinal. Como ela, logicamente, não teria podido dar um tiro na cabeça e limpar, em seguida, as impressões que, forçosamente, as suas mãos teriam deixado na arma, era forçoso pensar que alguém limpou o revólver. E esse alguém também o devia ter disparado.

## Problemas Policiais #265

Diário Popular 6107 – 10.10.1959

«Vejam os Clément» - disse o inspector Fauvel. - «A comparação entre a argila vermelha dos arredores de Savary e aquela que encontramos nos vossos pneus demonstra que se trata da mesma terra. Mas Louis Vatier afirma que o viu às 10 e 30 da manhã, para os lados de Badray, onde os caminhos dos campos estão cheios de lama negra. Ora, foi para os lados de Braday que Pierre Legal foi abatido, e precisamente pelas 10 e 30 da manhã».

«Louis é um mentiroso», - contestou Clément. «Ele poderia ter-me visto perto de Braday, entre as 9 horas e as 9 e meia, pois encontrava-me aí, efectivamente. Mas às 10 e 30 eu estava em Savary, isto é: a 40 quilómetros de distância, e isso está provado».

«Tu não dirás, ao menos, que não desejavas a morte de Pierre» - gritou Louis Vatier, que seguia esta conversa. E acrescentou: «De qualquer forma, eu vi-te ontem, perto de Braday, cerca das 10 e 30».

«Serviu-se deste carro depois disso? - perguntou o inspector a Clément, inclinando-se sobre o motor.

«Não, e o senhor pode vê-lo bem».

«Sim, eu vejo. Complicações no carburador?»

«Sim. Estava a limpá-lo quando o senhor chegou».

«Você afirma reconhecer, sem se enganar, este carro?» - perguntou o inspector a Louis.

«Não há erro possível» - foi a resposta. «É um modelo pouco vulgar, para que eu me possa enganar».

«Como é que ninguém deu por si perto de Savary?» - perguntou o inspector a Clément.

«Porque eu cheguei à casinha de campo que ali possuo, por um caminho pouco frequentado. De resto, sabe que a minha propriedade é bastante isolada»...

O inspector Fauvel parecia estar nesse momento profundamente interessado pelo estado do carburador.

### Solução do problema:

O inspector Fauvel sabia que Louis mentia. A terra que ficara agarrada aos pneus do automóvel era vermelha. Isso demonstrava que Clément havia dito a verdade, porque, de outra forma, os sinais de terra vermelha teriam sido apagados pela lama negra e pegajosa na qual havia encontrado o cadáver de Pierre, perto de Braday.

## Problemas Policiais #266

**Diário Popular 6114 – 17.10.1959**

Depois de um fotógrafo ter tirado um último «cliché» da jovem deitada no chão, o inspector Fauvel inclinou-se sobre a morta. Começou por lhe tirar os seus grandes óculos de sol e desatar o lenço de seda que lhe prendia os cabelos. O rosto de uma grande beleza, mal aparecia perturbado pela morte. Um exame da posição do corpo revelou ao inspector Fauvel que a jovem devia ter sido surpreendida e decerto estrangulada por trás. Nas algibeiras do seu calção, o inspector encontrou um maço de cigarros, uma carteirinha de fósforos e algumas moedas. Só mais tarde poderiam identificar a vítima.

«Tinham-me dito que o senhor passara de canoa perto do local onde foi descoberto o cadáver esta tarde» - disse o inspector a Henry Leblanc, que ele finalmente encontrara. «Conhecia esta pessoa?». E, dizendo isto, mostrou ao seu interlocutor uma fotografia da sedutora Josiane, fotografia essa feita por ocasião de uma festa nocturna de estudantes, na qual o seu encanto e a sua graça eram patentes em plena luz.

«Sim» - respondeu Henry Leblanc. «Vi essa jovem em companhia de um homem à beira do rio, esta tarde. Os dois pareciam discutir violentamente. E, agora, diz-me que ela está morta? Procurando recordar-me, talvez eu consiga fazer uma descrição bem precisa do homem com quem ela se encontrava. Talvez isso vos ajude, inspector?»

«Evidentemente. Não teria, por acaso, ouvido alguma coisa da sua conversa?»

«Não, nada preciso, mas pelos gestos dos dois vi que se tratava de uma discussão muito animada».

«Falou com Josiane nessa tarde?»

«Não, nunca...»

«A que distância se encontrava do par, quando os viu?»

«Vejam... Estava a meio do rio... Eles estavam a dois ou três metros da margem...Será preciso calcular uns trinta metros...»

«Mas... agora reparo: está ferido num dedo...»

«Não é nada... uma lâmina de barbear...»

«De qualquer forma, não será esse pequeno ferimento que o poderá desculpar.» - declarou o inspector - «porque será preciso que me explique o que se passou entre você e a vítima.»

***Porque é que o inspector falava considerando Leblanc como o assassino?***

## Solução do problema:

Henry Leblanc havia reconhecido imediatamente Josiane, que ele dizia nunca ter visto antes, numa fotografia tirada durante uma festa nocturna na qual Josiane não usava, evidentemente, óculos escuros e lenço atado em volta da cabeça. Ora, a única vez em que ele pretendia ter visto Josiane, ela usava precisamente grandes óculos escuros e esse lenço. Qualquer identificação, nessas condições, era impossível.

## Problemas Policiais #267

**Diário Popular 6121 – 24.10.1959**

Gozando alguns dias de férias de Inverno, numa estação alpina, o inspector Fauvel lia com atenção num jornal local, o relato de um crime que fora cometido no dia anterior, a alguns quilómetros dali. O jornal dava muitos pormenores. Assim, o inspector, lendo-o, soube que um caçador tinha reconhecido no doutor Jean-Paul Ravin, o homem que ele havia visto no dia anterior junto de uma pequena vivenda. Interrogado, o médico reconheceu que, efectivamente, estivera ali, como dizia o caçador, mas protestava a sua inocência no caso da morte da sua noiva Christiane François.

O médico afirmava que Christiane e ele haviam ido fazer um passeio pelas margens de um lago situado a uns quarenta quilómetros do local, na tarde de segunda-feira. Enquanto eles voltavam para a vivenda, haviam discutido por uma questão fútil. Christiane descera do automóvel e dirigira-se para a vivenda, enquanto ele, dominado por certo enervamento, partira partia imediatamente. Algum tempo depois, estava para os lados de Saint-Paul, a cinquenta quilómetros dali e onde a sua presença num bar podia ser comprovada.

Regressado à vivenda, quando a noite caía já, por volta das 17 e 30, vira uma luz acesa e entrara. Encontrara Christiane caída no chão. Dois copos, uma garrafa com uma bebida alcoólica e uma caixa de comprimidos, estavam sobre uma mesa da sala. Jean-Paul afirmava que se dera imediatamente conta de que Christiane estava morta, pelo menos havia duas horas. Receando que suspeitassem dele – dizia o médico – carregara com o corpo até ao automóvel e em plena noite seguira para o lago onde ambos haviam estado nessa tarde, depondo aí o cadáver sobre o gelo. Depois regressara.

No dia seguinte de manhã, dois rapazes que patinavam no lago descobriram o cadáver de Christiane.

O inspector da Polícia que visitara imediatamente o local, não tivera dificuldade em identificar a morta cujo corpo deixara no gelo, derretendo-o, um sinal bastante nítido.

Christiane vestia trajo de esquiador e tinha nas mãos luvas espessas

### ***Porque falava Fauvel assim?***

## **Solução do problema:**

Jean-Paul Ravin declarara que Christiane estava morta havia, pelo menos, duas horas quando ele a descobrira. Como tivera de gastar perto de uma hora para se dirigir com o cadáver para as margens do lago, situado a uns quarenta quilómetros da vivenda, chegara ali pelo menos três horas depois da morte de Christiane. Ora a verdade é que esta não estava morta havia tanto tempo quando o seu corpo fora depositado na margem do lago, porque o corpo tinha derretido o gelo sob ele. E isso não teria sucedido se o corpo estivesse privado de vida havia já três horas.

## Problemas Policiais #268

**Diário Popular 6128 – 31.10.1959**

«Pois ele manteve a sua promessa!» - exclamou o comissário Giriet, enquanto, na presença do inspector Fauvel, pegou na espingarda/caçadeira que repousava nos joelhos do morto, caído num sofá e cuja cabeça estava desfeita.

- A sua promessa? - Perguntou o inspector.

- Sim. Há dois anos, pouco antes do seu acidente, Henry Lecointre havia casado com uma jovem que tinha menos vinte anos do que ele. Depois do acidente que o deixou paralítico, Henry, que eu conhecia muito bem, mudara completamente. Falava frequentemente na sua morte. Há cerca de um ano pedira-me que, na qualidade seu amigo, fosse testemunha da redacção do seu testamento. Isso surpreendera-me, porque em dois anos ele já redigira dois testamentos que depois anulara. Queixava-se amargamente do comportamento do filho de sua mulher. Por outro lado, não podia aceitar a ideia de ser um doente para o resto dos seus dias... Esse suicídio podia prever-se.

Examinando o horrível ferimento, o inspector Fauvel observou que a descarga penetrara sob o maxilar inferior, rasgara o rosto e rebentara a caixa craniana. A morte devia ter sido fulminante.

Apanhando um lenço que estava caído no chão, perto do sofá, o inspector Fauvel perguntou ao comissário.

- A mulher de Henry e seu filho, sabiam algo a respeito desse novo testamento?

- Henry dissera-me que eles ignoravam tudo.

- Ah! – limitou-se a dizer Fauvel.

Jacques Lepéroux explicou depois como descobrira o seu padrasto.

- Minha mãe e eu tínhamos ido ao cinema e foi no regresso que conta do drama.

Não tocámos em nada e chamámos imediatamente a Polícia.

O comissário disse então, depois de um momento de silêncio:

- Vê-se muito bem como as coisas se passaram. Henry deve ter tido muito trabalho para aproximar o sofá, onde habitualmente estava, desta mesa. Depois, colocou a espingarda contra a parede, bem apoiada. Inclinou-se e apoiou no gatilho...

Era verosímil, porque Henry Lecointre tinha os braços compridos. Na mesa, uma pequena lâmpada estava ainda acesa...

Porém, com uma voz grave, o inspector disse ao comissário:

- Tenho muita pena, mas o seu amigo não se suicidou...

***Por que é que Fauvel falava assim?***

## Solução do problema:

Dado que a sua morte fora, certamente, fulminante, Henry Lecointre não teria podido, depois do tiro fatal, pegar na espingarda com as duas mãos e colocá-la sobre os joelhos...

## Problemas Policiais #269

**Diário Popular 6142 – 14.11.1959**

- Foi o senhor Vanberg, corretor de seguros, do oitavo andar, quem descobriu o senhor Baune – explicou ao inspector Fauvel o porteiro do grande edifício comercial, de construção muito recente, ao qual ele fora chamado com urgência.

A vítima estava afundada na sua cadeira giratória, diante da secretária, com a testa furada por uma bala.

Peça a esse senhor Vanberg que me venha ver – pediu o inspector ao porteiro. Depois, como se ele não pudesse suportar a vista desse cadáver, o inspector Fauvel fez girar a cadeira em que estava a vítima, de forma, a que esta última ficasse em frente da janela. Foi nesse momento que entrou Vanberg.

- Sou o inspector Fauvel. Quer dizer-me o que sabe?

- Na verdade, não é muito. Preparava-me para sair do meu escritório, quando me apercebi de que me esquecera de algo. Deixando a porta aberta, voltei atrás. Foi do meu escritório que ouvi o ascensor parar no quarto andar.

Nesse momento Vanberg interrompeu-se bruscamente e depois observou:

- Inspector, ele não estava nessa posição quando o encontrei!

- Bem sei – disse Fauvel. – Fui eu que o coloquei assim. Continue.

- Eu dizia que eram cerca de 20 e 30. É uma hora em que todos os escritórios deste edifício estão vazios, com exceção de dois ou três. Estou quase só quando trabalho até tão tarde. Voltava para a saída quando ouvi o ruído de um tiro seguido de passos precipitados. Imediatamente o ascensor desceu. Precipitei-me para o quarto andar, mas era demasiado tarde; Baune, que eu conhecia bem, estava morto.

- Muito bem – disse o inspector. – Mas enquanto fechava a sua porta o assassino teve tempo para fazer girar a cadeira, antes de fugir pelo ascensor. Isso vê-se nitidamente pelos traços deixados pelos sapatos do morto, num dos cantos da secretária.

- Talvez encontre alguma impressão digital na cadeira. – disse Vanberg.
- Isso não tem importância. – respondeu o inspector, que, com voz dura, prosseguiu: - «As vossas declarações não interessam. Deve ter mais alguma coisa a dizer-nos acerca deste crime...

***Que queria o inspector dizer com essas palavras ameaçadoras?***

### **Solução do problema:**

Vanberg esquecera um pormenor importante: estando no oitavo andar, ele não podia saber se o ascensor daquele prédio moderno tinha parado no terceiro ou no quarto andar...

## Problemas Policiais #270

Diário Popular 6149 – 21.11.1959

- Eu pergunto a mim próprio quem é que podia ter a audácia de cometer semelhante roubo em pleno dia – exclamou o inspector Fauvel, enquanto examinava o cofre-forte arrombado que tinha diante dele. E nem uma só pista: o ladrão tinha tido o cuidado de não deixar qualquer impressão digital.

- Não encontrou nada, senhor inspector? - perguntou o ajudante do célebre polícia que também se ocupa de examinar cuidadosamente a sala.

- Não... Ainda não. – respondeu o inspector, visivelmente mal humorado. – E voltando-se para o proprietário inquiriu:

- Quem se encontra no castelo neste momento?

- Só eu e os senhores. – foi a resposta. – Todos estão na cidade, com excepção de Joseph, o motorista.

- Onde está ele?

- Creio que a pescar. Ouvi-o dizer, há cerca de uma hora, que ia sair.

Por volta das 14 e 30, o inspector Fauvel, no terraço do castelo, observava Joseph, o motorista, que lançava olhares furtivos à sua volta, enquanto enchia um buraco cavado perto da garagem. Tendo terminado, dirigiu-se rapidamente para o cais que dava para o Marne, que passava junto da propriedade.

O inspector seguiu-o e chegou ali, no momento em que Georges, o sobrinho do castelão, acostava o seu barco

- Belo dia, não é verdade? - disse ele, dirigindo-se a Georges.

- Magnífico.

- Onde se encontrava quando o cofre-forte de seu tio foi arrombado? – inquiriu negligentemente Fauvel.

- Veja por si próprio - respondeu Georges. - Estava às voltas com este magnífico peixe. Pesa bem três quilos. Uma bela peça, não é verdade? Mas tive imensa dificuldade para o apanhar...

O inspector voltou-se então para o motorista e perguntou-lhe:

- Qual a hora exacta a que regressou da cidade?

- Não o poderei dizer ao certo.

- Mas, ao menos, deve ter uma ideia. - disse Fauvel, que aparentemente começava a impacientar-se.

- Não sei bem. Talvez meio-dia.

- A propósito, Georges. - disse Fauvel. - Conhecia a combinação do cofre-forte de seu tio?

- Porquê? O velho acusa-me?

- Não, sou eu que vos acuso... [*A vírgula nesta frase, é da responsabilidade do Jartur*]

***Por que é que o inspector decidiu falar assim?***

## Solução do problema:

No momento em que o inspector lhe perguntou o que é que ele fazia na ocasião do roubo, Georges limitou-se a falar da dificuldade que tivera nessa ocasião, em pescar o peixe que trazia. Ora, a verdade é que, a menos que estivesse perfeitamente ao corrente da operação, ele nada deveria saber a respeito desse roubo nem do momento em que fora praticado.

## Problemas Policiais #271

**Diário Popular 6156 – 28.11.1959**

- Não posso ficar aqui nem mais um minuto... Sabe bem que é impossível. Fui louca! Deveria ter pensado nisso...

- Tinha-lhe dito que velaria por si e lhe arranjaria um bom emprego em que ganharia dinheiro...

- Dinheiro! – exclamou Claire Bassières, a dama de companhia da rica senhora de Vaison. Para quê...

Com ar profundamente desencorajado, Claire afastou-se do seu interlocutor, e repousou a cabeça sobre o seu braço apoiado na parte superior da alta grade que rodeava o terraço que dava para a falésia abrupta e deixou escapar um soluço. Enquanto, através da grade se viam muito bem as vagas cintilando à luz do luar, Christian sentiu-se comovido. Eles estavam sós...

- Na verdade, senhor inspector, eu não chego a compreender a razão deste inquérito. Meu filho já lhe explicou que Claire se desequilibrou. Ela não andava bem nestes últimos tempos e eu própria a vi desfalecer duas ou três vezes. Meu filho disse-me que entrou ontem tarde e que esteve a falar algum tempo com Claire no jardim. Quando ele a deixou para entrar em casa, ela estava, ao que lhe pareceu, muito deprimida. Ao subir as escadas, ele voltou-se e viu Claire cair no abismo. Trata-se de um infeliz acidente que nos comove, mas nada mais do que um acidente...

O Inspector Fauvel, que escutara atentamente, disse:

- Posso ter uma amostra da letra de seu filho?

- Claro que sim. Mas que estranha ideia...

- Que se passa, mamã? – perguntou Christian, que voltara do jardim.

- O inspector Fauvel quer fazer-te algumas perguntas.

- Pode dizer com exactidão a que horas, é que ontem, abandonou o terraço? – perguntou o inspector ao rapagão que tinha diante dele.

- Vinte e duas horas e vinte... ontem à noite... a lua...

O inspector Fauvel parecia estar a contar a si próprio uma história que o interessava. E quando falou, foi para aterrar Christian e a mãe.

- Você lançou-se numa aventura suja! – disse o inspector com voz grave. – Trata-se de um crime! E de um crime estúpido!

***Porque é que o inspector Fauvel, adoptava de súbito essa atitude?***

### **Solução do problema:**

O inspector sabia bem que Claire não poderia, sòzinha, passar sobre a grade, que era alta, como se lê na descrição. Repare-se mesmo que se diz que ela repousara a cabeça sobre o seu braço que estava apoiado sobre a grade...

## Problemas Policiais #272

**Diário Popular 6176 – 19.12.1959**

Eis um caso bem flagrante de estupidez criminal! – disse com voz grave o juiz de instrução que, voltando-se para o inspector Fauvel, acrescentou:

- O senhor tem certamente razão, inspector... Os criminosos acabam sempre por cometer um erro. Eis como as coisas se passaram, na minha opinião. Dir-me-á se está de acordo.

E o juiz expôs a sua teoria:

- Balançond recebia desde há tempos cartas com ameaças e aquele que lhas enviava e que tentava fazê-lo largar dinheiro, estava só com ele ontem à noite, na sua casa. Embora Balançond conhecesse bem esse individuo, devia ignorar que era ele o autor das ameaças que recebia. O chantagista, não sendo atendido, aproximou-se da mesa e, enquanto Balançond pegava no telefone, disparou-lhe um tiro, à queima-roupa, na cabeça. Depois, teve medo e tentou simular uma luta violenta que fizesse pensar num roubo. Atirou os papéis pela sala, rasgou os cortinados, bateu com uma cadeira nos móveis e disparou mesmo uma bala contra o pequeno cofre de aço. Já se preparava para partir quando se lembrou do revólver. E foi então que ele cometeu o seu grande erro: apagou todas as outras impressões, mas esqueceu-se desta marca perfeita que o seu polegar deixou no cano da arma, quando ele disparava.

Outro erro: o telefone. Se tivesse havido luta, o aparelho ficaria, pelo menos, desligado. Ora isso não se verificou. O nosso homem não era muito inteligente.

- O senhor juiz tem razão. – disse Fauvel. – Quando identificarmos as impressões deixadas por esse polegar, ficaremos a saber mais alguma coisa sobre esta história. Mas sou de opinião de que o criminoso é mais inteligente do que lhe parece. Forçou mesmo a dose, num certo caso, pelo menos... É impossível que o senhor não o tenha visto...

### *A que aludia Fauvel?*

### Solução do problema:

Nenhuma impressão do polegar poderia ficar marcada no cano de um revólver, quando está normalmente seguro na mão, para disparar.

## Problemas Policiais #273

Diário Popular 6188 – 02.01.1960

Vazia, a pequena «boite» parecia ser apenas um sinistro lugar de morte. O próprio rosto da morta, parecia sardónico.

- Diga-me o que sabe. – disse o inspector ao «barman».

- Eu não sei grande coisa. Por volta das onze e meia, três jovens e lindas mulheres entraram aqui e pediram bebidas.

Uns trinta minutos mais tarde, três rapazes vieram ter com elas. Eu posso dizer os nomes dessas três mulheres, mas não sei qual delas se chamava assim. Ouvi falar de Berthe Ville, de Eve Rosy e de Anne-Marie Jully. Num dado momento uma delas riu. «Claro». - exclamou ela – «isso não me admira da parte desta. Uma «script-girl» não podia fazer menos. Francamente! Julgas que és uma vedeta!»! Todos riram. Levei-lhe as bebidas e depois não me ocupei mais deles. Uma hora mais tarde verifiquei que todos se tinham ido embora, salvo, evidentemente, a morta.

- E não tem a menor ideia quanto à identidade da pessoa que teve essa exclamação que me descreveu? – perguntou o inspector.

- Não.

A mala da morta não continha nenhum documento de identidade.

Mas um pequeno livrinho que o inspector encontrou permitiu-lhe identificar a vítima. Nesse livrinho, o inspector leu:

1.º - Que Eve Rosy e a «script-girl», tinham decidido partilhar os rendimentos que lhe proporcionavam os seus empregos numa grande firma cinematográfica.

2.º - Que Berthe Ville e a morta haviam entrado directamente para a Rádio, à sua saída do liceu, enquanto a «script-girl» frequentara uma Faculdade.

**Quem era a morta?**

## Solução do problema:

A morta era Eve Rosy. O inspector Fauvel começara por determinar quem era a «script-girl»:

1.º - Não podia ser Eve Rosy; 2.º - Não podia ser Berthe Ville. Portanto, a «script-girl» era Anne-Marie July. Quanto a Berthe Ville, ela entrara na Rádio ao mesmo tempo do que a morta, enquanto a «script-girl», Anne-Marie July frequentara a Faculdade. Portanto, nem Berthe Ville, nem Anne-Marie July podiam ser a morta. Esta era, logicamente, Eve Rosy.